
THE V GAMES SERIES
V
A
S
bestselling authors
KER DUKEY
K WEBSTER

Ker Dukey & K. Webster

#3 Vas

Série The V Games



Tradução Mecânica: Magali Dias

Revisão Inicial: Valentina

Revisão Final: Asli, Flavia

Leitura Final: Mika

Verificação: Simoni

Data: 04/2020

Ven Copyright © 2018 Ker Dukey & K Webster

SINOPSE

O nome Volkov é aquele que eu ansiava.
Sua casa foi onde cresci, mas não como igual — como filho de uma empregada.
Isso não me impediu de me tornar um homem a ser considerado.
Mas mesmo com meu nome legitimo finalmente dado a mim, ainda me sinto à deriva.
Até ela.

Tudo o que fiz foi por aceitação.
Tudo o que perdi me trouxe à minha família.
Para esta vida.
Para ela.

Lutei pelo meu status.
Lutei pelas minhas irmãs.
E lutarei até a morte pelo meu anjo.

Ela me mostrou que há luz no nosso mundo escuro como breu.
Que as estrelas não podem brilhar sem a escuridão da noite.
Ela é a estrela, e eu sou o céu em que ela brilha.
Há mal escondido nas sombras que criamos.
A corrupção e as depravações das Primeiras Famílias tornaram-se tóxicas e estão nos infectando por dentro.
Jogos foram disputados, e agora, devem acabar.

Eu sou Vas. Vocal. Voraz. Vingativo. Volkov.
Um demônio apaixonado por um anjo, e juntos, vamos governar o Inferno na Terra.

**Este é o terceiro livro da série V Games. Vlad e Ven devem ser lidos primeiro para entender essa história.

A SÉRIE

The V Games

Ker Dukey & K. Webster



The V Games – Personagens

(por ordem de poder e influência)

Famílias Principais:

Família Vasiliev — (Anfitrião dos V Games)

Yuri—Pai (52)

Vera—Mãe (45 - deixou-os pouco tempo depois do nascimento dos gêmeos)

Vlad—Irmão mais velho (22)

Vika—Irmã gêmea (18)

Viktor—Irmão gêmeo (18)

Família Vetrov

Yegor - Pai (59) Falecido

Anna - Mãe (45) Falecida

Veniamin - Ven- Irmão mais velho (28)

Niko - Segundo irmão (19) Falecido

Ruslan - Terceiro irmão (18)

Andru - irmão de Yegor

Timofei - primo, filho mais velho de Andru

Rodion - primo, filho de Andru

Zahkar - primo, filho adotivo de Andru

Família Volkov

Leonid - Pai (55)

Olga - Mãe (46)

Diana - Irmã mais velha (24)

Irina - Shadow - irmã mais nova (18)

Vas - Meio-irmão (18)

Anton - guarda-costas de Diana (51)

Família Voskoboynikov

Iosif - Pai (61)

Veronika - Mãe (55)

Ivan - Irmão mais velho (30)

Artur - Irmão mais novo (28) Falecido

Alyona - Irmã mais nova (19)

As Segundas Famílias:

Família Orlov

Arkady— Filho mais velho —(28)

Família Koslov

Nestor - Pai (55)

Antonina - Mãe (49)

Stepan - Filho único (19) falecido

Família Baskin

Alfred - Pai (52) Falecido

Monica - Mãe (47) Falecida

Kira - Filha (24) Falecida

Família Egorov

Outros personagens:
Darya

Prólogo

Vas

Passado

Suor pegajoso e escorregadio cobre minha pele enquanto eu empurro com mais força.

— Me castigue, Vas, — Vika ofega fortemente, sua voz abafada por estar enterrada no travesseiro de sua cama adolescente.

Ela passa mais tempo aqui do que em sua nova casa.

Transar com ela era divertido no começo. Um *Foda-se* a seu irmão e ao futuro marido. Eu não fui nada para eles durante a maior parte da minha vida, um lutador pelo qual Vlad se interessou quando me viu no circuito clandestino de Rodion e Zahkar.

Fodidos dezesseis anos. Tinha acabado de perder minha mãe e estava procurando maneiras de sobreviver. Eu tinha sede de sangue problemas com raiva. Precisava de uma maneira de canalizar essa raiva, fazer isso funcionar ao meu favor. E graças a uma mãe altruísta, fui treinado em artes marciais mistas desde cedo. Eu era uma arma letal esperando ser apontada para um alvo, e Vlad sabia disso.

Eu conhecia os primos de Ven Vetrov, Rodion e Zahkar, crescendo em suas companhias.

Os primos, no entanto, não eram como o resto das Primeiras Famílias. Eles eram diferentes... tinham seus próprios lances rolando... e eu os admirava por isso. Nós nos tornamos bons amigos ao longo dos anos.

Vlad viu potencial em mim. Ele se lembrava de mim da nossa juventude, e queria que eu fosse seu lutador para os V Games... até que ele descobriu quem era meu pai.

Vlad ficou puto quando soube da minha eventual condição, e ainda mais irritado quando fui recebido no rebanho de uma das Primeiras Famílias.

Um filho e herdeiro do Império Volkov.

Vlad nunca me viu como igual, então enfiar meu pau em Vika me dava euforia. Patético que o deixei ter tanto poder sobre mim. Culpo minha juventude, mas estou aprendendo rápido, e meu desejo de ser melhor do que eles está se tornando mais dominante do que querer ser aceito por eles.

— Mais forte, Vas. Destrua minha boceta. — Vika vira a cabeça para olhar para mim.

A maquiagem dos seus olhos está espalhada em toda bochecha. Olho para sua bunda e dou-lhe algumas palmadas duras para que meu pau fique animado o suficiente para continuar fodendo-a. Enrolando meu braço ao redor de seu quadril, procuro seu clitóris e dou uma beliscada. — Sim, mais, — ela implora.

Eu aperto mais forte e estendo a mão para puxar seu cabelo. Ela grita gozando, e eu relaxo antes de tirar meu pau dela.

— Você gozou? — Ela suspira, relaxando contra as cobertas.

— Você se importa? — Eu bufo.

— Não.

Tirando o preservativo do meu pau, o deixo cair na lixeira ao lado de sua mesa de cabeceira antes de pular da cama e pegar minhas roupas. Vou para o seu chuveiro lavar o cheiro dela da minha pele. Isso tem que acabar. Nem pude gozar desta vez.

Quando saio do chuveiro, ela está dormindo. Obrigado caralho.

Saio do quarto e atravesso a propriedade Vasiliev, paro quando ouço alguém chorando na cozinha. É suave e feminino. Isso não é incomum nesta casa, mas agora que minha irmã mora aqui, não vou conseguir dormir se não me certificar de que não é ela.

Passando através da porta fechada, quase colido com uma mulher parada congelada, de olhos arregalados, nua, exceto por uma pequena coleira de couro em volta do pescoço.

As luzes estão apagadas, mas os holofotes do lado de fora filtram pelas janelas do chão ao teto, destacando cada curva de seu corpo impecável.

Ela tem um lábio cortado. Quando me aproximo, hematomas se tornam aparentes em cada centímetro dela.

Quem iria querer arruinar essa beleza?

— Você está bem? — Eu pergunto, franzindo a testa, olhando em volta para ver de onde diabos ela surgiu. Ela está sozinha, mas nunca vi essa mulher antes. Ela parece muito jovem... jovem demais.

Ela é uma amante do Vlad?

Aquele filho da puta.

A porta de trás se abre e um dos seguranças de Yuri entra, fumaça de cigarro na pequena brisa o segue.

— Senhor. — Ele acena quando me percebe na cozinha. Seus olhos se arrastam para a garota. Ele não se demora em seu corpo nu. É claramente algo que ele vê o tempo todo.

— Vamos. O tempo acabou, — ele grita para ela.

— Não tive tempo para comer, — ela murmura tão suavemente, que não estou certo de não ter inventado a resposta em minha mente.

— Eu estive lá fora por vinte minutos. Isso foi bastante tempo, — ele bufa.

Seus cílios grossos se fecham por um momento, e seus lábios se movem como se ela estivesse fazendo uma oração silenciosa. Ela recua levemente quando ele a segura debaixo do braço e a conduz para fora da porta.

Instintos me dizem para ir em seu auxílio. Antes que eu possa compreender o que estou fazendo, agarro o braço do cara, parando seus movimentos. Seu olhar vai para o aperto que tenho no braço, depois para os meus olhos. Duro, ameaçador.

Eu poderia quebrar o pescoço dele em um piscar de olhos, o corpo dele batendo no chão antes mesmo de perceber o que aconteceu. Mas eu sou novo no rebanho. Eu não posso sair por aí matando os guardas Vasiliev na maldita mansão Vasiliev.

— Quem é ela? — Eu pergunto, sabendo que ela não me responderia se perguntasse a ela. É aparente na maneira como seus olhos caem no chão como uma escrava disciplinada.

Porra. De jeito nenhum ela pode ser uma escrava que eles compraram. Doentes bastardos.

— Esta é a residência Vasiliev, não Volkov, — diz de modo cortante o cara de terno barato.

— Deixe-a comer. — Contenho minha agressão e, em vez disso, falo a linguagem universal que todos entendemos: dinheiro.

Tirando a pilha no meu bolso, pego o suficiente para mantê-lo feliz e enfio no bolso da frente de sua jaqueta. Ele sorri.

— Eu poderia comer, — ele anuncia, puxando-a de volta para a cozinha. Seu fascínio é forte. Eu tenho que lutar contra o desejo de segui-los. Esta é uma casa Vasiliev, não Volkov. Não é o lugar para exigir que os escravos usem malditas roupas e tenham refeições, não importa o quanto eu queira tirar minha jaqueta e cobri-la com ela. Os homens Vasiliev fazem de exemplo as pessoas que interferem com suas posses, e seria a garota que sofreria a ira deles, não eu. Eles me fariam assistir, no entanto, e isso é algo que eu não seria capaz de apagar da minha mente ou viver com ela.

Preciso de mais poder antes de fazer movimentos assim.

Mas tudo bem, poder é algo que pretendo ter.

Toda a porra do poder.

— Ela é do papai. — A voz de Vika vem da escada. Ela ficou em silêncio como uma maldita víbora esperando para atacar.

— O quê? — Eu respondo rispidamente, agitado que ela se esgueirou sem que eu soubesse. Eu fui treinado melhor que isso.

Ela revira os olhos e cruza os braços sobre o peito. — A garota prostituta. Ela é uma mula comprada que papai decidiu manter. Ela não é uma donzela em perigo.

Eu odeio essas pessoas. Vika mais do que a maioria ultimamente.

— Você está sempre procurando salvar as pessoas. — Ela suspira, dando os poucos passos para ficar cara a cara comigo.

Suas mãos acariciam as lapelas da minha jaqueta e ela abaixa os cílios, lambendo os lábios enquanto continua a descer até o meu pau,

que está mole e não está com vontade de fingir que está interessado em outra rodada.

— Você pode me salvar, Vas, — ela murmura, toda inocente. Ela está tão longe de ser inocente quanto possível.

Eu bufo uma risada. — As pessoas precisam se proteger *de* você, e não o contrário.

Um sorriso curva o lábio dela. — Não você, no entanto, — ela sussurra, esticando-se para pressionar os lábios contra o meu queixo.

Ela está certa. Não preciso de proteção porque ela não tem controle sobre mim.

— Boa noite, Vika. — Coloco-a de lado e marcho para a porta da frente, abrindo-a e desaparecendo atrás dela.

Quando o ar frio atinge minha pele, eu relaxo. Não fui feito para essas pessoas. Eu fui feito para pessoas como a garota lá dentro.

Só porque eles a compraram não significa que eles a possuam. Aposto minha vida no fato de que ela não se vendeu, porra.

***

Quando volto para a mansão Volkov, suspiro.

Eu não deveria ter deixado Vika me convencer a ir lá hoje à noite. Agora, a imagem da garota da cozinha vai atormentar minha mente a noite toda. Uma juba selvagem de cabelo castanho escuro emoldurando seu rosto doce. Grandes olhos castanhos com manchas da cor do mel... muito doce e inocente para o mundo em que ela vive. Foda-se.

Eu olho para o céu e procuro a estrela mais brilhante. Mamãe sempre disse que ela seria a mais brilhante do céu, para que pudesse iluminar meu caminho mesmo depois de ter ido embora do mundo físico. E eu acredito nisso também, porque ela sempre cuidou bem de mim.

A noite é *minha* hora. É onde sempre achei ser meu lugar, entre as sombras, as pessoas que vivem ao luar, não ao sol.

Minha mãe era uma mulher trabalhadora. Uma mãe solteira e muito pobre.

Ela não veio de uma família de prestígio, nem tinha laços com dinheiro.

Cada centavo que entrava era de horas de trabalho limpando a casa de outra pessoa. Alimentando os filhos de outras pessoas. Sendo usada por homens de outras mulheres.

Eu cresci em torno de crianças com as quais não tinha permissão para ser visto em público. Com quem não poderia brincar no mesmo playground, ou ir para a escola. Eles iam para escolas particulares com enormes portões de ferro para afastar as pessoas que não faziam parte.

Como eu.

Eles eram ricos e poderosos. Eu era a descendência da empregada.

Enquanto minha mãe estava costurando os buracos nas minhas calças para fazê-las durar mais um ano, meus colegas estavam jogando fora casacos de grife porque esse estilo era da última temporada, apesar de nunca ter usado.

Diana e Irina nunca me fizeram sentir como um pária ou indigno, mas a mãe delas certamente o fez. Ela não me permitiu sentar na mesma mesa de jantar com suas filhas.

Eu comia na cozinha depois que os mestres terminavam.

Eles eram cultos e viajavam pelo mundo, esquiando no Natal e tomando sol nas ilhas que alugariam apenas para eles durante os meses de verão.

Um feriado para mim era passar um mês no verão com minha tia que morava em Kamchatka Krai. Ela nos levava para a praia quase todos os dias com um almoço embalado porque era grátis. Como a mãe, ela não tinha dinheiro para luxos como passeios ou feriados.

Ela morreu quando fiz doze anos. Minha mãe disse que foi de um coração partido, mas a verdade era que ela cortou os próprios pulsos quando descobriu que estava grávida de seu mestre.

Quem quer um filho bastardo?

Concebido por um pedaço de merda implacável e trapaceiro?

Minha mãe quis. Minha tia era fraca.

— *Eu faria tudo de novo e não pensaria duas vezes. Ele me deu você, Vas.*

Agora, aqui estou eu, olhando para a mansão que pretendo possuir em breve. Naquela época, nem conseguimos o luxo de um quarto vago dentro das paredes de uma mansão construída com a possibilidade de abrigar uma pequena aldeia. Em vez disso, abrigava um homem mimado, sua esposa miserável e duas filhas que tinham sonhos de escolhas e liberdade.

Só que... seus sonhos, esperanças e orgulho foram apagados quando as oportunidades surgiram para promover a estratégia de *nosso* pai... planos para se tornar mais do que ele já era... ter mais do que os milhões acumulados em suas contas.

O que é dinheiro e status quando você perde tudo para tê-lo?

Capítulo Um

Vas

Sete meses depois...

Olhando para o meu pai, nenhum senso de aceitação e adequação me atravessa, só o medo de saber que o seu DNA corre nas minhas veias. Quando cheguei aqui, estava esperando encontrar uma família, uma sensação de validação depois de dedicar meu tempo excluído olhando para dentro, sabendo que eu era finalmente um deles. Como eu poderia querer isso para mim mesmo?

Eu desrespeitei a mulher que me criou quando vim procurar esse homem para mostrar o meu valor.

Todos os filhos ansiavam por serem aceitos pelo pai deles, e havia algo enterrado dentro de mim, uma partícula de esperança de que ele não era o homem que eu sabia que era.

E ele não era. Ele era pior.

— Você está passando muito tempo na propriedade Vasiliev.

Passo minha mão no meu paletó e sorrio. Ele odeia que não me controle. Ele quer um relacionamento como Yuri e Vlad. Um onde o papai diz pula, e agimos como soldados às suas ordens. Foda-se isso. Ele me decepcionou quando despedaçou minha irmã, Diana, tratando-a pior que um cachorro. A desprezou quando ela saiu da linha e, em seguida, a bajulou como se nada tivesse acontecido quando ela trouxe honra ao nome Volkov no The V Games.

Ele me dá nojo.

Minha mãe também era dispensável para ele. Ela era uma carta de baralho para ele jogar e empilhar como bem entendesse, até que ela não fosse necessária, então foi guardada e esquecida.

— Minha irmã mora aqui, — afirmo, dando-lhe um sorriso. — Gosto de compensar o tempo que perdi com ela.

Ele parece aflito com isso e franze a testa. — Eu gostaria que as coisas fossem diferentes.

Eu não. Se ele tivesse me criado, quem eu seria agora? Seria o bastardo de coração frio que ele é?

— Você não vai entrar? — Eu pergunto, de pé no carro, olhando para ele ainda sentado afivelado dentro dele.

— Não, tenho alguns negócios para cuidar.

Ele está ansioso desde a morte de Yegor. Isso me deixa curioso, mas não o suficiente para me oferecer para ir com ele. Tem alguém que preciso ver.

— OK. Te vejo em casa.

Ele acena e faz sinal para o motorista sair.

Mais carros estacionam no rastro de Yegor, e eu tento entrar antes que Vika apareça, mas sou enganado pela pequena pagã. Ela já está andando em volta do vestíbulo e seus olhos me identificam como se estivesse vigiando a porta esperando minha chegada.

Vika é outro produto de seu ambiente.

Ela foi criada por um homem implacável que não vê valor em mulheres.

Vika foi negociada como um camelo no deserto, não apenas uma vez, mas duas vezes. Ele a subestimou, no entanto. Vika não é uma mulher fraca e maltratada. Ela é uma megera com um fogo sombrio dentro dela.

Ela é mais parecida com o pai do que seu irmão jamais poderia ser.

Tentar evitá-la é inútil, então vou até a mesa de bebidas e pego uma dose. Coragem líquida é uma obrigação quando está em torno dela.

Tentar manter Vika sob controle é desgastante. Ela quer mais de mim, mas eu não tenho para dar. Espero que Yuri conceda seu desejo de divórcio de Ruslan Vetrov, mas é altamente improvável.

— Vamos, Vas, vamos apenas sair para algum lugar, — ela implora. — Ninguém vai notar.

A última coisa que quero fazer é esgueirar-me para saciar sua necessidade de pau. Meus olhos procuram alguém em particular na multidão. Quando meus olhos se fixam nela, não consigo afastá-los.

— Por que você nunca pode me dar sua atenção? — Vika bufa. — Você está sempre tão distraído.

Eu estou tão entediado com sua existência mundana que nem posso fingir agora. Minhas costas enrijecem quando vejo Veniamin se afastar da minha irmã Diana e atravessar a multidão como uma faca quente cortando manteiga. A multidão se abre como a porra do Mar Vermelho... todos menos ela.

Minha estrelinha estragada.

Eu avanço, mas não chego até ela a tempo. Ele a atropela, mandando-a direto para o chão. A bandeja que ela estava segurando cai em cima dela, as taças quebrando contra o azulejo. O ombro de Ven choca-se comigo enquanto ele continua em direção ao seu alvo atrás de mim.

— Darya, — eu sussurro, ficando de joelho para limpar a porra da bagunça em cima dela. Ela assobia e pressiona a mão no estômago. Manchas vermelhas sujam a camisa branca que ela está usando. É a primeira e única vez que a vi autorizada a usar qualquer coisa. Yuri gosta dela nua e complacente.

Porra, ela está sangrando em todos os lugares.

Examino seu corpo por ferimentos, ignorando o rugido acontecendo atrás de mim.

— Está tudo bem, Vas, — Darya sussurra. Eu não posso deixar de notar todas as contusões em suas coxas, hematomas que o filho da puta colocou nela, numa das muitas vezes que a estuprou. Ela usa gola alta, mas não a coleira hoje. Meu sangue ferve com o fato de que ela é mantida assim.

Um dia vou matá-lo por isso.

Eu só quero ajudá-la... *entre outras coisas*.

— Eu juro, estou bem, — ela pede. Seus olhos dourados passam por mim, o medo brilhando neles.

Eu sigo seu olhar preocupado até Yuri parado atrás de mim.

— Que porra é essa, garoto? — Ele rosna, depois vira-se para gritar para o filho. — Vlad, por que Veniamin está estrangulando sua irmã? E por que diabos esse bastardo Volkov está preocupado com *a* porra da *minha* mascote?

Vlad se move para lidar com o tumulto atrás de mim. Eu me viro para vê-lo puxando Ven de Vika.

Merda, que diabos está acontecendo?

Vika arqueja no ar. — Que diabos? — Ela grita, sua voz rouca.

— Todo mundo fora! — Yuri grita. Pés batem no piso de azulejos em direção às saídas.

O que há com as reuniões Vasiliev?

Quando há apenas Volkovs, Vasilievs e Vetrovs na sala, Yuri acende um cigarro.

Ven está vermelho brilhante, e Ruslan se juntou a Vlad, lutando para mantê-lo afastado. Diana está falando com ele em voz baixa, e Vika está me encarando com Darya em meus braços.

— É melhor alguém começar a falar, — exige Yuri enquanto expele uma nuvem de fumaça.

— Este animal tentou me matar e você não o impediu! — Vika grita com o pai.

— Veniamin? — Yuri pergunta.

— Ela matou Niko. — O tom de Ven é mortal.

Vika empalidece e coloca a mão nos hematomas que se formam em sua garganta, de Ven a sufocando.

— Veniamin, é uma pena que as ambições e o ego de Vika tenham saído do controle. O que é necessário para eu consertar isso? — Yuri pergunta, e todos na sala, exceto Ruslan, estão de boca aberta.

— Papai? — Vika ofega.

— Cala a boca, — ele diz rispidamente. — Você tem sido um fardo para essa família.

— Isso é o que eu ia dizer a você, — afirma Ruslan quando ele puxa alguns papéis de sua jaqueta e os entrega para Ven. — Pai e Yuri

fizeram um acordo meses atrás. Você e Vlad possuem as ações para o The V Games, igualmente. Vocês são parceiros. É todo seu.

Ven e Vlad ficam rígidos, e Diana se afasta hesitante, virando-se para procurar no rosto de Yuri a verdade daquelas palavras.

— Yegor estava pronto para passar o bastão para você, Ven, e tinha algo sobre Leonid Volkov, — diz Yuri friamente. — Ele conseguiu as ações da Volkov, juntamente com a pequena quantia de Iosif Voskoboynikov. Isso teria lhe dado 51% das ações. Claro, eu não podia permitir isso. Para recuperar esse 1%, concordamos em me demitir e nossos dois filhos assumiriam o controle. — Yuri apaga o cigarro. — Então, entenda, nós não queremos nenhum conflito. Vocês, homens, têm que trabalhar juntos, e isso... — ele diz enquanto acena a mão entre Vika e Ven, — não serve.

— Eu quero vingança pelo meu irmão, — Ven esbraveja.

— Vai custar-lhe um por cento. — Yuri sorri. Bastardo manipulador.

Ele quer que Vlad tenha ações de controle.

— Feito, — Ven diz entredentes.

— Ven, — eu aviso, e toda a atenção recai sobre mim.

— Por que diabos você está aninhado na prostituta do meu pai, Vas? Não finja que se importa comigo — grita Vika, confundindo minha advertência a Ven como preocupação por ela.

— Ela não é uma prostituta, — eu respondo.

— Oh Deus, você não sabe o quão certo você está. — Ruslan ri bufando. Ele caminha até Yuri e enfia um documento na sua mão.

— O que está acontecendo? — Vlad pergunta.

Yuri parece furioso ao ler o documento em suas mãos.

— Vlad, — diz Ruslan, um brilho maligno em seus olhos enquanto ele aponta para Darya. — Conheça sua irmãzinha.

Uma risada horrorizada ameaça ecoar do absurdo de sua declaração, mas eu engasgo com isso quando o silêncio preenche a sala. É ensurdecedor. Minha testa enruga e meu coração falha.

— Que porra você disse? — Vlad rosna, andando até o pai e pegando o documento de suas mãos.

Eu estudo Darya de perto, tentando encontrar provas da declaração dele. Agora que ela não está olhando para a luz, vejo que seus olhos são mais ricos em marrom do que âmbar, nada como dos Vasilievs.

Suas feições são suaves e delicadas, um contraste com as de Vika.

Vlad olha para Ruslan com os olhos entrecerrados. — Que porra é essa?

— Não atire no mensageiro, — diz Rus. — Encontrei entre as coisas do meu pai.

— Ele está mentindo, — Vika grita, me punindo de mil maneiras em sua cabeça por eu ainda estar de joelhos cuidando de Darya.

As feridas de Darya são superficiais, mas ela precisa de um médico.

— Levante-a, — Vlad fala. Eu a pego e Yuri rosna.

— Não é verdade. É um daqueles truques que Yegor gostava de jogar. Jogos, e é apenas mais um, — Yuri grunhe. — Ela não é ninguém. Diga a ele, garota. — Suas exigências a fazem vacilar, e ela começa a tremer em meu aperto.

— Não sou ninguém, — ela imita.

Esse pedaço de merda precisa ser colocado no ringue comigo para que eu possa ensiná-lo como levar uma surra, como as que ele dá.

— Você é alguém, — eu digo a ela, minha voz rouca. Abaixando meus lábios em seu ouvido para que apenas ela possa me ouvir, eu digo: — Para mim, você é alguém.

Capítulo Dois

Darya

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, tem misericórdia de mim.

Meu olhar permanece fixo no padrão de um tapete em uma sala de estar fora da principal. É uma sala na qual nunca fui permitida. Até agora. O padrão é diferente de tudo que já vi. Ouro, vermelho e laranja. Todos entrelaçados em uma obra de arte detalhada. Para o chão, nada menos. Algo que deveria ser pisado e sujo. O intrincado trabalho me lembra da irmã Ivanonva. Ela estava com trinta e poucos anos e era a pessoa mais próxima que eu tinha de uma amiga no convento. Seu bordado era maravilhado e elogiado por todo o clero.

Sinto dor no meu peito.

Eu sinto falta dela.

Eu sinto falta da simplicidade da minha vida lá.

Vozes furiosas e altas vêm de fora da porta, e eu espio a enfermeira cuidando de mim. Ela limpou minhas feridas e me cobriu com ataduras. As pontas dos seus dedos são suaves e gentis, mas experientes. Meus cortes não são profundos, e a dor é quase risível em comparação com a agonia que sofri dentro dessas paredes.

Eu fecho meus olhos e afasto as lágrimas.

Não vou pensar nisso. Não quero pensar *nele.*

— Pense, filho da puta, pense. — Uma voz profunda e rouca rouba minha atenção. Como sempre. Vas Volkov. Alguém que escorre pecado como o resto deles, mas que se parece com um anjo fazendo isso. Às vezes me pergunto se Deus o enviou para me observar executar esses testes jogados em mim. Outras vezes, acho que Deus me abandonou e estou em alguma versão do purgatório, do Inferno na Terra. De qualquer forma, não tenho certeza do papel que Vas desempenha no meu mundo. Quando minha pele aquece, eu mordo meu lábio e faço uma oração silenciosa.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, me dê força.

Vas está andando de um lado para o outro e eu não consigo mais evitar olhar para ele. Ele usa um terno, sem o casaco agora, como eles, mas algo sobre ele não é tão refinado. Mais selvagem e mal escondido. Uma fera enfurecida abaixo da superfície. Em circunstâncias normais, tal noção me aterrorizaria. Mas tendo lidado com o que passei ultimamente, desejo libertar sua besta. Qual é o pior que poderia acontecer? Ser morta e libertada desta prisão infernal?

Como se ele estivesse pensando em me devorar inteira, seus dentes brancos mordem o canto interno do lábio inferior, seu incisivo brilhando na luz. Dentes que parecem muito mais mortais do que qualquer demônio sobre os quais li nos meus estudos.

Minha pele se aquece novamente. Há algo incrivelmente pecaminoso em desejar a morte pelos dentes de um homem.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, me perdoe.

Seus dedos fortes atravessam sua juba espessa e marrom. Se eu fosse uma mulher mais corajosa, andaria até ele, pegaria suas mãos nas minhas e diria a ele que não se preocupasse tanto comigo.

E ele se preocupa. Está escrito por todo o seu rosto. Talvez seja por isso que me esforço tanto em sua presença. Por que quero libertar sua besta. Porque no fundo, sinto que talvez sua fera me salve. Que ele não me destruiria como os outros. Ele iria me puxar para seus braços poderosos e matar aqueles demônios por mim.

Se a irmã Ivanonva estivesse aqui, ela me mandaria para uma das capelas orar. Tenho certeza que meu rosto revela meus pensamentos pecaminosos. Ela sempre parecia saber exatamente o que eu estava pensando.

Ainda assim, não consigo desviar o olhar. A cruz que ele sempre usa em volta do pescoço permanece escondida sob a gola e a gravata, mas sinto sua força irradiando na minha direção. É o sinal que eu precisava de todas aquelas noites atrás, quando ele entrou na cozinha e mudou minha condenação para a redenção. Naquela noite, sua gravata tinha sumido e seus botões estavam desfeitos no topo. A corrente brilhou na luz, dando-me um belo vislumbre de esperança.

Não sei por que o homem demônio me tirou da minha casa no convento e me forçou a entrar nesse mundo. Foi há muito tempo, mal consigo lembrar o tempo que passou agora. Meses? Anos? Alguns dias pareciam eternos... uma eternidade forçada em vinte e quatro horas. O homem do diabo me condenou a tal vida, mas se ele não tivesse, eu nunca teria encontrado Vas Volkov.

— *Quebre-a. Yuri gosta delas complacentes.*

As palavras cruéis do demônio soam em minha mente, me atormentando. Eu olho de volta para Vas. Uma vibração, como a dos pombos na velha capela que eu gostava tanto, ecoa no meu peito. Sempre que ele retorna meu olhar... como se pudesse ver dentro da minha cabeça, minha pele queima e meu coração canta. Apenas uma pessoa me fez sentir tão digna. E é ele. Meu pequeno vislumbre de esperança.

— Eu preciso tirar seu sangue, — a enfermeira me informa, segurando uma agulha, distraindo-me dos meus pensamentos.

Tiro meu braço do casaco que Vas me deu e ofereço a ela. Eu tento não inalar o cheiro dele. Masculino. Poderoso. Intoxicante. Um toque de hortelã como do jardim atrás do convento. O arcebispo Dimitrov preferia hortelã em suas bebidas, por isso cultivamos em grandes quantidades. O arcebispo era gentil comigo, assim como Vas. Hortelã me lembra de luar, brisa quente de verão e um pouquinho de liberdade.

— Você não acha que ela perdeu sangue suficiente essa noite? — Vas diz entre dentes, se aproximando de nós e cobrindo meu corpo ainda mais, puxando as lapelas de seu casaco, fechando. Seu toque envia arrepios por mim.

— Eu posso pegar seu cabelo em vez disso, — diz a enfermeira, substituindo a agulha por uma tesoura.

— Por favor, não se preocupe comigo, — eu sussurro para ele. Pegando a tesoura dela, corto um pedaço do meu cabelo e o jogo no recipiente que ela tem na bandeja.

— Isso é tudo? — Vas exige. Ela balança a cabeça e guarda suas coisas.

— Obrigada por me tratar, — eu digo a ela, minha voz um sussurro rouco.

Você só fala quando falarem contigo... que é nunca.

Afasto as palavras malignas de Molokh, tentando não soltar um gemido.

A enfermeira olha para mim com surpresa e franze a testa. — De nada.

Uma vez que ela sai, Vas suspira e cai no assento ao meu lado. Suas pernas estão ligeiramente abertas em uma pose que faz meu coração disparar. Não posso deixar de olhar para suas coxas sólidas e musculosas sob o tecido de suas calças. O calor de seu corpo aquece o meu, e o desejo de me enterrar ao seu lado é forte.

— Como você está se sentindo? — A intensidade de seu olhar azul claro no meu, faz meu estômago doer. Ele é tão lindo. Como se Deus realmente gastasse tempo extra, criando suas características com perfeição. Uma mandíbula forte e esculpida. Um sorriso que pertence a um anjo. Um protecionismo que parece irradiar dele como o sol. Tão quente. Tão caloroso.

Este mundo em que vivo é sempre tão frio.

— Confusa. — Eu mordo meu lábio inferior e mantenho seu olhar.

Quando uma mecha do meu cabelo cai no meu rosto, sua mão se move para colocá-la atrás da minha orelha. O roçar de seus dedos contra a minha bochecha me faz ansiar pela ternura.

Sem permissão, eu me inclino em seu toque e fecho meus olhos. Tudo que conheço é a distância. As freiras do convento em que cresci mantinham uma relação profissional entre as meninas que viviam lá. Conforto era algo que nossas crenças nos davam. Deus era nosso pai, nosso mestre, nossa vida.

Mas eu fui abandonada por ele quando ele permitiu que o diabo entrasse em sua casa e me tirasse dele.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, me perdoe.

A irmã Ivanonva me diria que o Senhor estava me testando. Por que os testes dele devem ser tão difíceis? Tão devastador para a alma? Estou cansada de todos os testes. Eu não sou forte. Tantos dias, falho em minha fé nele e em minha religião.

A porta se abre e Irina entra na sala. Ela é a esposa de Vlad Vasiliev, o filho do homem que me mantém cativa em seu inferno. O que eles dizem seria verdade? Que esse homem é meu parente?

— Vlad me enviou, — diz ela, sorrindo. — Yuri está sendo teimoso.

Yuri. Eu desprezo esse nome. Eu o chamo de Molokh, o demônio para o qual fui sacrificada, um deus entre os fracos. Suas chamas desprezam minha carne, mas não queimam minha alma.

Mesmo que ele tente me quebrar, seu mal não pode habitar dentro de mim.

— Darya, isso pode ser verdade? — Irina pergunta, vindo sentar no braço do sofá ao meu lado. — Você poderia ser filha de Yuri?

Nunca.

Eu tenho um pai. Um santo.

Uma agitação desagradável revira meu estômago. Eu luto contra a náusea que ameaça derramar de mim e arruinar a maravilhosa tapeçaria no chão.

Yuri Vasiliev é criado nas profundezas do inferno.

— Para que Satanás não possa nos enganar. Porque não estamos cientes de seus esquemas, — eu respondo, minhas palavras um sussurro. Meus olhos travam com os de Vas. Eu os deixo descer pela garganta dele e abrir um buraco no tecido da sua camisa, onde a cruz permanece escondida.

Sinto falta da minha cruz terrivelmente. Foi despojada de mim junto com minha sanidade, muitos e muitos meses atrás. Distraidamente, toco a base da garganta onde ficou pendurada por tantos anos. Agora, uma coleira como o do cão no convento está

enrolada na minha garganta, como uma lembrança do meu lugar nesta casa. Neste mundo. *Eu estou abandonada?*

— É uma passagem na Bíblia, — Vas informa a uma Irina confusa. — Segundo Coríntios, capítulo dois, versículo onze.

— Você leu a Bíblia? — Ela sorri e levanta uma de suas sobrancelhas bem cuidadas. Sua aparência e comportamento são suaves e acolhedores esta noite. É confuso para mim. Esta mulher viveu aqui onde eu apenas existia, e esta é a primeira vez que realmente a vejo e compartilho sua companhia.

— Então, o que acontece agora? — Vas questiona, soltando os punhos e empurrando as mangas até os antebraços, ignorando sua pergunta. Um conjunto de cores pinta sua carne e fico paralisada nas imagens de anjos e demônios travando guerra em sua pele. É como olhar para o teto de uma das nossas muitas capelas no convento. Um soluço trava a minha garganta enquanto lágrimas se acumulam nos meus olhos.

Isto é mais um teste da minha fé? Eu questiono em minha mente. Acostumei-me tanto a ter conversas silenciosas e ser ignorada, não percebo que Vas está falando comigo.

— Darya, por favor, não chore. Eu prometo que vamos descobrir quem você é, — ele jura.

— E onde é seu lugar, — acrescenta Irina.

— Nós sabemos onde é seu lugar, — Vas informa. Ele corajosamente envolve um braço em volta da minha cintura, enviando arrepios através de mim, em seguida, arrasta-me em seu colo. Eu suspiro com seu gesto, em seguida, relaxo e o inalo. De perto, ele cheira a folhas de hortelã recém-colhidas do jardim misturadas com a água do oceano no verão. É lindo. Ele é lindo. O jeito que ele me segura, é seguro e protetor e me faz querer chorar. Seus braços me enjaulam nele em um abraço inflexível. É tão diferente da natureza forte daqueles que andam nesta mesma casa.

Eu deveria temer o toque de um homem. Se a experiência aqui me ensinou alguma coisa, é isso, mas não temo o dele, o saúdo. Durante

meses ele me mostrou que nem todos os homens nutrem as intenções do diabo.

— E onde é isso? — Pergunta Irina.

— Não é aqui, — diz ele ferozmente, levantando-se e carregando-me com ele. O medo me congela em seu aperto. Não medo *dele*, mas o medo do que vai acontecer *com* ele se o demônio Molokh vê-lo lidar com sua posse.

— Espere! — Irina chama por nós, mas Vas está se movendo muito rapidamente para a porta.

Assim que chegamos, a porta se abre. Vlad, com o rosto vermelho e furioso, parecendo muito com seu pai, olha para nós. Um gemido passa pelos meus lábios e me agarro desesperadamente a Vas. Seu aperto aumenta e um grunhido ressoa dele.

— Saia do meu caminho, Vasiliev, — Vas grita.

O olhar ambarino de Vlad se estreita, e sua mandíbula enrijece. — Você não vai levar a minha irmã a qualquer lugar.

Minha irmã.

Meu coração dispara ante suas palavras. Eu sei que eles continuam dizendo isso, mas não entendo. Não quero acreditar nisso. Se ele é meu irmão, isso significa que Yuri é meu pai. Como isso é possível?

Eu tremo enquanto mais lágrimas escorrem pelas minhas bochechas.

— Ela não está segura aqui e você sabe disso, — Vas assobia.

Vlad vira seu olhar ardente para mim e eu recuo. Suas feições suavizam quando suas sobrancelhas franzem. — Darya, certo?

Eu dou-lhe um pequeno aceno de cabeça.

— Até que os resultados do seu DNA cheguem, posso garantir sua segurança, — ele jura.

— E depois? — Vas esbraveja. — Se ela não for, você a joga de volta a esse lobo condenado por deus?

Usar o nome do Senhor em vão me faz estremecer. Vlad percebe e se aproxima. Quando ele estende a mão, tento não me acovardar. Ele

não está tentando me bater. É como se ele estivesse maravilhado com a minha existência. Vlad traça seu dedo pelo meu rosto, um pequeno sorriso raro puxando seus lábios.

— Você se parece com ela, — ele murmura.

Ela?

— Nós vamos cuidar de Darya, — diz Irina por trás de nós. — Vamos nos certificar de que ninguém a machuque. Certo, Vlad?

As feições de Vlad ficam ferozes quando ele considera sua esposa. O amor brilha em seus olhos, e me vejo relaxando no aperto de Vas. O vazio habita nos olhos de seu pai. Mas amor? Não estou acostumada a ver uma emoção tão sem filtro. O amor é o que o Senhor nos ensina. Amor é o que eu anseio.

— Vas, — uma mulher diz por trás de Vlad. Ela olha em volta dele e eu a reconheço como Diana Volkov, a irmã de Vas. — Largue a menina.

— Diana, — ele diz feroz. — Ela não está segura aqui.

— Ela vai estar, — Vlad fala, convicção pingando de suas palavras. — Vamos colocá-la no quarto ao lado do nosso. Em nenhum lugar perto da ala do meu pai na propriedade. Você tem minha palavra, Volkov. Eu não vou machucar um fio de cabelo na cabeça dela. Agora, estou pedindo gentilmente, pela minha esposa... *sua* irmã, e não exigindo. Não me faça exigir isso.

— Até você descobrir que ela não é seu sangue, — desafia Vas. — Então o quê?

A mandíbula de Vlad enrijece. — Nós vamos lidar com isso quando chegar a hora.

— Não, — Vas grita. — Nós lidamos com isso agora. Quero sua palavra. Se ela não tiver seu sangue, permita-me vir buscá-la. Não a mande de volta para seu pai. Dê a ela essa misericórdia. Dê-me essa misericórdia, — implora Vas.

Irina se aproxima de Vlad e segura seu cotovelo. — Nós prometemos, — diz ela em nome de seu marido.

Ele está rígido, mas acena. — Eu posso te dar isso. — Seus lábios se erguem em um sorriso. — Por um preço.

Há sempre um preço, estou aprendendo.

— Diga, — Vas rosna.

— Você treina meu próximo lutador do V Games.

— Feito, — diz Vas facilmente. Então ele olha para mim. — Você vai ficar bem ficando aqui. Minhas irmãs vão garantir isso, eu prometo.

Com os olhos de todos em mim, quero enterrar meu rosto em seu pescoço e me esconder. Ninguém nunca se importou comigo de maneira tão intensa sem querer nada em troca. Só me diziam o que fazer e era forçada a isso.

— O que você está pensando, Darya? — Vas pergunta. — Não tenha medo de me dizer.

Engolindo o nervosismo preso na garganta, eu aceno.

— Podem me dar roupas? — Eu sussurro. — Roupas que me cubram dos olhos dos outros?

— Claro que sim, — diz Diana friamente. — Você receberá roupas, artigos de toalete e comida. Você terá privacidade e segurança. Mais importante, você não será tratada como um animal.

Vlad acena e estende a mão para mim mais uma vez. Ele abre o fecho do colar em volta do meu pescoço, e o tira. Ele está preso firmemente em seu punho, e não posso deixar de sorrir por me livrar disso.

— Obrigada, — eu digo, suspirando agradecida.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, por favor, deixe este homem ser meu irmão.

Capítulo Três

Vas

É preciso todo controle para colocar Darya de pé e observar minhas irmãs guiá-la para longe. Mas faço isso. Eu vi o jeito que Diana me implorava com os olhos. Minha irmã mais velha é inteligente. Ela joga este jogo dentro e fora do The Games melhor do que qualquer um deles. Sou novo no mundo deles e, embora possa ser vocal, às vezes tenho que manter a boca fechada, uma estratégia necessária para o jogo maior que estou jogando. Eu não esperava nada disso, então já teria outras opções em movimento. Quando Yuri desfilou com Darya no jantar de vitória de Diana com um plug anal pendurado em sua bunda, eu sabia que era hora de tirá-la, ou eu ia abrir Yuri da virilha até a garganta na frente de todos e ser morto pelo preço de tal traição. Eu tinha que ser mais inteligente e fui, mas nada disso importa agora. Se ela é irmã de Vlad, tudo muda.

Assim que Darya se vai, Vlad exala e seus ombros caem. Então, muitas vezes, ele está equilibrado e poderoso. Agora, ele está quase quebrado. Eu o encaro e cruzo os braços sobre o peito.

— Você disse que ela parecia com ela, — eu lembro. — Quem é ela?

Seus olhos levantam para os meus e ele esfrega a palma da mão ao longo de sua mandíbula. — Minha mãe.

Alívio me inunda. Se há uma suspeita de que ela é de fato uma Vasiliev, vou me apegar a isso. Esse sangue correndo em suas veias significa segurança. Os Vasilievs tendem a cuidar dos seus. Especialmente Vlad. Ele trata Irina como uma flor delicada. Eu vi o jeito que ele fala tão carinhosamente de seu irmão, Viktor. E enquanto ele odeia claramente seu próprio pai, ele respeita e adere às suas regras. Se Darya é uma deles, Vlad cuidaria dela. Ao contrário de Vika, Darya não tem seus próprios planos. Ela não está jogando. Ela é uma inocente em um mundo de pecadores.

— Quero ter acesso a ela, — digo a ele. — Você quer que eu treine seu lutador, então eu vou. Mas quero acesso para verifica-la. Ligar para ela se eu quiser. Vê-la sempre que quiser. — Certamente não vou abrir mão disso. Isto é o que preciso. Ela não é mais propriedade de Yuri.

— Nada vai mudar em relação ao seu acesso a esta família, — diz ele friamente. — Estar relacionado à minha esposa já te deu uma chave para o nosso reino. Contanto que você não abuse do seu privilégio, não vejo porque alguma coisa vá mudar.

Solto um suspiro aliviado. Por causa de Irina, fui autorizado a ir e vir quando quisesse ver minha irmã. Em troca, posso ver Darya. Algo sobre ela sempre me chamou. Sua beleza e inocência, talvez. Uma vítima em um mundo de perpetradores agressivos. Essa inocência me lembra da minha mãe. Eu tive o desejo de protegê-la desde o momento em que coloquei os olhos nela.

E, porra, não faz mal que ela seja tão linda.

Grandes e profundos olhos cor de mel. Lábios rosados macios e flexíveis. Os cílios mais escuros espalhados sobre suas maçãs do rosto. Uma juba selvagem de cabelo castanho chocolate com fios de ouro entrelaçados. Tão bonita e delicada. Como um anjo. Digna não apenas de proteção, mas adoração. Eu poderia adorá-la todas as noites de joelhos, beijando cada parte dela.

— Vika fodida, — Vlad grunhe, sacudindo meus pensamentos daquela que eu gostaria de estar transando, para a que eu estou fodendo.

— O quê?

— Você estava um pouco preocupado com Darya, mas no caso de você ter perdido, Vika foi desmascarada por orquestrar a morte de Niko.

De jeito nenhum eu perdi isso, ou o touro chamado Veniamin Vetrov rugindo, rosnando e atacando.

— Ele vai matá-la? — Eu pergunto, incapaz de esconder a preocupação no meu rosto. Ela é uma puta, mas eu tenho fodido sua boceta por meses, então desejar a morte dela é até muito duro para um pecador com o meu histórico.

Seus olhos impetuosos brilham com diversão. — Não. Isso seria muito fácil. Ven vai puni-la de acordo.

— Você confia que ele não a mate?

— Eu confio que ele não a foda, — diz ele, estreitando os olhos para mim, insinuando que sabe que eu tenho feito exatamente isso com Vika. — Confio que ele lhe ensine uma lição. Minha irmã merece tudo o que tem vindo para ela. Ele não vai matá-la. Ela ainda é minha irmã apesar de tudo.

— Ao contrário de sua *outra* irmã, — eu respondo, arrastando a conversa para longe do fato de que eu tenho fodido uma mulher casada por tédio. — Darya não merecia nenhuma das punições que seu pai aplicou.

A mandíbula de Vlad endurece e ele se afasta de mim para uma pequena mesa onde está uma garrafa de licor marrom dourado. Ele serve dois copos e me entrega um.

— Ela pode não ser minha irmã. Não vamos apressar o julgamento, — diz ele, com a voz gelada e cruel.

Ignorando-o, pego o copo e bebo o fogo líquido num gole, depois o prendo com um olhar duro. — Me diga o que você pensa sobre seu pai se ela realmente tiver seu sangue.

Suas feições endurecem e os nós dos dedos ficam brancos enquanto ele agarra seu copo quase com força suficiente para quebrá-lo. — Se ela é família, ela será cuidada. Isso é tudo que importa. Você conhece a vida de nossos pais, Vas. A maneira como o nosso mundo é. — A selvageria em seu olhar me diz o contrário, no entanto. É suficiente para mim. Ver o ódio e a vingança queimando em seu olhar. Tudo aquilo dirigido a seu pai. Vlad pode não querer mostrar o jogo para mim, mas posso ver de qualquer maneira. Sua cara impassível não funciona hoje em dia. Eu culpo minha doce irmã e sua grande barriga de grávida por isso.

— Bom, — é tudo que eu digo. Eu posso ser vocal, mas com certeza sei quando manter a boca fechada. Falar a Vlad do ódio pelo pai, não faz nada positivo para a minha posição.

— Como ela acabou aqui? — Eu me pergunto. Ninguém mais está curioso para saber como ela pode ser parente e acabou por estar aqui?

A pulsação de Vlad salta na sua garganta, sua mandíbula se contraindo antes que ele diga: — São exatamente meus pensamentos, meu amigo. Não por acaso, com certeza.

— Venha, — ele resmunga. — Eu preciso assinar alguns papéis com Veniamin. Parece que meu pai me negociou como acionista principal do The V Games. Como deveria ser. — Ele me encara por um longo momento. — Seria conveniente que você ficasse do meu lado, Volkov. Treine meu lutador. Seja obediente. Um dia, quando nossos pais tiverem sido enterrados na terra fria, seremos nós que governaremos tudo isso. E quando chegar a hora, preciso de alguém em quem possa confiar. Só porque você é a família da minha esposa não significa nada. A confiança vem da experiência e ação. Eu precisarei ver isto com meus próprios olhos.

Eu cerro os dentes, mas aceno. — Você terá o melhor lutador, — concordo. — Diana arrasou e ela aprendeu verdadeiramente.

— Diana fez bem, — ele concorda. — Quero que meu novo lutador faça ainda melhor. Como Primeira Família original, quero garantir nosso lugar.

— Meu pai não vai gostar de eu treinar seu lutador, — eu aviso. — Ele vai querer que eu treine um para os Volkovs.

— Seu pai não precisa saber, — diz ele humildemente. — Este é um acordo entre cavalheiros. E não vamos esquecer que seu pai desistiu de suas ações. Talvez ele não envie um lutador.

— Vai chegar até eles que estou treinando seu lutador, — eu argumento. — Sua esposa não guarda exatamente segredos muito bem. E como ele doou suas ações, vai querer um lutador para provar seu valor ainda mais.

Ele ri e me deixa atordoado. — Diga-lhe o que ele precisa ouvir, — diz ele. — Diga que você está apenas me ajudando para ver Irina. Faça-o acreditar se precisar. Mas quando você estiver aqui, treinando meu campeão, quero toda sua energia e esforço. Eu quero vencer.

— Não é o que todos querem? — Eu desafio.

— Quando queremos ganhar coisas diferentes, acho que há momentos em que há mais de um vencedor. — Seu sorriso é lupino. — Ven venceu a queridinha Vika e tenho certeza de que ele se sente bastante satisfeito com esse prêmio.

E ganharei Darya.

Ele nos serve outra rodada. — Um brinde aos acordos de cavalheiros, e vitória para os espertos em nosso mundo.

— Saúde, — eu grunho.

***

— Assine aqui, — Vlad diz, presunção em seu tom.

Ven rabisca sua assinatura em alguma papelada enquanto segura uma Vika se contorcendo pela sua garganta. Ela amaldiçoa, grita e agarra seu braço. Ninguém a resgata. Ninguém tenta desfazer a bagunça em que ela se meteu. Por uma fração de segundo, me preocupo se ela me exporá pela ajuda em envenenar o pai de Ven, mas ela mantém essa dica para si mesma. Quando seus olhos dourados me prendem, sei que é porque ela pensa que posso salvá-la.

Outro jogo.

Outro movimento.

— Aguenta aí, — articulo com os lábios para ela.

Esperança. Eu dou a pobre garota esperança. Seus olhos brilham com lágrimas e, por um segundo, sinto-me o maior idiota do planeta. Vika é horrível, mas não é como o pai dela. Eu vi o jeito que ela menospreza minhas irmãs e fala com seu marido de forma condescendente, mas também vi um lado dela que outros não viram. Eu a vi vulnerável. Eu a vi chorar. Eu a segurei depois do sexo quando tivemos oportunidade. A víbora louca tinha sumido; estava segurando uma garotinha assustada. Ela nunca admitiria isso, mas senti isso.

— Vas, — ela soluça. Seus olhos imploram aos meus quando ela deveria implorar ao marido por ajuda, não que ele viria em sua ajuda. Niko também era irmão dele.

Olho para longe dela. Não posso ser o fodido cavaleiro de armadura brilhante de todo mundo. Não sou um cavaleiro. Não sou feito de prata brilhante e valentia. Sou manchado e desonesto. Eu deslizo através das ervas daninhas deste mundo procurando minha própria maçã para afundar meus dentes.

Ela grita quando Ven a levanta por cima do ombro e a leva para fora da casa. Rus se aproxima de mim e grunhe: — Vou me divorciar dela.

Erguendo uma sobrancelha, dou uma olhada nele. — Oh?

Seus olhos se estreitam para mim. — Eu suspeitava que ela estivesse me traindo. A prostituta — ele zomba. — Mas ter uma mão na morte do meu próprio irmão? Imperdoável. Ela merece o que quer que Ven dispense a ela. — Ele bate o ombro no meu como se fôssemos amigos. Nós não somos amigos. — Quem sabe, talvez ele deixe você transar com ela quando terminar. Ela fode como um peixe morto e frio, mas sua bunda é apertada.

Está na ponta da minha língua dizer-lhe que sei que sua bunda é apertada, e ela é tudo menos morta quando ela está gritando meu nome... que posso fazê-la ronronar como uma fodida gatinha. Ruslan provavelmente não pode diferenciar sua vagina de sua bunda, o merda idiota. Ajuda saber que ele é um idiota que goza só com duas investidas. Vika ficou mais do que feliz em comparar as nossas habilidades no quarto. Ou no caso de Ruslan, a falta dela. Em vez de cutucá-lo quando ele certamente merece, eu sorrio.

— Vou passar. Não gosto de sobras, — eu digo, minha voz baixa e profunda com insinuação. Quer dizer, eu transei com sua esposa na sua noite de núpcias. Aqueles sucos escorrendo pelas suas coxas quando você a levou para o quarto eram pela maneira que a foz gozar repetidamente.

Maldito idiota.

Suas narinas se dilatam e suas bochechas acima de sua horrível tentativa de barba se avermelham. — Desculpe. Eu tenho alguns negócios para cuidar.

Como afundar o império de seu pai.

Até mais, imbecil.

Eu inclino minha cabeça para ele e caminho até Vlad.

— Onde está Yuri? — Eu questiono, minha expressão calma.

— Em nenhum lugar perto de Darya, — ele me garante.

— Se ele a machucar, vou matá-lo.

Nossos olhares se encontram, o seu treme de raiva ante a minha ousadia.

— Se ela for minha irmã, ele não vai machucá-la, — ele diz entre dentes.

— E se ele fizer?

— Então *eu vou* matá-lo primeiro.

Sorrindo, eu aperto seu ombro e digo: — Bom fazer negócios com você.

Saio de sua enorme casa e encontro Diana no carro de Ven enquanto ela franze a testa para ele. Ven colocou Vika no porta-malas, mas parece que não consegue fechar a tampa porque ela continua pondo os dedos para fora. Diana aperta seu braço, insistindo para que ele não bata em seus dedos como claramente quer. Ela se inclina e sussurra algo para Vika. Os dedos de Vika desaparecem e eles fecham a porta.

— Estou indo para casa, — grito para minha irmã.

Ela se vira e corre até mim para um abraço. Eu a aperto com força. Eu fiquei sozinho por muito tempo sem família. Ter essas irmãs foi a melhor coisa que já aconteceu comigo. Meu abraço de urso é inflexível. Eu a levanto para girá-la. Minha sempre séria irmã ri, fazendo meu coração apertar no peito.

— Você acha que ela vai estar segura? — Eu pergunto quando a coloco de pé.

Ela olha para mim com ferocidade em seus olhos azuis. — Irina não deixará nada acontecer com ela, Vas. Eu sei disso com todo o meu coração. — Ela morde o lábio vermelho sangue, então sussurra: — Ela é aquela de quem você falou antes? A quem seu coração pertence?

Deus, isso foi há meses. Estou surpreso que ela ainda se lembre que eu disse isso.

— Eu só quero... — Protegê-la e segurá-la. Beijar e afastar sua dor. Ouvir sua voz suave e doce sussurrando palavras só dirigidas a mim. Quero ser seu cavaleiro de armadura não tão brilhante, lutando suas batalhas e conquistando seu coração. — Eu só quero que ela seja feliz. Segura.

Diana sorri para mim e fica na ponta dos pés para beijar minha bochecha. — Você é um bom homem, Vas. Não deixe que eles mudem isso em você. Eu te amo.

Eu a acaricio no topo de sua cabeça e sorrio. — Também te amo, mana. É melhor você ir para que Vika não sufoque. Eu não sei quanto ar ela tem lá.

Ela ri. — Ele não vai matá-la.

Arqueando uma sobrancelha, eu a desafio. — Você tem certeza disso?

Ela dá um tapinha nos meus ombros e acena com a cabeça. — Vika é vil. Ela fez algumas coisas terríveis. Mas eu não vou deixá-lo matá-la. Ven pode descarregar suas punições nela, mas... — ela para e olha para longe. Desespero e terror tomam conta de suas feições. Era o mesmo olhar que ela tinha no The Games quando os monitores se fixaram em seu rosto. — Ela é uma vítima de algumas maneiras. E nos momentos mais negros da minha vida, ela estava lá... em toda a sua terrível glória, mas *estava* lá. Por causa disso, não posso fechar os olhos. Confie em minhas habilidades para manter o grande Vetrov na linha.

O motor ruge para a vida e ele buzina impacientemente.

— Um dia, vamos derrubar os maus. — Como Yuri e meu pai e o maldito Rus Vetrov.

— Claro que sim, querido, — diz ela em voz baixa, embora suas feições gritem violência. Uma violência tão horrível em um rosto tão bonito.

Eu rio e aceno para minha irmã.

Hoje à noite, vou descansar um pouco e amanhã, vou começar a treinar o lutador de Vlad. Eu também vou roubar todas as oportunidades que puder com a doce Darya.

Ela é minha.

Meu coração bate dentro do peito.

Eu vou fazer esse último movimento eventualmente e trazê-la para o meu lado, onde é seu lugar.

Capítulo Quatro

Darya

O quarto é muito maior do que o que me foi dado antes. Muito maior do que eu preciso. Uma enorme cama de mogno com quatro colunas e um rico tecido azul-marinho, colocado em cada canto do dossel, fica no meio do quarto. Perto da grande e pitoresca janela há duas cadeiras e uma mesa. As cadeiras são almofadadas e parecem confortáveis. Simplesmente sentar ali perto da janela à noite, olhando para a linda lua, parece um vislumbre do céu.

Talvez isso seja um presente de Deus.

Uma recompensa por um teste que eu de alguma forma passei.

Enquanto Irina discute o que pedir e traz para mim com uma empregada, caminho até a janela. Meus dedos correm ao longo do vidro, e eu luto com um sorriso. Um carro afasta-se abaixo, e eu me vejo encarando Vas. Ele está ao lado de um carro esportivo preto brilhante, com as mãos nos quadris e as pernas ligeiramente separadas. Intensidade me perfura enquanto eu aprecio este momento roubado com ele.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, obrigado por este presente.

— Venha, Darya, — diz Irina, puxando meu braço, me levando para longe da janela... longe dele. Meu coração permanece, porém, preso no aperto dele.

Ela me guia para o enorme banheiro, e quando vejo um espelho, desvio meu olhar. Quando ela sai do meu lado para preparar um banho, eu dou uma olhada no meu reflexo. Não nos permitiam espelhos no convento. O diabo gosta de tentá-la com vaidade. Quando me vejo, não vejo a beleza que os outros mencionaram antes. Como o arcebispo Dimitrov viu em mim.

— *Você é linda, como um dos anjos de Deus.*

Eu fecho meus olhos, pensando no jeito que ele passou o polegar ao longo da minha bochecha quando as outras irmãs não estavam

assistindo. Ele era muito mais velho que eu, com manchas cinza no cabelo escuro, mas ele me tratava como se eu fosse uma igual. Ele me favoreceu sobre minhas irmãs. Ninguém se atreveu a falar sobre isso, mas no meu coração eu senti.

***

Dois anos atrás

— O coral é para o divino, — diz o arcebispo Dimitrov com orgulho, sorrindo para mim. — Sua voz, sua pureza e sua graça lhe valeram um lugar lá.

Meus olhos se arregalam com suas palavras. Eu tenho servido humildemente a Deus como uma irmã da igreja desde o meu décimo quarto aniversário quando fui removida do orfanato da igreja. Em cada culto, durante dois longos anos, observei aquelas mulheres com vozes de anjos cantando seus corações para o Senhor. A congregação levantava as mãos e acenava com a cabeça. Tamanha honra. Sinto-me tão honrada que não posso formular uma resposta.

Seus olhos se dirigem para a porta que permanece aberta. Mulheres e homens não devem ficar sozinhos juntos. Mesmo aqueles que ferozmente servem ao Senhor. A tentação está em todo lugar. Eu vejo um lampejo de tristeza em seus olhos castanhos, como se ele desejasse poder falar comigo sozinho.

— Devo fechar a porta? — Eu pergunto, esperando agradá-lo.

— Isso seria bom, irmã.

Meu coração pula no meu peito enquanto eu ando até a porta e a fecho. Quando me viro, ele não está mais sentado à sua mesa. Sua túnica preta cai ao seu redor, e sua grande cruz dourada fica no meio do peito. Ele sorri quando se aproxima.

— Deixe-me ouvir de novo para ter certeza, — ele murmura baixinho.

Eu aceno, então começo a cantar para ele. Minha voz, embora normalmente suave e insegura, assume uma nova vida quando canto. Eu canto-lhe uma canção sobre a redenção e o amor do Senhor

por todos, até pelos pecadores. Ele me observa atentamente e chega tão perto que posso sentir sua respiração quente no meu rosto. Está tão frio aqui, anseio pelo calor.

— Isso, — ele diz enquanto a palma da mão gentilmente segura minha garganta, — é um presente de Deus. Eu posso sentir o poder do Senhor vibrando de suas cordas vocais. Suas melodias vão obrigar os outros a ficar com Deus, irmã. Você entende o privilégio que Ele lhe deu? Ele te deu uma ferramenta para colocar os pecadores de joelhos.

Eu pisco para ele e sorrio enquanto canto.

— Você será uma adição perfeita ao coral. Eu vou fazer com que a irmã Ivanonva saiba que sua agenda vai mudar para acomodar seus ensaios.

Quando a música termina, ele afasta a mão, mas permanece perto. Eu quero jogar meus braços ao redor dele e agradecer por sua generosidade. O desejo de afeto torna-se grande demais para ser ignorado. Eu dou um passo à frente e abraço sua sólida estrutura. Ele enrijece no começo, mas depois me aproxima com uma risada.

— Sua inocência é uma bênção, criança, — ele ressoa, sua voz rouca e diferente da que eu já ouvi. — Mas também é uma maldição.

— Uma maldição? — Eu sussurro.

Sua palma desliza pela minha espinha e toca meu traseiro. — A inocência é uma tentação para o mais forte dos homens. Eles vão querer destruir o que Deus criou. Vão querer torná-la impura. Até o mais devoto dos homens sucumbirá a isso.

— Eu não quero tentar ninguém, — murmuro.

— A tentação não é sua culpa, — diz ele com voz rouca. — É para o homem combater, criança. E se ele não pode combatê-la, deve pedir perdão. Sua mão não se move do meu traseiro, enviando vibrações de energia nervosa correndo através de mim. A vergonha faz minha pele esquentar. Sou uma sedutora? Não entendo as emoções girando dentro de mim. — O homem terá que pedir perdão quando se desviar de Deus, mesmo que apenas por alguns momentos roubados. Nosso Senhor é um Deus gracioso e clemente.

Eu olho para ele. Seus olhos estão fechados quando ele aperta minha bunda novamente, me abraçando mais apertado. A dureza entre nós cutuca em mim, me fazendo ofegar. Eu me contorço e sua boca abre. Seus olhos se abrem e me queimam com um olhar cheio de fogo. Por um momento, temo que o diabo tenha enviado um demônio para me tentar a permitir que ele pecasse. Arcebispo Dimitrov possuído por uma besta. Coloco uma mão hesitante em seu rosto, nunca tendo visto tal aparência antes. Sua língua se lança e lambe meu dedo do meio. Mais do zumbido passa por mim. O pulsar da minha frequência cardíaca aumenta. Não sei se devo ficar ou fugir.

Com a mão livre, ele agarra meu pulso e chupa meu dedo médio em sua boca. Eu inalo em estado de choque. Tenho certeza que ele é um demônio agora. Seu olhar é vítreo e selvagem. O terror me consome, mas permaneço congelada. Ele chupa meu dedo como um pirulito que costumava ser permitido no Natal no orfanato. Sua língua áspera esfrega para cima e para baixo na parte inferior.

Isso é engraçado. Fazendo cócegas na pele.

Meu estômago aperta quando ele geme.

Nosso Senhor é um Deus gracioso e clemente.

Vou rezar muito pelo perdão, mas até então, me permito o pequeno ato de afeição incomum do arcebispo Dimitrov. Ele afasta meu pulso, mas um fio de sua saliva mantém seus lábios presos ao meu dedo. Ele vira meu pulso e empurra meu próprio dedo molhado na minha boca. Ele empurra outro dedo, depois um terceiro. O fogo resplandece em seus olhos enquanto ele força meus dedos desconfortavelmente mais fundo. Meu dedo mais longo cutuca a parte de trás da minha garganta e eu engasgo. Lágrimas vêm a meus olhos e derramam enquanto a saliva escorre pelo meu queixo.

— Irmã, — ele rosna, empurrando seu corpo contra o meu até que eu esteja pressionada contra a parede. — O que é que você fez?

Meus olhos se arregalam de medo.

Seus quadris balançam contra os meus repetidas vezes, seus olhos nunca deixando os meus enquanto ele move meus dedos dentro da

minha boca em cadência com a maneira como move seus quadris. Um silvo de ar o deixa, então ele solta um gemido. Ele olha para mim pelo que parece uma eternidade em silêncio até a umidade absorver meu hábito entre nós. Sua umidade. Eu não entendo de onde veio ou o que é.

— Você deve correr e trocar de roupa, — diz ele, puxando os dedos da minha boca. — Você precisará implorar pelo perdão do Senhor pelo resto da noite. Vou te desculpar de seus deveres.

Eu simplesmente aceno para ele, engolindo a enorme pedra que se formou na minha garganta.

— E, irmã? — Ele diz roucamente, afastando seu corpo do meu. Meus olhos se dirigem para a mancha molhada no tecido preto onde eu senti a dureza.

— Sim?

— Nunca mais feche a porta na presença de um homem.

Sentindo-me castigada, eu aceno e corro para a porta. Antes que eu chegue muito longe, ele me interrompe com suas palavras.

— Criança, você será uma excelente adição ao coral. Estou ansioso para vê-la cantar a cada missa. Lembre-se, sua garganta é um dom.

***

— Darya? — Irina pergunta, me tirando do passado.

Encontro seu olhar preocupado no espelho. Estou tocando meu pescoço onde ele me tocou uma vez. Se ao menos ele pudesse me ver agora... ou me ver ontem mesmo quando minha garganta foi usada por Molokh.

Eu estremeço e reprimo um soluço.

— Shhh, querida, — ela arrulha. — O banho está quente. Eu cuidarei de você.

Irina é legal, mas não posso deixar de me perguntar por que meu sangue é tão importante para ela. Dias atrás, ela me viu ajoelhada aos pés de Molokh no almoço dentro da cozinha, e correu pelo cômodo sem olhar para trás. O único que já parou por mim foi Vas.

Eu desvio meus olhos de volta para o chão, onde é seguro e permito que ela me ajude a me despir. Ela é gentil enquanto remove as bandagens.

— A boa notícia é que todos parecem superficiais e pararam de sangrar, — diz ela, uma vez que estou completamente nua. — Más notícias são que a água pode fazer arder um pouco.

Não pode ser pior do que o ardor de *mãos* batendo contra a minha pele, porque eu pareço com alguém que ele odeia tanto.

— Obrigada, — eu sussurro.

Ela me ajuda a entrar na banheira e se acomoda na tampa fechada do vaso sanitário. Eu olho para ela e para o jeito que ela embala sua barriga crescente. Assim como Vlad, o amor brilha em seus olhos. Eles podem ser parte do mundo de Molokh, mas eles têm bondade dentro deles. Eu posso segurar essa esperança. Além disso, Irina está relacionada a Vas. Sob a superfície, ao lado de sua fera furiosa, está um bom homem. Um homem que quero conhecer. Um homem que quero para me proteger.

Um homem que quero tocar.

Lembro-me da maneira como o arcebispo Dimitrov esfregou-se contra mim. Na época, não entendi. Agora percebo que ele estava usando meu corpo para o prazer dele. Eu o tentei com minha inocência. Não passa um dia que não peço perdão a Deus. O arcebispo Dimitrov era um homem bom e piedoso. Ele não merecia que eu o tentasse. Quão terrível ele deve ter se sentido atraído pela minha pureza. Olhando para trás, não posso ter certeza de que o teria parado se ele tivesse ido mais longe. Estou paralisada por esse pensamento. Às vezes, os pecados que eles cometem em mim são bons. Meu corpo me trai e se comporta como uma prostituta... e esse é o pior castigo. A vergonha, culpa, pecado.

Um soluço cheio de vergonha ecoa através de mim.

Irina acaricia meu cabelo e murmura promessas para mim, depois se prepara para lavar meu corpo. Uma vez que estou fisicamente tão limpa quanto posso, ela ajuda a lavar meu cabelo. No momento em

que a banheira está drenando e estou enrolada em uma toalha felpuda, me sinto muito melhor. Esperança ondula através de mim como uma onda de mar. Flutuo nela alegremente e sem medo. Tão perigoso ceder tão facilmente. Tudo poderia desmoronar em um instante.

Como se o diabo tivesse me ouvido, meus olhos se prendem a Vlad quando saímos do banheiro. Ele tirou o paletó e está parado perto da cama com uma carranca. Seu colete cinza e camisa branca apertam seu físico. Ele é mais cheio no peito do que Vas, mas não duvido de quem venceria em uma disputa real. Eu fui a reuniões suficientes para espreitar as habilidades de Vas. Ele é um magro musculoso e mal contém a violência, como as panteras que li uma vez em um livro. Elegante e mortal. Poderoso e bonito.

— Privacidade? — Irina fala com o marido.

— Certo, — ele diz entre dentes. Em vez de nos deixar, ele caminha até a janela e olha para fora de costas para nós.

Irina revira os olhos em frustração e eu luto com um sorriso. Ela pega um longo e recatado vestido branco da cama e meu coração palpita. Isso me lembra dos aventais que usaríamos durante nossos rituais de purificação diante do clero da igreja. O calor faz cócegas nas minhas costas. Ela me ajuda a colocar um sutiã que não estou acostumada a usar. É muito ousado para mim, mas não me atrevo a dizer não a ela. Se estou sendo honesta comigo mesma, a renda branca e o bojo pequeno são bonitos. Eu olho para os meus seios e admiro a maneira como eles parecem ser empurrados para cima. Vas me viu nua e humilhada. Será que gostaria do jeito que pareço agora?

— Vlad não está olhando, — Irina me garante ao perceber meu rubor. — Você pode confiar nele.

Eu posso?

Ela me ajuda com uma calcinha que dificilmente cobre qualquer coisa. Eu não tenho certeza se entendi a razão, se ficam entre minhas nádegas e mantêm meu traseiro exposto. Mais uma vez, eu mordo minha língua. O vestido vem em seguida, e enquanto é modesto quando colocado na cama, ele se assenta um pouco justo demais para o meu

gosto. Ele aperta meus seios, o decote é mais baixo do que prefiro e aperta na cintura. Mas cobre meus braços e vai até o chão. Mendigos não podem escolher. Isso é melhor do que eu poderia esperar.

— Sente-se aqui. Vou pentear o seu cabelo, — ela instrui.

Eu me sento na penteadeira e ela puxa uma cadeira atrás de mim. Vlad abandona a janela para se aproximar de nós. Ele inclina o quadril contra a cômoda e olha para mim. Corajosamente, eu olho para ele, procurando em seus olhos por familiaridade. Quão maravilhoso seria me ver nele? Então talvez a dor e os horrores desaparecessem indefinidamente. Tudo parece bom demais para ser verdade. As incertezas, os obstáculos e as motivações virão mais tarde. Por enquanto, preciso sobreviver e estar relacionada a ele é minha melhor chance.

— Quantos anos você tem, Darya? — Vlad pergunta.

Eu pisco para ele. — Recentemente completei dezoito anos.

Ele enrijece a mandíbula e olha para longe. — A matemática bate, — diz ele para Irina. — Mamãe foi-se depois que os gêmeos nasceram. — Ele então se vira para mim. — Você se lembra de sua mãe?

Eu me lembro dela cantando para mim. A lembrança mais antiga que eu tenho. — Tudo que eu lembro são as irmãs no orfanato.

— Você foi para lá quando era criança? — Ele pergunta.

Eu concordo. — Um bebê.

— Quando você saiu?

— Quando *ele* me pegou. O homem do diabo apareceu, e tudo foi um borrão depois disso. — Eu tremo e fecho meus olhos. — Eu me lembro das gaiolas. A picada dos chicotes. O frio terrível. Ele queria que meu espírito fosse quebrado.

O silêncio cai no quarto.

— O homem do diabo, — Vlad repete, sua voz lenta enquanto ele tenta entender o que estou dizendo. — Então *eu* te comprei?

Piscando meus olhos abertos, encontro seu olhar. — E então você me deu a ele. Molokh.

Suas narinas se abrem. — Molokh? Yuri, meu pai?

Eu aceno de novo.

— Este homem do diabo, — diz ele, enfiando a mão no bolso e me mostrando uma foto do homem encarregado de mim quando eu estava na gaiola sendo transportada.

— Dele que você fala?

— Não. Esse não é o diabo, — murmuro.

Passos soam do lado de fora da porta, fazendo meu corpo endurecer. Quando eles passam, relaxo e libero a respiração que eu estava segurando.

Vlad suspira, caindo de cócoras na minha frente. — Yuri, meu pai, não vai mais te machucar. Ninguém vai.

Minha mente deriva para meses atrás.

***

Ele está furioso.

E quando Molokh está furioso, ele desconta em mim.

Eu me encolho em sua cama, enrolando em mim mesma. Talvez ele esqueça que estou aqui. Talvez ele saia do quarto para passar o resto da noite bebendo na biblioteca como às vezes faz. Pelo menos quando ele fica ridiculamente bêbado, ele é legal comigo. Durante esses momentos, ele me chama por outro nome e me beija em lugares que fazem meu corpo me trair. Mas depois desses momentos são sempre os piores. Quando a embriaguez desaparece e a compreensão se instala, ele me machuca tanto que mal posso ficar em pé.

Esses momentos de carinho valem a dor que se segue?

Nada vale a sua ira.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, me dê forças.

Ele discute com seu filho Vlad no telefone. — Darya está ficando chata? — A voz de Vlad soa através do alto-falante. Meu coração para.

Molokh pega um punhado do meu cabelo e me puxa de joelhos ao lado dele. Ele me dá um tapa tão forte na minha bochecha que eu grito de dor.

— Darya está aprendendo a levar um punho em sua boceta. Ela está bem. — Molokh olha para mim, desafiando-me a desafiar sua mentira.

— Agora, acabamos? — Vlad esbraveja.

— Nós discutiremos o resto depois. Dê a minha futura nora meus cumprimentos, — Molokh fala entre dentes, em seguida, aperta o botão para terminar a chamada.

Seus olhos malignos deslizam pela minha pele. — Você acha isso engraçado?

Meus olhos se arregalam de horror e tento sacudir a cabeça. — N-não.

Eu grito novamente quando ele me prende na cama, afastando minhas coxas. Ele se atrapalha com o cinto, depois tira sua masculinidade flácida. É como se Deus cuidasse de mim, porque ele nunca pôde ficar duro como quer. Mas a desvantagem é que sempre o enfurece. Ele esfrega-o contra mim e cutuca na minha entrada, mas ele se inclina para o lado errado e desliza entre as bochechas do meu traseiro.

— Prostituta fodida inútil, não consegue nem endurecer o pau de um homem! — Ele grita.

Estendendo a mão, ele pega um charuto da mesa e força o objeto dentro de mim, me fazendo gritar. Queima e eu choro contra sua crueldade. Ele me sufoca forte o suficiente que quase desmaio, depois tira o objeto ofensivo de dentro de mim e o coloca na boca dele. Seus olhos são sem alma e vazios quando ele fala: — Eu tenho alguém que quero que você conheça depois.

Finalmente ele sai, tempestuoso. Eu choro e durmo. Revirando-me o dia todo até escurecer. Horas e horas passam. Meu estômago ronca e a tristeza me corrói. Quando ele finalmente chega mais tarde, tropeçando

de bêbado e carregando uma tigela de uvas, eu estou quase feliz em vê-lo. Essa é a única maneira que posso tolerá-lo.

Ele sobe na cama e dá um tapinha nas coxas dele, o brilho da lâmpada de cabeceira quase o fazendo parecer amigável. Eu me aproximo dele, me sento em sua coxa como ele quer e como avidamente as uvas com as quais ele me alimenta. Porque ele está bêbado e seus olhos mal estão abertos, muitas caem, e vou caçá-las depois que ele adormecer. Quando elas estão quase acabando, ele me puxa para ele. Seus lábios pressionam docemente a minha bochecha e eu posso sentir o cheiro da bebida.

— Por que você me deixou, doce Vera? — Ele pergunta, sua voz sofrida.

Eu abro minha boca para lembrá-lo pela centésima vez que eu não sou ela, mas ele empurra outra uva para dentro. Ele se inclina para frente e beija meu ombro nu... desajeitado, mas é gentil. Aceitarei gentileza sempre. Seu toque é suave, e ele me embala como se eu fosse preciosa. E então ele me coloca de volta na cama.

A porta do quarto se abre e um homem entra. Parece que ele está instável em pé, também intoxicado por bebidas alcoólicas. Eu não o reconheço. Este homem é diferente de Molokh. Ele é mais alto, mais musculoso e tem feições bonitas. Ele parece perigoso, no entanto. Assim como todos os homens do meu mundo.

Eu congelo e mordo o interior da minha bochecha quando Molokh sorri maliciosamente para mim.

— Você não disse como ela era bonita. — O homem sorri, olhando para o meu corpo exposto, a apreciação brilhando em seus duros olhos cor de avelã.

— Você acha que eu teria uma puta feia? — Molokh grunhe, ficando de pé e permitindo que o homem tome o seu lugar na cama ao meu lado.

Meu coração bate no meu peito enquanto seu cheiro invade meu nariz. Ele cheira limpo, como linho fresco.

— Prove-a, Artur. Faça-a gozar — exige Molokh.

— Você quer que eu te faça gozar, querida?

Um ruído soa e um vidro se quebra contra a parede.

— Não pergunte a ela. Apenas obedeça, — grita Molokh, e me faz pensar que este homem é mais prisioneiro, como eu, do que um amigo.

Tremores sacodem meus ossos. Quando o homem coloca a boca na minha pele, eu recuo para dentro de mim mesma.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus…

Seus beijos suaves arrastam entre meus seios machucados até o meu monte. Ele corre a língua pela minha fenda que está manchada com sangue do ataque de Molokh mais cedo.

— Você tem gosto de pecado, — ele murmura, sua respiração quente me fazendo cócegas. Eu luto contra o desejo de chorar. Eu não sou uma pecadora ou uma sedutora. Eu não quero isso.

Ele procura uma parte de mim que se sinta bem. Suga e mordisca. Tenho que segurar os lençóis embaixo de mim para me amarrar a este mundo e não me perder para a maldade. Seus dedos pressionam dentro de mim, me cutucando, e desta vez não machuca, enquanto ele procura os lugares dentro que me traem.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, perdoe-me por sentir isso.

— É isso aí, Vera, goze por toda a sua língua como eu sei que você pode, — Molokh rosna.

Às vezes, eu queria ser essa Vera que ele parece amar tão carinhosamente.

O homem entre minhas coxas encontra o ponto dentro de mim que me faz ver estrelas. Eu grito e cedo ao prazer pecaminoso que possui meu corpo. Vou rezar muito mais pelo perdão mais tarde.

Por enquanto, deixo o prazer me atacar, em vez de sentir dor, porque amanhã, voltarei aos negócios como de costume.

***

— Darya, — Vlad fala entre dentes, me tirando dos meus pensamentos.

Minhas bochechas estão molhadas e Irina me entrega um lenço.

— Sim? — Eu exalo.

— Ele não vai te tocar de novo, — ele promete.

A promessa nessas palavras pode ser sentida até a minha alma. Eu sou tola, porque realmente acredito nele.

Capítulo Cinco

Vas

O vento assobia contra o meu carro, me avisando de uma tempestade iminente. Eu estive sentado aqui só Deus sabe quanto tempo, olhando para o cemitério na minha frente através do meu para-brisa.

Pensamentos de Darya atormentam minha mente. Deixá-la na cova do leão depois de saber o que ele poderia ser para ela, me incomoda mais agora do que antes. Que tipo de dano psicológico isso causará a ela?

Eu estive esperando pela oportunidade de tirá-la de Yuri, e até mesmo colocar um plano em prática para apenas fugir com ela, como uma sombra na noite sumindo com ela, e nunca mais voltando. Mas agora tudo é diferente. Eu não teria que deixar minhas irmãs. Elas precisam de mim. Não posso abandoná-las, porque tanto quanto eu odeio admitir, também preciso delas.

Com um suspiro de frustração, abro a porta e enfrento os elementos. O cascalho se agita sob minhas botas enquanto ando pelo estacionamento até a calçada que me levará para onde preciso ir. Uma chuva leve me molha em um refrescante brilho de água. Quando chove, é um sinal da abertura do céu, permitindo que os anjos desçam para zelar por nós. Minha mãe sempre me disse isso. Espero que seja verdade esta noite e eles estejam cuidando do meu anjo.

Eu ando na direção do lugar de descanso final da minha mãe. Quando sua lápide aparece, um bocado de dor desliza no meu coração.

Mãe devotada

E ela foi. Ela me deu o que eu precisava enquanto crescia. Mais importante, ela me deu amor.

— Ei, mãe. — Eu suspiro, abaixando-me e tirando alguns detritos de seu túmulo.

— É nessas horas que eu queria que você estivesse aqui para me dar sua sabedoria. Nunca sei se o que estou fazendo é certo ou pelas razões certas. — Outro suspiro frustrado. — Você sempre foi rápida para me endireitar. — Eu rio, puxando minha jaqueta em volta do meu pescoço para lutar contra a corrente de ar.

— Esta menina... — Eu paro, procurando pela palavra certa. — Ela é diferente, mãe. Não sei o que é. — Eu coço minha mandíbula, pensando. — Merda, talvez saiba. Talvez seja por sua causa. Você não me deixou tornar-me um deles. Você me ensinou a ser melhor. Porra, sinto sua falta. — Levantando-me, me limpo e cerro os punhos. — Eu prometo que não vou deixá-la ser outra de suas vítimas.

***

A lua está espreitando através das nuvens quando chego em casa. *Lar*. Este lugar nunca me fez realmente sentir em casa, apesar de ter crescido aqui por muitos anos.

A luz que vem do escritório do meu pai brilha sob a porta fechada. Considero bater para ver por que ele está acordado tão tarde, mas decido contra isso quando ouço gemidos e batidas de pele vindo de dentro.

Quando dou a volta no corredor, quase colido com a senhora Volkov.

— Bem, o bastardo retorna, — ela insulta. — Continuo esperando que você vá embora e nunca mais volte. Que horas são?

— Tarde, — eu rosno. — Ou cedo. Depende de como você olha para isso. — Eu sorrio, meus olhos brilhando com ameaça.

— Dia, seu idiota. Eu perguntei que dia? — Ela estala os dedos no meu rosto como se eu não fosse a pessoa lúcida. Quão drogada ela está? Olhando em volta de mim, ela começa a andar sem esperar por uma resposta.

Aperto meu punho enquanto um suspiro pesado me deixa. Virando-me, eu chamo: — Olga, espere. Deixe-me ajudá-la a voltar ao seu quarto.

— Eu vou encontrar meu marido. — Suas palavras são inseguras e fracas.

Ela está instável em pé, e uma carranca marca suas feições quando ela olha para mim por cima do ombro.

Amaldiçoando internamente, eu marcho em direção a ela e a viro. — Ele só foi te pegar um pouco de água, e vai levar para o seu quarto, — eu asseguro a ela, guiando-a para longe dele. Não é que queira protegê-la de ver o marido dela enfiado até as bolas em outra mulher, ou protegê-lo de ter que lidar com as consequências, eu faço isso pela pobre empregada de quem ele está exigindo deveres extra. Por que ela deveria perder o emprego e ser exilada por sua esposa irritada só porque ele não pode manter as calças fechadas?

Estou surpreso quando ela me permite entrar em seu quarto e sentá-la na cama.

— É tarde. — Eu pego seu frasco de comprimidos para dormir. Pegando um entre meu dedo e polegar, gesticulo para ela abrir a boca.

Uma carranca cobre seus traços quando ela pega a pílula de mim. — Eu não sou uma criança.

Poderia ter me enganado.

— Você deve tomar um banho e deixar fazer efeito, — eu insisto.

— Você está dizendo que estou suja? — Ela tenta estreitar os olhos, mas eles fecham, em seguida, se abrem com um sobressalto de seu corpo.

— Na verdade, eu estou dizendo que você cheira mal e seu cabelo está uma bagunça.

Seu suspiro é audível e a mão dela bate em mim, mas ela é muito lenta e descoordenada. Seus membros desmoronam em seu colo com um baque suave. Eu rio, mas não é por diversão... é pena. Todos aqueles jovens anos da minha vida, eu queria fazer parte disso. Minha

mãe foi expulsa e forçada a acreditar que estava abaixo dela. Nada comparado a sua esposa glamorosa. Mas esta bolsa de ossos, drogada, acabada e deprimida, não tem nada que minha mãe pudesse querer. Nada que eu deveria querer.

O homem pelo qual ela lutou tanto para manter minha mãe afastada, a secou e drenou, a deixou se medicar para a inexistência enquanto ele fode com outra de suas empregadas.

— Eu não cheiro mal, não é? — Sua voz é tão baixa, eu me esforço para ouvi-la.

— Você deve tomar banho e colocar uma camisola limpa para se sentir mais confortável, — eu sugiro.

— Eu gosto de tomar banho, — ela murmura.

Assentindo minha cabeça, arregaço as mangas. — Vou te preparar um.

— Por quê? — Ela pergunta antes de eu chegar à porta de seu banheiro.

— Por que o quê? — Dobro meus braços em meu peito, estudando-a.

— Por que me mostrar bondade?

É um conceito tão estranho para uma mulher como ela.

Soltando uma respiração frustrada, eu respondo: — Porque não custa nada mostrar bondade a outro humano. E é bom para a alma. Você deveria tentar isso algum dia.

Deixo que ela pense nisso e me convenço a não afogá-la na banheira enquanto a encho. Minha mãe não iria querer que eu a vingasse matando essa mulher. Ela está morta o suficiente. Ela criou seu próprio inferno e está vivendo dentro dele. E isso é bom o suficiente para mim.

***

Eu fico até ela sair do banheiro para ter certeza de que ela não adormeceu e se afogou ali. Quando ela deixa cair a toalha e me observa por uma reação, eu enrijeço, em seguida uma risada suave e zombeteira

me deixa. Andando até onde ela está, me inclino para pegar sua toalha e segurá-la para ela pegar.

— Quão longe a poderosa caiu. — Eu sorrio e saio do quarto depois que ela a arranca das minhas mãos. Há limites para quanta gentileza posso mostrar a essa mulher.

***

Três horas de sono, duas bebidas energéticas e uma barra de proteína que tem gosto de couro, e estou de volta à mansão Vasiliev. Diana me cumprimenta quando entro. Vendo a confusão no meu rosto, ela sorri.

— Você não achou que eu estaria aqui? Eu te fiz uma promessa. — Ela levanta uma sobrancelha perfeitamente arrumada.

— Eu só não esperava que você estivesse aqui tão cedo, — eu digo.

— Você me ensinou que o pássaro madrugador pega a minhoca. Isso ficou. — Ela encolhe os ombros, inclinando-se para beijar minha bochecha.

Nossas sessões de treinamento para o The Games foram brutais, do amanhecer ao crepúsculo todos os dias durante meses. Esse padrão ficou comigo também.

— Onde ela está? — Eu tento não parecer desesperado, mas esta vibração nas minhas veias está me deixando no limite. Eu preciso ver que ela está bem com meus próprios olhos.

— No jardim, — Diana me diz com um sorriso suave. — Vá. Eu só vou pegar algo para ela comer e beber.

É a minha vez de erguer uma sobrancelha para ela.

— Eles têm empregados para isso, — eu zombo e ela me soca no braço.

— Eu não preciso ser servida.

Diana caminha em direção à cozinha, e encontro meus músculos enrijecendo enquanto atravesso a casa em direção à porta dos fundos que leva ao jardim.

Eu a vejo pela janela ao lado da porta, mas não saio ainda. Sua beleza é fascinante, e faço uma pausa para olhar. Ela está entre as roseiras, inalando o cheiro de cada uma como se fossem todas únicas. Há um brilho em sua pele quando está sendo iluminada pela luz do dia. Meus olhos percorrem seu corpo, admirando a maneira como o vestido que eles lhe deram molda seu corpo, acariciando suas curvas enquanto esconde a pele de olhos curiosos. Seus longos cabelos estão limpos e escovados, soltos pelas costas. Há dor em seus olhos castanhos, uma tempestade da qual ela está desesperada para encontrar abrigo. Anseio por apagar sua mágoa. Nossos olhos se encontram através do vidro. Ela separa seus lábios em uma inspiração de ar quando percebe que tem companhia, e eu congelo. Uma onda de adrenalina atinge meu sangue quando seus lábios se abrem em um pequeno sorriso.

Um sorriso. Só para mim. Ela finalmente cheirou aquelas rosas.

***

Seis meses atrás

Faz semanas que a vi pela primeira vez, a pequena escrava Vasiliev. Parte de mim queria que nunca tivesse que vê-la novamente. Ela é uma complicação que não preciso, e eu não deveria fazer dela meu problema, mas não importa o quanto tente me convencer disso, ainda pego meus olhos se desviando e procurando por um vislumbre de sua existência.

— Vas? — Irina chama, rindo da minha mente ocupada.

Sorrindo, eu corro a mão pela minha nuca. — Desculpe, mana. O que você estava dizendo?

— Eu perguntei como está indo o treinamento de Diana.

Minha atitude se transforma em suas palavras e examino a sala em busca de espiões. Eu sei que Irina nunca forneceria informações para Vlad ter vantagem sobre Diana, mas eu também não duvido que ele gravaria minhas conversas com Irina para aprender sobre meus métodos de treinamento e sobre o progresso de Diana.

— Bem, — é tudo que digo em um tom cortante. Eu odeio ver a testa franzida e os dentes mordendo o lábio inferior de Irina, mas Diana precisa ser minha prioridade agora.

— Falando nisso... eu realmente tenho que ir vê-la, então obrigado pelo café da manhã.

Levantando-se, ela desliza a mão sobre o coração e suspira. — Eu odeio a distância entre nós agora.

Eu não preciso que ela entre em detalhes para saber que está se referindo a ela e a Diana. O rompimento não durará. Diana adora Irina e estaria aqui em um instante se ela fosse necessária.

— Um vínculo como o de vocês não pode ser quebrado, Irina. Suas almas estão ligadas pelo sangue e pela história. Vocês encontrarão paz juntas novamente. Apenas olhe para nós. — Eu sorrio, e ela retorna com um sorriso próprio.

— Você está certo. Obrigada por vir hoje.

— Sempre.

Eu beijo sua bochecha, depois me vejo fora de sua sala de café da manhã.

Uma vez que alcanço o foyer, ouço o grito alto de Yuri, — Fique! — Eu me viro para vê-lo empurrar a garota nua que eu esperava que só tivesse sonhado existir em um dos muitos quartos situados dentro das paredes de sua mansão, como se ela fosse uma cão que ele não gosta. Ele não reconhece minha presença quando passa por mim e desaparece de vista, seu guarda-costas logo atrás. Imbecil.

Eu deveria ir, mas meu corpo se move pelo corredor e desliza para o quarto onde ela está.

Ela está de costas para mim, seu corpo em exibição como uma exposição de arte. Seus longos cabelos caem pelas costas, descansando

logo acima da curva onde sua bunda começa. Ela é tão linda, e eu me sinto um merda pelos impulsos se dirigindo ao meu pau.

— Ei, — eu digo no silêncio. Sua cabeça gira e os olhos se expandem. Ela cai no chão, inclinando a cabeça e meus músculos se tensional em um nó.

— Eu não sou seu mestre, — digo a ela, odiando que ela tenha um. O mundo é um lugar fodido, e odeio que eu seja parte desse lado.

— Deixe-me ajudá-la, — eu ofereço, pegando-a debaixo do braço e a ajudando a ficar de pé. Meus olhos absorvem o tom escuro de seus peitos arrebitados, seus mamilos duros e implorando pela minha boca quente. Eu sou um idiota, mas humano. Talvez em outra vida, pudesse conhecê-la da maneira certa, levá-la em encontros reais e cortejá-la. Porra, me escute... cortejá-la? O que diabos há de errado comigo?

Observando seus olhos percorrerem a porta fechada, eu sorrio para aliviar sua tensão.

— Yuri parecia com pressa. — Eu dou de ombros e aceno para a janela que ela estava olhando momentos antes.

— Você quer um pouco de ar? — Eu gesticulo e caminho até as portas do pátio.

— Elas cheiram tão bem quanto parece? — ela pergunta docemente, seus olhos examinando os arbustos de roseiras espalhados logo além do pátio.

— Por que você não vai ver por si mesma? — Eu destranco o trinco, e seu corpo se torna rígido. Como um animal assustado, o medo dela solidifica toda a sua essência.

— É proibido, — ela sussurra.

— Como você acabou aqui? — Eu suspiro, caminhando de volta para ela e deslizando minha mão para colocar uma mecha errante de cabelo atrás da orelha. Ela é deslumbrante, sua beleza é suave e frágil. Características esculpidas criando olhos largos e ovais quase grandes demais para o rosto, um nariz delicado e lábios grossos... o de cima tão carnudo quanto o de baixo. O desejo de provar essa beleza é um zumbido constante no meu sangue, pulsando direto para o meu pau e

esgotando oxigênio do meu cérebro. Eu não deveria estar aqui com ela assim. É loucura da minha parte.

— O homem do diabo.

Suas palavras penetram no nevoeiro entupindo meus pensamentos. Eu pisco para sair do estupor que ela me manteve. — O quê?

Sua língua sai para molhar os lábios e eu suprimo um gemido.

— Você perguntou como eu acabei aqui. — Ela assente. — O homem do diabo me enviou.

Antes que eu possa perguntar mais a ela, a porta se abre e uma empregada entra, seus passos titubeiam quando ela me percebe de pé aqui. — Oh, me desculpe. Fui enviada para Darya.

— Darya, — eu repito, um sorriso curvando meus lábios. Um belo nome para uma linda garota.

— Tchau, — Darya sussurra enquanto obedientemente vai para a mulher estendendo a mão para ela.

— Vas, — eu digo. Sua cabeça gira levemente para que ela possa ouvir minhas palavras. — Meu nome é Vas.

***

Algo aconteceu comigo naquele dia. Eu senti isso dentro de mim, um impulso tão forte por ela, não sei por que lutei contra isso. É como se minha alma reconhecesse a dela, a dor, a traição, a criança perdida procurando um refúgio, um lar, alguém que a quisesse. E foda-se, eu a quero. Não apenas o corpo, mas seus pensamentos, suas palavras, seus sorrisos. Eu quero protegê-la deste mundo odioso. Torna-se aparente para mim, tão impactante neste momento que meus joelhos quase se dobram.

Estou ansioso para cheirá-la como ela cheira aquelas rosas. Eu sei que o cheiro dela é único, e quero inalá-la.

Sua cabeça se curva e ela volta a cheirar as rosas. Estou prestes a abrir a porta e me juntar a ela quando ouço passos se aproximando por trás.

— Quem é a recém-chegada? — Uma voz familiar pergunta, chegando para ficar ao meu lado, me distraindo da minha linda vista.

Eu me viro para ver um dos poucos idiotas por aqui que não desgosto.

— Ivan, — eu digo, sorrindo enquanto pego sua mão oferecida e agito.

— É bom ver você, mas a vista é um pouco melhor ali. — Ele pisca enquanto gesticula para fora da janela, o nó dos dedos correndo ao longo do vidro.

Ignorando o desejo possessivo de quebrar sua mão, eu o solto e sigo seus olhos de volta para Darya.

— Ela é uma convidada aqui, ao contrário de alguns, — Vlad responde firmemente, chegando para ficar ao meu lado.

Os ombros de Ivan endurecem, e ele enfia as mãos na calça do terno. Ele dá a Vlad um olhar feroz. Ivan pode ser muito mais velho que Vlad, mas ele conhece sua posição. E é muito mais abaixo do que o de Vlad Vasiliev. — Meu pai disse que você me solicitou, — diz Ivan para ele. — Para iniciar meu treinamento para o The V Games.

Ele é o lutador que eles querem que eu treine?

Ivan é apegado aos seus hábitos, velhos, e será muito mais difícil treiná-lo do que um jovem lutador.

— Se eu quisesse que um velho lutasse por mim, mandaria Veniamin, — Vlad responde, enquanto Diana retorna com uma bandeja de comida. Ele é um mentiroso e só está tentando provocar uma reação de Diana e Ivan. Ven pode ter apenas quarenta e nove por cento dos negócios, mas ele nunca receberá ordens de Vlad.

Diana eriça-se antes de revirar os olhos, empurrando a porta e indo em direção a Darya. Ivan olha para ela quando passa. Isso poderia ser um problema se ele ainda estiver amargurado por ela ter matado seu irmão, Artur. Por outro lado, se eu pudesse aproveitar essa raiva,

isso faria dele uma força implacável no The Games. Às vezes a fraqueza de um homem pode ser moldada em sua maior força.

Vlad tira sua jaqueta e joga por cima do ombro antes de sorrir presunçosamente quando as feições de Ivan enrijecem ante a cena diante dele.

Eu sigo a atenção dele para Diana enquanto ela entrega a Darya um copo de suco de laranja. Darya bebe de uma só vez, como se estivesse morando em um deserto e acabasse de encontrar seu primeiro poço.

— Não é a de Yuri...? — Ivan começa, caindo-lhe a ficha.

— Não, — Vlad e eu falamos rispidamente antes que ele possa terminar suas palavras.

Ele vira a sua atenção a nosso lado, franzindo a testa. — O que está acontecendo? — Seus ombros estão tensos enquanto nos observa. Ele levanta o braço para esfregar a nuca, como se o gesto o ajudasse a relaxar.

Vlad o prende quando toda a sua atenção e fria fúria caem sobre Ivan. — Eu vou te dizer o que está acontecendo, — Vlad diz raivoso. — Seu pai enviou o Voskoboynikov errado.

A tensão é palpável. Eu quero sugerir que levemos isso para onde Darya não esteja perto se a raiva de Vlad assumir uma nova forma.

— Artur morreu em seus jogos, — Ivan cuspiu, apontando para Diana. — *Ela o* matou. Eu sou o único Voskoboynikov sobrando.

Vlad solta um suspiro e estala o pescoço.

— Ivan, — digo em uma voz calma. — Ela estava sobrevivendo. Não foi pessoal e é melhor você não ficar em desvantagem. Ela é minha irmã, lembra? — É melhor ele se lembrar, se sabe o que é bom para ele.

— E o que acontece no The Games é esquecido quando termina, — Vlad diz bruscamente. — É lamentável quando perdemos irmãos, mas entrar no The Games vem com um alto risco. Artur sabia disso.

Com um suspiro pesado, Ivan assente com a cabeça, resignado. — Perdoe-me por minha dor governar minha cabeça. Ainda é

recente para mim. Eu acho que você não vai querer um Voskoboynikov para lutar por você depois de tudo. — Ele se vira para sair, mas a risada sombria de Vlad o para, e eu faço uma careta. Que jogo ele está jogando agora?

— Pelo contrário. Eu quero o mais novo Voskoboynikov.

A atmosfera engrossa enquanto Ivan se vira para encarar um Vlad satisfeito.

— Ela é uma menina. — Ivan sacode a cabeça em desgosto. — Alyona é apenas uma garota.

Vlad não pode estar falando sério. Alyona não é apenas uma garota; ela é uma garota feminina... uma maldita princesa. Uma amiga.

— Ela é uma mulher, na verdade, e as mulheres provaram ser uma ótima arma dentro dos Jogos. — Vlad estreita o olhar sobre Ivan, incitando-o a discordar.

Porra. Alyona *não* é Diana.

— Meu pai não vai permitir isso. — Ivan cruza os braços sobre o peito como uma criança crescida e petulante.

— Seu pai vai fazer o que lhe for dito, — Vlad zomba. — Como um bom *menino* Voskoboynikov.

Ivan fecha as mãos em punhos e range os dentes. — Mas *seu* pai não permitirá que uma mulher lute por ele.

A mandíbula de Vlad enrijece antes que ele sorria. — Ela não será a lutadora dele. *Você* será. Ela lutará por mim.

Palavras não são mais compartilhadas, e Ivan nos deixa profundamente no nevoeiro de sua raiva.

— Uma mulher? — Eu pergunto uma vez que Ivan se foi. Tento esconder minha irritação o melhor que posso. Ela não é nada como Diana. Nem mesmo perto. Ela está tão longe de ser uma lutadora que é quase uma sentença de morte propor a possibilidade de colocá-la nos The Games.

O olhar de Vlad está do lado de fora em Diana. Minha irmã permanece do outro lado do jardim, com a testa franzida, os braços

cruzados enquanto observa Darya. Darya continua a acariciar as flores, completamente alheia ao seu público.

— Ela é uma coisa e tanto, — Vlad declara admirado.

— Diana? — Eu pergunto, estreitando meus olhos nele.

Seu lábio se enrola em desgosto. — Não, Darya. Ela é tão…

— Inocente? — Eu ofereço.

— Diferente. — Ele franze a testa. — Eu não entendo porque minha mãe iria mandá-la embora e não apenas devolvê-la para nós.

Eu coloco uma mão em seu ombro para oferecer conforto. — Às vezes, nunca recebemos as respostas de que precisamos, e às vezes as mães fazem coisas para seus filhos para protegê-los. Talvez ela achasse que estaria melhor em um convento.

Minha mãe não me disse quem era meu pai até seu leito de morte. Ela não queria que eu crescesse influenciado por ele.

— Ele não merecia você. Você é muito mais do que seus parentes, Vas.

Com um grunhido, Vlad move os ombros e afasta minha mão, e sai pisando duro.

Eu saio e caminho para Darya.

— Você está bem em assumir para mim? Eu preciso fazer uma ligação, — diz Diana.

Eu aceno com a cabeça e passo minha mão pelo seu braço em agradecimento por manter a palavra dela e cuidar de Darya.

Quando estamos sozinhos, me sento na grama. Arregaçando as mangas da camisa, me inclino para trás em minhas mãos e cruzo meus tornozelos nos pés. Aqueço-me no sol que espreita por trás de uma nuvem, e então um som como jamais ouvi soa no ar. Lindo. Melódico. Angélico.

Ela está cantando.

Baque.

Capítulo Seis

Darya

A extensão deste jardim é muito mais do que eu já vi antes. Flores crescem e florescem com aromas de perfumes que as mulheres ao meu redor usam. É encantador poder andar entre tanta beleza.

Quando sinto Vas perto de mim, um zumbido de contentamento vem de dentro. Antes que possa me parar, eu estou cantando suavemente. Faz tanto tempo desde que senti o desejo, isso traz uma lágrima aos meus olhos. Eu não quero cair no equívoco de que esta poderia ser a minha vida agora. Se esses testes de que falam retornam com resultados negativos, então serei jogada de volta aos lobos. Talvez Vas fale a verdade quando diz que isso nunca acontecerá. Não tenho motivos para desconfiar dele, mas também sei quão poderoso Molokh é, e se ele quiser me ter de volta com ele, ninguém será capaz de detê-lo.

— Por que você parou? — Vas pergunta, fazendo meu coração estourar dentro do peito.

Eu me viro para encará-lo e abaixo para sentar-me em frente na grama verde fresca. Correndo a palma da minha mão sobre as folhas suaves, me pergunto se fazem algo para torná-la tão verde e saudável. Este jardim inteiro parece uma pintura.

— Eu quase não canto mais, — admito, minha voz um sussurro suave.

— Você cantava no seu convento? — Ele pergunta, puxando uma folha de grama e rasgando-a em dois.

— Eu costumava, e então... — Eu franzo a testa enquanto a vergonha me supera.

— E então? — Ele sonda, colocando uma mão em cima da minha, me dando um aperto reconfortante.

Minha mente acelera com lembranças da noite em que fui expulsa do coral.

***

— Como somos abençoados por tê-la como parte do coral, — diz o arcebispo Dimitrov com orgulho, sorrindo para mim. — Assim como eu sabia, sua voz, sua pureza e sua graça permitiram que você brilhasse como o anjo que você é. Mas precisamos conversar.

Estou animada com o elogio dele, mas não me sinto confortável em ficar sozinha com ele. Da última vez... da última vez... fui uma tentação para ele. Um fio de suor escorre pela minha espinha enquanto dou um passo para trás em direção à porta.

— Você não tem nada a temer, criança, — ele diz suavemente. — Eu orei e pedi perdão ao Senhor. Somos todos pecadores. Não há maneira de contornar isso. O sangue de Cristo, porém, nos lavou. Tudo o que temos a fazer é pedir perdão. Nós temos um Deus amoroso.

Meus nervos desgastados estão aliviados. — Eu rezei também, — murmuro. — Eu rezei para nunca mais ser uma tentação. Que nunca colocaria você nessa posição novamente. — Eu olho por cima do meu ombro para a porta aberta, me perguntando se deveria sair correndo.

Mas então, a irmã Ivanonva estaria esperando. Ultimamente, ela me repreende impiedosamente, como se soubesse exatamente o que o arcebispo Dimitrov e eu fizemos naquele dia. Eu sinto que ela quer me punir. Talvez Deus a tenha enviado para fazer sua vontade.

— Feche a porta, criança, — diz o arcebispo Dimitrov com firmeza. — Você está tremendo. A irmã Ivanonva fez alguma coisa para você? Preciso repreendê-la?

Volto minha atenção para ele. — Eu, ah...

Do fundo do corredor, posso ouvi-la castigando alguém bruscamente. Eu recuo imaginando seu olhar duro em mim. Sempre a amei e achei que ela me amava, mas algo mudou nela ultimamente. Estou mais uma vez me sentindo fria e sozinha.

— A porta.

As palavras do arcebispo Dimitrov são autoritárias e duras. Minha mão treme quando saio para pegar a maçaneta. Sinto olhos ardendo em

mim e capto o olhar da irmã Ivanonva. Ela me observa quando fecho a porta. Seus lábios se juntam, mas ela não me diz não.

Fecho a porta e me viro para olhar o arcebispo Dimitrov. Ele está bonito como sempre. Um sorriso aparece no meu rosto. Seu cheiro é mais forte aqui. É um perfume que gosto bastante. Eu tento não pensar na última vez. Quando seu corpo estava se esfregando no meu. Como eu estava com medo na época, mas como a memória ardeu dentro de mim depois disso.

Eu me toquei.

Foi por acaso, enquanto estava no chuveiro, mas quando meu dedo deslizou entre as minhas dobras, um prazer requintado me fez estremecer. Eu queria explorar a sensação, mas então ouvi algumas outras freiras rindo ao entrarem no banheiro. Eu orei a noite toda, implorando ao Senhor para me perdoar por meus pensamentos e ações desobedientes.

A cadeira do escritório do arcebispo Dimitrov range quando ele se recosta. Seus olhos estão entrecerrados e aguçados enquanto me observa. Estou grata que ele permaneça em sua cadeira neste momento.

— O Senhor falou comigo ontem à noite durante minhas orações, — ele murmura, sua voz grave.

— Ele falou? — Meus olhos se arregalam.

— Claro, criança. Ele fala comigo frequentemente. É meu dever escutar suas palavras e segui-las com o melhor de minha capacidade.

— O que Ele disse?

— Ele quer que nos arrependamos juntos.

— Se arrepender como?

— Vá ficar perto do canto, — ele instrui, sua voz rouca. — Em frente a parede.

Franzindo a testa, assinto e obedeço. Sua cadeira range novamente, e ele solta um pequeno gemido.

— Levante o seu hábito. — Suas palavras são bruscas, não deixando espaço para discussão.

— O q-quê? Por quê?

O silêncio é frio e então ele fala. — Porque o Senhor quer que seja feito.

Castigada, eu pego minha saia e a levanto, parando abaixo do meu traseiro.

— Poupe a vara, e você estraga a criança, é o que a Bíblia nos ensina, — diz ele, com um tom triste. — O Senhor quer que eu te chicoteie por me tentar.

Eu recuo, lágrimas brotando nos meus olhos.

— Mas eu não quero, — ele me garante.

Suas palavras fazem meu coração se apertar. — Obrigada.

— Se eu desobedecê-lo, precisarei tomar o castigo.

— Não, — eu grito, olhando por cima do ombro para ele. — É minha culpa.

Ele sacode a cabeça. — Basta. Como seu superior, farei o que é melhor. Agora, incline-se e mostre seu traseiro para mim. Abaixe sua calcinha e deixe-me ver quão pura você é. Quando me punir, eu serei lembrado de que estou fazendo isso por você. Para mantê-la a mais pura possível. É meu dever.

Deixo escapar um soluço abafado. — Eu sinto muito.

— Não se desculpe, — ele murmura. — Apenas me obedeça. Quanto mais cedo você fizer, mais cedo nós podemos acabar com isso. Deus ficará contente por alguém ter pago por esses pecados. É uma honra para mim.

Lágrimas escorrem das minhas pálpebras enquanto eu levanto o meu hábito e o coloco ao redor da minha cintura. Ele solta um suspiro agudo atrás de mim.

— Abaixe-a, — diz ele com voz rouca.

Assentindo, enquanto as lágrimas escorrem, empurro minha calcinha branca pelas minhas coxas. O ar parece frio contra o meu traseiro. Eu gostaria que ele me chicoteasse em vez de tomar o castigo.

Ele solta um gemido, e a cadeira range novamente, depois tapas de pele. O que ele está fazendo? Ele está punindo sua masculinidade por

ficar duro da última vez? Mais lágrimas rolam. Quão terrível deve ser para ele!

— Eu sinto muito, — eu soluço. — Eu sinto muito.

Os tapas continuam. Ele solta todos os tipos de sons, depois um gemido de dor, seguido de um suspiro. Ainda permaneço parada, mas agradeço que as punições tenham cessado.

— A visão de sua carne permanecendo intocada valeu a dor, — ele me garante. — Levante sua calcinha e se torne apresentável novamente.

Vacilo para arrumar minhas roupas, então me viro para vê-lo depositar um lenço de papel no lixo. Ele segura um lenço limpo para mim. Eu corro para pegá-lo dele. Seu olhar se torna severo quando ele agarra meu pulso.

— Sinto muito, criança, mas Deus não quer mais você como parte do coral. Não até que ele esteja satisfeito que nossas punições foram cumpridas, — diz ele com tristeza.

— Não, — eu digo sufocado. — Por favor.

— Não implore de mim. Você deve implorar a Ele esta noite antes de ir dormir. Ele é um Deus misericordioso. Você acabará por cair em suas boas graças mais uma vez. Eu sei isso. Até lá, você vem me ver todas as noites depois do jantar, como hoje à noite. Vou levar suas punições, repetidamente, até que Ele esteja satisfeito. — Ele solta minha mão e me dá um sorriso. — Você está dispensada.

Eu corro da sala e pelo corredor. Meus olhos estão embaçados pelas minhas lágrimas. O coral era tudo para mim. Amo cantar. Foi um presente de Deus e agora foi tirado de mim. Até quando?

A irmã Ivanonva entra no meu caminho e quase corro direto para ela. Seus olhos estão intensos enquanto ela olha para mim.

— Amante da noite, — diz ela friamente. — O diabo manda você fazer o trabalho sujo dele, hmmm?

Eu recuo para longe dela e balanço a cabeça. — Não, irmã, eu estava… — A vergonha reveste minhas palavras. Apenas o Arcebispo Dimitrov, eu e Deus sabemos o que aconteceu e por que eu precisava ser punida. Eu não posso admitir isso para ela também.

— Eu sei o que você estava fazendo. Não aja como se você fosse a primeira freira bonita a tentar um homem — ela sussurra, agarrando meu bíceps.

Eu grito enquanto ela me arrasta ao longo do caminho pelos jardins. Nós nos aproximamos de um banco onde gosto de sentar e ler minha Bíblia tarde da noite sob as estrelas. Hoje à noite, porém, a lua e as estrelas estão escondidas atrás da cobertura de nuvens.

— Ele manteve você pura? — Ela exige. — Punindo-se?

Eu fico boquiaberta com as lágrimas rolando pelo meu rosto. — Eu, ah...

Mágoa pisca em seus olhos enquanto ela murmura, — Eu pensei que era especial. — Então ela me empurra para o banco, e zomba, — Deus me concedeu a tarefa de punir vocês dois.

— Mas ele...

— Eu sei o que ele fez, — ela fala. — E seu traseiro permanece tão puro quanto o dia em que você nasceu. Ele vai continuar a punir os dois por meses e meses. Então, quando você acha que ele se apaixonou por você, ele vai te deixar de lado por alguém mais jovem e mais bonita... alguém que ele não esteve dentro e maculou... alguém pura.

Eu não entendo as palavras dela, ou o que ela quer dizer.

— Irmã Ivanonva, — imploro. — Eu não entendo.

— É para Deus entender, e eu realizar por Ele. Agora, coloque as mãos no banco. Faça como o Arcebispo Dimitrov pediu de você. Exponha a tua pureza para mim, para que eu possa reclamar o Seu castigo.

Com as mãos trêmulas, eu obedeço. Levanto meu hábito e desço minha calcinha. Um estalo ressoa nas proximidades, como um graveto arrancado de uma árvore. Um arrepio percorre minha espinha.

— Toda vez que você gritar, a punição será dez vezes pior. Fique quieta, amante, — ela ordena.

Pancada!

As lapadas que castigam meu traseiro mandam os fogos do Inferno queimando pela minha carne. Grito contra a minha vontade, e tomo outro

duro golpe. Mordendo meu lábio inferior para manter o soluço seguro, eu tento me manter firme enquanto ela me bate. De novo e de novo.

É isso que o arcebispo Dimitrov fez para si mesmo?

Ela chicoteia e chicoteia até meus joelhos tremerem, forçando-me a desmoronar. Meu traseiro está doendo, e sangue escorre das feridas. Estou tremendo incontrolavelmente quando ela se senta no banco ao meu lado. Seu toque é terno enquanto ela passa os dedos pelo meu braço.

— Você está segura agora, — ela murmura. — A punição agradará ao Senhor. E o arcebispo Dimitrov não terá mais que tomar suas punições por você. — Ela ri, e a frieza disso me faz tremer. — Estou ansiosa para quando ele descobrir minha obra. Ele ficará tão satisfeito.

Algo sinistro se esconde em seu tom, mas não ouso discutir com ela.

— Sinto muito, — eu sussurro.

— Vá para a cama, amante da lua. Eu deveria ter sabido no primeiro momento em que te peguei aqui, correndo livremente à noite, quando deveria estar dormindo que você era uma filha do diabo. Mas você também é filha de Deus. Cabe a você seguir o caminho da justiça. E não pense que não vou vigiar, ansiosamente esperando para te pôr na linha.

***

— Eu gostei dessa música, — diz Vas, me tirando do meu passado. — Foi triste, mas doce. Como você.

— Não estou triste quando você está aqui, — eu digo a ele honestamente, me deliciando com o sorriso que ele me recompensa.

Capítulo Sete

Vas

— Por que você fez isso? — Eu pergunto do canto do escritório do meu pai.

Meu *pai* pula de surpresa, quase largando o copo de uísque. — Você não pode ficar rastejando assim, Vas. Você vai se matar um dia.

Eu sorrio e caminho para sentar na frente de sua mesa. — Eu me viro sozinho. Agora responda a pergunta.

Ele puxa o nó da gravata e balança a cabeça enquanto se senta. Eu me vejo procurando semelhanças entre nós. Com prazer, eu pareço com minha mãe, mas quando ele vira seus penetrantes olhos azuis em mim, sei que essa é a parte que recebi dele. Os mesmos olhos azuis claros da minha irmã.

— Receio não saber do que você está falando, — ele bufa como se eu fosse um incômodo.

— As ações, — eu explico. — The V Games e as Primeiras Famílias eram uma coisa boa. Uma empresa lucrativa para o nome Volkov. Com Diana ganhando os jogos deste ano, deveríamos estar mais fortes do que nunca. Então, quero saber por que descobri no velório de Yegor que você desistiu de suas ações. The Games agora pertencem quase a uma divisão uniforme entre os Vasiliev e os Vetrovs, mas nada para nós, Volkovs.

Seus olhos se arregalam e ele esvazia seu copo. — Apenas negócios.

— Você desistiu de tudo, — digo friamente.

— As meninas se casaram em ambas as famílias. Dificilmente digo que desisti de algo. No mínimo, nós ganhamos uma situação mais poderosa, — ele argumenta.

— É sem lógica, — afirmo.

Seu rosto fica vermelho e ele franze a testa. — Foi um movimento de poder. Eu tenho planos que nem você sabe, garoto.

Estalo meu pescoço. Garoto. Este homem não tem ideia de quão letal eu sou. — Eu quero que você me diga.

Ele solta uma risada dura. — Por quê?

— Porque é do seu interesse que eu saiba de tudo. — Eu estreito meus olhos para ele. — Estou treinando um Voskoboynikov para o The Games.

— Você o quê? — Ele sibila. — E quem diabos te deu essa ordem? Você vai treinar pra mim. Para o nome Volkov.

— Fiz um acordo com Vlad, — eu digo a ele simplesmente. — Quando você não me inclui em seus planos, eu faço o meu próprio.

Ele olha para mim, mas então sua mente começa a trabalhar. — Eu deveria ter você treinando alguém para nossa família, mas verdade seja dita, não quero que ninguém manche o reinado que Diana tem. Ivan se já provou uma vez no The Games, por que eles querem que ele entre de novo? — Ele enruga o nariz como se estivesse sentindo algo suspeito.

— Não Ivan, a jovem Alyona, — digo a ele, observando seu rosto por resposta.

O silêncio preenche a sala antes de ele sorrir.

— Isso pode ser bom para nós. Se você treinar Alyona bem, e ela prosperar como nossa Diana, ela se tornará bastante valiosa como sua irmã. Então, meu filho pode se infiltrar na última das quatro primeiras famílias originais. Alyona seria uma boa esposa para você.

Desgraçado.

Cerro meus dentes. Eu com certeza não esperava isso.

Eu criei meu próprio negócio depois que a empresa de vodca foi para Irina e Vlad. E a mulher que escolhi para casar será apenas isso: minha fodida escolha. Ele está iludido se ele pensa o contrário.

— Eu estou indo para Moscou em poucos dias, — digo a ele, não me incomodando em discutir o fato de que ele não pode escolher minha esposa.

— Deixe-me orgulhoso, filho. — Ele sorri, e parece genuíno, caloroso até, quando que ele coloca a mão no meu ombro.

— Você não divulgou seus planos, — indico.

Suspirando, sua mão cai, e ele vai até sua mesa, reorganizando alguns papéis e depois se sentando. — Quando você precisar saber, irá, — é tudo o que ele me dá.

Eu balanço minha cabeça e o deixo com seu negócio. Eu não serei seu cachorrinho, implorando por restos. Já criei minhas próprias oportunidades, concentrando meus esforços no treinamento de Alyona e expandindo minhas instalações de treinamento para novos lutadores. Meu nome ganhou sua própria reputação em nosso mundo sombrio, e minhas lições vêm com um alto preço. Eu construirei meu próprio reino e todos aprenderão a que pés se curvarão.

***

Eu ando pela mansão Vasiliev em uma caçada por Vlad. Ele ligou e me pediu para vir imediatamente. A casa está quieta, e estou ansioso para procurar Darya, mas por enquanto, vou ver o que o homem tem a dizer.

Quando entro em seu escritório, suas feições são frias e ilegíveis. Isso me deixa nervoso.

— Feche a porta, — diz ele, apontando para a porta.

Fecho-a e me sento na frente de sua mesa. — Vlad.

— Vas. — Sua mandíbula enrijece, e eu não deixo de perceber o tremor em sua mão antes que ele a coloque em sua mesa.

— O que foi? — Eu pergunto duramente.

Seu comportamento faz meu sangue agitar nas veias antes de chegar ao seu destino e bombear descontroladamente no meu peito.

— Darya é minha irmã. — Ele engole em seco, sua expressão facial desabando, fazendo com que suas feições suavizem.

Eu solto um suspiro pesado de alívio. Se ela tem o sangue dele, ele cuidará dela.

— Mas ela não está segura, — diz ele, seus olhos âmbar se tornando tempestuosos. — Aqui não. Ainda não. Oleg, o homem com quem lidei quando adquiri Darya como...

— Escrava, — eu esbravejo.

— Ele sumiu da face da terra. Não posso acreditar que Oleg nos trairia assim, desaparecendo. Nós ainda não sabemos com certeza se foi Yegor por trás de tudo isso, e eu só quero ter certeza. Recuso-me a acreditar que é uma coincidência. Eu quero alguns meses para encontrá-lo. Ela ficará aos seus cuidados até eu buscá-la. Eu não a quero perto do meu pai.

Baque.

Por que ela não estaria segura com ele?

— Você achava que sabendo que ela é sua filha, ele a deixaria em paz, — eu quase rosno.

Sua expressão é estranha, mas não posso perguntar a ele sobre isso. — Quero que você a leve para Moscou com você. — Ele enrijece sua mandíbula. — Apenas certifique-se de que Rodion e Zahkar não a toquem. Nem um fio da cabeça dela. Se algo acontecer com minha irmã, quer ela queira ou não, você pagará.

Este filho da puta e suas ameaças. — E *como* pagarei? — Eu instigo, apesar do fato de que eu não vou deixar ninguém tocá-la.

Suas narinas se dilatam. — Você tem sua própria irmã. — Ele sorri. — Diana, só para que fique claro.

Faço um som de desaprovação, balançando a cabeça. — Eu não acho que Ven aceitará gentilmente você ameaçando sua mulher.

Ou a própria Diana, aliás. Ela já estava cheia das ameaças de Vlad.

— Então não deixe que isso aconteça, — ele vocifera.

Ele está blefando, o idiota. Em vez de expor seu blefe e dizer para ele se foder e morrer, simplesmente aceno. Quero Darya comigo, onde o idiota de seu pai não pode mais machucá-la. — Darya estará segura comigo. Não deixarei que eles a toquem.

Coço minha mandíbula e estreito meus olhos. — Mas você não está preocupado *comigo*? Eu já fodi uma de suas irmãs. — Não posso deixar de provocar.

— Não pressione sua sorte, Volkov. Vika fode por esporte e jogos. Estou permitindo que você leve esta irmã com você enquanto treina Alyona. Tudo o que estou pedindo é que você a proteja dos primos de Ven.

— Eles não vão tocá-la, — eu juro. — Eu não vou permitir que ninguém a toque.

Alívio cintila em seus olhos. Caminhando em direção a mim com uma pequena lâmina, fico tenso, pronto para tirá-la de sua mão, caso ele por acaso decida tentar me esfaquear com isso. Em vez disso, ele pega minha palma e corta a pele. Uma gota de sangue brota e ele coloca minha mão em um pedaço de papel. — Um juramento de sangue. — Ele balança a cabeça.

Eu dou uma risada. — Isso é um pouco medieval, não? — Algo sinistro, certamente sombrio, espreita por trás de seus olhos ambarinos.

Com um encolher de ombros, ele coloca o papel em uma gaveta e me entrega um lenço de papel.

— Nós ainda vivemos muito como a idade média em nossas famílias, — diz ele, suspirando. Ele recolhe seu próprio copo, virando o conteúdo em um só gole antes de reabastecer e repetir o processo. Algo grande o incomoda, e tenho medo de perguntar o que pode ser. Em vez disso, aceito o presente que me foi dado.

Darya.

Ela vai estar sob minha total proteção. Posso finalmente conseguir descansar um pouco agora.

***

— Eu não gosto disso, — diz Irina, fazendo beicinho. — Estava apenas começando a conhecê-la.

— A vontade do seu marido será feita, — digo ironicamente enquanto arremesso uma mala no porta-malas do meu carro.

Ela me golpeia. — Não seja espertinho.

— Só estou dizendo, — falo a ela com um sorriso. — Se você tiver um problema, leve-o até o chefe.

Seus olhos reviram com tanta força que tenho medo de que caiam da cabeça dela. — Mantenha-a segura.

Abraço minha irmã, sua barriga grande entre nós. Logo, ela dará à luz a um Vasiliev. — Ela está mais segura comigo do que aqui onde a porra do Yuri pode chegar até ela. Nós dois sabemos disso.

Ela assente. Minha irmã sabe que psicopata tarado o mais velho Vasiliev é. — Bem. Apenas… — ela para de falar enquanto se afasta. — Ela é tão inocente. E o que você tem feito com Vika... Darya não é assim.

Rangendo meus dentes, tiro uma mecha de cabelo do rosto de Irina. — Vika era um objetivo. Algo para passar o tempo. Darya… — Minhas palavras morrem na minha garganta quando ela sai pela porta da frente.

Ela está linda e usando roupas, graças a Deus. Ela parece tão normal hoje em legging preta, botas e um suéter preto enorme. Tão longe da garota que tentei conhecer nos últimos meses.

— Está linda, — eu termino com a respiração irregular quando ela se aproxima.

Irina me dá uma cotovelada quando o olhar de Darya cai no chão e suas bochechas ficam rosadas. — Pare de flertar com ela, — Irina sussurra.

Eu bufo. Isso eu não farei. Ignorando minha irmã intrometida, vou até Darya e pego sua pequena e delicada mão. Quando levo-a aos meus lábios e beijo sua junta do meio, Irina geme. Mas Darya? Seus olhos castanhos se erguem para os meus com o sorriso mais doce nos seus lábios. Realmente muito linda.

— Já esteve em uma viagem antes? — Eu pergunto.

Ela sacode a cabeça para mim. — Não na frente do carro.

Quando seu olhar fica vidrado, sei que ela está pensando na maneira como foi raptada e vendida como um maldito animal.

— Primeira vez para tudo, — digo baixinho. — Nós temos que ir buscar Alyona, no entanto. Se prepare. Ela é um pouco exagerada.

A curiosidade brilha nos olhos de Darya. — Ela vai ficar bem comigo acompanhando vocês dois?

— Ela vai, — asseguro a ela. — Vamos, estamos desperdiçando a luz do dia. — Eu abro a porta do passageiro, e quando ela está sentada dentro, fecho-a. Então, para minha irmã, digo: — Mantenha Vlad na linha. Mande Yuri se foder. E se você tiver o bebê enquanto eu estiver fora, deixe Diana ajudar. Voltarei quando puder.

Ela me abraça uma última vez. — Eu te amo.

— Amo você também.

Entro no carro, meu coração um pouco mais satisfeito. Até que meu pai me trouxe para sua vida como adulto, tenho estado sozinho. Minha mãe morreu. Eu não tinha família. Então fui empurrado para esta vida. O pai faminto por dinheiro e poder não fez nada por mim, mas as duas garotas que eu amava quando era mais novo eram oficialmente minhas irmãs. Imediatamente fiquei excessivamente protetor com elas. Diana e Irina são boas pessoas e eu as amo. Elas são minha família. Faria qualquer coisa para mantê-las seguras.

Quando olho para Darya, esse mesmo sentimento de proteção me domina. Tem sido assim desde o primeiro momento em que a encontrei na cozinha. Mas ao contrário das minhas irmãs, há um desejo ardente no meu íntimo. Não é um desejo de transar com ela. O desejo de possuí-la e torná-la minha. Mencionei isso para Diana, mas quando ela me deu um olhar cético, eu afastei a ideia.

Eu mal a conheço.

No entanto, eu a quero mais do que qualquer coisa que quis em toda a minha vida.

Eu mal consigo entender, muito menos explicar para alguém.

— Suponho que Vlad lhe deu a notícia, — eu digo, lançando meu olhar em sua direção.

— Ele é meu irmão. — Seu olhar se levanta, e ela me mostra um lindo sorriso. Ela está feliz.

— É bom descobrir que você finalmente tem família, — eu concordo. — Quando percebi que Diana e Irina eram minhas irmãs, é como se tivesse subitamente me conectado ao mundo. Não mais à deriva.

— Sim, — ela murmura. — Exatamente assim.

— Ele é legal com você?

— Vlad?

— Ele tem uma… reputação. — De ser um idiota.

— Muito agradável. Ele me faz um monte de perguntas, e parecia irritado, mas não comigo. — Um tremor ondula através dela.

— Você está com frio?

Ela sacode a cabeça. — É tão diferente da primeira vez que o vi.

— Quando ele te comprou de um traficante?

Sua mão está tremendo, então estico a minha e a pego. Ela enrijece, mas permite que entrelace nossos dedos.

— Ele me reservou para o seu pai. — Ela se esforça com as palavras. — É assim que o mundo é?

Eu cerro meus dentes. — Infelizmente, você nasceu em uma família brutal.

Ela estremece e eu aperto a mão dela.

— Não se preocupe, eu também. — Eu mostro-lhe um sorriso. — E isso nos faz amigos. Nós temos essa mesma péssima circunstância em comum.

— Você quer ser meu amigo? — Ela pergunta timidamente.

Porra, ela é tão fofa.

— Isso aí. E, se você me deixar, gostaria de mostrar que nem todos os homens são ruins. Alguns homens procuram uma mulher a quem possam amar e adorar.

— Como Vlad com Irina?

Vlad pode ser muito idiota na maioria dos dias, mas tenho que reconhecer isso. Ele adora minha irmã. Mataria todos nesta terra para

protegê-la. O idiota poderia estar esfolando alguém, e no momento em que ela entra, ele lhe daria um sorriso secreto e seus olhos se iluminariam com amor.

Até mesmo filhos da puta vilões podem ser bons às vezes.

— Exatamente como eles, — eu concordo quando desço a rua de Alyona. — Oh, inferno do caralho.

— O quê?

Eu paro na entrada da Alyona atrás de uma Ferrari vermelha brilhante com uma placa que diz BLNDBTCH[1]. E a cadela loira em questão está lutando com uma mala grande nos degraus da frente. O quintal está cheio de bagagens. Mas o que ela está vestindo me faz gemer. Como diabos vou ensinar a Princesa Barbie como ser uma fodida rainha matadora como a Diana?

Jesus.

Quando ela me vê, solta a mala e desce os degraus. Sua calça é de couro preto, e apertada *pra* caralho. Ela usa saltos que fazem o seu corpo já alto e esbelto ficar com mais de um metro e oitenta. O suéter branco apertado que ela usa tem um decote baixo em V, revelando seus seios voluptuosos. Seu cabelo loiro quase branco está em ondas bagunçadas emoldurando seu rosto, e sua maquiagem é perfeita. Como se estivéssemos indo para uma maldita sessão de fotos.

Porra.

Eu saio do carro e balanço a cabeça. — Mandei uma mensagem para você e disse para usar roupas confortáveis.

Seu lábio superior rosa brilhante se curva. — Bom dia para você também, Vassy.

Revirando os olhos, pego a mala pesada. — Não me chame de Vassy.

— Por que não? — Ela brinca quando pega a menor mala no chão. — É um apelido fofo.

---

[1] BLNDBTCH — Gíria para cadela loiras (patricinhas)

— Flipper ou Fido é fofo. Vassy soa como posso ser uma das suas estilistas que acha que Ricky Martin é a melhor coisa desde o pão fatiado — digo com um gemido.

— Quem é Ricky Martin?

— Alguém que minha mãe adorava. Esqueça. Apenas entre no carro — resmungo.

— Vassy! — Ela grita. — Tem uma garota no carro. Quem é ela? Ela é sua namorada? Como eu não sabia sobre isso?

Eu esfrego minha palma sobre o meu rosto. — Darya. Ela é uma amiga. Deixe-a em paz.

— E quanto a Vika? Todo mundo sabe que vocês dois estavam fodendo, — diz ela com um sorriso.

Ignorando-a, eu carrego o resto de sua bagagem no porta-malas. Assim que fecho, ela arqueia uma sobrancelha perfeitamente esculpida para mim.

— Não vou desistir, nem depois que Vika ameaçou me escapelar apenas de nos ver conversando. Mulher estúpida não entende que homens e mulheres podem ser amigos. Agora derrame, — ela exige.

— Vika usou todas as suas salvaguardas, e seu querido papai entregou-a como pagamento de dívida.

Seus lábios brilhantes se abrem e formam uma forma arredondada de O. — Eu não acredito nisso. Ele não faria isso. O que ela fez foi tão ruim?

Estou na rua fofocando como uma dona de casa entediada. — Ela bateu de frente com Ven. Agora Ven está 'cuidando' dela.

Seus olhos se arregalam e um vislumbre de medo cintila nas profundezas azuis claras. — Oh.

A culpa me incomoda. Eu odeio que seu pai perdedor de merda sequer permita que essa patricinha festeira treine para o The Games. Eu odeio que Vlad ordene que seja. Ela é uma boa amiga minha e somos conhecidos por destruir os clubes da cidade. Eu nunca transei com ela porque ela não é meu tipo. Demasiada atrevida e ousada. Já tive o suficiente disso com Vika para durar uma vida inteira. Mas,

independentemente de sua boca grande e atitude agressiva, ela ainda é uma menina rica que não tem nada a ver com jogos de monstros.

Puxo a magricela para um abraço. — Vou me certificar de que você esteja pronta. Você vai ganhar esse negócio, entendeu? Só preciso que você se concentre e preste atenção quando for preciso.

Ela balança a cabeça e me aperta mais forte. Alyona não é de mostrar afeição ou emoção, e pelo gemido silencioso em sua garganta, ela está prestes a chorar.

— Ei, — murmuro. — Vou me certificar de que você fique pronta. É por isso que os Vetrovs estão treinando você ao meu lado. Eu sei o que posso oferecer, mas eles têm outras habilidades para trazer à tona.

Ela se afasta, e seus cílios escuros pintados de rímel piscam contra suas bochechas enquanto ela luta para segurar as lágrimas iminentes no lugar. — E é por isso que eu trouxe sete malas, — diz ela maliciosamente. — Você não pode ir ao Klub Chernyy sem ter roupa para dançar.

— Você estará muito exausta para festas, — aviso. — Nós vamos trabalhar esse rabo acabado quinze horas por dia.

Ela sorri para mim. — Isso ainda deixa nove horas para a festa.

— Entre no carro, — eu gemo.

Nós nos acomodamos dentro do veículo, e Darya se agita nervosamente no banco da frente. Antes que eu possa apresentá-las, Alyona se inclina para frente, forçando seu decote no banco da frente conosco, e estende seu longo e magro braço, pesado com pelo menos vinte braceletes.

— Eu sou Alyona Voskoboynikov.

Darya desajeitadamente aperta a mão dela. — Darya.

— Darya Vasiliev, — acrescento. — Vlad tem outra irmãzinha.

Darya deu uma olhada em Alyona, fazendo-a ofegar.

— Uau, — diz Alyona. — Assustador. Ela me lembra de Viktor, Deus guarde sua bela alma.

Viktor era gêmeo de Vika e, embora sejam parentes, não vejo isso. Os olhos se parecem com Vlad mais e mais a cada dia que olho para ela.

— Você sempre teve uma coisa para os Vasilievs, — Alyona diz para mim quando ela se acomoda em seu assento e fecha o cinto.

Olho pelo espelho para ela, e ela encolhe os ombros. Eu saio para a estrada e pego a mão de Darya. Ela está mais relaxada com Alyona aqui. Você se acostuma com Alyona bastante rápido, como uma porra de fungo. Ela é selvagem e indomável, mas engraçada. A garota se salva de todo tipo de coisa porque é fofa. E cara, ela sempre usa isso em sua vantagem. Sua boca é o que vai salvá-la no The Games. Eu só preciso ter certeza de que o corpo dela e as habilidades reforcem esse latido.

— Que tipo de música você ouve? — Alyona pergunta. — Por favor, não diga Ricky Martin.

— Foda-se, — eu grunho.

Darya ri. O ar crepita com eletricidade. Nunca ouvi um som tão bonito e puro. — As únicas que conheço são as que aprendi na igreja.

Alyona bufa. — Igreja? Como nos hinos?

— Como 'Hos Ephanerothe', — diz Darya com um sorriso.

Antes que qualquer um de nós possa perguntar que porra de música é essa, Darya começa a cantá-la. Alyona, que é tão vocal quanto eu, fica em silêncio. Os pelos dos meus braços estão em pé enquanto a doce e quieta garota ao meu lado fecha os olhos e canta a canção mais linda e de abalar a alma que já ouvi.

A música termina e Alyona solta um assovio. — Porra, pequena Vasiliev, você tem pulmões fortes.

Darya sorri sob o seu louvor. — Obrigada. Que tipo de músicas você ouve?

Meu coração dói no meu peito. É lindo ver Darya sair um pouco da sua concha. Alyona chega para frente novamente, seios transbordando no console, e conecta o telefone dela. Logo, o som está retumbando, e Alyona está se movendo ao ritmo. Darya continua

olhando furtivamente para mim, e sorrindo para as palhaçadas de Alyona.

— Isso, Pequena V, é Loboda. Ela é tudo, — elogia Alyona. — Desculpe, Vassy, mas você pode ouvir a minha rainha todo o caminho até lá.

Eu gemo, mas estou sorrindo. Isso parece normal. E tudo ultimamente na minha vida tem sido tudo menos isso. A vida de Darya foi uma piada. A pobre Alyona lá atrás está prestes a receber o despertar de sua vida enquanto é jogada no ringue e tem que lutar.

Por enquanto, aproveito o momento.

Porque o presente é tudo que tenho.

Capítulo Oito

Darya

Eu estou viciada em Alenka[2]. Vas me comprou uma sacola de doces de chocolate na última loja de conveniência. Eu sozinha comi todos eles e gostaria de ter guardado alguns agora.

A viagem para Moscou foi longa, mas finalmente chegamos. Vas disse que poderíamos ter voado, mas ele não gosta de ficar sem seu carro, especialmente porque ficaremos por um tempo. Nervosismo vibra em mim, mas não tenho medo. Estou animada. Enquanto percorremos a movimentada cidade iluminada, penso em quando Vlad veio ao meu quarto esta manhã, onde eu estava lendo e tomando café da manhã.

***

— Você acordou cedo, — Vlad diz, sua voz fria e impassível. Às vezes ele me lembra muito Molokh. Um estremecimento me atravessa.

— É um bom momento para estudar a Palavra, — eu sussurro. Quando Irina me deu a Bíblia, chorei. Molokh certamente nunca me permitiu ter uma... ou ler qualquer coisa, se isso importa.

Ele franze as sobrancelhas e se inclina contra a estante, olhando para mim. — Você se parece com ela.

Eu arregalo meus olhos e tento não tremer. — Sua mãe?

— Nossa *mãe, — diz ele com um aceno de cabeça. Mas em vez de parecer zangado ou meio apaixonado como Molokh, ele parece feliz. Claro que ele não está sorrindo. Eu não acho que nenhum homem além de Vas sorri, mas seu olhar é terno. Você pode dizer muito sobre um homem pelo seu olhar. Tanto o mal quanto o bem se escondem ali. Realmente não há meio termo.*

— Você está com raiva? — Eu pergunto.

---

[2] Alenka — Marca tradicional de chocolate da União Soviética.

Ele sacode a cabeça. — Estou feliz em saber que tenho outra irmã. — Ele se ajoelha na minha frente, tira a Bíblia da minha mão, coloca-a na mesa ao meu lado, então pega a minha mão. — Sinto muito, Darya. Essa vida é má, e é uma que sou responsável por administrar. Se eu soubesse que tinha outra irmã... — ele se interrompe, enrijecendo a mandíbula. — Os testes provam que somos irmãos. Eu só quero que você saiba que passarei o resto dos meus dias dando a você o que é seu por direito.

— Obrigada, — eu digo baixinho.

— Mas há fatores fora do meu controle. Fatores que poderiam deixá-la vulnerável e em posição de ser explorada, — ele rosna. — E é por isso que você não pode ficar aqui no momento.

Eu recuo ante suas palavras enquanto o terror sobe no meu peito. — O-o quê?

Seu olhar suaviza. — Vas está levando a garota Voskoboynikov para Moscou para treinar com os Vetrovs. Eu acho que você precisa conhecê-los. Eles são bizarros pra caralho, mas... — ele suspira, — Vas vai te manter segura. Apenas fique com ele e deixe que ele te proteja. Além disso, você não precisa ficar confinada nesta casa. Você foi... guardada... tempo suficiente. Acho que seria bom ir até lá e ter alguma exposição ao mundo real.

— Tudo bem, — eu sussurro. Enquanto Vas estiver lá, não terei medo.

— Mas saiba disso, querida irmã, — diz ele em um tom doce e gentil. — Seu lugar é comigo e minha família. Você está sob proteção Vasiliev agora. Se alguém te machucar, eu mesmo o estriparei. Estamos entendidos?

Uma onda de inquietação me envolve. O olhar de violência em seus olhos envia um calafrio pelo meu sangue. — Darya, nunca mais quero ver esse olhar em seu rosto quando você olhar para mim. Nunca tem que me temer. Eu sempre protegerei você deste dia em diante. Você é minha irmã, meu sangue. Você entende isso?

Meus lábios tremem quando eu aceno, e tento a frase em que pensei desde que descobri a possibilidade de Vlad ser um parente. — Obrigada... meu irmão.

Seu pomo de Adão se agita e ele olha para longe, levantando-se rapidamente. — Vá em frente e faça as malas. Você vai sair em breve, — ele instrui, sua voz rouca e sufocada.

Eu o aborreci?

— Eu não quis dizer...

— Eu sou *seu irmão, — diz ele bruscamente. — Você tem permissão para me chamar assim. Pode me chamar do que diabos quiser. Você não é uma mula em uma gaiola. Você é a filha de uma família muito poderosa, e isso significa que você deve ser mantida na mais alta honra.*

— Obrigada, irmão.

Desta vez, ele sorri para mim.

***

— Lá! — Alyona grita, apontando para o prédio com uma fila dando a volta na esquina. — Klub Chernyy. Oh, meu Deus, estava morrendo de vontade de vir aqui desde que abriram este lugar. Não é justo que eles deixem entrar seu precioso Vassy, mas não eu. Eu tentei uma vez, sabe.

Vas bufa, mas seu sorriso mostra diversão. — E como foi isso para você?

— O segurança não me deixou entrar, — Alyona reclama. — Eu disse a ele que era uma Voskoboynikov e ele riu. Riu! Aquela bicha, idiota gorda. Meus amigos e eu tivemos que subir a rua para um barzinho idiota. Essa foi a única vez que meus seios não funcionaram.

— Seus seios não podem ganhar todos os argumentos para você, — diz Vas rindo.

— Bem, aprendi a usá-los um pouco melhor, — explica Alyona. — Eu aposto que aquele segurança estaria comendo da minha mão agora. Na verdade, vou dizer a ele...

— Você não vai dizer nada a ele, — Vas resmunga. — Entraremos pelos fundos de qualquer maneira. Amanhã você tem que levantar cedo, então é melhor ir para o apartamento e para a cama.

— Ah não, Vassy Volkov! Você está de brincadeira? Você não pode me arrastar todo o maldito dia pela Rússia para o melhor clube do país, só para me dizer para ir para a cama. Nem pensar. Eu vou dançar. Pequena V, você gosta de dançar? Deixavam você dançar no convento?

Solto uma pequena risadinha. Ela não é como ninguém que já conheci antes. Alguns dos mais velhos ficavam muito animados durante os cultos e se debatiam, mas era só isso. — Não, realmente não. Mas... — mordo meu lábio inferior. Algo sobre estes dois faz-me querer contar-lhes as minhas histórias bobas.

— Fale, jujuba, — diz Alyona. — Eu sei que há uma história. Provavelmente uma super chata, porque é uma igreja e tudo, mas eu ainda tenho que saber.

— Você é tão idiota, — Vas geme enquanto viramos para um beco escuro ao lado do prédio.

— Dã, — Alyona chilreia. — Diga-me, mulher.

— Bem, era desaprovado sair à noite, mas às vezes, eu saía furtivamente para rezar no jardim sob as estrelas... — Eu paro quando me lembro do cheiro de hortelã e dos sons dos grilos.

— Tão rebelde, — diz Alyona com diversão.

— E eu dançava. Não como a agitação que eles faziam na igreja. Apenas girar, abaixar e pular. — Eu suspiro e sorrio. — Sempre me senti viva ao luar, mas isso é porque o diabo gosta de nos atacar na cobertura da noite, então tudo fica melhor sob o manto das estrelas. É um truque do pecado, — informo a pobre Alyona, que provavelmente não tinha ideia de que ela é a personificação perfeita da tentação e do pecado.

— Bem, não sei sobre a lua fazendo você pecar, mas eu vi essa bunda linda na loja de conveniência, e tenho que dizer, aposto que os pulos atraem todos os garotos, e os pecadores saem para curtir, — Alyona brinca.

— Não haverá garotos do caralho atraídos, — diz Vas, enquanto nos dirigimos para uma área de garagem atrás do prédio. — Eu vou matá-los.

Eu recuo e envio a Alyona um olhar de pânico. Ela simplesmente revira os olhos e fala sem som: — Ele está com ciúmes.

Minha pele aquece e ela pisca para mim. Vas não quer nenhum garoto por aí porque ele me quer só para ele?

— Ei, cara, — Vas diz para um cara de terno preto.

— Volkov, — o cara cumprimenta. — Seu lugar está vago. As empregadas limparam o apartamento que você prefere. Rodion disse que você só precisava de um. Isso está correto, senhor? — Ele pergunta, olhando entre nós três.

— Sim, gosto de mantê-las onde posso vê-las. Um está bom, — Vas instrui.

O cara vai apertar o botão para nos permitir o acesso, então se inclina para olhar para Vas. — Você está lutando?

— Treinando, — Vas grunhe.

— Deixe-me saber se lutar. Vou arranjar alguém para cobrir o meu turno para que possa assistir.

Vas acena antes de dirigir para a garagem subterrânea.

— Muito assustador? — Alyona bufa. — Aquele cara tem a maior queda por você. 'Deixe-me saber se você luta, porque quero lamber o suor do seu tanquinho depois', — ela zomba com uma voz profunda e viril.

Meus olhos se arregalam com a imagem piscando em minha mente, e inclino minha cabeça para sussurrar uma silenciosa Ave Maria.

— Você é uma idiota, Voskoboynikov, — Vas resmunga.

— Sua favorita, — ela cantarola em resposta.

Eu me divirto com suas brincadeiras. Todos na casa de Vlad são tão sérios e sombrios. Às vezes, ouço as risadinhas de Irina ecoando pelos corredores, mas não é frequente. Estes dois parecem gostar de zombar um do outro, mas de uma maneira familiar e amigável.

Saímos do carro e eu estico meus membros. O olhar de Vas está no meu. Todo o humor se foi enquanto seu olhar desce pelo meu corpo. Normalmente, quando os homens olham para mim, sinto vergonha. Mas Vas é diferente. Gosto de estar sob seu olhar aquecido. Isso me faz querer girar para que ele possa ver tudo de mim. Um rubor rasteja pela minha pele. Seus olhos azuis endurecem e sua mandíbula se flexiona.

— Vamos lá, Darya, — ele instrui, estendendo a mão para mim. — Fique perto. Se eles souberem que você está comigo, vão te deixar em paz. — Então ele grita por cima do ombro, — Você está por sua conta, garota.

Alyona ri enquanto marcha em seus saltos passando por nós. O suéter sumiu, deixando uma blusa preta e apertada.

— Não se preocupe, Vassy. Eu me viro sozinha.

Vas sacode a cabeça e entrega ao homem algum dinheiro e suas chaves quando passamos. — Você vai colocar a bagagem no meu apartamento?

— Claro, senhor, — diz o homem.

Alyona, logo à nossa frente, abre uma pesada porta de aço e a batida forte da música se espalha. Está escuro, com uma vibe insidiosa que envia um arrepio de medo por mim.

Vas se inclina mais perto, sua respiração quente fazendo cócegas no meu cabelo. — Estou com você. — Sua mão aperta a minha, e um pouco da tensão se esvai. — E faça o que fizer, não tome nada que os Vetrovs lhe derem.

Assentindo, permito que ele me guie por um corredor e por outro conjunto de portas, onde fica ainda mais barulhento. As pessoas estão em todo lugar. Estou deslumbrada com todas as escolhas extremas de roupas. Casacos peludos e tecidos brilhantes. Maquiagem brilhante e

cabelo rosa. Eu nunca vi nada assim. Alguém tenta me entregar um copo, mas Vas dá um empurrão no homem. Ele tropeça de volta para a multidão. Quando Vas se vira para olhar para mim, o branco de seus olhos é ainda mais brilhante sob as estranhas luzes roxas. Ele sorri e seus dentes se iluminam. Feroz e mal, mas ainda não tenho medo dele.

Alyona está à nossa frente dançando enquanto anda. Vários homens ficam boquiabertos com ela. Eu também posso entender o motivo. Ela é linda. Nunca vi uma mulher tão bonita antes em toda a minha vida. Se pudesse imaginar como era um anjo, talvez ela se encaixasse no perfil. Mas ela não é um bom anjo. Ela é um pouco malvada. E por incrível que pareça, isso faz parte do charme dela.

Estou me tornando má também?

Uma pontada de tristeza me atinge. É como se eu estivesse destinada à maldade desde o começo. Meus caminhos sedutores. Então sendo levada e usada por Molokh. Só para saber que compartilho o sangue de um dos homens mais notórios da Rússia. E agora? Agora, me sinto confortável com Alyona e Vas... duas pessoas que estão longe de ser boas, mas de quem gosto, no entanto.

Vas estende a mão e bate no seu ombro antes de ela sair para a pista de dança. Ele aponta para uma área escondida por cortinas escuras. Seus olhos se arregalam e ela sorri antes de caminhar naquela direção. Quando o homem que guarda a área vê Vas, ele balança a cabeça e afasta as cortinas.

Guiando-me mais para dentro do local, Vas esfrega uma palma entre minhas omoplatas de uma maneira reconfortante. Ele para em um sofá de couro e sorri, olhando nos meus olhos. — Eu já volto, — diz ele antes de me liberar. Ele caminha para dois homens em uma discussão acalorada e abraça os dois. Os três homens se batem e riem, então ele diz algo para eles antes de apontar para mim.

A música é tão alta que vibra através do meu corpo. Meus braços caem frouxamente ao meu lado, e a vontade de encontrar um canto sombrio para o qual deslizar torna-se intensa.

— O babaca não pode nem nos apresentar aos caras mais gostosos do clube? Porra, olhe para eles. Graças ao Senhor por criar tal beleza, certo? — Alyona grita sobre a música, me cutucando com o ombro.

— Você quer orar? — Eu pergunto a ela, confusa com suas palavras.

Ela olha para mim, bufando. — Foda-se, não. Não sou do tipo religiosa. Eu acho que nós vamos ter que nos apresentar. Vamos lá, pequena V.

Ligando seus dedos aos meus, ela se lança para eles, depois bate no ombro de Vas. Quando os três homens se viram, dois deles olham fixamente para ela, com fome nos olhos. O terceiro, Vas, olha para mim, e o brolho em seus olhos é um que eu compararia aos outros dois.

Eu sabia que não deveria ter comido todo o chocolate sozinha.

— Rapazes, esta é a irmã de Vlad, — ele apresenta, seus olhos queimando em mim.

— Essa não é Vika, — destaca um deles.

O sorriso de Vas ilumina seu rosto inteiro. — Não, não é. Esta é Darya. — Ele bate no homem no peito. — É uma longa história para outra hora. — Ele acena para Alyona. — E esse monstro é seu.

Alyona olha para ele.

— *Nossa*? — O que tem pele clara e olhar severo diz em voz alta.

— Sua para treinar, — Vas diz. — Rodion, ela é a Voskoboynikov com a qual você vai me ajudar.

O outro homem com a pele escura franze a testa. — Nós já temos um Voskoboynikov. Ele está lutando na gaiola agora mesmo.

Alyona e Vas trocam um olhar confuso.

— Ivan está aqui? — Vas vocifera. — Que diabos, Zahkar? Você sabe que eu não enviaria alguém e deixaria para você. Eu não sou seu primo idiota barbudo.

Zahkar sorri. — Não deixe aquele primo idiota barbudo ouvir você chamá-lo assim. Venha. Vamos ver o seu... — ele para de falar enquanto observa Alyona, — irmão?

Ela revira os olhos. — Meu irmão idiota, que fique claro. E teria sido bom saber que ele está tomando o meu lugar antes de atravessarmos a Rússia para chegar até aqui! Embora isso signifique que vou festejar depois de tudo? — Ela sorri esperançosa.

— Ele não está tomando o seu lugar, — Vas esbraveja. A raiva é palpável no ar que nos rodeia e minhas entranhas se contorcem. O pavor dos últimos meses, vivendo nas mãos de tal raiva, faz minhas mãos tremerem.

Rodion desliza um braço ao redor da cintura de Alyona e a puxa para ele como se a conhecesse intimamente. — Não, Vas deixou claro que você é *nossa*. Ele não pode retirar essas palavras agora. — Ele lambe seus lábios carnudos enquanto descaradamente verifica seus seios.

— Cai fora, lindo, — ela corta, empurrando-o para longe. — Você pode ser encantador pra caralho, mas estou chateada. Leve-me ao meu irmão.

Os lábios de Rodion se curvam em um sorriso sinistro que me faz tremer. — Se você exige isso, minha rainha.

Ela joga o cabelo loiro por cima do ombro e se afasta empertigada, seu traseiro redondo balançando ao longo do caminho. Eu me vejo olhando para ela, desejando que fosse metade tão bonita e confiante.

Inveja.

O pecado é novo. Normalmente, não noto as pessoas, muito menos as invejo.

Vas desliza um braço protetor sobre meus ombros, me puxando para perto. — Esses são os primos de Ven Vetrov. Eles são aqueles que você precisa ficar longe.

Eu me viro e olho para ele. Tão perto, posso sentir o cheiro dele. Minha boca está aguando para ver se o gosto é tão bom. O desconforto de instantes anteriores diminui com sua pele na minha. — Mas você está dando Alyona para eles? Eles vão machucá-la?

Ele sacode a cabeça. — Estou mais preocupado com ela machucá-los. Ela pode ser uma cadela magra, mas é feroz. — Ele sorri.

— Confio em você. — Vejo as palavras se derramando. É a verdade.

Ele para e olha para mim com tanta intensidade que meus joelhos quase se dobram. — Confia em mim?

— Para não deixar ela se machucar. Ela é minha amiga agora. — Olho para ele com orgulho.

Sua palma levanta e ele corre o polegar ao longo da minha mandíbula. — Não vou trair sua confiança, Darya. Nunca. — O beijo suave que ele pressiona na minha testa ilumina minha alma em chamas.

Pode um anjo ter tal afeto?

Um caído pode.

E por que isso não me aterroriza?

Porque é Vas Volkov, é por isso.

Capítulo Nove

Vas

Ela confia em mim. Caralho, estou com problemas com essa garota. Parece que ela está me dividindo para ver dentro de mim e, em seguida, largando partes dela em seu rastro.

Trazê-la para o clube não foi algo que planejei. Eu ia fazê-la ficar no apartamento antes de vir ver os primos, mas o pensamento de deixá-la onde eu não estivesse, mesmo que fosse no mesmo prédio, não parecia certo.

Quero estar onde quer que ela esteja.

Eu preciso tê-la à minha vista. Para ver se isso está realmente acontecendo. Ela não está mais presa lá com Yuri. Ela está realmente livre... livre comigo.

É estranho como as coisas funcionam. Como se eu soubesse que ela faria parte da minha vida antes que pudesse realmente saber disso. Nunca fui realmente um crente no destino, mas é difícil negar quando está acontecendo com você.

Chegamos ao elevador privado que nos leva até onde a ação real ocorre abaixo. Seu corpo macio empurra o meu quando o espaço se torna limitado, e eu sinto isso... o desejo dela em relação a mim. Está na sua respiração curta e rápida e na maneira como os dentes dela se enterram no lábio inferior carnudo. Meu coração começa a bater forte quando o sangue corre para o meu pau. Não quero assustá-la cutucando-a com a maldita coisa, então me ajusto e sorrio tensamente, contando os segundos até a porta se abrir.

Uma onda de adrenalina me atinge quando os rugidos do círculo de luta nos engolfam. Rodion acena com a cabeça na direção de Ivan entrando no ringue. Seu oponente é mais largo, mais alto e corpulento, de pé em frente a ele, uma crosta de sangue já cobrindo seu peito e as mãos, de suas vitórias.

— Você quer que eu o pare? — Rodion pergunta, arqueando uma sobrancelha em questão.

— Não, — afirmo com um sorriso. Isso pode ser uma lição para Alyona.

Ela já empurrou a multidão para ter uma visão melhor, sem perceber que os primos têm sua própria área isolada, onde costumam sentar-se como dois deuses posicionados em um trono, ditando as ações dos outros e às vezes se juntando se estão com sede de sangue.

Meus músculos se enrijecem sobre meus ossos quando o primeiro soco aterrissa com um som esmagador e os aplausos inflamam o local com um zumbido indescritível. Isso me deixa com fome de competir.

Uma mão suave e quente desliza na minha, me enfraquecendo. Darya olha para mim através de seus cílios grossos, a incerteza cintilando em seus olhos castanhos. Isso pode ser demais, cedo demais. Sua boca está se movendo, mas a multidão está muito barulhenta para ouvir o que ela está dizendo. Inclino-me, enrijecendo quando seus lábios carnudos tocam no meu ouvido.

— Podemos nos aproximar? — Ela pergunta, e uma risada borbulha de dentro de mim.

Ela é cheia de surpresas.

Eu aceno, então aperto sua mão na minha.

— Ele é bom, — reconhece Rodion, observando Ivan enquanto acerta uma rajada de golpes no lutador maior. — Confiante, — acrescenta ele.

— Arrogante, — digo, observando Ivan desfrutando do apoio das massas, gastando muito tempo levantando os braços em vitória antes de ter certeza que seu oponente está acabado.

Ivan me vê do lado de fora, e um desafio aparece em seus olhos, me deixando quase tonto. Adoraria que ele me chamasse. Ficar um pouco sangrento me ajudará a dormir esta noite, mas o filho da puta sabe que não deve. Em vez disso, seus olhos pousam no anjinho ao meu lado. Ele pisca para ela, e eu engulo a necessidade de fazê-lo perder alguns daqueles dentes brancos que ele gosta de exibir.

— Você vai irritá-lo? — Zahkar grunhe enquanto Ivan é excessivo com seus chutes rápidos. Ele está arrastando a luta para se mostrar.

— Estou treinando sua irmã para competir com ele em The Games. O que você acha?

Os olhos de Zahkar se escurecem enquanto ele procura Alyona na multidão. — Não é o tipo usual de lutador de Vlad. — Ele franze a testa.

— É por isso que quero sua ajuda para prepará-la. Ela precisa trabalhar duas vezes mais para se tornar duas vezes melhor.

Ele balança a cabeça com firmeza e olha para Rodion, que faz o mesmo.

— Você ouviu alguma coisa sobre Vika? — Zahkar me estuda.

— A última vez que soube, seu primo a trancou como uma prisioneira do século dezoito, — resmungo.

Vika pode lidar com o cativeiro. Ela é mais forte mentalmente do que parece. Você tem que ter ousadia e coragem para matar seu próprio gêmeo.

— Você nos pediu uma nova identidade para uma mulher quando estava pensando em fazer algo estúpido como tirar do Yuri a... — Zahkar não termina essa frase, sabiamente. Seus olhos se movem para Darya, depois de volta para mim.

Balançando a cabeça e rangendo os dentes, ele fervilha. — Que tipo de animal não reconhece sua própria carne e sangue?

— Um doente, — eu esbravejo.

— Nós temos os documentos. — Ele dá de ombros, me dando a opção. Seria inútil partir com ela agora. Ela está segura e tem direito a sua parte no império que os Vasilievs criaram. Porra, Vlad nunca iria parar de nos caçar se eu a levasse embora agora, e o que seria de minhas irmãs sem mim lá cuidando de seus interesses?

Não, vamos ficar e ver como isso se desenrola.

Um barulho de aplausos chove quando o oponente de Ivan bate no tatame com um baque mais uma vez. Ivan começa a comemorar, sem perceber o cara se levantando. Gesticulo para que um da equipe de segurança dos primos venha ficar com Darya, depois entro no

ringue. Ivan sorri para mim, levantando a mão para um cumprimento. Ele é um idiota. Levanto meu braço para trás e ataco com meu punho ao lado da cabeça de Ivan. Ele sai do caminho e dou um soco no nariz de seu oponente, tirando-o do chão e nocauteando-o.

A sala fica em silêncio por um segundo antes de irromper em assobios e gritos. Deixo Ivan em pé ali quando me viro e volto para Darya. Alyona se juntou a ela, balançando a cabeça em descrença.

— Como você sabia que ele ia se levantar? — Alyona sussurra.

— É responsabilidade do lutador saber quando o adversário está acabado ou apenas atordoado. Esta é sua primeira lição e o motivo de Vlad querer um novo lutador... não aquele que quer se exibir em vez de fazer o trabalho.

Ela acena com a cabeça firme, entendendo que tudo isso é uma lição para fazer dela o que ela precisa ser. Melhor que o seu irmão... inferno, melhor ainda que Diana, porque os novos combatentes serão mais bem treinados. Dizer que a vitória de Diana foi uma chatice é um eufemismo. Para os velhos do nosso mundo, ser superado por uma mulher é imperdoável. É uma pena que isso acontecerá novamente. Um sorriso curva meus lábios e o sofrimento de Vika passa em minha mente.

— Rodion, — eu grito, agarrando sua atenção.

Seus olhos dançam com malícia enquanto ele se aproxima de mim. — Por favor, me diga que você quer sua própria luta.

Balançando a cabeça, eu me inclino em seu ouvido. — Faça os documentos que você preparou para mim em nome de Vika.

Sinto a rigidez do corpo dele a meu pedido. Ven é seu sangue, mas se ele a matar, ele perderá Diana. Estou salvando-o de si mesmo e, ao mesmo tempo, dando a Vika algo que ninguém mais está disposto a dar: uma chance.

— Você tem certeza disso? — Pergunta ele. Assinto afirmativamente uma vez, em seguida, aperto a mão de Darya e caminho de volta para o elevador. Chega de emoção por uma noite.

***

Nós estamos aqui há cinco minutos e as coisas de Alyona estão em todo lugar. Não posso nem me mexer sem tropeçar em uma de suas malas. Seus sapatos foram tirados e deixados abandonados no meio da sala, junto com sua blusa e saia, enquanto se dirigia ao maior quarto e declarava que era dela assim que entrou. Eu pego Darya rindo do fato.

— Você percebe que isso significa que vamos dividir o quarto com duas camas de solteiro? — Eu levanto uma sobrancelha divertido, saboreando sua falta de malicia, enquanto seus olhos assustados se expandem e suas bochechas ficam rosadas.

Ela é fofa pra caralho, e não perco tempo, tirando minha camisa antes de ir para o quarto que vamos dividir. Seus pés seguem os meus, e posso sentir seus olhos colados nas minhas costas nuas, fazendo minha pele esquentar e meu pau endurecer. Droga, apenas imaginar as coisas acontecendo em sua cabeça é quase o suficiente para me fazer gozar.

Sua mala já está colocada em uma das duas camas situadas no pequeno quarto. Eu nunca usei este quarto quando fiquei aqui no passado, então não percebi o quão pequeno realmente era. Conseguir um dos quartos maiores não será um problema, mas nem pensar se deixarei de passar a noite num espaço tão próximo a ela. Olhos nervosos e inseguros continuam me encontrando através de grossos cílios enquanto ela vasculha sua mala, tirando algumas roupas.

— Você pode se trocar lá, — digo a ela, apontando para o banheiro. Assentindo docilmente, ela foge levando suas coisas. Levo a sua mala para um armário e puxo as cortinas no momento em que a porta do banheiro se abre. Ela sai vestindo uma daquelas camisolas brancas que você vê uma vovó usando, e embora não deva ser sexy, a pura inocência irradiando dela com seus cabelos compridos soltos e as bochechas rosadas é uma grande excitação. E eu vou para o inferno por pensar assim.

Deitado na cama em frente a que ela reivindicou, eu a observo quando ela entra no quarto e cai de joelhos. Juntando as palmas das mãos, ela fecha os olhos e reza no final da cama. Como ela acabou aqui comigo? De todas as pessoas do mundo, ela foi colocada em minha vida. Eu deveria orar também apenas para agradecer ao Senhor por essa bênção.

— Amém, — diz ela em voz alta antes de subir no colchão e desaparecer debaixo das cobertas. Desligo a lâmpada, mergulhando-nos na escuridão, e fico lá olhando na direção de sua cama, sua respiração suave me embalando para fechar os olhos.

— Eu temo que tudo isso seja um sonho, — ela murmura baixinho.

— Por quê? — Eu franzo a testa, desesperado para ir até ela e puxá-la contra o meu peito.

— A escuridão é quando o diabo pode chegar até mim, — ela sussurra.

Ficando de costas, olho para o teto, pensando em suas palavras.

A noite é o meu lugar. Nem todos os monstros se escondem lá.

— Você só precisa procurar a luz dentro da escuridão. Sem o cobertor do céu noturno, você nunca veria a beleza das estrelas, — digo a ela as palavras que minha mãe uma vez me falou quando eu disse a ela que não queria estar relacionado ao monstro que a arruinou.

O quarto fica em silêncio, e acho que ela pode ter caído no sono, até meu colchão afundar e seu corpo quente e macio se enrolar ao meu lado, fazendo com que meus pulmões se fechem e meu fôlego ficar preso.

— O que você está fazendo? — Digo sufocado. Seu corpo empurra contra o meu, entorpecendo todas as minhas habilidades para pensar direito.

— Procurando a luz na escuridão, — ela sussurra de volta, em seguida, suspira contente, e seu corpo fica imóvel enquanto sua respiração se equilibra. Ela dorme, me deixando muito bem acordado.

***

— Vas, — a voz de Alyona penetra meus pensamentos de ontem à noite, me fazendo gemer.

— O que agora? — Eu vocifero.

Ela já se queixou sobre o chuveiro ser um maldito chuveiro, e não uma banheira em que ela pudesse relaxar, e as persianas em seu quarto não impediam a entrada do sol da manhã.

— Você disse que era hora do café da manhã, — ela hesita, segurando uma tigela que enchi com granola e iogurte grego.

— É. Cale a boca e coma.

— Eu não posso comer isso, — diz ela em um tom estridente. — Preciso de bacon, ovos... comida de verdade.

Deixando escapar um suspiro exasperado, eu a ignoro e bato na porta do banheiro, onde Darya desapareceu para tomar um banho há uns trinta minutos.

— Darya, você está bem aí? — Eu chamo através da porta, e ouço um resmungo de dentro. — Abra a porta. Não posso te ouvir.

Dois segundos depois, a trava se solta e a porta se abre. Uma cascata de cabelos escuros me cumprimenta primeiro, sua cabeça baixa quando ela abre a porta completamente.

Olho para o corpo dela e não consigo formar palavras. Ela está vestindo um jeans apertado que tem rasgos nas coxas. Sua minúscula regata mostra metade de sua barriga e se agarra a seus peitos que são empurrados juntos e quase derramam da blusa.

— Porra.

— Quente como o pecado, certo? — Alyona pergunta por cima do meu ombro. Eu nem tinha percebido que ela tinha avançado da sua birra sobre o café da manhã.

— Irina embalou isso? — Sou incapaz de tirar meus olhos dela. Ela não parece com a minha Darya, ela parece...

Alyona

— Não, eu dei a ela para usar. — Alyona pisca para mim. — Esse jeans não me serve bem, mas parece incrível nela, certo?

— Você não parece confortável, — afirmo para Darya, que ainda não levantou os olhos.

— Isso... — ela começa, mas hesita em suas palavras.

— Não é você, — eu termino por ela, tirando minha camiseta e deslizando-a sobre sua cabeça. Ela sorri para mim enquanto a camiseta cobre seu pequeno corpo.

— Obrigada. — Suas bochechas mais uma vez coram enquanto seus olhos varrem meu torso exposto.

— Maldição, Vassy, você precisa avisar uma dama antes de se despir, — Alyona arrulha, abanando o rosto, humor dançando sobre suas feições.

— Você não é uma dama, — digo com um gemido. — Você é uma pirralha. Agora, coma seu maldito café da manhã. Nós temos treinamento para fazer.

Capítulo Dez

Darya

Estou perdida em seu cheiro, afogando-me de bom grado. A camiseta que ele me deu poderia caber duas de mim dentro, mas eu nunca quis usar algo mais. Eu não percebo que fiquei bem à frente de Vas e Alyona até as portas no elevador do clube fecharem só comigo dentro. Deixo cair o tecido do meu nariz e entro em pânico enquanto Vas grita meu nome antes que ele desapareça, e fico olhando para as portas de metal enquanto desço em direção ao porão. Ele para, no primeiro andar.

O clube é um contraste completo do que era ontem à noite. O silêncio me atinge quando as portas se abrem. A atmosfera da noite passada se dissipou, deixando um frio estranho no ar. O lugar é maior do que eu imaginava e vazio de vida.

Com as portas ainda abertas, debato se devo apenas pressionar para voltar ao nosso andar, mas avanço ante a visão diante de mim, em completa reverência e admiração.

Rodion e Zahkar estão de fato aqui embaixo, mas enquanto a música e a dança dominavam o ar ontem, gemidos e arquejos profundos se filtram até os meus ouvidos, um desejo exigindo ser alimentado.

Meu estômago se esvazia e mergulha enquanto tento fechar os olhos contra o ataque, mas não consigo desviar o olhar. É inebriante.

Pele contra a pele. Cremosa e escura. A pessoa chamada Rodion está deitada em um banco de couro no canto de trás. Suas mãos estão segurando a cintura de uma mulher em cima dele, montando seus quadris, mas virada para o outro lado. Ela está nua, sua bunda girando sobre ele enquanto seus seios balançam e saltam. A parte superior do tronco dela se inclina para frente, suas mãos descansando nos quadris de outro homem. Sua masculinidade está sendo engolida pela garganta dela enquanto ele segura sua cabeça contra sua virilha. Mas o que me

faz perder completamente os sentidos é o primo Zahkar atrás do homem que está tendo prazer com a mulher. Os quadris de Zahkar estão punindo sua bunda, empurrando no homem por trás, fazendo a mulher sacudir e engasgar enquanto geme ao mesmo tempo. Eles são todos membros e carne dando prazer um ao outro da maneira mais pecaminosa. Pelo calor crescendo no meu estômago, e palpitações no meu peito, não posso negar que estou tentada pela maldade deles. É hipnotizante. As portas silvam atrás de mim antes de Vas e Alyona se juntarem a mim no meu estado congelado.

— Santa foda fodida, — Alyona sibila quando seu olhar pousa em Rodion e Zahkar em seu estado de nudez.

— Não há nada de santo nisso, — eu me vejo dizendo a ela, e Vas ri, balançando a cabeça.

— Quer se juntar a nós? — Grita Rodion, seu olhar aquecido me queimando, fazendo meus olhos se arregalarem.

— Por mais tentador que pareça, vamos passar, — Vas zomba, me pegando pelo braço e me girando de volta para o elevador. Não posso deixar de olhar por cima do ombro enquanto os homens desaparecem de vista quando as portas se fecham. Desta vez, vamos o resto do caminho até o porão. Sou levada por um corredor para outra sala. É enorme e vazia, além de esteiras que cobrem todo o chão.

— Eles sempre compartilham? — Alyona pergunta, quebrando o silêncio.

Eu me viro para olhar para Vas, esperando por sua resposta. Sua sobrancelha levanta e ele revira os olhos. — Essa é a *única* maneira de eles fazerem as coisas.

— Eles eram gostosos antes, — Alyona diz com um sorriso, — mas agora... droga.

Eu levanto a minha mão e Vas a pega na sua, seus olhos azuis brilhando com diversão. — Você não precisa levantar a mão para fazer uma pergunta.

— Oh, tudo bem, — murmuro, calor inundando minhas bochechas. — Bem, hum...

— Fale, Pequena V, — Alyona incita.

— O que ele estava fazendo com aquele outro homem? Isso é algo que todos os homens fazem uns com os outros? — Pergunto, nunca tendo sabido dessas coisas.

— Sim, Vas, é algo que você faz com os primos do Ven? — Alyona ronca gargalhando.

Vas ergue o dedo do meio para Alyona, em seguida, emoldura minha bochecha numa carícia suave. — Não, nem todos os homens. Eu não. Mas para alguns, quando se entregam ao desejo, não veem um corpo como feminino ou masculino. Apenas carne, beleza, uma conexão.

Alyona bate a mão contra o ombro de Vas, então descansa a cabeça lá.

— Você faz parecer tão poético. — Ela praticamente baba.

Soltando a mão do meu rosto, ele sacode o ombro para afastá-la e aponta para uma porta no fundo da sala. — Vá se trocar. Você não pode treinar usando sua roupa de puta.

Mordo meu lábio para segurar uma risadinha quando seus olhos se estreitam. Ela está usando uma saia justa e uma camisa reveladora. Sua maquiagem é impecável, e seu cabelo está encaracolado e cai em ondas bonitas.

Alyona me disse que uma puta é alguém que se vende de maneira sexual. A conversa veio quando ela reclamou que um filme chamado *Pretty Woman* era a única coisa na TV na noite passada.

— Foda-se, Vassy, — diz ela, atirando-lhe um dedo do meio levantado. Então ela lhe dá uma cara amuada. — Podemos comer primeiro pelo menos?

— Você já comeu. — Vas exala, alto e frustrado.

— Aquilo não era comida, Vassy.

Ele apenas aponta para a porta e estreita o olhar. É uma batalha de vontades, mas ela finalmente bufa e marcha na direção de sua ordem.

Uma vez que a porta se fecha atrás dela, Vas se vira para mim e esfrega a mão na nuca dele como se ele estivesse com dor lá. — Sinto muito que você teve que ver aquilo lá atrás.

A cena erótica incomum que interrompi.

— Não, é... eu quero aprender, — digo a ele, meu pescoço queimando de vergonha.

Seus olhos se expandem e ele quase engasga. — Você quer aprender *aquilo*? — Ele pergunta, seu tom rouco.

É a minha vez de parecer chocada. Eu sacudo minha cabeça. — Não, hã... quero dizer, quero aprender sobre a vida e como as pessoas vivem aqui no mundo real. Fui protegida a maior parte da minha vida até que o homem do diabo me roubou.

Sua expressão desaba, fazendo-o parecer perturbado. Odeio ver esse olhar em seu rosto. Estendo a mão meigamente e aliso as linhas com as pontas dos meus dedos.

Seus olhos se fecham e ele respira na minha pele.

— Quem era esse homem do diabo, Darya?

Um homem que me forçou ao horror, que eventualmente me trouxe até você.

— *O* diabo, — afirmo, respondendo a ele.

Lentamente piscando os olhos abertos, ele fixa as esferas azuis claras em mim. Prendo a respiração, desejando que ele abaixe seus lábios nos meus e afastasse com beijos essa dor nas minhas entranhas. Deitar ao lado dele a noite toda foi o melhor sono da minha vida, mas fiquei com essa necessidade pulsante dentro de mim que não sei como me livrar. Eu sei que ele poderia...

— Ele me disse que um dia viria me buscar se o jogo acontecesse desse jeito, — eu sussurro, estremecendo com aquele lembrete constante persistente na minha cabeça. — Ele disse que eu era um peão. Um ás no bolso de trás. Que um dia ele virá e fará aquela jogada. — Não sei o que ele quis dizer, mas uma parte é clara: ele eventualmente voltará.

Os olhos azuis de Vas ficam frios e tempestuosos. Ele é forte e feroz como um anjo da guarda. Um enviado de Deus para me proteger. — Eu vou matá-lo por você, se ele tentar te levar de novo, — ele promete. — Confie em mim.

E eu acredito nele.

Capítulo Onze

Vas

Dois meses e meio depois...

— Mais uma vez, — Vas grita com Alyona.

Ela resmunga e chuta o estômago dele. Ele agarra seu tornozelo dessa vez, jogando-a no tatame antes que ela possa reagir. Sua cabeça bate e eu estremeço.

— Ela está bem, — diz Rodion ao meu lado. — Ele é a melhor chance que ela tem para ganhar isso.

Ele olha para eles quando voltam a brigar, e eu olho para ele. Rodion usa um moletom sem mangas e calça de moletom preta hoje. Seu capuz está puxado mais para baixo sobre o cabelo cor de chocolate, quase cobrindo os olhos.

— Você o treinou? — Eu pergunto.

Ele não tira sua atenção deles quando responde. — Um pouco, por um tempo, mas ele já estava lutando muito antes de chegarmos a ele. Vas cresceu assistindo a disputas clandestinas ilegais. Zahkar e eu aprendemos muitas técnicas de diferentes artes marciais mistas, como Vas, mas Vas misturou a brutalidade da luta clandestina sem luvas com o treinamento para criar uma técnica própria. Ele aprendeu sacanagem.

— Sacanagem?

Vas desliza, agarrando a coxa de Alyona com força, e manda-a girar, então pega um punhado de seu cabelo e a joga na cerca, pressionando-a contra ela. Ela se contorce para sair do seu aperto, mas ele é mais forte. Ele não está tentando machucá-la, no entanto. Ele está tentando ensiná-la. Seus sussurros a fazem relaxar como se ele estivesse explicando algo para ela. Ela lentamente dá uma cotovelada em suas costelas, e ele balança a cabeça, depois grita: — Mais forte!

Ela dá uma cotovelada com tudo o que tem, e ele solta seu cabelo para esfregar o torso.

— Sacanagem é melhor? — Pergunto a Rodion.

Finalmente, ele me mostra seus olhos e sorri. — Sacanagem é sempre melhor, Darya.

Eu sinto que ele não está apenas falando sobre lutar, e um rubor se arrasta pela minha pele. Afastando-me de seu intenso olhar, olho de volta para Vas. Ele tira a camiseta e a usa para tirar o suor do rosto. Fico fixada em encarar seu corpo... um corpo que já me acostumei a ver nos últimos dois meses e meio que nós dividimos um quarto. Toda noite depois do banho, eu o observo com avidez, passar só de cueca enquanto seca o cabelo com uma toalha. Às vezes, acho que estou com sede de lamber a água remanescente, e os pensamentos escandalosos sempre me fazem rezar.

Mas ainda olho.

Eu sempre olho

Vas me pega olhando e sorri para mim, como se estivesse me pegando sendo impertinente e está orgulhoso. Eu mordo meu lábio inferior, envergonhada. Alyona anda atrás dele e finge empurrar contra ele. Rodion rosna ao meu lado, mas me descontrolo num ataque de risos.

Eles voltam a brigar e Zahkar senta do meu outro lado. Vas deixou claro que eles não estão autorizados a me tocar, mas às vezes eles gostam de me provocar sobre como dois é melhor que um.

Prefiro *apenas um*, muito obrigada.

Eu poderia olhar *apenas para Vas* sem camisa durante todo o dia.

— Não deixe Vas manter as duas damas escondidas esta noite, — diz Rodion, virando o capuz para trás. — Hoje é a nossa festa de aniversário.

Analiso seu rosto para ver se ele está brincando, mas ele está falando sério. Quando me viro para olhar para Zahkar, ele dá de ombros.

— Somos gêmeos, — diz ele, sorrindo como um lobo.

Eu posso ser ingênua, mas eles não são gêmeos. Um é a noite e o outro é o dia. Estes dois não foram cortados do mesmo tecido. Estou começando a aprender quando eles estão brincando comigo. — Haverá bolo?

Rodion bufa. — Haverá bolo, anjo. Ele vem em pedaços pequenos. Venha me pedir uma mordida de Sweet Heaven[3] mais tarde.

— Vas vai te matar, — adverte Zahkar, divertido com seu irmão.

— E por que eu vou te matar? — Vas rosna quando sai do ringue.

Eu pulo, e os caras de ambos os lados riem.

— Nós dissemos a ela sobre a nossa festa de aniversário, — diz Rodion suavemente. — Ela quer vir.

Alyona aproxima-se de nós, seu rabo de cavalo balançando a cada passo. — Quero ir também.

Rodion dá um tapinha no colo dele e sorri para ela. — Oh, nós queremos que você venha também.

Vas franze a testa para eles, e tomo um momento ganancioso para passar os olhos pelo seu peito esculpido e suado. Quando Alyona bufa, percebo que fui pega.

— Bem, se vai haver uma festa, precisamos nos preparar, — diz Alyona, estendendo a mão para mim.

Eu agarro e deixo ela me levantar. O olhar de Vas está no meu, penetrante e aquecido. Mostro-lhe um pequeno sorriso antes de deixá-la me levar para os elevadores. Assim que se fecha, ela ri.

— Diga-me que vocês dois se pegam a portas fechadas. Já faz quase três meses. Eu sei que o Vas é uma aberração. Fale, — ela balbucia, suor escorrendo pela têmpora. Para alguém que está sendo espancada diariamente no ringue, ela com certeza parece animada.

— Nós, uh... conversamos até tarde da noite, — eu admito. — Ele não dorme com uma camiseta.

Ela fecha os olhos e balança a cabeça. — Diga-me que vocês pelo menos beijaram.

---

[3] Sweet Heaven — pílula alucinógena.

Um estremecimento me atravessa. Molokh costumava me beijar.

***

O hálito de álcool queima minha carne enquanto suas imensas palmas agarram minhas bochechas e seus lábios descem sobre mim. Sua língua gorda e molhada entra na minha boca enquanto eu me contorço para ficar livre.

Meus dentes mordem e o sangue enche minha boca. — Sua boceta do caralho, — ele ruge, e a mão que acariciava minha bochecha apenas alguns segundos antes me atinge com força, roubando-me o fôlego.

Um fogo se espalha sobre o meu rosto da pancada. O segundo golpe é um soco no meu estômago, paralisando-me e fazendo cair no chão e me enrolar em posição fetal. — Você nunca vai me morder de novo ou vou ter todos os seus dentes removidos. — Há uma bota nas minhas costas, então a escuridão.

***

— Hey, — diz Alyona, sua voz suave. — Onde você foi?

Eu pisco abrindo meus olhos e franzo a testa. — Não, nós não nos beijamos.

— Bem, Pequena V, esta noite você será beijada. E vai adorar. Vas é um grande beijador, — ela me diz.

— Você o beijou? — Uma pontada de ciúmes queima em mim, e estou chocada com a rápida explosão disso.

— Eu não. Ele é meu amigo. Eca. — As portas do elevador se abrem e ela caminha pelo corredor à minha frente. — Mas minhas amigas dizem que ele é incrível.

Incrível.

Eu não tenho dúvidas.

— Podemos ajudá-lo? — Alyona grita, sua voz ficando fria.

Olhando ao seu redor, vejo um cara de terno perto da nossa porta.

— Estava procurando por Vas, — diz o homem, com um largo sorriso no rosto. Algo sobre ele me faz tremer. O homem do diabo também tinha um sorriso bonito.

— Vas está treinando no andar de baixo. Você pode encontrá-lo lá.

Ele acena e começa a passar por nós. Alyona está quase de maneira protetora diante de mim, mantendo os olhos nele enquanto ele passa. Ele pisca para mim e eu estremeço.

— Aberração, — Alyona resmunga, pegando minha mão novamente para me arrastar junto.

Quando estamos dentro e a porta está trancada, ela me puxa para a suíte master.

— O que estamos fazendo? — Eu pergunto.

Ela liga o rádio, e nossa cantora favorita, Loboda, surge. Imediatamente, estamos sorrindo. Ela acompanha, terrivelmente se devo admitir, e eu gingo com a música.

— Tranque a porta do quarto. Nós vamos fazer alguma magia, — ela cantarola antes de saltar para o banheiro.

— Magia?

Ela grunhe de dentro do banheiro, então espio pela quina. Sufoco uma risadinha enquanto ela tira o sutiã esportivo. Seus peitos saltam e olho para longe.

— Sim, magia. Depois que eu tomar banho. Procure no meu armário. Encontre algo fofo que você goste... e não, você não pode usar as cortinas. Esta noite, você vai vestir algo sexy. A Operação Beijar Vas exige isso. — O chuveiro liga e ela grita por cima do som, — E a Operação Assista a Foda dos Gêmeos também está ligada!

Lanço meu olhar para o banheiro. — Eles não são gêmeos. Não de verdade.

Parada tão nua quanto no dia em que nasceu, Alyona encolhe os ombros. — Mas ainda queremos assisti-los foder.

Enterro meu rosto em minhas palmas, rindo. Por mais que queira negar, não me importaria de espiar o que eles fizeram um tempo atrás de novo. Eles pareciam felizes, e todos os envolvidos estavam gostando. Eu não saberia como me divertir de verdade.

As freiras nunca me permitiram.

Vas iria?

Calor empoça entre minhas coxas, e tenho o desejo irresistível de me tocar. Em vez disso, sussurro uma oração por força. Assim que o amém sai dos meus lábios, estou imaginando Vas nu. Comigo. Eu penso nas coisas ruins que Molokh permitiu que Artur fizesse comigo, mas substituo-as com Vas. Em vez de me ter sem o meu consentimento, Vas me pediria, e eu me daria de bom grado. Ele me beijaria. Seria gentil, apenas sei disso.

Estou sorrindo enquanto caminho até o armário de Alyona. Ela tem centenas de vestidos e roupas nos cabides. Todo o dia recebe novos pacotes. Ela é obcecada por compras on-line. Lentamente, examino cada roupa. Meus olhos caem em um vestido branco. Branco é minha cor favorita. Algo sobre isso chama a minha alma. Quando tiro do cabide, percebo que não há muito nisso. Mas é suave e bonito.

Vas gostaria desse?

O pensamento me fez retirar o moletom de capuz que Vas me emprestou, e descer a calça de moletom que Irina arrumou para mim. O vestido não dá para usar com o meu sutiã, então estico a mão por trás para removê-lo. Rapidamente, coloco o vestido e me atrapalho com o design confuso. Eu finalmente percebo que a alça começa no meu ombro direito da frente, mas atravessa meu peito e envolve o lado esquerdo do meu pescoço antes de prender na parte de trás. Serve perfeitamente e é bem curto. Saio do closet e vou ao banheiro para procurar o espelho. Está embaçado e não consigo ver. O chuveiro desliga, e vejo quando Alyona sai e envolve uma toalha em volta de seu corpo.

— Uau, — diz ela. — Uau.

— Desculpe, — eu exalo. — Se é esse que você queria usar…

— Não. — Ela corre para mim e me gira ao redor para olhar para as costas. — Não, esse vestido foi definitivamente feito para você. Jesus, pequena V, você parece tão gostosa, você está me tornando um pouco gay.

Balanço minha cabeça para ela, acostumada com o seu teatro bobo. — Você gosta?

— Eu amo. Você parece tão bem, — diz ela, sorrindo para mim. — Vou fazer o seu cabelo e maquiagem. Todo mundo vai te querer.

Meu sorriso se apaga. — Não quero que todos me queiram. Só Vas.

Ela pisca. — Oh, não se preocupe com isso. Vas definitivamente vai querer você.

E meu sorriso está de volta.

Capítulo Doze

Vas

— Relaxe, irmão, — diz Rodion, apertando a mão no meu ombro. — Deixe a garota fora de sua coleira um pouco.

Cerro os dentes e atiro-lhe um olhar feio. Não esqueci que ela realmente esteve na coleira alguns meses atrás. Yuri estava segurando uma ponta dela. Quero que ela experimente a vida um pouco, e certamente não quero ser como aquele filho da puta retendo-a. Talvez Rodion esteja certo. Talvez precise deixá-la respirar um pouco. Alyona se dá muito bem com ela. Ela é protetora sobre Darya e eu tenho que confiar nela.

— Eu tenho algumas notícias sobre a situação de Vika, — diz Rodion com um olhar duro. Não é sempre que eles ficam sérios, e é irritante ter os olhos ferozes de Rodion voltados diretamente para mim.

— E?

Olhando por cima da multidão ali perto, ele toma a bebida e fala baixo. — Ven nos pediu para ir buscá-la várias semanas atrás. Ele quer que a gente lhe mostre alguma hospitalidade especial, mas nós adiamos. Disse que temos um convidado aqui no momento e precisaria esperar.

— Tortura sexual? — Eu digo com cansaço. — O que Diana pensa sobre isso?

Com um encolher de ombros descuidado, seus lábios se curvam em um sorriso. — O que *você* acha disso é a melhor pergunta?

Ele está me atraindo para ver se em algum lugar no fundo realmente tenho sentimentos por ela. Ele sabe que não deve, mas é interessante que ele esteja sendo brincalhão. Isso me mostra que ele não está interessado em transar com Vika. Porra, ela sem dúvida iria gostar da atenção deles. Ela é sádica pra caralho.

— Ven deu ao nosso Timofei a honra de domar a leoa em nosso lugar. Ele está trazendo-a agora aqui para nós. Os documentos e

arranjos estão feitos para ela como você pediu. Mas, Vas... — ele faz uma pausa, todo humor foge, deixando uma máscara de ameaça em sua esteira, — nós vamos cuidar dessa situação para você, mas isso vai lhe custar.

Todos sempre querem pagamento neste mundo em que vivemos.

— Claro que vai. — Eu esfrego a mão no meu cabelo, então as descanso nos meus quadris. — Quanto?

— Um milhão.

Um bufo me escapa. — Um milhão?

— É por quanto Ven a vendeu para nós por pressão da sua irmã. Ele se recusou a vender no começo.

— De jeito nenhum. — Eu balanço minha cabeça em descrença. Ven não iria vendê-la, ou iria? É humilhante e degradante para uma mulher como Vika, que sempre foi uma princesa no mundo do crime, educada acima dos escravos comprados e pagos vindos através de sua casa, para eventualmente acabar sendo vendida como uma. É o karma perfeito, no entanto.

Rodion revira os ombros e, antes que consiga drenar o restante da bebida em seu copo, a garçonete vem rebolando para encher de novo. Rodion observa sua bunda enquanto ela volta para o bar privado, dando-lhe uma piscadela por cima do ombro.

Pegando um dos cubos de gelo com a língua, ele o mastiga entre os dentes e demora a responder.

— Não foi fácil fazê-lo concordar, e ele não sabe o que você pediu, então isso vai ficar entre nós.

Um maldito milhão em Vika. Eu tenho dinheiro, mas não desse tipo sem ir ao meu velho para isso, e essa é a última coisa que quero fazer. Todos os meus fundos estão atados no meu centro de treinamento.

— Eu tenho quinhentos mil, — grunho. — O resto posso conseguir logo.

— Nós não queremos o seu dinheiro. Nós queremos que você lute para nós. Uma luta importante. Uma vez, dívida paga.

Uma vez por um milhão?

— Quem? — Eu pergunto. Ele deve ser alguém especial para quitar esse tipo de dívida.

— Skull— é tudo o que ele diz, olhando-me diretamente nos olhos, sem nenhuma explicação necessária.

Skull é um nome temido entre todos os lutadores, na gaiola, no ringue, nos tatames, nas ruas, em todos os lugares. Ele é tão cruel, está enterrado no circuito de luta clandestina porque nunca deixa seus oponentes vivos.

— Ele está criando problemas e tem uma boca grande. Ele está desrespeitando nosso nome. Eu não quero apenas eliminá-lo... quero que ele seja abatido neste clube, humilhado pelo nosso lutador escolhido. Morto por nossa decisão, — Rodion diz raivoso. Ele estende a mão, segurando a parte de trás do meu pescoço com a mão livre e trazendo minha testa para a dele. — Faça isso para nós e Vika está livre, e nós estaremos em dívida *com você*.

Uma calma me atravessa. Sei que sou melhor que o Skull. Não será fácil, mas sei que posso vencer, e Rodion sabe, ou ele nunca pediria.

Levando minha própria mão, agarro a parte de trás do seu pescoço e sorrio. — Eu teria feito isso de graça.

Ele acena com a cabeça, uma risada sacudindo seu peito. — Eu sei. Apenas parte do jogo. E você sabe como amamos jogar. Falando em jogar. Sweet Heaven? — Ele pergunta, me oferecendo uma pílula rosa pálida como se não tivéssemos acabado de determinar que o destino de alguém seria a morte.

— O que é isso?

Seu sorriso é sinistro. — Algo pecaminoso.

— Quão pecaminoso?

— Faz você relaxar. Você certamente precisa disso.

Embolso a pílula, depois observo a multidão pulsante. A música é alta, mas a batida errática do meu coração parece mais alta à medida que procura por ela... sempre a procura dela.

Darya é difícil de resistir. Toda noite, ela me dá o olhar mais doce e inocente que faz meu pau doer. Não fico tanto tempo sem transar há anos. Está começando a parecer tortura vê-la em seu vestido simples enquanto ela ora, depois rasteja na minha cama para abraçar. Estou ficando viciado em tê-la em meus braços e inalar seu cheiro.

Estou observando o mar de pessoas distraidamente quando alguém me chama a atenção. Não é apenas qualquer uma. Mas *ela*.

Meu queixo quase se desloca quando vejo Darya se aproximar com Alyona ao seu lado. Darya usa um vestido branco muito apertado que parece tudo menos inocente. Suas pernas esguias brilham nas luzes, e os brilhantes saltos de tiras pretas fazem suas pernas parecerem mais longas. Ela está usando maquiagem e mal a reconheço. Cílios longos e pretos. Sombra nos olhos cuidadosamente aplicada. Mas são os seus lábios que tiram meu fôlego. Carnudos, sexy, vermelhos. Eu quero sugar a cor deles.

— Puta merda, — diz Rodion ao meu lado.

Ignorando-o, vou em direção às mulheres. Quero gritar com Alyona por deixá-la se vestir assim. Por mostrar a todos o que é meu. As palavras estão em meus lábios, mas então Darya olha para mim com um olhar tão esperançoso. Ela quer que eu goste, isso é claro.

Quando chego a ela, deslizo meu braço ao redor de sua cintura como se fosse abraçá-la. Minha outra mão desliza para o lado do pescoço dela. Ela fica boquiaberta comigo pela minha proximidade.

— Você é linda demais para não beijar, — murmuro antes de pressionar meus lábios nos seus vermelhos entreabertos.

Nossos olhos se fecham e deslizo meus dedos em seus cabelos, apertando-os suavemente. Minha língua ataca para dançar com a dela. Ela é hesitante no início, mas depois seus dedos seguram a frente da minha camisa enquanto sua língua se move ansiosamente com a minha. Se ela fosse qualquer outra mulher, eu já teria agarrado a sua bunda , a erguido, e levado fora daqui para transar.

Mas ela não é qualquer outra mulher.

Ela é minha Darya.

E ela merece ser tomada devagar. Cortejada como se estivéssemos na maldita era vitoriana. Quero banhá-la com presentes, beijos, e palavras elogiosas até que ela implore por mais. Então vou presenteá-la com a minha língua. Com meu pau. Eu vou mostrar a ela como o sexo pode ser bom. Isso não é só para monstros. É para duas almas enredadas que precisam desesperadamente encontrar uma maneira de se conectar.

Minha mão, porque não sou sempre um fodido santo, deriva à sua bunda. Eu aperto-a de uma forma apreciativa que a faz gemer na minha boca. Estou duro pra caralho entre nós. Aproximo-a apenas para que possa sentir o quanto me excita.

Eventualmente, nós temos que buscar ar. Eu me afasto e olho para seus lindos olhos âmbar brilhando de felicidade. Faz meu peito bater como o som do clube.

Seu lábio inferior está inchado agora e quero mordê-lo. Antes que possa me parar, roubo um beliscão rápido, depois um beijo suave.

— Isso foi quente, mas vamos tomar uma bebida agora, — interrompe Alyona, arrastando Darya para longe de mim.

Os risos de Darya são altos sobre os alto-falantes e eu a deixo ir. Ela merece isso... ser apenas uma jovem se divertindo no clube. O desejo de trancá-la e mantê-la segura é forte, mas então não sou melhor que Yuri. Acompanho seus movimentos até o bar privado na área VIP. Rodion vai até elas e envolve o braço em volta dos ombros de Alyona.

— Vou treinar Alyona amanhã de manhã, — Zahkar murmura ao meu lado. Eu me viro para ver meu amigo olhando para eles também. — Eu quero praticar com armas.

— Ela não está pronta.

Ele encolhe os ombros. — Ela precisa estar. Você a tem treinado por dois meses e meio, e na melhor das hipóteses, ela pode se defender de um ataque indesejado. Ela com certeza não pode causar nenhum dano ainda.

— Você pode ter uma hora, então virei buscá-la. Faça bom uso do seu tempo, — digo a ele.

As garotas e Rodion chegam. Ambas Alyona e Darya têm sorrisos correspondentes. Estou feliz que ela encontrou uma amiga.

Não morra, Alyona.

Farei tudo o que puder para treinar Alyona para que ela vença. Vou até trazer Diana mais tarde para que ela possa treinar com ela e dizer-lhe o que esperar. E com Rodion e Zahkar na jogada, essa garota vai ganhar os jogos do ano que vem. Ela tem que ganhar. Darya não pode perder sua amiga, não depois de tudo que ela passou.

— É melhor ter algum Sweet Heaven, — diz Rodion para mim. — Esses dois anjos já têm.

Eu olho para ele. — Você deu drogas a ela?

— Está tudo bem, — diz Alyona. — Vamos nos soltar hoje à noite. Rodi diz que isso nos fará relaxar. Nós não vamos ficar pervertidas nem nada. Relaxe.

Darya está sorrindo feliz. Ela é tão inocente. Eu me aproximo dela e a arrasto contra mim. Ela se vira nos meus braços e me olha.

— Você também tomou uma? Rodion diz que é seguro. — Ela sorri, mas então suas sobrancelhas franzem. — É seguro, certo?

Tiro a pílula do meu bolso e a engulo a seco. — Se eles dizem que é seguro, é seguro. Vamos. Vamos sentar.

Arrastando-a para longe do grupo, levo-a para um pequeno sofá no canto. Nós nos sentamos e a puxo para o meu colo. Desde que ela tem dormido na minha cama todas as noites, nos tornamos bastante afetuosos. Mas tê-la sentada em mim parece mais íntimo, com ela vestida como uma deusa. Eu não a quero fora da minha vista. Ela é linda demais, vulnerável demais. Alguém tentaria pegar o que é meu.

Eles tocam música após música nos alto-falantes. Darya e eu conversamos durante a música. Ela faz muitas perguntas sobre o clube, claramente feliz da vida. Mantenho meu olho em Alyona. Eu não quero que ela saia com alguém aleatório. Felizmente, Rodion e Zahkar parecem ter os olhos sempre sobre ela. Normalmente, ela desconsidera

seus avanços, mas esta noite, parece estar flertando com eles. Eles sabem que não devem transar com ela. Ela não está aqui para isso, não precisa da distração de seu treinamento.

Darya dança no meu colo, esfregando contra o meu pau. Essa garota está me enlouquecendo. À medida que a noite passa, percebo que Sweet Heaven é um tipo leve de ecstasy. É como se esses filhos da puta soubessem exatamente o que essa garota precisava. Ela certamente está fora de sua concha.

— Venha aqui, linda, — eu rosno, de repente sobrecarregado com a necessidade de beijá-la novamente.

Ela ri quando eu a puxo para a minha boca. Nosso beijo é mais intenso que o anterior. Quando ela afasta a cabeça e se inclina para trás para balançar com a música, eu beijo seu pescoço em vez disso. A doçura salgada é viciante na minha língua. Eu sugo sua pele entre meus dentes com força suficiente para que deixe uma marca para todos verem. Um gemido vibra em sua garganta, me deixando louco. Eu beijo sua garganta ao longo de sua clavícula, ansioso por mais. Estou prestes a abaixar o vestido e expor seus seios quando ela é tirada do meu colo.

Raiva toma conta de mim, mas desaparece quando percebo que é Alyona.

— Nós estamos indo para o banheiro! — Alyona grita para mim. — Eu vim a tempo também! Vocês dois estavam prestes a foder na frente de todos!

Darya sorri timidamente para mim, mas não perco o ardor no seu olhar. Talvez Sweet Heaven tenha sido uma má ideia. Mas nada parece ruim agora. Tudo parece certo.

— Volta depressa, — eu grito.

Elas correm, e ajusto meu pau tenso em minha calça. Do outro lado da sala, Rodion está rindo e apontando para mim. Mostro o dedo ao filho da puta e me levanto. Quando chego até ele e Zahkar, eu dou a eles um empurrão brincalhão.

— Por que estamos ouvindo essa merda? — Eu exijo. — Eu pensei que vocês tinham um artista para sua festa.

Zahkar franze a testa. — Eles desistiram no último minuto.

Rodion agarra duas doses enquanto uma mulher passa com uma bandeja. Ele entrega uma para mim, e bebo num gole, amando a queimadura na minha garganta. Eu estou tão quente agora, queimando de dentro para fora.

Alguns minutos depois, Alyona pula nas minhas costas por trás e tenta me sufocar em um de seus novos movimentos aprendidos. Eu tento me livrar dela, mas ela grita. Nós derrubamos algumas pessoas e ganhamos alguns olhares sujos. Finalmente, consigo soltar ela do meu pescoço.

— Pirralha louca, — grunho para ela.

— Oh, meu Deus! — Ela grita de repente. — Vas! É ela! Eles a contrataram! Ela é a artista, certo? Loboda? Darya! Ela está aqui!

Eu procuro por Darya, mas não a encontro. Meu coração dispara no meu peito.

— Onde ela está? — Eu grito.

O sorriso de Alyona se apaga quando ela franze a testa. — Ela estava bem atrás de mim quando eu pulei em você.

Loboda começa a cantar a música, afastando a atenção de Alyona. Eu passo por ela em uma caçada por Darya. As pessoas estão aplaudindo e gritando, apontando para o palco, mas eu ignoro enquanto procuro por Darya. Estou prestes a enlouquecer quando Alyona grita.

— O quê? — Eu grito.

— Puta merda, Vas, — ela grita, choque em sua voz. — Veja!

Eu sigo seu olhar para o palco. No centro cantando com toda sua força não é Loboda. É Darya. Ela é dona do palco e todo mundo está ficando louco.

Porra.

Porra.

Porra.

Eu empurro as pessoas, não me importando com quem está no meu caminho. Quando alcanço o palco, olho para ela com

admiração. Ela canta a música sem falhas, depois começa outra. Como se ela fosse a artista e todos estivessem aqui para vê-la, ela canta canção após canção. Quando ela termina uma música e pisca atordoada, decido que é o suficiente. Ela teve muita diversão.

— Darya! — Eu chamo.

Seus olhos piscam de alívio e ela pula destemidamente do palco para os braços que a esperam.

Sweet Heaven está me dando um zumbido, mas está claramente a fazendo pensar que tem asas. Eu tenho que tirá-la daqui.

— Você vai ficar bem? — Eu pergunto a Alyona quando passo.

Rodion e Zahkar espreitam por perto, assentindo.

— Eu vou ficar bem. Tire o nosso pequeno pássaro daqui. Uma soneca será bom para ela, — diz Alyona.

Eu bagunço o cabelo de Alyona quando passo, depois abraço Darya. Seus braços estão presos no meu pescoço e ela parece estar cheirando meu cabelo. Agora ela está beijando meu ouvido. Foda-se.

— Fora do meu caminho, — eu rosno, afastando mais dançarinos. Finalmente consigo nos colocar no elevador. Ela canta suavemente enquanto subimos. Quando as portas se abrem, desço o corredor e destranco a porta do apartamento. Eu a carrego para dentro e tranco atrás de nós.

— Vamos lá, — eu digo, abraçando-a. — Vamos fazer você se trocar.

Uma vez dentro do nosso quarto, a coloco de pé. Seus olhos são vítreos, mas seu sorriso é sexy pra caralho. Está mexendo com a minha cabeça.

— Estou feliz, — ela ronrona com uma voz sexy. — Por sua causa.

— Você está me matando, baby, — eu rosno. — Você sabe o quão difícil é resistir a você quando está assim?

Ela abre o zíper lateral do vestido. — Você não me quer?

Ando em direção a ela e afasto sua mão para que eu possa abrir o resto. — Eu quero muito você.

— Então me tenha, — ela sussurra, olhando para mim com os olhos dilatados.

— Assim não.

Ela faz beicinho, o que realmente deixa meu pau com fome, mas ignoro os dois. Ajudo-a a se despir. Em vez de sua camisola habitual, eu a auxilio com uma das minhas camisetas. Ela rasteja na minha cama enquanto me dispo ficando de cueca. Desligo as luzes e deslizo ao lado dela. Nos abraçamos normalmente.

No início.

Ela se contorce para me encarar, então seus lábios encontram os meus na escuridão. Sua respiração é quente contra a minha. — Uma vez me disseram que sou amante da noite. Uma tentadora sombria. Eu tentarei você agora, anjo?

Eu rio. — Anjo?

— Meu anjo da guarda.

Seus lábios pressionam os meus e ela me beija profundamente. Minhas mãos não são tão angelicais quando as percorro sobre seu corpo. Maldito Rodion e seu Sweet Heaven. Eu deveria saber. Sabia que não devia.

Minha mão desliza sobre sua calcinha e ela solta um gemido carente. Isso me faz ceder aos efeitos inebriantes das drogas. Eu deslizo minha palma sob o tecido, tocando sua boceta perfeita.

— Vassss...

Passo meu dedo ao longo de sua fenda. Ela está tão molhada. Meu dedo mergulha dentro dela, e ela choraminga.

— Eu preciso parar, — assobio, me agarrando freneticamente a um fio de autocontrole.

— Não pare, — ela implora. — Isso é bom.

Enfio o dedo em seu canal apertado, pingando com a necessidade, moendo minha palma contra o clitóris. Ela se contorce e aperta em volta do meu dedo. Sua boca procura a minha, me beijando em desespero. Nós nos perdemos no momento enlouquecido, até que ela

está gritando de prazer, encharcando meu dedo. Seu corpo relaxa e deslizo meu dedo para fora.

— Darya, — eu sussurro. — Vá dormir agora.

Ela solta um suspiro ofegante. — OK. Obrigado, Vas.

Tão doce.

— Disponha, baby. Disponha.

Dentro de segundos, ela está dormindo.

Meu pau está bem acordado.

Eu a abraço e forço meu pau a se acalmar. Meu coração acelera no meu peito. Se ela continuasse implorando, não acho que teria o autocontrole para dizer a ela que não.

Quando ela acordar amanhã e perceber o que fizemos, provavelmente vai me odiar. Beijo a cabeça dela suavemente. Eu com certeza espero que não.

Capítulo Treze

Darya

Nunca me canso de acordar cercado pelo aroma de Vas. Eu estico meus membros doloridos, e um sorriso curva meus lábios enquanto lembranças da noite anterior se repetem em minha mente. Minhas coxas se apertam juntas, e passo minha palma por seu peito, suspirando quando meus dedos alcançam a cruz que ele usa lá. Eu nunca perguntei a ele sobre sua religião. Sempre foi tão sagrado, nunca abordei esse assunto com ele, mas estou curiosa sobre as tatuagens exibidas em sua pele e a cruz que ele nunca tira. Eu permito que meus olhos percorram seu corpo, admirando a forma com a qual ele foi abençoado. Ele é tão lindo. Anseio prová-lo nos meus lábios, minha língua.

— Em que você está pensando? — Ele pergunta, sua respiração ofegante.

— Vida. — Eu sorrio, enrolando meu dedo na corrente segurando a cruz.

Minha vida é tão diferente de como foi no convento. Aprendi sobre os pecados da carne, mas como algo tão poderoso poderia ser ruim? Por que Deus nos criaria com a capacidade de dar esse tipo de prazer, apenas para proibi-lo?

— Sinto muito, — Vas lamuria através de sua névoa matinal, e eu enrijeço.

— Sente por quê?

Ele remexe nossos corpos, então estamos de lado olhando diretamente um para o outro. — Ontem à noite, não deveria ter cruzado a linha como fiz. — Sua testa franze, e me coço para esfregar as linhas que incomoda seu rosto.

— Ontem à noite foi a melhor noite da minha vida, — digo a ele honestamente. — Eu nunca me senti assim antes.

— Você estava chapada. — Ele ri, mas não tem humor de verdade.

Foi mais do que a sensação que a pílula me deu, no entanto. Foi muito mais. Eu me senti livre.

— Pela primeira vez na minha vida, eu queria o que estava acontecendo comigo.

Minhas palavras não têm o efeito desejado de lhe oferecer tranquilidade. Em vez disso, as linhas ao redor de seus olhos vincam, uma tempestade se formando dentro delas.

— Eu odeio que te deixei lá com ele. Deveria ter te levado na primeira noite que te vi, — ele diz irritado, seu aperto no meu quadril se intensifica. — Deixei você lá para ser estuprada por aquele velho pervertido.

Ele não me conhecia então. Como ele poderia ter me salvado de Molokh? Ele está no comando. Estive lá tempo suficiente para aprender as funções do poder, e ele é intocável.

— Espere, — sussurro, segurando sua bochecha na palma da minha mão enquanto passo por cima de suas palavras em minha mente.

— Estuprar? Molokh não fez. Ele não podia. — Eu tremo com o pensamento. Tento controlar minha respiração ofegante enquanto as memórias de seu abuso se chocam contra mim como ondas contra as pedras.

— O que isso significa? — Vas se senta um pouco, apoiando o cotovelo no travesseiro e a cabeça em sua mão.

Eu desmorono de volta e olho para o teto, muito envergonhada de olhar para ele enquanto revivo a minha vergonha.

***

Onze meses atrás

Este quarto é muito menor do que o meu no convento, mas é melhor do que a caixa em que estávamos há dias. Há sons do lado de fora do quarto-cela, e então um homem aparece no espaço da janela, olhando diretamente para mim. Ele é mais velho do que aquele que nos comprou e designou este quarto para mim, mas seus olhos são os mesmos. Manchas douradas dominam os tons mais escuros como fogo selvagem. Ele olha para mim de maneira diferente. Não havia desejo nos olhos do outro homem, mas este... o jeito que ele olha para mim e lambe seus lábios... me lembra do homem do diabo que me roubou da minha vida.

Um demônio.

Ele me lembra um demônio.

Ele acena para alguém fora de vista, e a porta se abre, fazendo com que me afaste para o canto. Isso só parece agradar a ele.

— Traga-a para o meu escritório, — ele exige antes de girar nos calcanhares, deixando-me nas mãos de um cara grande vestido de terno que enche todo o espaço puramente com o seu tamanho. Ele me manobra da pequena cela e sobe as escadas para uma casa quente. É enorme, mas está vazia, uma concha. Tal desperdício. Sou arrastada para uma sala e colocada em frente a uma mesa. Marcas de dedo machucam minhas axilas e esfrego lá para aliviar a dor.

Eu olho para a janela, e por um segundo, considero me jogar por ela, mas é fugaz. Deus não me perdoaria se tirasse minha própria vida, e eu o temo muito mais do que ao homem entrando na sala. Ele ainda está com o sorriso lascivo no rosto.

— Tire as roupas, — ele grita, caminhando até uma mesa que abriga garrafas de líquido âmbar e copos. Ele serve uma bebida e faz uma careta para mim quando não me movo para fazer o que ele manda.

O homem que me trouxe aqui ainda está parado perto da porta, me observando, e uma parte de mim morre, encolhendo-se dentro da pele que abriga a minha forma.

Com um aceno do homem mais velho, o de terno se aproxima de mim e arranca minhas roupas do meu corpo.

Por favor, Senhor, salve-me deste horror.

Apreensão vibra através do meu corpo, me dando força para tentar impedi-lo de me despir de tudo o que sou. Mas é inútil. Sua força contra a minha é como um lobo provocando um coelho. Meus seios se soltam dos confinamentos da minha blusa, e fico de pé na minha calcinha branca de algodão, meus braços tentando esconder minha pele do olhar deles. Manchas vermelhas espalham-se pela minha pele, mostrando sinais da minha luta e derrota.

— Venha sentar, — ordena o homem mais velho, apontando para sua mesa. Uma lágrima perdida escapa do meu olho, mas eu me sento onde ele ordena. O ar fica preso nos meus pulmões, fazendo-me quase engasgar com a histeria se manifestando dentro de mim.

Definitivamente um demônio. Como Molokh dos meus estudos no convento. Eu estremeço ao pensar em um demônio que sempre esperei que fosse mais um pesadelo se tornando realidade.

Sua mão me alcança, colocando o cabelo atrás da minha orelha. O olhar em seu rosto quase poderia ser confundido com admiração.

— Você me lembra de alguém, — ele reflete, inclinando meu queixo para cima, depois de um lado para o outro, antes de pegar um abridor de cartas de sua mesa. É de prata, como o que o arcebispo Dimitrov tinha no convento. Meu corpo enrijece quando ele desliza a lâmina debaixo da minha calcinha e começa a cortar o tecido.

— Por favor, — eu imploro.

— Segure-a, — Molokh ordena, e sou pega pelos ombros por trás e empurrado para baixo até que minhas costas estão contra a madeira dura da mesa. Lágrimas escorrem dos meus olhos, distorcendo minha visão. Tento me contorcer de seu aperto e livrar minhas pernas, mas algo pesado bate na minha coxa, fazendo-me gritar de dor. Apertando os olhos para encontrar a fonte, vejo o velho colocando um peso de papel em sua mesa. Ar frio sopra contra minhas partes íntimas quando o tecido é arrancado.

Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, por favor, me tire daqui.

Eu ouço um zíper cair, e minha mente sai da sala, encontrando segurança em oração.

Grunhidos de raiva me trazem de volta à sala, mas não consigo sentir nada acontecendo entre as minhas pernas como eu esperava.

Descendo meu olhar para sua mão vigorosamente se masturbando, soluço de alívio quando ele se afasta de mim e rosna.

— É a porra dos pentelhos dela. Nenhum homem ficaria realmente duro quando não pode ver o buraco. Que ela seja preparada e diga a Vlad que ela é minha.

— Sim, senhor, — o homem me segurando responde, em seguida, me levanta para uma posição sentada. Ele recolhe minhas roupas, mas Molokh diz rispidamente: — Não, ela aprenderá a viver como tenho em mente. Nua. Você pertence a mim agora, garota. Bem vinda ao lar.

***

— Darya, — Vas diz meu nome tão suavemente, me arrastando da minha memória, eu quase choro ouvindo.

— Ele não podia ficar duro sempre que tentava... fazer isso comigo. Ele não podia, então ele reagia com violência em vez disso, — eu sussurro.

Vas se senta totalmente com essa nova informação. — Então, ele nunca...?

Eu balanço minha cabeça negando. Ele não precisa saber sobre a intrusão de seus objetos ou o homem que ele chamou de Artur, que ele trouxe para mim para fazer meu corpo trair minha fé e a mim mesma. Artur fez as coisas que Molokh não conseguiu fazer.

— Ele costumava me chamar de Vera. Eu não entendi porque, até que Vlad mencionou o nome da nossa mãe como sendo Vera.

— Então, as contusões em suas coxas? — Ele pergunta, perturbado.

— Apenas sua raiva por sua incapacidade, — suspiro.

Um suspiro sai dos meus pulmões enquanto Vas me arrasta rudemente em seu colo e esmaga meu corpo ao dele. Eu me moldo contra ele como se fôssemos criados desse jeito e descanso minha cabeça em seus ombros enquanto ele apenas me segura.

— Eu quero machucá-lo tanto. Quero quebrar cada dedo que já infligiu dor em você. — Sua respiração é quente contra o meu cabelo.

Afastando-me, agarro seu rosto em minhas mãos. — Não. Não dê a ele essa raiva, esse poder sobre você. Eu estou aqui em seus braços. Estou onde quero estar. O medo era a minha casa, até você. — Eu engulo meu nervosismo e vou para frente com meus lábios, tomando os seus em um beijo brutal e esmagador.

Quando um gemido carente me escapa, ele parece perder parte de seu controle cuidadosamente guardado. Sua mão encontra meu traseiro, e ele agarra com força, seus dedos apertando minha carne. Suspiro em choque por sua aspereza, esperando o medo ser assimilado. Quando eles eram duros comigo, eu choraria e odiaria cada segundo.

Com Vas... isso parece diferente.

Quero isso, seja o que "isso" for.

Eu quero meu corpo esfregando contra o dele. Seu toque contundente é tão viciante quanto o suave que ele toca nos meus lábios. Com Vas, quero os dois lados da moeda.

— Darya, — ele implora. É como um sussurro. Uma doce oração. Se eu fosse Deus, daria a esse anjo qualquer coisa que ele pedisse, especialmente se implorasse desse jeito. Como poderia dizer não a ele?

Como eu poderia sequer querer dizer não a ele?

— Vas, — sussurro contra sua boca. — Eu quero que nós fiquemos juntos. Essa chama dentro de mim só pode ser esfriada por você.

Ele rosna, seus beijos se transformam em mordidas de amor quando ele deixa a minha boca e ataca meu queixo. — Estou prestes a te incendiar.

Sua advertência rouca não me assusta. Isso me faz balançar juntamente com o jeito que ele agarra meu traseiro. Ele está duro debaixo de mim. Em vez de estar preocupada em ser subjugada como Artur foi instruído a pegar-me, é como se Vas quisesse que *eu* o aceitasse.

Quando começo a tirar minha camiseta, ele se afasta um pouco. Foi-se meu homem calmo e divertido. Seus olhos azuis brilham com intensidade. Com necessidade e desejo. Por mim. Nada sugere que ele iria me machucar, apesar de querer me consumir.

Eu quero ser consumida.

Apenas por ele.

A camiseta é jogada fora e seu olhar cai no meu peito. Uma de suas mãos deixa o meu traseiro para que possa acariciar meu seio. Seus toques são gentis e reverentes. Isso me lembra de como as mulheres da minha Bíblia lavavam os pés de Jesus tão suavemente enquanto o adoravam.

Sinos de aviso cantam na minha cabeça, lembrando-me de tudo o que me ensinaram no convento. Que adorar falsos ídolos é um pecado. No entanto, meu anjo é o único que está pecando. Ele está praticamente rezando por mim, como se eu fosse digna dele.

Isso me faz querer pecar também.

Eu quero perguntar a ele o que acontece a seguir. Sei fisicamente o que acontece. Artur colocaria seu pênis dentro de mim. Às vezes, Molokh lhe explicava como fazer meu corpo responder. Na maior parte, eu me escondia atrás dos véus em minha mente, cantando orações.

No momento, não consigo lembrar uma única palavra.

— Você é tão bonita, — Vas arrulha, sua voz rica de admiração.

Eu quero me deliciar com o jeito que ele olha para mim como se eu fosse o sol aquecendo seu rosto. É empoderador e viciante. Estou com sede de mais desse sentimento.

— Você também, meu anjo, — murmuro.

Ele aperta meu mamilo de uma forma que envia um zunido de prazer ao meu núcleo. — Eu não sou um anjo.

— Você é meu anjo, — eu digo com um sorriso.

— Será que um anjo faria isso? — Ele pergunta, sua voz rouca quando ele se inclina para frente.

Gemo quando ele pega meu mamilo em sua boca. Ele suga forte no início, então alivia a dor com a língua. Com cada giro, minha calcinha fica cada vez mais molhada. Uma preocupação fugaz incomoda a minha mente, que ele pode não gostar de eu encharcando sua cueca.

— Foda-se, você é tão sexy, — ele sussurra, beliscando minha pele sensível.

Corro meus dedos pelo seu cabelo macio e balanço meus quadris. Meu corpo inteiro vibra com a necessidade... uma necessidade de satisfazer um desejo interior.

— Vas, — eu imploro. — Eu preciso...

— Mais?

— Simmm

— Então tire isso, linda, — ele diz roucamente, puxando minha calcinha.

Eu me sento de joelhos e desajeitadamente a removo. Ele me puxa rudemente de volta para ele, colocando-me mais uma vez em seu comprimento duro como pedra escondido atrás de sua cueca. Ele espalma minha bunda e me mostra como esfregar meu corpo contra o dele para usá-lo por prazer. Eu olho para a maneira como os lábios da minha vagina envolvem sua ereção coberta de tecido. Minha excitação, cremosa e escorregadia empapa o tecido.

Vai e volta.

Vai e volta.

Lentamente, Vas me ajuda a definir um ritmo que é bom. Aperto seus ombros para me firmar, e logo, ele me deixa assumir. Prazer emana das minhas partes baixas, dolorido e desesperado. Quando nossos olhos se encontram, os dele são maníacos e ferozes. A necessidade de me devorar mal é contida dentro do brilho de olhos azuis.

— Isso é bom, — sussurro. E desejado. Muitas vezes, eles forçariam prazer em mim. Eu odiava isso... e a eles. Mas não isso. Eu quero cada pedaço que ele me entrega.

— Vou sempre fazer você se sentir bem, — ele promete, feroz e determinado.

Sentindo-me encorajada, sento-me e puxo sua cueca para baixo. Sua inspiração aguda me preocupa por um momento, que ele não quer isso. Mas então, ele está murmurando elogios sobre quão perfeita eu sou, e não sinto mais medo.

— É tão grande, — murmuro.

Ele ri. — Uma boa maneira de fazer um homem se sentir bem.

Não posso deixar de sorrir. — Você gosta de ser tão grande? Você não tem medo de me machucar?

Sua mão encontra meu queixo e ele me agarra com firmeza, me puxando para sua boca. Nossos lábios quase se tocam.

— Eu. Nunca. Vou. Machucar. Você.

Assim que suas palavras são proferidas, ele me devora em um beijo possessivo. Durante todo esse tempo, sinto-me como se fosse a mais poderosa aqui, já que estou no topo. Mas agora, com esse beijo, sinto que ele está no controle. E eu gosto. Gosto que possa confiar nele para cuidar de mim, não importa o que aconteça. Que ele nunca vai me machucar como Molokh ou Artur.

Meu corpo liso desliza ao longo de sua ereção. Sua pele é lisa, quente e dura. É bom contra as minhas partes macias. Eu gosto de esfregar contra ele, de mergulhar meus quadris para baixo, me esfregar na parte que traz mais prazer. As lamúrias e gemidos que ele continua devorando em nosso beijo deveriam me fazer envergonhar.

Mas seus gemidos e grunhidos não parecem embaraçá-lo.

Estamos nisso juntos.

Eu levanto mais uma vez e tomo seu comprimento na minha mão. Ele pula contra o meu aperto. Ele murmura palavras ininteligíveis quando eu corro sua ponta ao longo da minha fenda lisa. Seu braço deixa meu traseiro para alcançar a gaveta da mesinha de cabeceira,

mas quando começo a me soltar sobre ele, ele abandona sua busca por qualquer coisa que ele estivesse procurando para segurar meu quadril.

— Jesus, Darya, — ele sibila. — Você vai me matar, porra.

Entendo que ele está exagerando, mas amo o poder que surge em mim. Alguém como eu fazendo um homem como Vas ficar de joelhos.

— Eu vou revivê-lo, — provoco quando meu corpo se estica para acomodar sua espessura. — Vou te ressuscitar com beijos, meu anjo.

Quando me acomodo sobre sua enorme ereção, nossos olhares se encontram novamente. O dele ardente e fora de controle. Possessivo. Desesperado. Só posso imaginar que o meu está semelhante.

Ele nos move até que está sentado de joelhos, suas mãos segurando meu traseiro. — Cavalgue-me, linda garota. Possua esse pau. É seu.

Eu seguro em seus ombros e coloco meus calcanhares em suas costas para alavancar. Então permito que o ritmo erótico que eu costumava dançar sob o luar assuma o controle. Meu corpo se move contra o dele, saltando e balançando. Eu giro meus quadris e aperto minhas paredes internas. Tudo apenas para viver o momento e aproveitar cada segundo desse tempo juntos.

Uma de suas mãos deixa minha bunda para tocar entre meus lábios inferiores. Ele encontra meu feixe de nervos dolorido e massageia habilmente. Como se ele sempre soubesse sobre essa parte do meu corpo e como ela funciona. Eu grito, jogando minha cabeça para trás, e aperto com prazer. Isso parece fazê-lo perder o controle. Ele se mexe debaixo de mim, o dedo entre as minhas coxas trabalhando mais e mais rápido. O prazer é muito insano. Muito intenso. Fora do meu controle.

— Me ajude, — eu resmungo. Não sei com o que preciso de ajuda, mas sei que Vas será o único a fazer isso.

Ele me belisca abaixo e o prazer explode como uma bomba. Um grito assola meus lábios, mas ao contrário de todos aqueles de antes, é um grito agradecido. Meu corpo estremece e arrepia quando me viro para relaxar em seus braços.

— Nós não terminamos, doce Darya, — ele rosna, virando-nos na cama. Seus olhos selvagens me queimam enquanto ele entra em mim, como se estivesse me dividindo ao meio para procurar meu coração. Eu quero que ele encontre. Ele lhe pertence. — Olha como você é perfeita pra caralho. — Sua palma embala meu rosto enquanto empurra. Ele esfrega contra a minha carne sensível e palpitante enquanto bate contra mim. Isso me faz ver estrelas quando outra explosão orgástica explode dentro de mim. Desta vez, o levo ao esquecimento comigo. Nós escapamos juntos.

O calor me inunda, me queimando de dentro para fora. Eu me agarro à pele suada de Vas, desesperada para abraçá-lo. Em vez de se afastar, ele cai contra mim, seus lábios mergulhando no meu cabelo para procurar minha garganta. Ele salpica beijos lá, seu pênis ainda se contorcendo dentro de mim. Seu gozo vaza do meu corpo. Estamos encharcando a cama com isso. Eu deveria estar envergonhada, mas gosto disso. Quero que ele faça mais. Me preencha com todas as suas partes até sermos um.

— Você vai me matar, — ele sussurra, mas há um sorriso em sua voz.

— E por que você parece tão feliz com isso? — Eu provoco.

Ele ri, sua respiração quente me fazendo cócegas. — Porque seria a maneira mais doce de morrer.

Correndo minhas unhas ao longo de sua pele suada, sorrio. — Pelo menos nós morreremos juntos.

Sentando-se ligeiramente, ele vira seu rosto bonito e divertido para mim. — Nós dois estamos morrendo?

Eu soltei um suspiro irregular. — Me sinto morta. Feliz, mas morta.

Seu sorriso é infantil e adorável. — Talvez eu deva revivê-la. — Ele se contorce dentro de mim, endurecendo novamente.

— Talvez você deva.

Mal consigo tirar as palavras da minha boca antes que ele esteja me beijando novamente.

Enquanto crescia, sempre me perguntei como seria o céu. Agora eu sei. Parece assim. Eu até tenho meu próprio anjo.

Capítulo Quatorze

Vas

Madressilva e baunilha. Seu perfume está me cobrindo e nunca quero lavar isso. Ela é tudo e um pouco mais. Há um incômodo no fundo dos meus pensamentos dizendo que era cedo demais. Eu deveria ter lhe dado mais tempo, mas a expressão em seu olhar, o desespero de seu toque... ela precisava disso tanto quanto eu. Há um zumbido na medula dos meus ossos, um eco dos momentos que compartilhamos.

Merda, estou me transformando numa vadia patética, mas acho que nunca senti esse tipo de alegria antes. Controlando minhas feições, entro na sala de treinamento. Esperar que Alyona não perceba o quão tarde estou chegando aqui para treinar é como pedir que as crianças não notem doces quando estão em uma loja de doces.

Seus olhos encontram os meus imediatamente quando entro e me sento. Darya voltou a dormir e não tive coragem de acordá-la. Ela precisa descansar aquele corpinho doce para que eu possa cansá-la de novo mais tarde. Tenho um dos homens de Rodion e Zahkar montando guarda só para dar um alívio à minha mente de me preocupar com ela. Deixei um bilhete para Darya me ligar quando estiver pronta para se juntar a nós, e espero que isso aconteça mais cedo ou mais tarde. Eu já estou com raiva por ela não estar aqui ao meu lado. Estou fodido. Ela me viciou nela, e o pior é que não quero ser livre. Eu quero que ela enterre o gancho até o fim.

Quando ela me disse que Yuri, seu maldito pai, nunca a estuprou porque ele não conseguiu uma ereção, nunca senti um alívio mais puro. Ele é um idiota sádico e conhecido por ser um idiota pervertido. O fato de ela saber que ele não consegue uma ereção dificulta acreditar que ela ainda esteja respirando. Isso é algo que ele nunca iria querer vazar, mas depois de saber quem ela é, e o que me contou sobre ele a chamando pelo nome de sua ex-esposa, está claro que ela lembrou-lhe

dela, e é por isso que ainda tem ar em seus pulmões e vida em suas veias.

— Que horas são, *Romeo*? — Alyona fala ironicamente, notando claramente a minha chegada tardia. Quando Rodion para de atacá-la com movimentos maricas que estão abaixo dele, ela levanta uma sobrancelha esculpida em minha direção.

Ela gesticula para um relógio falso no braço e franze os lábios, desdenhando.

— Se você tem fôlego suficiente para ser uma pirralha, ele não está trabalhando duro o suficiente, — eu ralho.

— Oh, ele me trabalhou muito duro. — Ela pisca e eu faço uma careta.

— Fica frio, — diz Zahkar, juntando-se a mim. — Ele não transou com ela.

— E como você sabe? — Ataco.

Ele sorri. — Porque eu não transei com ela.

Touché.

Esses dois só fodem juntos. É estranho, mas é a sua esquisitice. Eu os amo como irmãos, então sei que eles não me trairiam quando lhes pedisse para não tocá-la assim.

— Passe-me um pouco de água, — Alyona ofega, caminhando até nós de uma forma dramática.

— Você não está nem suando, — eu indico.

Sua boca se abre, e ela faz um espetáculo teatral de colocar as mãos nos quadris, parecendo ofendida. — Sou uma dama. Eu não suo.

Um bufo vem do meu nariz e ela estreita os olhos em mim.

— Vas, você quer descarregar a tensão hoje à noite? — Rodion pergunta, se juntando a nós.

— O que você tem em mente?

Eu não vou usar drogas novamente, caralho. Preciso de uma cabeça limpa, e preciso que Alyona tenha uma cabeça limpa também. Ela precisa de descanso e treinamento que a leve à beira da

exaustão. Não de festejar, e tratar este lugar como um acampamento de férias.

— Nós temos algumas lutas acontecendo esta noite e um está fazendo nome para si mesmo para outro clube. Seria bom vê-lo sofrer uma derrota em nosso clube. — Rodion passa a mão sobre o couro cabeludo e pisca para mim.

— Então *você* luta com ele. — Eu rio.

Rodion é letal. Acrescente seu irmão e eles são uma dupla incontrolável.

Zahkar lambe os lábios. — É uma forma ruim. — Ele encolhe os ombros antes de se recostar em seu assento, sua calça de grife apertando sua genitália, atraindo a atenção de Alyona e de seu irmão.

Cristo.

— Quero ver você lutar. — Alyona tira seu olhar de Zahkar, quase saltando com sua palermice.

— Será bom mostrar à sua aprendiz o que o treinador é capaz de fazer, — acrescenta Rodion com um encolher de ombros.

Fico de pé e aponto para Alyona. — Ok, mas esta será a última noite que você vai ao clube festejar. Quero a sua palavra que vai se concentrar e se comprometer com o seu treinamento. É pela sua vida que você estará lutando nos Jogos.

Revirando os olhos, ela olha para as unhas e acena com a cabeça. — Tudo bem.

Eu me aproximo, então ela vê o quanto estou falando sério sobre isso. — Alyona, você precisa mesmo entender isso. Não haverá apenas pessoas tentando matá-la lá, existem predadores muito piores que querem fazer picadinho de uma lindinha como você. Para ver dentro de você. Há imbecis sádicos que vão te estuprar até a morte. Você sequer compreende isso?

Lágrimas se formam em seus olhos, me fazendo sentir como um merda. Eu não quero aborrecê-la, só quero educá-la sobre com o que ela está realmente lutando.

— Diana sobreviveu por causa de seu treinamento, — diz ela com confiança.

— Diana tinha coisas para provar, — eu grunho. — Ela trabalhou duro para se preparar.

— Eu também vou. — Ela funga, e passa os dedos com raiva em seus olhos. — Não me descarte tão cedo. Eu posso fazer isso.

Rodion joga um braço por cima do seu ombro e beija a cabeça dela. — Ele sabe que você pode ou nunca teria trazido você aqui.

Zahkar fica de pé e me dá um tapinha nas costas. — Vamos dar-lhe uma amostra esta noite. Coloque-a com um novo lutador e veja como ela se sai. — Sua voz é profunda e suave ao mesmo tempo, como se ele estivesse tentando seduzir todos na sala com ela.

— Organize isso e coloque uma grande quantia em sua vitória para mim, — eu digo a eles. Perder dinheiro para encorajá-la vale a pena.

Meu celular toca, quebrando a atmosfera tensa. Deixo-os e vou buscar Darya que acabou de acordar.

Capítulo Quinze

Darya

Encarando. Estou olhando de novo e não consigo parar. Ele vai pensar que sou assustadora ou algo assim, se não desviar meu olhar. *Pare de encará-lo, Darya.*

O vapor enche o pequeno cômodo, mas o chuveiro nem está ligado. Estou convencida de que vem do corpo sem camisa de Vas. Quando ele tirou sua calça e ficou lá apenas em sua cueca boxer apertada, minhas pernas enfraqueceram.

Eu me lembro desta manhã quando fizemos amor duas vezes. Foi perfeito e celestial. Ao contrário de qualquer coisa que fiz antes. Esses momentos foram para nós. Nós estávamos em igualdade, e eu nunca senti nada tão satisfatório.

— Você está com fome? — Ele pergunta, e minhas bochechas coram.

Sim, oh meu Deus, ele pode ver isso escrito em todo o meu rosto, mesmo depois de já ter sido satisfeita por ele.

— Não, — eu digo, muito estridente, em seguida, rapidamente, com — hã, talvez.

Mordo meu lábio. É normal sentir uma necessidade tão grande por alguém?

— Nós podemos conseguir alguma comida antes de irmos ao clube, se você quiser, — ele oferece, inclinando-se para fechar a torneira na pia. Nem percebi que estava ligada.

Eu não posso acreditar que ele realmente acha que estou com fome de comida.

Ele mergulha uma navalha na água e começa a barbear seu rosto, seus olhos me observando no espelho enquanto faz. Isso deveria ser sexy? Porque é. Mesmo.

— Darya? Você está bem? — Ele franze a testa, parando a mão. A preocupação gravada em seu rosto bonito faz meu coração palpitar. Ele

estava tão preocupado em me machucar, mas não me machucou apesar da dor ainda persistir. Esta dor é deliciosa e desejada. Especialmente quando o infligidor faz isso de tal forma que você implora por mais.

— Sim, estou bem. Vou tomar um banho. — Talvez isso vá esfriar meu corpo superaquecido.

Deslizo a camisa dele que vesti antes sobre a minha cabeça e a deixo cair no chão, entrando no chuveiro e ligando no frio. Um suspiro sai dos meus lábios quando a água cai em meu corpo em uma explosão gelada. A porta de repente se abre, e olho através da água caindo para ver Vas ali nu. — Você não pode provocar um homem assim, baby. — Sua respiração está pesada, e a expressão em seu olhar me diz que ele está tão faminto quanto eu.

— Convide-me a entrar, Darya, — ele quase implora, e já estou alcançando-o antes que termine a frase. Arrastando sua boca para a minha, nós consumimos um ao outro, minhas mãos deslizando sobre cada parte dos cumes duros de seu corpo. Meu próprio corpo parece que pode entrar em combustão se eu não o sentir dentro de mim em breve.

Nossas línguas duelam, dentes mordiscam, lábios molhados e apressados.

Seus dedos seguram minha bunda, me levantando, e ele me inclina contra a parede do chuveiro, seu corpo cobrindo o meu com seu tamanho. Meus braços envolvem seus ombros, fazendo meus mamilos se esfregarem e deslizarem contra seu peito. Pendurando minhas pernas ao redor de sua cintura não posso chegar perto o suficiente, apesar de nós estarmos pele com pele, tão perto que somos praticamente uma entidade. Sua ereção pulsa contra a minha carne quando ele começa a esfregar entre os lábios que se separam.

Oh meu Deus, vou ter um ataque cardíaco, meu peito está se movendo tão rapidamente com a minha necessidade de ser consumida por ele.

Energia, pura e mágica, percorre todo o meu corpo enquanto ele coloca pressão no meu centro quente com rotações suaves de seus quadris.

Levando a mão ao meu rosto, ele tira meu cabelo molhado dos meus olhos e segura meu olhar com tanta intensidade, que uma pedra se forma na minha garganta. Isso é viver. Isto é o que parece ser desejada tão desesperadamente por outra pessoa. Aceno com a cabeça para dar-lhe a permissão pela qual ele parece estar procurando, e as lágrimas de felicidade vazando dos meus olhos se misturam com a água batendo em nós.

Suas mãos percorrem o meu corpo, levantando-me suavemente quando alcança meus quadris. A cabeça de sua ereção cutuca a minha entrada, me esticando até que ele consegue escorregar dentro de mim, descendo-me pelo seu eixo, embainhando-se com o meu corpo. Um suspiro escapa dos meus lábios, e a água que me cobre parece mais sagrada do que qualquer outra que já senti no convento.

Deus nos criou para sentir prazer. Amar e queimar com luxúria, então não pode ser errado se entregar a tais coisas, certo? Isso seria cruel de outra forma. Meu Deus não é um Deus cruel. Estou certa disso.

Dedos puxam e apertam meus mamilos com habilidade antes que sua boca quente se feche em torno de um, chupando e sacudindo sua língua, enquanto meus quadris começam um movimento lento para cima e para baixo em seu comprimento, como ele me ensinou esta manhã.

Há uma agitação se acumulando na minha barriga, deslizando um brilho quente na minha espinha. Cada parte minha está hiper consciente de cada centímetro dele dentro de mim, me tocando, acariciando. — Eu quero viver dentro de você, anjo, — ele geme contra a minha pele antes de levantar-me dele e me persuadir a uma posição de pé. — Vire-se, — ele sussurra, arrastando beijos no meu queixo e deslizando as pontas de seus dedos pelas minhas dobras, massageando o feixe de nervos lá. Eu obedeço, girando meu corpo, e inalo

rapidamente quando ele guia minha forma para se achatar contra a parede de vidro do chuveiro.

Incitando as minhas pernas a se separarem, ele puxa meus quadris para trás para que minha bunda esteja inclinada para ele, então ele desliza de volta para dentro do calor do meu corpo, fazendo nós dois gemermos.

Pele molhada contra pele molhada, ele empurra para dentro de mim. Suas costas cobrem as minhas, as palmas de suas mãos firmando sobre meus pulsos, levantando-os acima da minha cabeça, em seguida, enrolando seus dedos com os meus, entrelaçando-nos um ao outro.

Movimentos profundos e penetrantes aumentam com cada sacudida de seus quadris. Eu o encontro com todo meu esforço, e quando penso que não aguento muito mais, ele solta uma das minhas mãos e enrola o braço em volta da minha cintura, mergulhando abaixo, acariciando meu monte, depois separando as dobras, me expondo. Ele nos puxa para trás, então ele está encostado na parede e estou grudada em seu corpo, de costas para o peito dele, sua ereção ainda enterrada até o punho dentro de mim.

Ele pega o chuveiro e o move até o feixe sensível de nervos expostos. A pressão quase dobra meus joelhos enquanto uma agitação esmagadora atravessa minha corrente sanguínea.

Seus quadris ainda me bombeiam. Pele batendo pele, respirações pesadas e gemidos gloriosos tornam-se nosso coro, o jato d'água caindo sobre a minha carne exposta é a trilha sonora. Ele está dando amor ao meu corpo com cada golpe de seu membro.

A euforia existe dentro deste pequeno banheiro e explode através do meu corpo, acendendo todas as terminações nervosas e fazendo com que meus dedos se enrolem e meus olhos se fechem. Semente quente jorra em mim enquanto o corpo de Vas relaxa contra o meu e ele suaviza, seus dentes mordem meu ombro e seus suaves arquejos relaxam em um ritmo que combina com minha própria respiração.

Eu nunca quero parar de fazer isso com ele.

***

Alyona não voltou para o apartamento durante todo o dia ou à noite. Não é como se ela não gostasse de passar horas se preparando para sair.

— Está tudo bem com, Alyona? — Eu me inclino em Vas enquanto nós descemos o elevador, meu braço apertado firmemente no dele. Não posso deixar de inalar o seu cheiro. Poderia identificá-lo na multidão. Caro. Viril. Único. Meu.

Seu corpo fica tenso, então ele aperta um botão que faz o movimento parar. Virando-se para mim, ele aperta uma mão ao redor da minha nuca, a ponta de seu polegar acariciando o lado da minha bochecha. — Ouça, Darya, sobre Alyona...

— O que tem ela? — Eu entro em pânico. O medo por sua segurança ricocheteia pelos meus ossos.

— Seu irmão, Vlad. Ele não vai gostar que você se apegou a ela e construiu uma amizade.

Minhas entranhas se agitam com o pensamento de não ser sua amiga, e então esse buraco se aprofunda na possibilidade de perturbar Vlad.

— Por quê? — Pergunto, desesperada por conhecimento... para aprender as regras e meu lugar entre todos eles.

— Porque, para ele, ela é um prêmio. Uma ferramenta. Ela é sua lutadora e quando ela entrar no The Games... — ele hesita. Eu quero perguntar sobre esses Games que ele se refere e ouvi falar durante o meu tempo como prisioneira de Molokh, mas há dor em seu olhar e eu odeio vê-la lá.

— Ela pode não conseguir sair desses Games, — finalizo para ele.

Ele suspira, fechando os olhos e descendo a cabeça para descansar contra a minha. — Eu prometo que vou fazer tudo ao meu alcance para deixá-la pronta, mas ela precisa querer sobreviver, treinar e querer vencer.

E é por isso que ela precisa de amigos. Para dar-lhe uma razão para querer sobreviver.

— Eu não vou contar a Vlad, mas, por favor, não me peça para não me importar com ela e não ser sua amiga. Isso não é possível. Não é quem eu sou, — digo a ele honestamente.

Ele sorri contra meus lábios, beijando para afastar minha tristeza com o pensamento de não ter Alyona na minha vida.

— Eu sei, — ele diz suavemente. — É por isso que te adoro.

Um suspiro escapa dos meus lábios. Eu o agarro antes que ele possa se afastar e o cubro com beijos. — Também te adoro, meu anjo. — Ele geme com o nome que dei a ele, em seguida, pressiona o botão para o elevador continuar sua descida.

Quando as portas se abrem, é como a primeira noite em que chegamos aqui. Saudações e rugidos ecoam pela sala, as paredes pulsam com a energia do ambiente, e o nevoeiro de ar quente nos envolve quando saímos. Sangue e suor se agarram ao ar... um aviso para todos os que se aventuram mais para dentro. Vas pega minha mão com firmeza. Ele atravessa a multidão, confiante e com facilidade. Quando chegamos à seção isolada onde Rodion e Zahkar estão, fico surpresa ao ver Vlad com eles. Sinto o choque em Vas também. Seus ombros endireitam e seu aperto em mim intensifica.

— Minha linda irmã. Que visão, — Vlad me cumprimenta, me dando uma examinada e sorrindo. É genuíno e aquece meu coração.

— Por que você está aqui? — Vas diz rude, e todos os olhares caem sobre ele. A mandíbula de Vlad palpita e meu coração começa a bater fortemente no meu peito.

— Isso é maneira de cumprimentar o seu cunhado? — Ele estreita os olhos, e o aperto de Vas afrouxa na minha mão, sua postura relaxando um pouco.

— Desculpe, — Vas diz, suspirando. — Estou me preparando para uma luta hoje à noite. Minhas boas maneiras fugiram.

Vas estende a mão e Vlad aperta firme, então seus olhos caem para a outra mão de Vas ainda segurando a minha.

— Eu posso ver que Vas tem cuidado bem de você. Mantendo você fora do alcance desses dois pervertidos, — Vlad brinca, gesticulando para Rodion e Zahkar, que lhe entregam uma bebida e sorriem presunçosamente para o título que ele lhes deu.

— Vas tem sido, — viro-me para Vas, — maravilhoso. — Sorrio, resistindo à vontade de me inclinar para ele e beijar seus lábios perfeitos.

Vlad concorda. — Estou satisfeito.

— Então, o que você *está* fazendo aqui? — Pergunta Zahkar com uma sobrancelha levantada. — Sua linda esposa não está prestes a dar à luz a seu primogênito?

O rosto de Vlad se ilumina com a discussão sobre Irina. — Sim, faltam poucas semanas agora, mas tive que vir buscar minha irmã. Nós daremos um jantar para apresentá-la ao mundo.

Rodion bate Zahkar no ombro. — Isso seria o que nosso pai queria discutir então.

— Faz sentido. Ele enviou uma advertência para nós viajarmos no fim de semana, — nos informa Zahkar.

— Por que não ligar? Eu a teria levado para casa, — Vas diz entre dentes, parecendo zangado. — O que aconteceu com a coisa de que falamos antes de eu sair?

— Oleg? — Vlad murmura, então só eu posso ouvir, suas sobrancelhas franzidas. — Acredito que Yegor cuidou dele antes de sua própria morte.

— Então, por que não ligar?

— Porque pensei em aproveitar a oportunidade para ver minha lutadora em ação.

O zumbido dentro da sala aumenta à medida que outro lutador é introduzido e o dinheiro é passado ao redor da sala. Os ruídos substituem o som dos punhos conectados à carne.

— Como você sequer sabia que ela estava lutando? — Pergunta Vas, perplexo.

— Meu associado, Rocko, tem estado de olho nas coisas para mim. Eu gosto de saber o que está acontecendo quando não estou por perto. — Vlad insinua que há mais nessa afirmação, mas não explica.

O homem do lado de fora do apartamento na noite anterior acena em nossa direção, e a pulsação no pescoço de Vas salta.

— Alyona é a próxima, — Rodion anuncia, e meu nervosismo dança pela minha espinha, fazendo com que um suor frio se rompa na minha testa.

Eu a vi treinar e ela não parece pronta para lutar. Ela é tão pequena. Vas retém seus socos quando aponta para ela em treinamento. Se ele realmente batesse nela, ela nunca mais levantaria.

— Vamos nos sentar então? — Vlad irradia entusiasmo.

Fecho meus olhos e faço uma oração por ela.

Capítulo Dezesseis

Vas

A música começa a batida de “Back in Black”, do ACDC. A multidão enlouquece, mas eu trinco os dentes e dou um olhar feio para Rodion. Maldito Aleksander, o Túmulo. Ele tem sido uma pedra no meu sapato desde o dia em que o conheci há um ano neste mesmo clube. Ele é um lutador frequente em Moscou. Usa maneiras obscuras e desonestas para derrubar seu oponente. Diz-se nas ruas que ele teve placas de metal cirurgicamente adicionadas ao seu corpo para torná-lo mais brutal do que já é. O mesmo é dito sobre Skull, o lutador que enfrentarei para os primos. Aleksander vai matar Alyona.

Porra.

Rodion e Zahkar olham de volta para mim, ambos balançando a cabeça negativamente. Não foram eles. Quem quer que eles tivessem planejado para lutar contra ela, definitivamente não era ele. Fúria cintila em seus olhares.

— Ahhh, parece que Aleksander apareceu afinal, — Vlad reflete enquanto se acomoda em seu assento, puxando Darya para se sentar ao lado dele.

— Você fez isso? — Eu exijo.

Seus olhos âmbar estão penetrantes e furiosos quando encontram os meus. — Ela tem que ganhar esta, Vas. Esses Games devem ser ganhos por ela.

— Não é assim que a treinamos, — rosno. — Isso vai matá-la.

A cabeça de Darya se agita na minha direção, o horror cintilando em seu olhar. — N-não.

— Não se eu puder evitar. Fique aqui — eu a instruo antes de sair pela multidão.

Aleksander, com um metro e noventa e cinco, é um gigante. Magro, mas sólido. Pele da cor do carvão. Os mais pálidos olhos azuis do mundo. Ele é como um python. Sempre pronto para

atacar. Ele é um filho da puta para a maioria dos homens derrubar. Alyona não terá chance. Eu empurro um grupo de pessoas e descubro onde ela está esperando do lado de fora do portão. Um cara está flertando com ela e ela está sorrindo.

Tão inocente e despreparada.

Porra.

— Alyona! — Eu grito, meu tom agudo e mortal.

Ela arregala os olhos enquanto vou até ela. Eu agarro seus ombros e dou-lhe uma sacudida. — Ouça-me e ouça atentamente. — Eu aponto na gaiola para o monstro ônix trabalhando no ringue e fazendo a multidão enlouquecer. Um enjoo irrita meu estômago. — Sua melhor aposta é deixá-lo derrubá-la com um bom golpe.

Ela zomba. — O quê? Você não pode estar falando sério. Eu tenho praticado por meses. Hoje, especialmente trabalhei duro. Rodion diz que eu sou surpreendentemente boa.

— Para uma garota, — repreendo. — Mas não contra um monstro. Inferno, eu tenho que trabalhar duro para enfrentar aquele filho da puta.

O medo dança em seus olhos. — Isso é imaturo, só porque sou uma menina...

— É a verdade, — eu falo irritado. — Não é uma coisa sexista.

Seus olhos olham entre mim e o ringue. Ela morde o lábio e suas mãos começam a tremer.

— Estou assustada.

— Eu sei, — digo, franzindo a testa. — Eu sinto muito. Mas deixe seu medo comigo. Sua melhor aposta é evitar seu uppercut porque você perderá os dentes. Você é muito mais baixa que ele, então isso é a sua vantagem. A melhor aposta é se ele pregar você com um gancho de direita. — Eu corro meus dedos pelo meu cabelo e coloco minha mão na parte de trás do meu pescoço, esfregando a tensão. — Seus golpes são brutais. É como se ele fosse feito de metal. Caia e não levante. Treinar com alguém que pode te matar com um soco forte não a ajudará nos Games. Isso não é treinamento, é ridículo.

— Vocês não o escolheram para eu lutar? — Ela pergunta, rapidamente ligando os pontos.

Eu sacudo minha cabeça. — Vlad.

Seus lábios franzem enquanto ela o procura no meio da multidão. Quando seus olhos pousam de volta nos meus, o fogo resplandece neles. — Eu serei tão boa quanto Diana. Vou ganhar esses jogos, Vas. — Ela dá um tapinha no meu peito. — Eu quero viver.

Como se na sugestão, o DJ liga uma música para recebê-la. É feminino e otimista, não é algo com o qual alguém lutaria. A plateia ri e quero matar todos eles. Como se atrevem a zombar de Alyona? Antes que eu possa atacar o DJ, Zahkar se lança no meio da multidão como uma sombra escura do inferno noturno inclinado em uma missão. Ele puxa o DJ através do equipamento por sua garganta. Não posso dizer o que ele está dizendo, mas o cara parece assustado pra caralho.

Alyona abre a porta da gaiola e entra como a pequena rainha que é. Seu cabelo loiro está preso em um rabo de cavalo elegante. Ela tira a camiseta, ganhando alguns assobios e vaias. Seus peitos estão envoltos em um sutiã esportivo rosa brilhante, e seus shorts mal cobrem sua bunda. Ela é magra, porém, seus movimentos são calculados. Músculos que não estavam lá há meses se formaram em suas coxas, panturrilhas e bíceps.

A música é desligada abruptamente, então uma música de hard rock começa a tocar pelos alto-falantes. Os ombros tensos de Alyona relaxam. Ela acena para Darya, depois vira os olhos para o oponente. Zahkar se aproxima da gaiola à sua direita, seus dedos marrons segurando o metal quando ele diz alguma coisa para ela. Ela balança a cabeça, depois se vira para a esquerda para ouvir o que Rodion diz. Ela acena novamente. Ele está segurando a gaiola, imitando seu irmão. Eu estou do lado sul, meus próprios dedos ficam brancos enquanto grito encorajamentos para ela.

Aleksander encontra meu olhar e sorri. Sua cabeça enorme rola ao longo de seus ombros enquanto ele estala o pescoço. Ele nem está

preocupado com ela. Ela é algo para brincar e facilmente ganhar seu dinheiro.

O sino toca muito cedo, e Alyona coloca um protetor bucal. O filho da puta no ringue ri para ela. Não é sempre que você vê isso neste ringue. Ela pula em seus pés, seu rabo de cavalo loiro balançando, enquanto ele ronda em torno dela, medindo-a. Eu disse-lhe para trançar o cabelo e colocá-lo em um coque para que não pudesse ser usado contra ela, mas ela é uma pirralha e se preocupa mais com o quão fofa parece. A multidão está gritando e enlouquecendo. Eles estão com sede de sangue, esses filhos da puta. Normalmente, fico excitado e emocionado com isso. Não agora. Isso é injusto.

Maldito Vlad.

Em vez de parecer presunçoso, ele está franzindo a testa. Eu posso ver Darya dizendo algo para ele. Eu espero que ela o envergonhe muito. Darya tem um jeito de fazer os homens maus se sentirem mal por serem maus.

Aleksander tenta acertá-la e ela se abaixa. *Bom trabalho, Alyona*. Ela pode não ser boa na ofensiva, mas estamos trabalhando duro na defesa dela. É importante que ela possa ficar em pé para que possa, eventualmente, aprender como dar seus próprios golpes mortais.

Ele tenta acertar de novo, e ela pula para trás, quase levando as juntas maciças contra o queixo. Seus olhos dispararam para a esquerda dela. Porra. Antes que possa gritar, ele levanta a perna, acertando em cheio seu lado esquerdo com a canela. Não terrivelmente como ele é conhecido. O imbecil está deliberadamente se segurando. Ele vai brincar com ela. Ela salta para trás, a mão indo imediatamente para as costelas. Por um momento, ela tropeça para trás em terror, e Aleksander sorri para ela como um lobo.

Rodion ruge como um animal incapaz de sair de uma gaiola... ou, neste caso, entrar numa. Ele está se agarrando na lateral como um também. Eu nunca o vi tão chateado. O que quer que Zahkar diga, chega até ela. Ela se sacode e começa essa dança mortal com Aleksander novamente. Quando ele investe contra ela, ela levanta a

perna, chicoteando suas bolas com sua própria canela. Ele solta um grunhido de dor, mas antes que ela possa se recolher, ele agarra sua coxa e a joga no tapete. Ela está de costas, tão vulnerável ao ataque dele. Em vez de pisoteá-la como ele é conhecido por fazer, ele brinca mais com ela. Ele dá uma série de chutes curtos na coxa direita. O jeito que ela uiva me diz que dói pra caralho.

Ela não fica deitada e toma o ataque, no entanto. Rolando na direção da perna ofensora, em vez de afastar-se, ela segura o tornozelo dele e se afasta com ele ainda em seu aperto. O impulso o manda aterrissar em sua bunda com força.

Porra.

Deus, isso foi inteligente, mas ele vai ficar chateado.

Ela se levanta e consegue chutá-lo no lado de sua cabeça. Não forte o suficiente para machucá-lo, mas forte o suficiente para que ela se machuque. Ela me lança um olhar de surpresa enquanto se afasta um pouco.

— Não olhe para mim! — Eu grito, sacudindo a cerca de arame.

Ela se vira assim que ele se levanta. Ele balança o cotovelo e bate nela pela mandíbula. Ainda assim, não é tão forte quanto ele é conhecido. Se ele fosse com força total, ela morreria de um poderoso ataque. Ela gira como uma bailarina e tropeça direto na cerca onde Rodion está pendurado como um maldito macaco. Ele sussurra palavras para ela que a faz se afastar e encarar seu agressor. — Você quer que eu pare a briga? — Rodion grita para ela, mas ela está balançando a cabeça negativamente.

Aleksander, longe de estar sem fôlego, sorri para ela.

E ela o soca bem no nariz.

Seus olhos se arregalam quando o sangue corre de suas narinas. Antes que ela possa fugir, ele agarra sua garganta e a joga no tatame. Asfixia é considerada uma falta em um esporte legítimo, mas isso não é uma arena de estudantes. Ele a solta antes que ela possa desmaiar e se ergue acima dela mais uma vez. Sua perna chuta e ele a golpeia com força no estômago. Ela tenta se enrolar, mas é tarde

demais. Seu corpo está fraco e ele está na posição superior. Ele chuta de novo e ela choraminga. Rindo dela, ele corre uma volta ao redor do ringue com as mãos esticadas como se ele fosse durão por dar cabo de uma mulher pequena. Cretino.

Ela ainda está acordada e tentando se arrastar na direção oposta a ele.

Perseguindo-a, Aleksander consegue enganchar o pé sob seu estômago quando ela tenta se pôr sobre as mãos e joelhos. A força de seu chute manda-a caindo de costas, roubando-lhe o fôlego.

— Eu vou suspender, — rosna Rodion.

— Não, ela está sem fôlego. Dê-lhe um momento a mais, — diz Zahkar.

Nas pernas vacilantes, ela se levanta e fica de pé. Ele a ataca e seu pé bate na têmpora dela.

Quando ela cai, não se levanta.

Obrigado, porra, ela ainda está respirando.

— Eeee temos um vencedor, — o locutor grita. — Aleksander, o Túmulo!

Abro a porta e corro no ringue para Alyona. Ela choraminga quando eu a rolo de costas. Seu rosto já está contundido. Ela parece horrível.

— Você está bem? — Eu pergunto, acariciando seu cabelo loiro suado, que está solto de seu rabo de cavalo para longe de seu rosto.

— Ela vai ficar bem, — Rodion assobia ao meu lado. — Agora, você quer vingar a nossa garota e me fazer ganhar um pouco de dinheiro ao mesmo tempo?

Foda-se sim, quero.

Ele pega Alyona e deixa o ringue com ela. A multidão grita como louca, e Aleksander me observa do canto enquanto bebe um pouco de água, pronto para a próxima luta.

Eu retiro minha camiseta e a multidão enlouquece. Eles sabem a hora do que é.

O DJ conhece minha música, e logo, batidas violentas do baixo agitam o chão sob nós. A multidão, *minha turma,* fica violentamente selvagem, reconhecendo a música, e o que isso significa. Eu vou chutar algumas bundas, e eles me amam por isso. Histerismos. Gritos ensurdecedores. Aleksander pode ser mortal, mas eu sou extremamente mortal.

Eu sou o maldito anjo da morte.

E estou indo buscá-lo.

Deixando o ringue brevemente, encontro minha garota e coloco minha corrente sobre a cabeça dela. — Cuide disso para mim, baby.

A mão de Darya agarra a cruz na palma da mão, e ela morde o lábio, os olhos brilhando de alegria.

Abaixando meu moletom, me livro do meu excesso de roupa, então ando até o canto do ringue para ter um dos homens de Rodion e Zahkar enfaixando minhas mãos. Quando entro no ringue, olho Aleksander e vejo o brilho de desconforto em seus olhos.

É isso mesmo, filho da puta.

Eu estalo meu pescoço e aponto para ele, sorrindo. — Pronto para cair como uma menina? — Eu insulto. — Você com certeza gosta de brincar com elas.

Ele mostra seus dentes para mim, raiva queimando em sua expressão. Eu vou até o centro do ringue, levanto a mão e aponto de novo. — Falando com você, garotinha. Venha para o papai. Você tem sido ruim, e é hora da punição. — Curvo meu dedo para ele, indicando que ele deveria se aproximar.

A multidão ruge de rir. Essas pessoas comem na palma da minha mão, porra. E pessoas como Aleksander pertencem à sola do meu sapato. Deve ser assim que as Primeiras Famílias se sentem em relação a todos. Poderosos. Acima de todos eles. Absolutos vencedores. A única vez que me sinto assim é quando estou nesta gaiola, não importa o que meu sobrenome diga agora.

Tantos anos que tive que me provar para todos. Nós éramos pobres. Eu era o filho de uma empregada. Nada. Mas quando aprendi

que meus punhos eram mortais, que eu poderia fazer as pessoas se acovardarem, estudei como usá-los para minha vantagem.

Nunca fui nada de novo.

O sino toca, indicando que a disputa começou. Continuo a insultar Aleksander. Onde Alyona teve que confiar em seu protetor de boca para evitar perder dentes, sei que não devo. Esse filho da puta não vai chegar perto desse rosto bonito.

Além disso, gosto de foder com ele e provocá-lo.

— Você disse a sua mãe que você a veria hoje à noite? — Eu questiono enquanto circulamos o ringue, os olhos nunca deixando o outro. Normalmente não costumo me exibir ou instigar. Eu não preciso, mas esse filho da puta arranhou um ponto sensível. Eu vou devolver o favor, só que profundamente.

Ele rosna, energia furiosa emanando dele. Sua mãe morreu quando ele era menino.

— Talvez nós pintemos o seu caixão de rosa. — Eu sorrio para ele.

O babaca ataca, a fúria o alimentando. Previsível. Esquivo o golpe dele e o empurro. Sua própria força e impulso trabalham contra ele quando cai de cara no tapete. A multidão canta, bate os pés e fica enlouquecida.

Olho para cima e sorrio. Eles ganham uma pequena reverência de mim, e então começo a socar.

Pop! Pop! Pop! Pop!

O rosto de Aleksander se sacode de um lado para o outro. Vai e volta. Ele tropeça, mas não o derrubo. Percorro furtivamente o perímetro do ringue e descubro de onde Alyona assiste. Inchada, ensanguentada e machucada.

— Primeiro você cansa o seu oponente, — eu explico como se isso fosse outro dia no tatame. — Então, você deixa pensarem que você não está focado. — Rapidamente me viro, balançando minha perna ao redor com força e batendo meu pé contra o lado da cabeça dura de Aleksander. Ele grunhe e cai, esfregando a mandíbula. — Enquanto ele se recupera, você o desgasta mais um pouco, Alyona. Entendido?

Ela assente.

— Bom. Agora observe, — eu grito.

Partindo para cima de Aleksander, desfiro um-dois-três-quatro-cinco socos no seu abdômen antes de me afastar. Ando em torno dele e chuto sua espinha, enviando-o em direção a Alyona.

Enquanto ele se recupera, olho em direção ao som estridente do meu nome. Uma voz que eu poderia encontrar em qualquer multidão, não importa quão grande. Enormes olhos castanhos me observam. Darya. Tão bonita.

Eu pisco para ela.

E então vou atrás do meu adversário.

Focado. Mortal. Treinado.

— Quando ele está fraco e esgotado, você acaba com ele. No ponto. Rápido. Letal, — eu digo a Alyona sobre a multidão que ruge. — Vá para a garganta.

Aleksander balança a cabeça para mim. Implorando-me. Ele não quer morrer. E se não achasse que me ver matar um homem iria manchar a visão de Darya sobre mim, faria exatamente isso. Eu esmagaria sua traqueia com um golpe na garganta dele. Mas não estamos no The V Games. Existem regras fora desse buraco do inferno. O ringue de luta deste estabelecimento é desenvolvido com o seu próprio conjunto de regras. Se você quer lutar aqui, você as obedece. É por isso que tivemos que deixar Alyona entrar e lutar. Desrespeitar isso significa desrespeitar Rodion e Zahkar. Isso significa desrespeitar o dinheiro. O desporto. O jogo.

Então eu os sigo. As disputas com morte são preparadas para um público de elite, e não é este.

Pop! Pop! Pop! Pop! Pop! Pop!

Dou soco após soco nele. Todos os lugares vulneráveis. Nariz, olhos, ouvidos, boca. Os estalos e os ossos triturados podem ser ouvidos quando eu os quebro. Quebro pedaços dele que vão doer quando colarem novamente. E então, quando estou cansado de olhar

para ele, dou um giro, e uma joelhada no rim dele, e o envio para o chão.

Ele estremece e treme, sangue jorrando de seu nariz. Seus olhos olham para mim, inchando-se.

Termine isso, por favor.

Com prazer, filho da puta.

Finalizo-o como ele fez com ela.

Um chute forte no rosto do filho da puta.

— E nós temos um vencedor. Vas, o Anjoooo da Morteeee!

Desta vez, ao contrário de todo o resto, não esperei para aproveitar a glória.

Dei o fora daqui.

***

— O que você quer dizer com eles foram embora? — Eu me exacerbo quando entro no vestiário.

Zahkar se ajoelha na frente de Alyona enquanto tenta fixar suas costelas. Elas estão ferradas e ela está com dor. A única coisa que vai curá-la é o tempo. E felizmente, ela tem isso. Por agora. Até o The Games chegarem.

— Vlad disse que eles tinham um voo para pegar. Ele disse que te verá amanhã.

Enquanto Zahkar parece imperturbável, estou furioso.

— Ele nem me deixou dizer adeus a ela! — Eu rosno.

— *Vash*, — diz Alyona, suas palavras lentas. — *Ela estarra bem quando roi. Nos abraçamos.*

Pisco para ela, franzindo a testa. — Você está bem?

Ela acena com a cabeça. — Estou agora.

— Magia, — Zahkar profere, piscando-me um sorriso depravado.

Drogas. Ela está alta pra caralho agora. Acho que é melhor que a dor. Meu ligeiro aceno é o único reconhecimento que eu aprovo.

— Vou sair daqui então. Tentar ver se consigo pegar o mesmo voo, — digo a eles quando começo a ir pela porta.

— Ahhh, — Zahkar resmunga. — Não é uma boa ideia. Parece que sua irmã decidiu aparecer mais cedo, e veio com nosso irmão, entregando presentes. Você precisa cuidar disso.

— O quê? — A discussão se desvanece quando Rodion arrasta Vika, de todas as pessoas, para a sala, seu aperto firme em seu cotovelo. Ela não está como pensei que estaria, suja e quebrada. Ela está um pouco magra. Não como a última vez que a vi.

— Que diabos? — Ela diz irritada, puxando do aperto de Rodion.

— Eu não posso lidar com isso agora, — me exaspero.

Seus olhos piscam com mágoa e eu imediatamente me sinto como um idiota.

— Quero dizer, não esperava você agora. — Tento consertar.

Ela corre do aperto de Rodion e me abraça. — Diana me trouxe. Ela disse que fui vendida. Pensei que estava sendo vendida para algum animal, mas você me comprou? Eu sabia que você me amava, — ela soluça.

— Eu? — Digo. — Não, Vika.

Ela levanta o queixo e franze a testa. — O quê? Você me ama, certo, Vas?

Bem, isso é lamentável. E desajeitado.

Alyona bufa e insulta: — Não rocê, baby dã. Dawia.

— Você foi punida por tempo suficiente, — digo a Vika.

Ela sorri para mim.

— Mas você não vai ficar comigo, — eu resmungo, roubando seu sorriso. — Eles querem que você suma. Vlad e seu pai te deram. Ruslan é uma caixa de surpresas. Ven realmente te odeia e te manterá apenas para te torturar. É melhor que você desapareça, — digo a ela. — Eu montei algo com Rodion e Zahkar. Eles estão trabalhando em uma maneira de tirá-la do país com segurança para algum lugar onde você possa começar de novo.

— Eu não quero apenas ir embora, — ela responde ríspida. — Quero ficar com você. Aqui em Moscou. Vamos, Vas, somos bons juntos.

Nego ligeiramente. — Eu sinto muito, Vik. Nos divertimos. Mas o tempo de brincadeira acabou. Hora de crescer e fazer algo com sua vida.

Suas narinas se abrem. — Como fugir disso?

— É melhor do que perder tudo.

Ela engole e as lágrimas brilham em suas esferas âmbar. — Eles não me matariam.

Não falo nada. Nós dois sabemos que Vlad não o faria, mas os outros? Ela tem sorte de ter recebido essa chance. É sua única oportunidade de continuar e ter qualquer coisa. As pessoas não deixam nosso mundo. No mínimo, isso é um testamento de quanto seu irmão no fundo realmente a ama.

— Só assim? — Vika reclama.

Agarrando seus ombros, a empurro para longe e aceno. — Bem desse jeito. Vou ligar e checar você onde quer que vá.

Ela me prende com um olhar maligno. — Não se incomode. Você não se importa comigo. Você é apenas um deles agora.

Enquanto ela foge, aceno para Rodion segui-la. Eles vão ter certeza que ela se estabelecerá. No momento em que ela se foi, espero que a culpa me consuma. Com Vika, muitas vezes, minha culpa foi o que impulsionou as coisas que fizemos.

Não sinto nada. Ela é ingrata até o fim. Não importa quão mal as coisas ocorram para ela, ela ainda é mimada. Talvez ela se acalme, ou talvez planeje e busque vingança em algum momento. Por enquanto, ela não tem mais nada. Eu dei a ela sua vida e liberdade. Deve ser o suficiente.

— Já rai tarde, — Alyona instiga.

— Sim, sim, — eu gemo. — Vá para o chuveiro, então coloque um pouco de gelo no seu rosto. Você não vai ganhar nenhum desfile por um tempo, com certeza.

Ela me mostra o dedo. — Zahkky acha que sou bounita.

Ele bufa. — Acho que você precisa ir para a cama.

— Em sua *própria* cama, — eu afirmo.

Ambos riem.

Pelo menos alguém está rindo.

Tudo o que posso pensar é o fato de que Vlad fodido Vasiliev tirou *minha* garota bem debaixo do meu nariz. Sei que ele é um fodão, mas é melhor ele cuidar dela até eu chegar lá, ou então vai encontrar um destino não muito melhor do que Aleksander.

Essa é uma maldita promessa.

***

Entro no bar e sorrio para minha irmã, ladeada de ambos os lados por homens interessados. Os homens são atraídos por ela, mesmo com o irmão dos gêmeos, Timofei, parado perto como um vulcão em erupção. No fundo, acho que minha irmã gosta de brincar... como uma víbora faria com alguns ratos de campo. Ela sempre diz a eles que ela pertence a Veniamin Vetrov, e quando eles ainda não entendem, ela diz para eles se foderem de forma ríspida. Quando Diana fica chateada, ela é muito assustadora. Observar homens crescidos tremerem sob o olhar mortal de minha irmã seria divertido de assistir esta noite se eu não estivesse com pressa de entrar no meu carro e voltar para a minha garota. Tomo nota para também perguntar a Timofei mais tarde sobre a transferência de Vika, já que ele parece estar administrando essa tarefa.

As multidões estão empolgadas e a atmosfera é agitada, viva e vibrante.

Hoje será uma boa noite de festa.

— Obrigado pelo presente, — afirmo, aproximando-me dela, tomando a bebida que ela segura para mim. Os homens, reconhecendo-me como uma ameaça, por causa da minha reputação neste mesmo clube, se espalham como os ratos que são.

Tomando um longo gole, a queimação na minha garganta tem uma sensação de formigamento. É delicioso e diferente. Eu franzo a testa, olhando para o líquido no copo. Em cima, como óleo derramado, redemoinho de cores.

—Vodka Arco-Íris. — Ela sorri.

— Então, este é o negócio que você tem que discutir com Rodion e Zahkar? — Eu sorrio, muito orgulhoso dela. Ela é uma força do caralho.

— É algo em que estamos trabalhando.

— Adorei isso. — Viro o restante e balanço a cabeça quando ela me oferece outro. — Estou dirigindo.

— Eu vi Vlad saindo quando estava chegando. — Ela ri. — Darya está parecendo...

— Bem? — Eu termino por ela com uma sobrancelha levantada.

— Mundana, eu ia dizer. Como uma sombra do seu antigo eu. Isso é ótimo, Vas.

Cruzo meus braços sobre o peito e tento segurar o sorriso que quer se espalhar pelo meu rosto estúpido.

— Apenas tenha cuidado. Vlad não é facilmente apaziguado. — Ela acena com a cabeça e estende a mão para apertar meu antebraço. — Não me faça ter que matá-lo. Nossa irmã pode não aprovar, — ela brinca.

— Você quer que a leve de volta para casa? — Eu pergunto, mas ela balança a cabeça negativamente.

— Viajarei de volta amanhã com os primos, — diz ela, depois acena para Timofei. — Meu trabalho está feito aqui.

— Vou te ver neste grande *jantar* então. — Eu sorrio e dou-lhe um abraço antes de escapar.

Capítulo Dezessete

Darya

Engulo a pedra seca na minha garganta por não ver Vas antes de ser carregada por Vlad, desejando que o nervosismo dançando no meu peito se acalme. Vlad é meu irmão. Vas não teria permitido que ele me levasse se eu estivesse em perigo. Eu sorrio para ele e baixo meus olhos dos dele. Eles não me deixaram desde que entramos em seu carro.

— Como o seu tempo longe tem sido? — Vlad pergunta, suas mãos juntas em seu colo enquanto andamos na traseira de um SUV preto. Ele está tenso e parece desconfortável.

— Foi mais do que eu poderia imaginar, — suspiro. — Eu nunca mais quero perder minha liberdade, — digo a ele, esperando que ofereça alguma segurança.

Ele parece relaxar com minhas palavras. Soltando seus ombros, ele se inclina para frente, pegando minha mão na sua.

— Você sempre será livre, Darya. Você está segura. Juro.

Há tanta convicção em suas palavras que me vejo avançando e abraçando-o. — Estou tão feliz por ter um irmão, — eu sussurro em seu ouvido. Os músculos duros de seu corpo relaxam e ele retorna o afeto.

— E estou feliz por ser esse irmão. — Ele me aperta mais do que o esperado, então me libera com uma risada quando arquejo para respirar. — Desculpe, — ele profere, franzindo a testa. — É apenas... você é muito parecida com a nossa mãe.

— Vera?

— Sim. — Há dor em seus olhos, mas não demora antes de a máscara de aço que ele usa deslizar de volta no lugar.

— Gostaria de poder conhecê-la. Você acha que ela está lá fora em algum lugar? — Eu pergunto, uma saudade se abrindo dentro do meu peito pela primeira vez, pensando que posso ter uma mãe lá fora no mundo. Eu realmente nunca me permiti esse fato antes.

— Há muita confusão para mim em relação à nossa mãe, — ele me diz, e sei que estou recebendo o presente da vulnerabilidade de Vlad. — Nunca pude entender por que ela nos abandonaria. Eu a odiei por isso há muito tempo, mas depois você entrou em nossa vida e senti que havia uma razão para ela nos deixar.

— Por minha causa? — Eu me intrometo.

— Talvez. — Ele sorri rigidamente.

— Eu sinto muito.

— Por quê?— Ele pergunta, suas feições desmoronando.

— Por levá-la para longe de você.

Senhor Jesus Cristo nosso Deus, por favor, permita que ele me perdoe.

Ele brinca com um relógio no pulso e diz: — Nunca se arrependa de ter nascido. Você é uma bênção para mim. Família.

Um bocejo repuxa meu corpo, fazendo-me sugar ar para encher meus pulmões.

— Cansada? — Vlad pergunta, rindo.

Sim. Foi emocionante assistir Vas dominar aquele homem no ringue. Nunca pensei que a violência fosse algo que eu tolerasse, mas isso fez meu coração bater e a excitação jorrar na minha corrente sanguínea como a pílula que Zahkar tinha me dado antes. Sangue, suor, a pele se conectando com a pele, o público e a música, tudo isso combinado é emocionante. Espero que Vas me leve de volta para lá assim que o jantar acabar.

— Está com sono? — Vlad graceja.

Meus olhos se expandem e a boca se abre quando percebo que estou segurando a cruz de Vas em minhas mãos. — Desculpe, estou exausta.

Tirando sua jaqueta, ele a coloca no meu colo. — Durma. Vou te acordar quando chegarmos ao avião.

Avião? Eu nunca estive em um avião. Oh bem, eu vou me preocupar com isso depois de uma soneca.

***

— Puxe sua coleira, Artur. Faça-a engasgar. — Então suas palavras são para mim. — Você gosta dele te fodendo? Sua puta, como você pôde fazer isso comigo?

A ereção de Artur entra em mim e fecho os olhos, desejando que minha mente deixe este lugar.

— Bata na bunda dela. — A voz de Molokh penetra nos meus ouvidos, forçando-me ao presente.

Clap! Clap!

O fogo queima minha bunda.

— Porra, vou gozar, — Artur resmunga.

— Você só esteve dentro dela dois minutos, sua merda idiota.

Afastando-me do meu corpo, fios quentes da semente de Artur pintam minhas costas, e uma lágrima vaza do meu olho. Eu odeio que ele use o meu corpo de tais maneiras. Minha fé está falhando.

***

Sacudindo para frente, meus olhos se abrem. Minha respiração está acelerada, meu coração batendo alto dentro dos meus ouvidos. Não sou mais aquela garota. Queria que seus rostos não assombrassem meus sonhos. Fecho meus olhos e imagino o rosto de Vas, seus lábios macios contra os meus, o calor de seu abraço.

— Estamos aterrissando, Darya. Você deve colocar o cinto de segurança. — A voz de Vlad flutua para meus ouvidos, e lentamente abro meus olhos para encontrá-lo a poucos metros de distância em um assento longe de mim. É então que percebo que estamos em um avião e estou deitada em dois lugares.

— Eu carreguei você para o avião. Você estava dormindo. Você está se sentindo bem? — Ele pergunta, olhando para mim por cima do ombro.

— Estou bem, — eu asseguro a ele, sentando-me e procurando pelo cinto de segurança. São duas partes nos lados que se juntam no meu colo. Não tenho certeza do que ele faria se o avião caísse. É um avião, mas eu o apaziguo e faço como me disse.

— Sonho ruim? — Ele pergunta, seu tom mais duro, mas baixo.

— Às vezes eu não posso fugir deles.

— Eles vão desaparecer com o tempo, — ele me diz, e rezo para que ele esteja correto.

***

A viagem foi rápida e dormi a maior parte dela. O ar frio envia uma pontada de gelo pela minha espinha, fazendo-me tremer. A lua cheia brilha, fazendo a noite parecer menos escura e proibida. Desde Vas, encontro conforto no céu escuro polvilhado de estrelas dançantes. Uma palpitação dói no meu peito, pensando na distância entre nós.

Entramos na mansão e meus pés grudam no chão por uma força invisível.

A escuridão consome meus pensamentos, congelando os músculos do meu corpo. O medo desse lugar voltou, e antes que entenda o que está acontecendo, meus pulmões paralisam e não consigo respirar. Minhas mãos vão até o meu pescoço enquanto seguro minha garganta, tentando ofegar por ar. Meus olhos imploram a Vlad para me ajudar. Estou sufocando. Minha pulsação está trovejando, meu sangue correndo pelo meu corpo muito rápido. Tontura agita a sala, fazendo com que ela desapareça. Braços vêm ao meu redor e eu luto contra eles.

Não. Nunca mais serei prisioneira.

— Respire, Darya. Apenas respire. — As palavras de Vlad são apenas um sussurro.

Tento dar sentido aos sons de suas palavras, concentrando-me em sua voz para firmar meu coração desenfreado. O suor reveste minha

pele enquanto a sala volta à vista. Eu estou no chão embalada nos braços de Vlad.

— Está tudo bem, apenas respire, — ele murmura.

Minhas mãos estão suadas e trêmulas. Não tenho certeza do que aconteceu, mas a tristeza invade meu peito e lágrimas escorrem dos meus olhos.

— É um ataque de pânico, Vlad. — Eu ouço a voz de Irina, mas não a procuro. — Onde está Vas? — Ela pergunta, e o aperto de Vlad se intensifica antes de me levantar e subir as escadas. Ele entra no quarto que me deram antes de eu sair com Vas, e me coloca gentilmente na cama feita.

— Vou ligar para ele. É disso que você precisa? — Ele pergunta, coçando a nuca, depois passando as mãos pelos cabelos. — Darya, por favor, não tenha medo de estar aqui. Esta é a sua casa.

Eu me enrolo no travesseiro e enterro minha cabeça. Quero agradá-lo. Quero me sentir segura. Quero um lar e tenho um. Vas é meu lar.

— Eu vou chamar Vas, — Vlad decide, e eu exalo, concordando com a cabeça.

Por favor.

Senhor Jesus Cristo nosso Deus, por favor, traga meu anjo para mim.

Capítulo Dezoito

Vas

A lua me faz companhia enquanto viajo ao longo da rodovia e forço meu carro para as velocidades para as quais foi construído. As estradas estão quase vazias e estou indo muito rápido.

Meu celular começa a tocar, e franzo a testa ao ver o nome de Vlad aparecer na tela no painel. É madrugada. Ele deveria estar dormindo agora. Uma vibração faz meu coração falhar quando uma preocupação fugaz de que algo está errado com Darya entra em meus pensamentos.

— O que há de errado? — Exijo como uma saudação.

Sua respiração chia através da linha e meu pânico aumenta.

— Vlad? — Eu grito.

— Onde você está? — Ele grunhe para o receptor.

— Dirigindo para casa porque você me deixou para trás. — Eu não escondo a agitação do meu tom.

— Quando você voltar, venha direto. Darya teve um ataque de pânico, e ela se sente segura com você, então...

Então, ele quer que ela se sinta segura... e isso significa engolir seu orgulho e me deixar cuidar da minha garota.

— Três horas e estarei aí. — Desligo e aperto o volante. Ela precisa de mim. Bem, eu também preciso muito dela.

***

Apontando para o quarto em que minha garota está, Vlad agarra meu bíceps com força. Como se ele quisesse me culpar pelo giro dos acontecimentos. Mas não sou aquele que a tirou de seu ambiente feliz e a deixou cair de volta no inferno que ela teme. Ele parece chegar a essa mesma conclusão porque solta um suspiro resignado.

— Obrigado por isso, Vas.

Dou-lhe um aceno rápido. Este não é mais o Show de Vlad Vasiliev. Darya tem necessidades, e eu sou alguém que pode prover e protegê-la. No passado, permiti que ele fosse o grande e mau valentão, mas estou farto de vê-lo agir de forma autoritária. Vou permitir isso até certo ponto, mas não quando se trata dela. Não mais. Nós já passamos disso, muito além disso. Acho que ele finalmente percebeu.

Entro no quarto envolto em escuridão graças às cortinas opacas. A luz do corredor entra no quarto, revelando-a para mim.

Meu coração bate no meu peito, selvagem e irregular. Porra. Estou tão perdido.

Ela é dona de mim. Tirando a jaqueta, fecho a porta e, em seguida, deslizo para a cama para embalá-la em meus braços. Ela fica tensa por um segundo antes de se derreter contra mim.

— Meu anjo das trevas, — ela murmura, voltando-se para inalar o meu cheiro. — Senti tanto sua falta.

— Também senti sua falta. — Eu sorrio contra sua testa. Foram nove horas, mas pareciam mais longas. É assim que é o amor?

— Eu não quero ficar sem você novamente. Isso é normal? — Ela pergunta, apertando-se mais em mim, como se não pudesse chegar perto o suficiente.

Quero dizer-lhe que com tudo o que passou, tornei-me uma âncora para ela, e ela só acha que precisa de mim. Mesmo que parte de mim saiba que isso pode ser verdade, eu anseio por ela, porque caramba, se eu não preciso dela também. Isso parece muito mais do que o culto ao herói. Nada parece melhor do que o amor que ela está me dando.

Nunca quero sentir o que é não tê-la. Ela é minha. Fim.

Todas as suas partes frágeis são minhas para adorar.

— Me senti vazia quando entrei nesta casa. Todas aquelas sombras escuras de Molokh invadiram minha alma e me arrebataram. — Seu corpo treme e gemidos suaves saem dela.

— Você está segura agora. Durma, querida. Nunca vou deixar você ir de novo. Eu prometo.

E falo sério.

***

As risadinhas de Darya param quando entro no quarto e sua boca se abre. Seus olhos castanhos se inflamam com luxúria. Eu saí para me vestir em outro quarto, e valeu a pena ver o olhar em seu rosto.

— O que foi engraçado? — Eu pergunto, me aproximando dela e a pegando em meus braços.

— Você está tão bonito. Amei a gravata. — Ela morde o lábio inferior e eu engulo um gemido. Porra. Eu quero estar dentro de seu corpo... amarrar suas mãos com esta gravata e tocá-la com nada além da minha língua. Ela acaricia as lapelas do meu casaco e suspira.

Eu estou usando roupa formal para este jantar hoje à noite. Depois que nós acordamos esta manhã, levei Darya para uma caminhada ao redor do terreno para tentar trazer-lhe alguma paz sobre estar aqui. Tomamos um banho juntos à tarde e dormimos como velhos. Foi uma felicidade, e agora minha amante da noite está florescendo contra a sombra do céu noturno destacado atrás dela pela janela do chão ao teto.

— Você não está pronta e não me disse o que era tão engraçado antes de eu entrar, — digo mordiscando seu pescoço até o ombro nu.

Ela suspira ao meu toque e depois se afasta. Ela desliza para a cama e pega um vestido vermelho. É cetim, e sem vê-lo nela, sei que vai combinar com sua pele.

— Essa é geralmente a cor da minha irmã, — eu a informo com as sobrancelhas levantadas. Diana é conhecida por ostentar vermelho.

— É ridículo, Vas. Não posso usar isso. — Ela ri, um som quase histérico e enlouquecido... e esconde o rosto no tecido.

— Por que é tão engraçado? — Eu pergunto, confuso.

Soltando uma lufada de ar, ela se joga na cama ainda segurando o vestido.

— Não é engraçado. É só que... andei por esse lugar nua. Todas as pessoas aqui viram minha pele, mas pensar nelas me vendo *nisto*, — ela bufa, olhando para o vestido, — piora de alguma forma.

— Porque sexualiza você, — concordo, pegando o vestido e jogando no chão. — Antes, não era uma escolha. Você não estava lá para ser sexy, mas usar isso por escolha...

— Não sou essa pessoa. Eu não quero que as pessoas olhem para mim... homens... só você. — Ela se levanta, sua mão levantando para acariciar minha bochecha. — Você quer que eu use isso por você? — Seu olhar cai no chão, seu lábio ligeiramente curvado em desgosto.

Foda-se não.

Não. Não quero deixá-la sair deste quarto. Apresentá-la a qualquer um desses idiotas esta noite é uma tortura. Eles não são dignos de sua companhia.

— Quero que use o que escolher. Você é a mulher mais preciosa da terra para mim. Linda, sexy, insaciável, — eu provoco, beijando seus lábios carnudos e grossos. — Você ficaria perfeita em um roupão de banho. Então, fique confortável. Você não deve nada a essas pessoas.

Uma batida na porta nos tira à atenção do momento aquecido que, com certeza, teria resultado em eu tirando esse terno, levando-a direto para a cama, chegando tarde para o jantar e não dando a mínima por causa disso.

— Vas, Darya? — Irina chama através dos painéis de madeira.

Gemendo, nos separo e vou até a porta. Abro um bocado e sorrio para a minha irmã muito grávida.

— Os convidados estão chegando. Vlad disse que ele mandou entregar um vestido para Darya, mas sei que o gosto dele pode ser...

— Vulgar? — Eu termino, e ela bate em mim.

— Não seja podre. Aqui. — Ela me entrega uma bolsa de roupas. — Eu comprei isso antes de saber que estava grávida e nunca consegui usá-lo. Mesmo assim, é mais Darya do que eu. — Ela cora e eu sorrio. Ela é fofa e sou grato por ela ter trazido outro vestido.

— Obrigado, — digo. — Nós vamos descer em breve.

Assentindo, ela desaparece de vista. Fechando a porta, levanto a bolsa de roupas e balanço minhas sobrancelhas, causando outra risadinha da minha garota. — Vamos esperar que ela faça melhor que Vlad.

Colocando o saco de vestido na cama, eu o abro e Darya engasga. É um vestido azul escuro, quase preto, com uma pequena quantidade de cristais, fazendo parecer o céu noturno. Vai até o tornozelo, e a gola alta a cobrirá completamente.

Bom trabalho, mana.

— É perfeito, Vas. — Ela bate palmas, então pega o vestido do cabide e solta a camisola de seu corpo.

Tenho que fechar meus olhos porque ela só está usando uma calcinha branca de algodão e é estranhamente excitante.

Deslizando o vestido por suas coxas, ela levanta o tecido sobre seu corpo, cobrindo-a dos meus olhos. Os laços vão ao redor do pescoço dela e caem por sua espinha, mostrando pele suficiente para ser sexy de uma maneira modesta. É perfeito.

— Você pode me ajudar? — Ela pergunta, segurando as peças em volta do pescoço.

Eu tenho que me recompor. Da próxima vez que a abraçar, não serei capaz de me impedir de despi-la e sentir sua nudez contra mim. Porra, ela sabe o quanto eu a quero?

— Vas? — Ela pergunta com voz rouca.

Sim, ela certamente sabe.

***

Todos os olhos caem sobre ela quando entramos juntos na sala de jantar.

Todas as Primeiras Famílias estão aqui, mas não vejo meu pai entre elas. Sua esposa, Olga, no entanto, chama minha atenção. Ela está bebendo uma taça de vinho como se fosse água, e ela perdida no deserto. Ambas minhas irmãs quase flutuam para nós com saudações e

Ven me dá um aceno de cabeça. Ele parece cansado e tenso. Saber que a morte de seu irmão foi um assassinato insensível e ciumento, e não uma derrota em The Games é um pensamento esmagador. Talvez eu não devesse ter ajudado Vika.

Ela é uma vítima de sua educação, eu me lembro.

— Darya, deixe-me apresentar-lhe a nossa mãe, — Irina diz, tomando Darya pela mão, mas ela encontra resistência e franze a testa.

— Vas pode vir com a gente? — Darya pergunta, e já estou conduzindo-a com uma mão em sua cintura.

— Claro, — Irina garante com um sorriso.

Antes de chegarmos à mãe de Irina, um sino soa e Irina se ilumina, parando no caminho.

— Talvez depois do jantar, — diz ela. — É hora de tomar nossos lugares. — Ela realmente se encaixa no papel de dona de casa. É surpreendente considerando quão diferente Diana é.

Meus olhos se chocam com Rodion e Zahkar do outro lado da sala enquanto eles levantam uma taça para nós, em seguida, gesticulam para a mesa. Rodion se inclina para pegar seu nome diretamente em frente ao de Darya e ao meu.

— Acho que estou sentado aqui. — Ele sorri. Fico feliz que eles estão aqui para isso. Não me sinto tão fora do lugar quando eles estão por perto. Odeio fazer uma performance para esses jantares. Eu prefiro estar suando na academia, no ringue, ou melhor ainda, na porra do quarto com a minha garota. Mas os Vasilievs gostam de ter uma audiência para todas as ocasiões.

— Timofei não veio? — Eu pergunto por cima da mesa para Rodion.

— Carregando gado, — diz ele com uma piscadela.

Timofei foi encarregado da transferência de Vika. Lamento por esse cara, de verdade, porque ela vai ser um grande pesadelo.

Um dia, espero que ela aprecie o risco que assumi por ela... o risco *que todos assumimos* por ela.

— Quem é Timofei? — Darya sussurra para mim, seus lindos e grandes olhos inquisitivos.

— O irmão mais velho deles. — Sorrio para ela, resistindo à vontade de capturar seu lábio grosso entre os meus dentes.

— Oh, maravilhoso, há mais deles, — ela suspira admirada, e eu engulo a risada borbulhando. — E quanto a Alyona? — Darya franze a testa.

— E Alyona? — Eu gesticulo com a boca sobre a mesa. Zahkar, do lado de Rodion, pega o celular e passa os polegares pelo aparelho. Um segundo depois, um zumbido no meu bolso.

Eu abro a tela e vejo Alyona na cama com travesseiros em volta dela, seu rosto decorado com hematomas azuis e pretos, mas ela está sorrindo com o polegar levantado. Eu rio e mostro a Darya antes de colocá-lo de volta no meu bolso. Passo meu olhar pela fila de convidados e vejo que o pai de Alyona, Iosif e o irmão, Ivan, estão aqui.

A mandíbula tensa de Ivan é cômica. Seu ego estará ferido, mas ele vai superar isso... assim como todo mundo tem que fazer quando a merda não sai como planejado. É a vida. *Esta* vida.

Andru Vetrov, o pai dos primos, entra na sala com sua arrogância habitual. O ar quase engrossa com sua presença. Não há dúvida de que Rodion pegou cada grama da personalidade de seu pai. E Andru deve ser um bom exemplo, porque Zahkar, nem mesmo sua própria carne e sangue, também age como ele. Sigo os movimentos de Andru para o seu lugar ao lado de Rodion. Andru sempre teve um ar sobre ele... um poder que ele não precisa ostentar porque você simplesmente sabe que está lá. Estou surpreso que ele apareceu para este jantar, mas como seus filhos, ele é curioso e gosta de se manter no topo das relações das outras famílias primárias.

Os olhos de Andru voam entre Darya e eu antes de permanecer nela e estudar suas feições. Eu acho que uma nova filha abre opções para seus filhos que ele ainda não casou. Não é provável, Andru. Ela é minha.

— Vas, é bom ver você, — ele fala devagar, levantando a taça e tomando um gole.

— Você também, senhor. — Eu aceno.

— É bom ver meus filhos fora do clube deles também. Vocês, rapazes, passam muito tempo no escuro. Como vampiros. — Ele levanta uma sobrancelha e seus filhos sorriem para ele.

— A sede é forte. — Zahkar levanta a taça, os olhos brilhando com pensamentos perversos.

A sala zumbe com a conversa sendo realizada entre si até que todos tenham tomado seus lugares. A mesa de jantar é enorme e a lista de convidados é longa. Acho que Vlad realmente quer que todos saibam quem Darya realmente é de uma só vez, para que não haja fofocas persistentes.

O nervosismo de Darya quase faz seu corpo tremer para fora de sua cadeira. Colocando minha palma em sua coxa, me inclino e sussurro em seu ouvido: — Você não tem nada a temer aqui. Nunca mais. — Seu corpo se inclina para mim, sua mão macia descansando em cima da minha.

A cadeira ao meu lado é arrastada com um rangido, chamando minha atenção para longe da minha garota. A mãe de Irina e Diana planta sua bunda lá.

— Eu devo ser especial para me sentar ao lado do maravilhoso irmão bastardo, — Olga zomba, pegando a taça de vinho colocado sobre a mesa e bebendo seu conteúdo antes de segurá-la para ser preenchida de novo.

— Mãe, — desdenha Diana do outro lado dela, mas Olga apenas revira os olhos. — Ele é um bastardo, apenas afirmando fatos, — ela se defende pobremente.

Não permitindo que a puta amarga veja qualquer reação ofendida minha, faço questão de olhar ao redor da sala.

— Onde está nosso pai esta noite? — Pergunto em torno dela para Diana, mas Olga se inclina para mim e bufa.

— Ele não está se sentindo bem. Em outras palavras, ele não queria vir.

Ou ele está com as bolas enterradas em outra pessoa. É isso que ela está dizendo?

— Enquanto o gato está longe... — Eu sussurro de volta para ela em um tom abafado para que minha irmã não me ouça. *O rato vai brincar.*

Ela aperta o punho e fala rispidamente à mulher que serve vinho. — Até a boca, — ela ordena. — Os Vasilievs têm dinheiro suficiente para encher os copos até a boca, mulher estúpida. — A empregada assente em desculpa e derrama mais vinho na taça.

Minha atenção vai para Vlad pegando sua taça na mão e batendo com uma faca contra ela. O silêncio cai sobre a sala, e antes que ele possa falar, Yuri entra como uma nuvem de tempestade iminente.

Esse rosto não parece com o de um novo pai.

Darya fica tensa ao meu lado, e entrelaço nossos dedos por baixo da mesa, minha mão dando a ela um aperto reconfortante.

— Não me deixe parar sua comemoração, filho, — Yuri fala, olhando para minha Darya com um olhar cheio de ódio enquanto caminha para um assento na cabeceira da mesa e se senta. Por que ela consegue o ódio dele? Ele é o único que está sendo um fodido tarado para o seu próprio sangue.

— Como eu estava prestes a dizer, — Vlad continua, — todos sabem por que convidei vocês aqui hoje. Parece que temos uma nova adição ao nosso nome de família. Sem o nosso conhecimento até recentemente. — Ele sorri para Darya, e ela o olha através dos cílios. — Ela é uma Vasiliev maravilhosa, forte e resiliente, e eu... — Antes que ele possa terminar, um estrondo soa do outro lado da mesa. Minhas vísceras se tencionam e os músculos se tornam rígidos. Todos os olhos se voltam para Yuri, que se levanta e aponta seu garfo na direção de Darya. O piloto automático liga dentro de mim, e viro meu corpo para colocá-la nas minhas costas. Vou matá-lo antes que ele chegue perto dela. Danem-se as consequências.

Isso está armado?

— Essa bastarda não é minha. Ela não terá o meu maldito nome, — ele anuncia para a sala.

Porra.

Filho da puta.

Viro meu olhar para Vlad. Se ele mentiu para fazer da morte dela um espetáculo, vou estripar ele e seu pai antes que qualquer um possa tocar um fio de cabelo na cabeça dela.

A mandíbula de Vlad flexiona, e ele levanta a mão ligeiramente para mim, gesticulando para eu esperar.

Ele sabe o que estou pensando, mas ele está muito ocupado olhando seu pai com intensidade.

Não, minha garota tem parentesco, só não com Yuri. Merda. Vlad deveria ter me dito essa informação. Isso significa que ela ainda está em perigo, e eu a tenho aqui na cova dos leões, pronta para ser morta.

Vlad empalidece um pouco e abre a boca para falar, mas Yuri o interrompe com uma gargalhada.

— Você achou que eu aceitaria só sua fodida palavra sobre isso? Fiz meus próprios testes, — Yuri grunhe. — Ela tem metade do sangue... e não do lado bom. O lado de sua mãe prostituta, — ele cospe, batendo seu garfo e tomando seu lugar como se ele não tivesse apenas feito uma cena fodida na frente de todos.

Ela não é filha dele.

— Ele não é meu pai? — Darya exala um suspiro de alívio, seu corpo inteiro caindo em mim. Não acho que ela esteja ciente de que falou suas palavras em voz alta.

— Claro que ele não é seu p-pai. Você n-nem sequer se p-parece com ele — resmunga Olga, derramando sua bebida por toda a mesa. — Sempre o entretenimento em uma festa Vasiliev. Então, ela é jogada pela sacada e estripada agora? — Olga bufa.

O suspiro de Darya me faz virar para tranquilizá-la de que a mulher estúpida está brincando. Balançando a cabeça, retomo sua mão na minha e gesticulo com a boca: — Tudo bem. Você está bem.

— Mãe, chega. — Diana tenta controlá-la, mas falha.

— O quê? É óbvio que a criança não é dele. Ela é bonita demais. — Ela encolhe os ombros. Suspiros chocados e sussurros urgentes giram entre algumas das outras mulheres da mesa.

— Parece que *suas esposas* acham que podem fazer e dizer a porra que quiserem, — Yuri rosna através da sala para Olga.

Seus olhos se voltam para os dele e se estreitam. — Está tudo bem para os nossos maridos brincarem conosco, fodendo as empregadas, mas Deus proíbe que *suas esposas* se apaixonem por outra pessoa, — ela diz.

O silêncio cai e é ensurdecedor, tudo exceto minha pulsação maníaca.

Yuri pega uma faca de manteiga e aperta o punho em torno dela. Ninguém está se mexendo... porra, ninguém está nem respirando. Todo mundo está esperando para ver o que vai acontecer a seguir, e para as famílias não envolvidas, é uma demonstração de fraqueza. Uma fenda no vínculo das Primeiras Famílias.

É por isso que Vlad queria uma audiência. Ele não achava que seu pai faria uma cena. Ele pensou que iria concordar com a mentira de que ela era dele. O poder é tudo para ele, e a esposa de Yuri traindo-o, e estar em desacordo com seu filho não é algo que normalmente exporia em público. Ele deve estar além da raiva.

— Você se parece com sua mãe, — soluça Olga.

— Que diabos você sabe sobre a nossa mãe? — Vlad, de repente, exige de Olga.

Levantando-se, ela aponta um dedo bem cuidado na direção de Vlad. — Não grite suas perguntas para mim, Vladimir. Troquei sua fralda uma vez. Sua mãe e eu éramos melhores amigas. Eu sei tudo porque ela precisava de alguém para conversar. Imagine ser casado com Yuri e estar apaixonada por outra pessoa. Ele a teria matado.

— É melhor você dizer sobre o que você está falando, mulher, ou posso matá-la. — Yuri se levanta novamente e começa a se mover ao

redor da mesa para onde Olga está sentada, derrubando o vinho da minha taça agora.

Diana e Ven se levantam para impedir sua aproximação. Irina foge do lado de Vlad e corre para sua mãe e irmã. Empurrando minha cadeira para trás para impedir que Darya seja acessível ao trem de carga Yuri que se aproxima, eu examino a sala em busca de saídas, e a mesa por armas que usarei se ele chegar muito perto.

O garfo em seus olhos com uma rápida apunhalada, seguido por esmagar o copo de água e enfiar em sua garganta enquanto ele entra em pânico, então agarrar minha garota e ir para a saída à direita que leva à cozinha dos fundos, onde podemos escapar pela porta lateral de entregas e ao meu carro.

— Se você sabe com quem ela estava transando, é melhor falar agora ou ser silenciada para sempre, sua boceta bêbada, — Yuri troveja sobre o ombro de Ven, que agora está parado entre ele, com Diana e Olga atrás de Ven. Algumas cadeiras raspam o chão e uma enxurrada de pessoas sai da sala quando a atmosfera esquenta.

— Oh, olhe ao redor da maldita sala. Gente, não é difícil ver quem é o pai dela. Ela tem sua presença silenciosa. Não é verdade, Andru? — Olga bufa, completamente imperturbável que está a segundos de ser assassinada ou causar uma guerra entre as famílias.

Todas as cabeças se voltam para Andru.

Que porra é essa?

Um coro de suspiros ecoa pela sala. Andru pula de seu assento, derrubando utensílios de mesa no chão, com um barulho de pratos quebrando, como se sua bunda estivesse pegando fogo.

Seus olhos, impossivelmente grandes, pousam em Darya. Choque, confusão, paixão, todas as emoções dançam em seus olhos enquanto ele os cola na minha garota.

— Pai? — Rodion diz entre dentes em um murmúrio incrédulo.

E então todo o maldito inferno se solta. Uma onda de atividade me faz levantar e mover Darya na direção da saída, para o caso de precisarmos de uma fuga rápida.

Yuri joga sua faca de manteiga pela sala em Andru, errando por um centímetro e acertando um empregado no braço. Yuri se aproxima e pega uma faca de pão de um prato no centro da mesa e muda de direção, contornando a mesa em direção a Andru.

Rodion e Zahkar tomam uma posição de luta, derrubando suas cadeiras e parando ao lado de seu pai, que apenas sorri para Yuri sem medo nenhum. Os Vetrovs são ferozes pra caralho.

E Darya?

Ela é mais que uma Vasiliev.

Ela é uma Vetrov como eles.

A mãe de Vlad… o pai de Rodion…

Porra. Não é assim que eu esperava que as coisas resultassem essa noite.

Ven está bem perto de Yuri, tentando alcançá-lo, mas sendo afastado e ameaçado com a faca. — Afaste-se de mim, Ven, ou você será o próximo.

— Como você sequer ousa, — grita Diana, correndo para Ven, que a intercepta enquanto ela tenta passar por ele e chegar a Yuri. Ven tem um sorriso nos lábios, como se isso o divertisse. Vozes, levantadas e barulhentas, se misturam em uma enquanto os corpos colidem, tentando fugir do caminho ou intervir. Rodion e Zahkar seguram Yuri no peito com uma palma de cada um. Eles são uma parede impedindo-o de chegar ao pai deles. Vlad se move para eles, tentando separar os primos de Yuri, enquanto Andru apenas gira a cabeça sobre os ombros e endireita as lapelas em sua jaqueta.

— Como você se atreve a entrar na porra da minha casa? — Yuri rosna, seu rosto ficando vermelho de raiva. Parece que ele está prestes a ter um ataque cardíaco. Que presente perfeito seria.

— Tire suas mãos fodidas de mim, Vlad, e controle seu velho antes que isso se torne uma guerra total, — exige Rodion. Meus pés coçam para ir até eles e ajudar a acalmar a situação, mas não posso arriscar deixar Darya sozinha.

Pop-pop

Uma arma dispara, enviando pânico através dos convidados restantes. Darya se abaixa e me agarra para fazer o mesmo, mas estou tentando revistar a multidão de funcionários e convidados para ver quem disparou uma arma e em quem.

— Irina. — Um grito de gelar o sangue ecoa através do caos, e meu coração deixa de bater.

Não. Não. Não.

Um segundo grito soa. É um soluço de Diana quando ela chama de novo por nossa irmã. Um espaço se abre, e é lá que vejo Irina deitada no chão, segurando a mão na barriga grande e redonda.

— Ela está sangrando. Chamem uma ambulância — grita Diana.

Estou de pé, empurrando as pessoas bloqueando meu caminho enquanto Vlad corre sobre a mesa, caindo bem na minha frente, onde minha irmã está deitada no chão, o sangue cobrindo seu vestido creme, encharcando suas coxas.

— O bebê, — ela coaxa, segurando sua barriga. Deja vu me bate de encontrar Diana na base dessas escadas perdendo seu filho todos aqueles meses atrás.

Porra. Porra. Porra.

Verifico o corpo dela por um ferimento de bala, mas não há um.

— Sinto muito, — um homem que não reconheço implora, levantando as mãos. — Esbarrei nela. Eu não...

Antes que ele possa terminar sua sentença, Yuri está na frente dele, agarrando sua cabeça e torcendo. Com um estalo doentio, a cabeça do cara cai flácida, e seu corpo bate no chão com um baque. — Se meu neto morrer, vou acabar com toda a sua linhagem familiar, não apenas tirar a vida do seu neto. — Ele aponta para um homem mais velho que ficou branco como um fantasma olhando para o cara morto aos pés de Yuri.

— Vamos pegar o carro, — digo rispidamente, agarrando a mão de Darya, que tinha me seguido até o lado de Irina.

— Uma ambulância está chegando, — Vlad sussurra, seus olhos maníacos de medo e choque, um olhar que certamente nunca vi nele.

— Vlad, será mais rápido se nós a levarmos do que esperar por uma maldita ambulância, — digo a ele, firme.

Vlad concorda e pega sua esposa. Diana, com lágrimas escorrendo pelas bochechas rosadas, segue atrás.

— Nós vamos encontrá-lo lá, — diz Diana, depois aponta para o marido. — Lide com sua família.

Há vozes elevadas e brigas ainda emanando da sala de jantar, mas esses filhos da puta estão por conta própria. Se ela perder este bebê, todo mundo terá um preço em sua cabeça. Se Vlad e eu não os pegarmos primeiro.

Capítulo Dezenove

Darya

Desnecessariamente, pego um fio solto na jaqueta que Vas colocou sobre meus ombros quando chegamos. Minha vida é desordem e carnificina. Parei de rezar tanto quanto costumava. É por isso que coisas ruins acontecem? Todo mundo estava brigando e não quero que ninguém que me importa seja prejudicado. Zahkar e Rodion são meus amigos e agora, possivelmente mais? Será que Molokh os machucará por causa de seu pai... *nosso pai, o* traindo? Querido Deus, como isso é tudo possível? Eu não tinha família e agora tenho duas.

Uma porta se abre e meu coração pula na minha garganta, mas não é o médico. É um zelador empurrando um carrinho.

Duas longas horas esperamos por notícias. — Por favor, Deus, deixe Irina e seu filho ficarem bem, — rezo pela centésima vez.

Diana anda pelo saguão do hospital enquanto Ven fala com seus primos em voz baixa. *Com meus irmãos*, se o que a mãe de Diana diz é verdade. Eu tenho irmãos, plural, não apenas um. Vas aperta minha mão, mas não consigo tirar meus olhos de Rodion e Zahkar.

Minha mente gira enquanto tento processar quem exatamente era minha mãe. Ser casada com Molokh devia ser um pesadelo vivo. Ele é um animal. Andru, meu suposto pai verdadeiro, era definitivamente o homem mais bonito. Ele não tinha o mesmo brilho cruel em seus olhos como Molokh.

Como se soubessem que estou pensando neles, Rodion se vira para mim. Ele me avalia com uma careta antes de dizer algo mais para Ven. Meu tórax parece que pode quebrar no tumulto do meu coração. Eles me querem como irmã?

— Você está bem? — Vas pergunta, inclinando-se para beijar minha têmpora.

— Ficarei melhor quando souber que Irina está bem. — Eu sorrio com força.

Ele solta um suspiro irregular. — Eu também. Estão lá atrás há séculos.

Segundos passam, pulando para minutos, então uma porta se abre. Vlad finalmente sai.

Sorridente. *Ele está sorrindo, graças ao nosso Senhor.*

Eu nunca vi alguém tão... feliz.

— É um menino, — diz ele, rindo como se estivesse em choque, esfregando a mão sobre a testa e me procurando na multidão. — Nós temos um menino saudável.

Um menino.

Diana corre até ele, Vas segue logo atrás. — E Irina? — Ela exige, sua voz estridente de pânico.

— Perfeita, — ele garante a ela. — Ambos vão ficar bem. Quando ela caiu, a placenta rompeu ou algo assim. — Ele balança a cabeça. — Mas foram capazes de fazer uma cirurgia de emergência para tirá-lo, graças a nós que a trouxemos tão rápido. Ela vai ficar bem e ter mais dos meus filhos.

Vas e Diana fazem a ele um milhão de perguntas sobre o bebê, enquanto dou um suspiro de alívio. Faltavam apenas duas semanas até a data do parto, então o bebê não veio muito cedo, graças a nosso Senhor.

Náuseas azedam minhas entranhas por todas as perguntas desconhecidas. Eu uso a distração de Vlad para escapar pela porta e pegar um pouco de ar.

Lágrimas queimam meus olhos, e um milhão de pensamentos flutuam em minha mente como folhas caindo no começo do outono. O que aconteceu para fazer minha mãe cuidar da gravidez sozinha? Para me entregar? Para nunca mais voltar para seus outros filhos?

Molokh me deixará livre um dia? Serei permitida na vida de Vlad?

Tomando um assento antes de minhas pernas não aguentarem mais, puxo a jaqueta de Vas sobre meus ombros e vejo o mundo seguir.

Sinto uma presença antes que alguém se sente ao meu lado, mas me assusto de qualquer maneira.

— Filha, hein? — A voz grave e profunda pertence à Andru Vetrov. Eu nem sequer o vi chegar.

Minhas bochechas queimam vermelho. Ele está com raiva? Ele ainda quer uma filha?

— Eu não sei, — digo a ele honestamente.

Seus lábios pressionam juntos enquanto me examina. — Um teste nos permitirá ter certeza. Está sendo tratado. — Ele estica a mão para frente e coloca um cabelo errante atrás da minha orelha. — Você se parece com Vera. — Suas feições são suaves por um momento antes de endurecer. — Não me vejo em você, no entanto.

Uma pedra se aloja no meu peito ante suas palavras. Eu poderia não ser dele afinal? Ou talvez eu tenha apenas a aparência da minha mãe?

— Talvez eu seja como você, — sugiro, minhas palavras um sussurro. — Você gosta de cantar?

Como se divertido com minhas palavras, ele sorri. — Eu gosto de música, — ele oferece, esfregando as mãos e soprando sobre elas.

Um sorriso puxa meus lábios. — Você gosta de Alenka?

— Os doces de chocolate? — Ele pergunta, sua sobrancelha levantada. Eu aceno uma vez. — Quem não gosta? — Mais uma vez, ele sorri. Mas não parece ser uma coisa ruim. Andru não me assusta como Molokh ou até mesmo meu irmão Vlad às vezes. Andru me lembra de Rodion. Eu realmente gosto dele.

— Problema aqui? — A voz profunda de Vas sibila de perto. Eu sabia que não demoraria muito para que ele notasse minha ausência.

Olho para cima para vê-lo encarando Andru. Sua proteção sobre mim é uma dádiva de Deus.

— Eu não sei, jovem Volkov, — declara Andru. — Diga-me você. Acabei de saber que alguém que amei há muito tempo teve uma filha minha. Pode ser besteira, mas se não for, é um problema.

Estremeço com suas palavras. — Eu não sou um problema, — resmungo, a rudeza na minha voz me surpreendendo.

Vas bufa ao meu lado enquanto Andru sorri.

— Problema foi uma má escolha de palavras, — admite Andru. — É apenas um choque saber que poderia ter outra criança, uma filha que foi maltratada e criada sem o conhecimento da família que ela tem. — A veia no pescoço dele pulsa.

— Fui órfã a minha vida inteira. Agora, a perspectiva de ter família... — Paro e olho ao longe, pensando em Vlad, Rodion e Zahkar antes de voltar para Andru. — É impressionante.

As sobrancelhas de Andru franzem, mas ele concorda. — Se você é minha filha, vou ter muitos anos para compensar. Sempre me perguntei como seria ter uma garota.

Sorrio estupidamente para ele. — Espero que seja sua, Andru. Rodion e Zahkar parecem felizes, e gosto muito dos dois.

Andru se endireita e infla um pouco o peito, como se orgulhasse das minhas palavras. — Vou acelerar o teste de DNA. Vai ser bom saber de um jeito ou de outro.

— Tudo bem aqui fora? — Vlad pergunta quando sai, seu sorriso se apaga quando percebe Andru Vetrov sentado ao meu lado.

— Sim, irmão, — digo, sorrindo para ele.

Andru estremece e me pergunto por que.

— Se ela é meu sangue, quero ela segura do seu pai monstro. A qualquer custo, Vlad, — Andru diz com uma voz fria, ficando de pé. Ele é tão alto e imponente que o mundo parece encolher em torno dele.

— Meu pai está com raiva agora, mas vai passar. — Vlad estreita os olhos em Andru acusadoramente.

— Você tem sorte de eu não tê-lo matado no jantar, — diz Andru. — Eu sempre respeitei a linha de comando, Vlad, mas seu pai não detém mais o poder das ações do The Games. Minha tolerância por seu desrespeito está diminuindo.

Vlad rosna. — Não fale comigo sobre desrespeito. Você estava fodendo a esposa dele. Você foi a razão pela qual ela nos deixou?

— Ela não deixou só vocês, — declara Andru, tristeza colorindo seus olhos brevemente. — Falo sério sobre Darya. Eu a quero segura.

— Ela *já* é meu sangue, o que significa que ela *já* está segura, — Vlad rebate. Ele parece ter se ofendido quando Andru sugere algo diferente.

— Ela pode ser parte de você, mas também pode ser Vetrov. Se ela for, quero sua palavra que pode manter seu pai na linha. Ele não fará nada para machucá-la, ou a guerra vai estar na sua porta, — adverte Andru.

Vlad não lhe oferece uma resposta.

Endireitando a gravata, Andru passa a mão pelos cabelos. — Até que os resultados saiam, gostaria que ela ficasse comigo em Moscou.

— Claro que não, — rosna Vlad. — Ela não vai a lugar nenhum.

Eles falam de mim como se eu não estivesse aqui. Vas está tão tenso que você acharia que ele é feito de pedra.

Rodion e Zahkar aparecem rapidamente, Ven flanqueando-os. Todos estão sem seus casacos e têm suas mangas de camisa enroladas em seus braços musculosos. Estão prontos para uma briga.

— Ela fica comigo, — Vas diz a eles em um tom firme. — É o único lugar onde ela se sentirá segura, e é isso que é importante. O que ela quer, não o que todos vocês decidem por ela. — Ele sorri para mim, seus olhos suaves. — Certo, querida?

Um sorriso curva meus lábios pelo carinho. Estendo a mão e pego a dele. — Eu quero ficar com Vas. Sinto-me segura com ele.

Andru parece irritado, seus lábios finos, mas ele não discute. Os olhos de Vlad piscam como se ele quisesse dizer alguma coisa, mas ele também se contém.

Vlad fecha o espaço entre ele e Andru, seu peito quase tocando o dele. — Antes que vá, quero saber, por que você fez isso?

— Fiz o quê? — Andru rosna.

— Foder minha mãe. — O tom de voz de Vlad está gelado.

Em vez de responder raivoso, Andru dá um passo para trás e passa os dedos pelos cabelos. — Eu não a fodi. Ela não era uma prostituta, Vladimir. Ela era…

— Era o quê? — Vlad grita.

— Ela era especial.

— Especial como? — Vlad exige, dor evidente em seu tom. Um nó se forma na minha garganta. Quero ir até ele, oferecer-lhe apoio, mas o aperto de Vas se fortaleceu, e sei que ele não me permitirá colocar em risco com os temperamentos tão inflamados. Eu não acho que Andru vai oferecer mais alguma informação, mas ele balança a cabeça quase em compreensão da necessidade de Vlad em saber.

— Eu a amava, — ele admite, suspirando.

O silêncio cai, então Vlad sussurra: — Bem, eu também a amava. E você roubou ela de mim, de nós.

Andru balança a cabeça. — Ela também me deixou, Vasiliev. Talvez com a minha filha.

Ambos se voltam para olhar para mim. Vas envolve um braço protetor em volta de mim, me puxando para ele.

— Sinto muito, — eu sussurro, medo e dor me saturando.

Ambos Vlad e Andru franzem o cenho.

— Ela também deixou você, — Vlad me lembra. — Não se desculpe por nossa mãe ser fraca.

— Cuidado com seu tom, garoto, — diz Andru irritado. — Você conhece o homem com quem ela era casada. Quem sabe por que ela fugiu?

Vlad curva o lábio em desgosto. — Lembre-se com quem você está falando, velho. Não sou garoto.

A tensão engrossa. Vlad está em desvantagem aqui. O clã Vetrov é maior e mais cruel. Vlad é o único de sua família agora.

— Meu pai não vai deixar isso passar. Alguém terá que pagar pelos erros da minha mãe, — Vlad diz amargamente.

Eu recuo com a escolha de palavras dele.

A mandíbula de Andru enrijece. — Então você arrume isso, já que você é oh-tão-poderoso e crescido. — O olhar de Andru é cruel. — A menos que você queira que eu lide com isso.

Os ombros de Vlad endurecem. — Não vou permitir que você mate meu pai. Se ele souber que você sequer pensou nisso, ele vai querer a sua cabeça.

— Deixe-o vir então. — Os olhos de Andru brilham com fúria líquida e medo se enraíza dentro de mim. Não quero que ninguém seja ferido pelo Molokh por minha causa.

Ven aperta a mão no ombro de Vlad, fazendo-o balançar. — Nós fazemos um acordo com o diabo.

O ar estala com intensidade.

— Oh, e de quem é a alma que você está oferecendo? — Vlad pergunta, claramente intrigado.

— Estou pensando em oferecer a única coisa que ele vai querer. Ações de volta, — Ven diz simplesmente. — Algumas minhas e algumas das suas. Você sabe que seu pai só se importa com o The Games. Ele vive por essa merda. Faça-o recuar de Andru e Darya dando-lhe algo que ele quer desesperadamente.

— Você está dando aos Vasiliev mais poder ao fazer isso, — Diana adverte seu marido, juntando-se a nós no frio. — Haverá dois deles com ações.

— Mas Darya estará em segurança, — Vas lembra sua irmã. — Ven está certo. É a única coisa que Yuri vai querer mais que vingança — acrescenta, implorando a ela.

Ela franze os lábios, me lança um olhar de desculpas e suspira.

— Por que você está disposto a desistir de alguma coisa? — Vlad pergunta, e Ven ri. É cansado, mas honesto.

— Não dou a mínima para as ações, Vlad. Não importa o resultado do sangue de Darya. De um jeito ou de outro, estamos todos conectados. Seja através de sangue ou casamento, ou décadas de amizade. — Ele sorri, apertando o ombro de Vlad. — Todos nós já perdemos muito para perder mais.

— Terços iguais, — Vlad diz, assentindo. — Meu pai vai ter as mãos de volta no pote, mas ele não será um acionista controlador.

Andru sorri. — Mas quando ele morrer, você vai.

Meu coração bate com a intensidade dos homens que estão diante de mim.

— Então vamos dividi-las em quatro partes, Andru. Yuri será forçado a esconder sua raiva se você for um parceiro de negócios — Ven brinca com um sorriso.

— Você quer ceder tantas ações? — Vlad pergunta, suspeita atada em seu tom.

— Não me importo quantos compartilhamentos são necessários. Deixe os homens velhos disputarem o banco de reservas. Nunca foi o que eu pretendia ter. — Ven envolve um braço em volta da cintura de Diana, puxando-a contra ele. Ela relaxa em seu abraço, sua mão descansando sobre o peito dele.

— Tudo bem, — Vlad cede.

— E se ela não for sua, Andru? — Vas desafia. — Você vai deixar o passado permanecer no passado?

— Eu nunca iria machucá-la, — rosna Andru, desgosto em seu tom. — Ela parece…

Ele lança um olhar triste em minha direção. Eu pareço com ela. Alguém que ele amava. — Se eles voltarem negativos, você ainda é filha de Vera. Farei o que puder para manter a ira de Yuri afastada de você. Você nunca terá que temer a minha.

Lágrimas mais uma vez queimam nos meus olhos. — Obrigada, — digo engasgada.

— Sim. Obrigado. — Vas acena com a cabeça.

— Gostaria de sentar com você um dia e ouvir mais sobre ela, — digo a Andru. — Independentemente de você ser ou não meu pai.

Zahkar pisca para mim e Rodion sorri. Meu coração se expande enquanto espero que sejam meus irmãos.

— Poderia te falar sobre ela também, — Vlad me diz, com a voz feroz, mas não há como não perceber a mágoa nela.

— Eu gostaria disso. — Sorrio para o meu irmão.

— Isso resolve tudo, — Vlad confirma para todos. — Vou ver minha família. Nós vamos resolver isso até o final da semana. Até lá, — diz ele, olhando para Vas, — mantenha minha irmãzinha a salvo.

— Ninguém nunca vai colocar a mão sobre ela, — Vas promete em um tom gutural.

Vas e eu compartilhamos um olhar secreto. Sua expressão promete que apenas suas mãos são para mim... e ele planeja fazer coisas não tão inocentes com elas.

Eu coro e olho para longe.

Capítulo Vinte

Vas

Pernas tonificadas e macias apertam minha cintura com força enquanto empurro meus quadris para frente. Suor reveste a pele dos nossos corpos lubrificados, fazendo com que meu aperto na bunda dela escorregue.

Nós rimos entre beijos. Nossa necessidade nos superou durante o treinamento.

Entre treinar Alyona, eu tenho lutado com Darya para ensinar-lhe alguma autodefesa básica, mas nós nunca conseguimos passar uma sessão inteira sem a tensão sexual nos queimando tanto até o ponto da explosão.

Envolvendo meus braços ao redor das costas de Darya, nos movo da parede do corredor para o nosso quarto. Eu nos mudei para o apartamento ao lado para que nós e Alyona pudéssemos ter alguma privacidade. Deixar cair minha bunda no colchão faz com que o fôlego de Darya fique preso pelo impacto. Ainda estou até as bolas profundamente dentro de sua boceta apertada e quente.

Fico sentado, deixando minha pequena amante da noite tomar as rédeas. Seus gemidos me deixam louco. Nunca quero parar de ouvir seu prazer, sentindo sua boceta quente em volta do meu pau.

— Devemos ficar mais quietos? — Ela ofega, moendo no meu pau como se ela fosse uma fodida profissional.

— Não, só me foda, linda, barulhenta e orgulhosa. — Eu sorrio maliciosamente, e ela ri, mas é cortada pelo seu corpo enrijecendo e seu orgasmo assumindo.

— Vas, Vas, oh sim, — ela grita quando eu inclino meus quadris no ângulo certo para bater em seu pequeno feixe de nervos, enviando-a em espiral além do limite.

Seus peitos balançam com seus saltos, que só pegam velocidade para perseguir seu orgasmo. Eu aperto seus quadris e guio seus

movimentos até que estou bombeando meu gozo em seu núcleo quente. Meu abdômen está tenso, vejo novos músculos se formando de todas as fodas que temos feito desde que voltamos a Moscou há um mês.

Tanto Vlad quanto Andru, deram espaço a Darya, desde que os resultados retornaram que ela é de fato a filha de Andru. Eu acho que foi mais um choque para Rodion e Zahkar do que Darya, mas tendo tantas mudanças em tão pouco tempo, Darya pediu para ficar aqui em Moscou por mais algum tempo, e com pouca escolha, os outros concordaram.

Seus novos irmãos a fizeram mais do que bem-vinda, assumindo seus papéis com tranquilidade. Eles adoram Darya, e ela a eles. Timofei também é irmão dela, mas ele está lidando com Vika. Um dia, ela pode construir um relacionamento com ele também.

— Deveríamos estar fazendo isso com a luta acontecendo esta noite? — Darya geme contra o meu peito, seu corpo exausto e espalhado sobre o meu. Meu pau ainda está dentro dela se mexendo, se preparando para outra rodada.

— Acho que apenas jogadores de futebol que não têm permissão para foder antes dos jogos.

Sentando-se, ela morde o lábio inferior e balança a bunda. — Então, podemos fazer isso de novo?

Porra, ela nunca deixa de ser fofa.

Arremetendo-me para frente, aperto seu corpo e viro-nos, esfregando-me em sua carne quente e necessitada.

— Foda-se, sim, podemos fazer isso de novo.

***

O clube está lotado até o teto de pessoas essa noite. A notícia é que estou lutando, e não apenas com qualquer um, mas um lutador bem conhecido, ganhando uma reputação no cenário clandestino. Estou lutando hoje por Rodion e Zahkar. Eles querem que eu coloque esse idiota em seu lugar, e eu vou. Skull é um lutador

mortal, então tenho treinado para me preparar para criar alguma carnificina.

— Meu sangue está rugindo em minhas veias, — Darya sussurra, com os olhos arregalados e as mãos agitadas. Ela está nervosa.

— Querida, vai ficar tudo bem, até divertido. Por que você está preocupada? — Ofereço um sorriso secreto, reservado apenas para ela.

Balançando a cabeça, ela passa as mãos pela minha camisa. — Não, não estou preocupada, estou... entusiasmada. Mal posso esperar para ver você lutar e ficar todo suado e então... — Ela está quase ofegante agora.

— E então o quê? — Insisto, lambendo meus lábios.

— E então nós podemos fazer as coisas de sexo. — Ela cora, e não me controlo. Pego seu rosto e encosto meus lábios nos dela. No momento em que me afasto, ela está sem fôlego e instável com os sapatos altos e estúpidos que Alyona comprou para ela... com meu cartão de crédito... junto com um par de "botas de luta" que mais pareciam malditas botas de passarela para si mesma.

— Eu luto, então nós transamos, — eu prometo com um sorriso diabólico.

Seus olhos se enchem de desejo, e eu a coloco na minha frente para esconder meu pau duro forçando o zíper da minha calça quando Alyona anda até nós. Ela está usando um vestido que mal cobre seu corpo, mostrando todos os seus músculos recém-adquiridos. Ela está completamente curada de sua luta e voltou a treinar nas últimas três semanas. Admiro sua dedicação, mas me preocupo com sua habilidade. Ela não é Diana, mas ainda é o começo.

— Vocês dois sequer param de foder para comer ou dormir? — Ela descaradamente diz.

— Eu como. — Sorrio, saboreando a enxurrada de imagens de eu comendo a boceta de Darya, agora ocupando meus pensamentos.

— Sim, não sei disso? As paredes são finas. — Ela pisca para Darya, que tem um tom brilhante de rosa.

— Bebam, vai ser uma boa noite. — Zahkar se junta a nós, trazendo uma garçonete com uma bandeja de bebidas. Eu recuso a minha, precisando de uma cabeça limpa para mais tarde, mas entrego a Darya a dela. Ela gostou da nova Vodka Arco-Íris. Seus irmãos a tornaram o especial do clube, e já está fazendo sucesso. Diana sabe dos negócios e os primos conhecem clubes. Ambos amam álcool. É a combinação perfeita.

— O clube está em plena capacidade, tanto no andar de cima quanto embaixo, — anuncia Zahkar, erguendo o copo para mim. — Nós não vamos esquecer isso, Vas.

Sei que eles não vão. Esses dois são como irmãos para mim. Oferecer-me para combater esse idiota por eles não é nada. Devo-lhes muito mais. Eles sempre me deram apoio antes de meu nome ser qualquer coisa. Somos família.

— Eu vou me arrumar, — digo a ele, gesticulando com um aceno sutil para Darya, que se sentou com Alyona na seção VIP do bar.

— Eu não vou deixá-la fora da minha vista, — ele promete. — Ela é minha irmãzinha afinal de contas. — Ele dá um tapinha no meu ombro, e vou para a minha garota para lhe dar um beijo e deixá-la saber que volto em dez minutos.

Capítulo Vinte e Um

Darya

A música pulsa no salão enquanto a bebida solta a tensão que criva meu corpo.

Eu sei que Vas vai ganhar sua luta, e sei que é um pecado gostar de violência e sexo, mas há algo sobre os dois que me deixa louca com desejo, necessidade, tesão. Eu fico viva quando vejo Vas todo suado, seus músculos firmes e flexionados enquanto ele manobra seu corpo com movimentos precisos, o poder em torno dele como uma entidade assombrando sua essência. O pico de adrenalina, medo e excitação combinados com a perspectiva de vê-lo lutar me faz sentir quase tão alta quanto as drogas de Zahkar me fizeram sentir.

— Irmãzinha, conte ao seu irmão o que você quer no seu aniversário? — Zahkar me lança um sorriso que parece reservado apenas para mim.

Nunca tive família, e quando pensava sobre como seria uma família, minha imaginação não fazia justiça à realidade de meus irmãos. Vlad, Rodion, Zahkar. Estou ansiosa para conhecer Timofei também. Fiquei triste ao saber que tinha outro irmão que morreu no The Games. Pela maneira como Vlad fala de Viktor, sei que teria gostado dele. Família e amor agora eclipsam a escuridão do meu passado. O vazio da solidão que uma vez me saturou é mera lembrança de uma vida anterior. De uma garota que não reconheço mais. Mesmo antes de os resultados serem confirmados, os gêmeos me ofereceram um lar, conforto, segurança e irmandade.

— Chanel, — Alyona fala. — Qualquer coisa Chanel. — Ela olha o copo de água de pepino e franze a testa enquanto bebe o conteúdo.

Ela está em uma dieta rigorosa e rotina de treinamento que não permite álcool ou muitas noites no clube. Vas disse a ela para vir hoje à noite porque é bom para ela vê-lo lutar. Para aprender com ele.

— E o que *é* Chanel, irmãzinha? — Desafia Zahkar, diversão em seu olhar enquanto olha para Alyona. Ele e Rodion me deram aniversários inventados nas últimas duas semanas para compensar os que eles perderam. Eles já me compraram joias com pedras coloridas embebidas em ouro, e roupas além de qualquer coisa que eu pudesse usar na minha vida toda.

— Chanel é perfume, — afirmo com orgulho. Irina usa o Chanel Número Cinco. Eu vi em seus pertences uma vez.

— Ha! — Alyona grita. — Embora, quis dizer as roupas, — acrescenta Alyona, encolhendo os ombros.

— Aqui. — Zahkar me entrega uma caixa embrulhada com uma reverência.

— Você não precisa me comprar coisas, — digo timidamente. — Seu amor é mais do que eu poderia precisar.

— E você tem isso, — diz ele, seus olhos brilhando com um protecionismo que muitas vezes vejo no olhar de Vas. — Você é uma bênção para nós, e estamos muito gratos por ter você. — Ele se senta ao meu lado e pega minha mão, apertando-a. — E é isso que gostamos de fazer um pelo outro. Somos idiotas exibidos. Faça nossa vontade.

Rodion se junta a nós, uma linha se formando em sua testa.

— Está tudo bem? — Alyona e eu perguntamos em uníssono.

— Sim, — ele murmura distraidamente. — Abra seu presente. Feliz Aniversário.

Tirando o papel, sacudo a caixa para ouvir um leve toque. Eu abro a tampa para encontrar uma chave dentro.

— Você comprou-lhe uma Mercedes? — Alyona grita por cima do meu ombro.

Eu olho entre meus irmãos e ela. Não sei o que é uma Mercedes.

— É um carro, Pequena V, — explica Alyona pacientemente. — Se conheço seus irmãos é um fodido carro caro.

— Queremos ser aqueles a ensinar você a dirigir, — me informa Rodion. Há quase um apelo em seu tom.

Levantando-me, pego os dois em meus braços, ficando na ponta dos pés para alcançá-los. — Eu amo isso. Obrigada.

Uma risada sacode o peito de Zahkar, vibrando através de mim.

— O que é engraçado? — Eu pergunto, afastando-me deles.

— Você ainda não o viu.

Encolhendo os ombros, levanto a chave. — Só de saber que vocês querem me ensinar é presente suficiente. Mal posso esperar para aprender com vocês dois.

— Bem, veja quem tirou a coleira, — uma voz familiar grita.

Ivan Voskoboynikov entra em cena enquanto meus irmãos se voltam para ver quem se juntou a nós.

— Esta é uma área privada, — informa um musculoso guarda de segurança, mas Rodion ergue a mão para permitir que ele entre no espaço VIP.

— Não achei que Vas iria deixá-la fora de sua vista. — Ivan me encara, seus olhos demorando nos meus seios enquanto seu olhar varre sobre mim.

— Ela está com seus irmãos, e eles não gostam de pessoas falando com ela nesse tom, — Zahkar rosna.

— É disso que vim para lhe contar, — informa Rodion ao nosso irmão.

— Ivan, você não deveria estar no treinamento da mansão de Yuri? — Alyona se levanta, cruzando os braços sobre o peito, fazendo seus peitos quase caírem da blusa.

— Foda-se Yuri, — seu irmão rosna para ela. — Ele encontrou um novo lutador. Um de vocês meninos podem ter ouvido falar na verdade.

— Do que diabos você está falando? — Zahkar pergunta.

Minhas entranhas começam a colidir. O ar está mudando e não gosto do olhar sombrio no rosto de Ivan. Seus olhos continuam pousando em mim com intensidade.

— Skull, — Rodion grunhe, balançando a cabeça. — Acabei de receber uma ligação. Ele não vem esta noite. Yuri o adquiriu para o The Games.

Assim que Ivan se aproxima e rouba minha bebida da mesa, vejo Vas vindo até nós pelo elevador. Uma sensação de alívio me domina. Quase caio em seu abraço quando ele estende as mãos.

— O que está acontecendo? Você está bem? — Ele me pergunta, checando minhas feições por uma pista de como estou me sentindo.

Ivan bufa. — Eu deveria saber que você não estaria longe. Você é como o cachorrinho dela.

— O que diabos você está fazendo aqui, Ivan? — Alyona esbraveja. — Você está bêbado e sendo um idiota.

Estendendo a mão rapidamente, ele aperta a mão em torno da garganta de Alyona antes de usar o impulso para forçá-la para trás com um forte empurrão. — Cala a boca, sua putinha. Você parece uma porra de vadia, e sem dúvida esses dois doentes fizeram de você uma também, — ele zomba. — Você não é minha irmã.

Meus irmãos o agarram e jogam sua bunda em uma cadeira.

— É melhor você se acalmar antes que sua boca e suas ações te custem mais do que você pode pagar, — adverte Rodion, com o rosto contorcido de fúria.

Rindo como uma pessoa louca, Ivan ergue o dedo do meio. — Fodam-se, idiotas.

Eu caio no sofá ao lado de Alyona para inspecionar seu pescoço por marcas, mas ela pula de seu assento em direção a Ivan, gritando com ele. — Seu maldito pedaço de merda. — Suas mãos se agitam enquanto meus irmãos seguram sua estrutura esbelta, impedindo-a de causar danos em seu irmão.

— Cai fora. — Ivan acena uma mão de desprezo para ela.

— Vá se foder, Ivan. Eu odeio você. — Alyona funga, libertando-se dos meus irmãos e indo em direção aos elevadores privados para os nossos apartamentos.

— Ela está fraca, Vas. O que você tem ensinado a ela? — Ivan ri sombriamente, seus olhos ainda lançados em mim.

— Ela vai surpreendê-lo um dia, — Vas desdenha, — e chutar a porra da sua bunda.

— Ela não é Diana. Não importa o quanto você a treine. Diana foi um acaso. Ela teve sorte. Alyona vai morrer nesses jogos. Como está sua outra irmã? Foi empurrada quando a arma disparou.

Vas se move tão rápido, ele é de outro mundo enquanto se inclina sobre Ivan como um dragão rugindo prestes a soltar fogo.

— Seu maldito tom soa ameaçador, Voskoboynikov, — Vas rosna. — Não me faça envergonhá-lo na frente de todos, batendo em você.

Levantando as mãos em sinal de rendição, Ivan começa a rir sombriamente. O pulsar no meu peito está acelerado. Há perigo no ar e é inebriante.

— Calma, — Ivan ressoa. — Eu nunca machucaria a doce Irina. O tiro foi para acalmar a situação.

— Filho da puta, — Rodion grita. — *Você* deu aquele tiro? Você tem um desejo de morte?

— Vas? — Eu chamo, medo começando arrastar pela minha pele como um vírus. Nada de bom pode vir disso, não aqui, não desse jeito.

— Vas... — eu tento de novo.

— Sim, amor, estou indo. Vlad vai lidar com ele quando ouvir esta notícia.

Capítulo Vinte e Dois

Vas

Eu começo a me afastar, segurando Darya, quando a voz rancorosa de Ivan corta a música, batendo em direção à minha garota.

— Meu irmão fodeu sua garota, Volkov, — ele zomba.

Meu coração bate em minhas costelas enquanto meus pés vacilam.

Tu-tum. Tu-tum. Tu-tum.

Eu não solto Darya, mas lentamente viro minha cabeça para Ivan. Violência me atravessa como uma entidade sombria implorando para ser libertada na natureza. — Que merda você disse?

Este imbecil deve querer morrer esta noite. Ele veio aqui para provocar, e quando não engolimos, ele foi para a jugular, minha jugular, meu anjo. *Movimento errado, filho da puta.*

— Eu sei tudo sobre como ele a fodeu porque o fraco Yuri Vasiliev não conseguiu subir seu pau.

Tu-tum. Tu-tum. Tu-tum.

Ele invade nosso espaço, suas mãos em punhos ao seu lado. Ele aponta para a minha menina e zomba. — Yuri me prometeu um pedaço daquela pequena boceta. Ele disse que ela era meu prêmio, assim como ela era o prêmio de Artur.

Darya engasga em horror. Vergonha. Medo.

Tu-tum. Tu-tum. Tu-tum. Tu-tum.

Ela se solta do meu aperto e tropeça para trás. Sinto suas emoções como se fossem minhas. Inchando no ar em minha direção. Ele está mentindo. Ele só tem um desejo de morte. E a besta enjaulada dentro de mim está puxando sua coleira para concedê-la.

Os primos o seguiram até mim, seu comportamento calmo para os frequentadores à nossa volta, mas seus olhos são fogo e gelo, ardendo de fúria até que caem sobre minha garota. Suas sobrancelhas franzem.

Eu me viro para Darya e vejo um olhar que eu nunca testemunhei em seu rosto antes.

Culpa.

Seu lábio inferior treme e ela começa a sacudir a cabeça quando lágrimas grossas caem pelas bochechas.

Eu sabia que Yuri era fodido, mas isso apenas solidifica esse pensamento. Ele não transou com ela, ela estava dizendo a verdade sobre isso. Ela só não me disse que ele usou outra pessoa para essa parte.

Ciúme bate em mim, mas é fortemente seguido pela dor do que ela perdeu para aqueles homens. Os sons da música desaparecem quando um zumbido começa insistente em meus ouvidos. Rostos borrados e lógicas obscurecem quando minha ira vem, agarrando-me em sua armadilha de aço. Eu posso apenas ver Ivan arrancando sua camisa e assumindo uma posição de luta, acenando com a cabeça para mim. Sua boca abre quando as palavras saem, selando seu próprio destino.

— Vou tirar sua cabeça de seus ombros, Vas, e depois tomar o que é meu por direito.

Eu invisto sem pensar duas vezes. Meu punho cruza o queixo dele com um estalo, enviando-o voando alguns passos direto para os limites do bar. As pessoas gritam, movendo-se em torno de nós, mas eu vejo apenas ele. Minha escuridão é intensa e estou permitindo que o diabo tenha controle. Eu tenho um alvo. Meu único foco: fazer esse filho da puta pagar. Saltando os degraus abaixo para onde este filho da puta está quase ficando de pé, meu braço solta rapidamente outro soco no rosto dele antes que ele recupere a razão e retalie. Ivan é mais velho e um pouco maior, mas vou esmagar sua bunda fraca, e mandá-lo para seu irmão no maldito inferno. Ele dá um soco nas minhas costelas, mas eu nem sinto... estou entorpecido. Com um chute poderoso, eu o empurro em uma mesa, jogando cadeiras e copos no chão. Alguém me agarra, mas eu os afasto com facilidade.

Ivan me empurra através de uma cortina e eu caio de bunda na pista de dança. As pessoas gritam e se dispersam, mas formam um círculo apertado ao nosso redor. Ivan me observa com fome em seus olhos acima de mim. Seus pés se movem como o lutador que ele foi educado para ser. Pena que ele nunca será como eu.

Com um duro golpe da minha perna, eu o derrubo, então me aproximo dele, envolvendo minhas mãos ao redor de sua garganta enquanto o monto. Ele soca minhas costelas, mas minha raiva me deixa imune à dor de seus golpes. Este é o final do caralho para ele. Não há piedade dentro de mim.

Crack! Crack! Crack!

O som do meu punho esmagando seu rosto se mistura com os meus próprios rugidos. O sangue jorrou de sua boca e nariz. — Você nunca vai chegar perto dela. Eu matarei qualquer um que tente. Ninguém vai machucá-la nunca mais, — eu grito enquanto desfiro golpe após golpe. Raiva tão intensa e poderosa flui através de mim, trazendo uma escuridão que nunca realmente explorei antes. Eu sempre soube que sou mortal, mas isso? Essa veemência é incontrolável. É uma força própria. Estou prestes a acertar outro golpe quando alguém me puxa para trás, me prendendo contra eles. Ivan tosse sangue, gemendo. Alguns homens dão um passo à frente e o colocam de pé. Eu olho para a bagunça que uma vez se assemelhava a um homem. Um homem bem respeitado. Um homem com ambição. Um homem que uma vez chamei de amigo.

Ele pega o indulto para tropeçar pela multidão.

Suas palavras ecoam na minha cabeça, poluindo a imagem da minha garota.

Eu me solto de quem quer que tenha me agarrado, o rugido de fúria retumbando do meu peito enquanto empurro as pessoas para fora do caminho. Ele está indo em direção à área VIP novamente, mas ele está vacilando, lento, meio morto. Com um empurrão nas costas, ele cambaleia pelo corredor. As pessoas se dispersam fora do caminho. O

idiota acha que pode escapar de mim dentro do elevador, mas sou mais rápido. Entro assim que as portas se fecham.

— Ela te disse como gozou com um gemido suave quando meu irmão estuprou cada um de seus buracos estúpidos? — Ele insulta, cuspindo seu sangue em mim. Suas fortes inspirações são bruscas e irregulares.

Lanço meu punho de novo, mas ele se abaixa e meus dedos colidem com o aço. Ele se defende com a cabeça batendo no meu estômago, me batendo nas portas fechadas. Minhas mãos esmagam os botões enquanto tento me orientar e afastá-lo. As portas se abrem e nós batemos no chão da sala de treinamento. Nós rolamos, os punhos balançando implacavelmente. Ele consegue colocar seu peso em mim, mas uso sua vantagem momentânea contra ele e dirijo meu joelho em seu rim. Ele uiva, mas não cede. Suas mãos estão agora ao redor da minha garganta, cortando o suprimento de ar. Meus socos em seus lados são ineficazes. Ele sabe que isso é matar ou ser morto. Uma última explosão de energia dele antes de *saudar o vencedor.*

— Assim que te matar, vou tirá-la de você, Volkov. Assim como sua irmã levou meu irmão. E não vou ser gentil como Artur. Nós todos sabemos que ele era fraco. Ele e Alyona são. Vou fazer Darya guinchar como um porquinho, — ele sussurra em um murmúrio, o sangue escorrendo pelo queixo. Ele perdeu alguns dentes e está tentando me distrair com palavras que só alimentam minha loucura. — Vou estuprá-la de volta à submissão...

Raiva vermelha e ofuscante percorre meu corpo quando levanto as mãos e agarro os dois lados do seu rosto. — Vá se foder, — eu cuspo.

Com um rápido e nojento estalo, torço seu pescoço e seu corpo perde sua força, caindo flácido em cima de mim. Meu peito arfa e meus ouvidos soam tão alto que quase imagino sua voz.

— Vas!

Pisco para afastar a fúria assassina quando minha garota vem saindo do elevador. Seus irmãos estão em seus calcanhares, olhares

preocupados em seus rostos. Ela engasga com um soluço quando percebe o que aconteceu.

— Sinto muito, — eu falo. Seu olhar é acusador e assustado.

Ela me olha zangada quando cai de joelhos ao meu lado. Com um grunhido, ela empurra o cadáver de Ivan de mim. — Sente? — ela grita. — Você sente muito?

Pisco para ela confuso, depois viro meus olhos para seus irmãos. — Ele ia machucá-la, — me defendo. Matar alguém de forma tão imprudente em seu clube vem com consequências.

A cabeça de Darya gira para seus irmãos, as lágrimas rolando por suas bochechas. — Ele mereceu, — ela soluça, o lábio inferior tremendo descontroladamente enquanto ela implora. — Seu irmão também mereceu sua morte. Eram animais... animais de estimação de Molokh. Eu não vou deixar ele ou alguém tirar outra coisa de mim. — Ela agarra meu rosto em suas mãos. — Se você punir Vas, você me castiga, — ela soluça, esmagando seus lábios nos meus. O sabor metálico do sangue de Ivan é nítido em nosso beijo, um lembrete mortal do que está esperando por você se você jogar jogos que não pode ganhar.

— Irmãzinha. — Rodion tosse para interromper a necessidade esmagadora de Darya para me beijar implacavelmente. Ainda sinto uma pressão no peito, e tenho vergonha de admitir que é causado por saber de Artur, sabendo o que ela escondia de mim. É injusto para ela, mas isso não impede o fato de estar lá.

— Você pode soltá-lo agora. Vas agiu da maneira errada, — Rodion geme. — Mas... porra, — ele acrescenta, balançando a cabeça, — nós teríamos feito exatamente o mesmo se Vas não estivesse agindo como um homem enlouquecido. Nós *teríamos* feito a mesma coisa.

— Está o caos lá em cima. Precisamos fazer controle de danos, — Zahkar exibe suas preocupações, sua voz rouca.

Eu estremeço ante seus tons. — Eu vou pagar pelo dano. — Por danos, quero dizer o pagamento que vai manter os clientes calados. Num lugar como esse não é sempre que você encontra alguém com a

língua solta, mas quando os primos bateram em um homem quase até a morte no clube no ano passado, eles ofereceram pilhas de dinheiro como um suborno tipo “desculpe se sua noite foi arruinada”. Eles terão que fazer o mesmo desta vez, já que a luta foi no bar principal, não no subsolo.

A porta do elevador se abre e três homens saem. Andru, vestido com um terno preto caro, é seguido por dois de seus seguranças. Os olhos frios de Andru varrem Ivan com desgosto antes de gentilmente acariciar sua filha, depois pousando em mim.

— Você é idiota, garoto?

Fico tenso ante sua escolha de palavra. Eu não sou nenhum garoto. — Ele ia machucá-la. Como seu irmão já fez, porra. — Lentamente, me levanto. Darya segue comigo. Meu corpo inteiro ainda estremece de raiva.

Minhas palavras atingem Andru e ele se encolhe um pouco. — Ele ia te machucar, zvyozdochka? — *Pequena estrela*.

Darya acena com a cabeça e solta minha mão para caminhar até Andru. Sua voz treme, mas ela pronuncia suas palavras bravamente, embora seja um sussurro. — Artur contou ao irmão sobre as coisas que ele me obrigou a fazer. Coisas horríveis enquanto Molokh assistia. Ivan ia fazer o mesmo.

Enjoo agita meu intestino quando os demônios em minha mente causam estragos com imagens de minha garota sendo violada.

Os olhos de Andru brilham de raiva. Rodion e Zahkar vibravam com ódio ante as palavras dela.

— A morte foi fácil demais para ele, — sussurra Andru. — Meus homens vão se desfazer do corpo. Rapazes, subam as escadas e façam o que puderem para limpar essa bagunça. Eu vou cuidar do resto. Parece que cheguei bem a tempo.

— Não que não seja bom vê-lo, — diz Zahkar, — mas *por que* você está aqui?

— Temos negócios nos Volkovs, — responde Andru suavemente. — Eu quero vocês dois lá comigo.

— Que negócios? — Eu pergunto.

Avançando, ele enrola uma mecha solta de cabelo atrás da orelha de Darya, depois acaricia sua bochecha.

— Documentos que precisam ser arquivados e assinaturas feitas. Yuri aceitou o acordo e agora tudo deve ser oficializado. Sua irmã, Diana, achou melhor que todos estivéssemos juntos em um lugar neutro. A propriedade de seu pai foi aprovada.

Rodion e Zahkar me dão um aceno respeitoso.

— Ok, vamos chegar lá em cima organizados, então vamos fechar por alguns dias para deixar as coisas amornarem, — afirma Rodion antes de sair. Seus homens já começaram a arrastar o corpo para uma escada, deixando nós três sozinhos.

— Isso será resolvido, — garante Andru. Ele não pergunta quem é Molokh, mas com base no perigoso brilho de suas pupilas, acho que ele sabe. Mas Yuri Vasiliev simplesmente não desaparece.

Nem mesmo por um Vetrov.

— Está na hora da minha filha ir para casa. Gostaria que vocês dois voltassem para casa, — ele nos diz, olhando entre nós.

Darya dispara para ele, envolvendo-o em um abraço. Esta é a primeira vez desde que soube que é seu verdadeiro pai que ela foi para ele de bom grado. Ele não pressionou e ela parecia resistente até agora. No começo, ele fica rígido, mas depois a abraça apertado contra ele e beija o topo de sua cabeça.

— Você é minha filha, *zvyozdochka*. Não vou deixar nada te machucar, — ele jura, passando seus dedos através de seu cabelo castanho sedoso. — Não vou deixar ninguém machucar quem você ama também. — Seus olhos encontram os meus, e ele assente em agradecimento.

Obrigado por matar o rato Voskoboynikov que pretendia estuprar minha filha.

— Obrigado, papai, — ela murmura. Sua cabeça se inclina para cima. — Tudo bem se te chamar assim?

A expressão violenta desbota-se de seu rosto quando suas feições se tornam uma de afeto. Ele a admira como se ela fosse a coisa mais preciosa que já viu. Eu me pergunto se ele adorava a mãe de Vlad também. — Você pode fazer o que te faz feliz, lyubov moya. — *Meu amor.* — Você pode fazer algo por mim também?

Ela concorda. — Sim.

— Leve-o de volta para casa. Vou ajudar meus meninos a limpar essa bagunça, não quero ter que me preocupar com vocês dois. Volte com Vas e fique com os Volkovs. Vou mandar uma mensagem quando for seguro de novo. — Ele sorri enquanto acaricia sua bochecha com ternura. Ela inclina a cabeça, saboreando seu toque gentil. — Vá. Apresse-se.

— Obrigado, — eu grunho quando passo. — Vou pagar o preço. O que quer que seja.

Ele faz um som estalando sua língua. — Não sou um Vasiliev, garoto. Sou o pai dela. Sou o único disposto a pagar o preço pela proteção da minha filha. Você fez mais do que eu poderia imaginar. — Ele dá um tapinha no meu ombro antes de me soltar para pegar seu celular.

Conduzo Darya para o elevador sangrento e aperto o botão do nosso andar. Ela me abraça apertado.

— Você matou o irmão dela, — ela respira contra o meu peito. — Você tem que dizer a ela.

A vergonha cobre minhas entranhas. Odeio Artur pelo que ele fez com Darya. Felizmente, ele pagou por seus pecados nas mãos da minha irmã. Ivan lançou ameaças. Ele morreu por sequer dizê-las. Mas ainda assim... ainda... culpa me atormenta.

— Eu vou. E então estamos saindo.

Pego a mão dela e a guio para o quarto de Alyona. Bato uma vez e ela abre a porta, seu olhar gelado. — O quê? — Ela responde friamente, claramente chateada com o modo como seu irmão a tratou mais cedo. Sua raiva é engolida enquanto ela observa minha aparência sangrenta.

— Vassy, — ela lamenta, sentindo a notícia antes mesmo de eu falar.

— Sinto muito, — eu gemo. — Não podia deixá-lo machucá-la também.

Alyona pisca rapidamente, as lágrimas rolando por suas bochechas. — Volkovs matando Voskoboynikovs é tradição, — ela grita duramente. — Você está aqui para me eliminar também?

Solto a mão de Darya para puxar Alyona em meus braços. Abraçando seu corpo rígido, sussurro minhas desculpas em seu ouvido. Ela pode ter odiado seus irmãos, mas eles ainda eram seu sangue.

— Não tenho mais irmãos, — ela choraminga. — Não tenho ninguém.

Eu sou o inimigo, um Volkov assassino, e ainda assim...

— Você me tem, — rosno ferozmente. — Sou seu irmão. Talvez não pelo sangue, mas pelo vínculo.

Ela relaxa e soluça nos meus braços. Simplesmente seguro minha amiga, rezando para os céus acima para que ela me perdoe. Fiz isso por Darya. Darya é como uma irmã para ela. Nós não nos perdoaríamos se Ivan tivesse ferido Darya. No fundo Alyona sabe disso.

— Você me deve um novo par de sapatos, *irmão*, — diz Alyona, engolindo sua emoção enquanto se afasta. A garota feroz está mais uma vez em posição.

— Eu te devo muito mais do que isso, — digo.

Ela sorri com força, as lágrimas em seu rosto o único indicador do fato de que roubei o único irmão dela. — Eu vou lembrar quando roubar seu cartão de crédito tão rápido, que vai arder.

Darya passa por mim e a abraça. As duas caem em lágrimas de novo, e deixo-as para fazer a mala.

O mundo em que vivo é fodido.

Os jogadores são pecadores perversos.

Mas é o único mundo que conheço... o único mundo que conhecemos.

Capítulo Vinte e Três

Darya

Minha alma está no caos. Vas me levou para o seu quarto dois dias atrás, na calada da noite, depois de voltar de Moscou e há uma distância entre nós que está partindo meu coração. Ele traz comida e dorme aqui comigo, mas é como se ele não estivesse presente.

Esta é a propriedade de seu pai, mas ele não me apresentou a ninguém além de uma empregada chamada Mary.

Ando pela sala pela milionésima vez, esperando ele sair do banheiro. O quarto é maior do que todo o apartamento que tínhamos em Moscou, mas com ele sempre partindo, parece mais uma prisão do meu próprio tormento.

É uma dor física esfaqueando meu coração toda vez que a porta se fecha atrás dele.

Assim que pego um livro em sua estante grande, ele aparece vestido em seu terno impecável. A reunião é hoje. O The Games, para o qual Alyona está treinando, será compartilhado para impedir Molokh de se vingar do meu pai. Em mim. Mas não é por mais algumas horas, então por que ele está pronto agora?

— Vas, você vai sair de novo? — Pergunto humildemente, sentada na beira da cama.

— Só preciso pegar algo antes das Primeiras Famílias chegarem.

— Eu me sinto tão solitária. Não sei como consertar o que está quebrado entre nós. Tudo o que sei é que te amo. — Ofereço-lhe honestidade e oro a Deus para que ele aceite, oferecendo-o de volta em troca.

— Eu sei. — Ele franze a testa, olhando para os pés. — Eu simplesmente não consigo tirar os pensamentos de Artur da minha cabeça. — Ele engole em seco.

Eu rastejo em direção a ele sobre a cama, mas ele recua e se afasta da minha mão estendida.

— Não é sua culpa, Darya. Sinto muito, — ele afirma sem olhar para mim.

— É porque não contei sobre ele? — Eu fungo para segurar a torrente iminente ameaçando meus olhos. É tudo que faço nas horas em que ele me abandona: chorar.

— Por que você não me contou? — Ele exige, sua voz se quebrando de emoção. Seus punhos apertam e seus olhos me imploram. O tormento desse fardo vaza pelas rachaduras que criei dentro dele.

Eu me odeio por causar-lhe essa dor.

— Eu queria ser pura para você. Para te dar a ilusão de algo que foi roubado de mim. Se você acreditasse que era meu primeiro e único, eu também poderia. — As lágrimas se soltam, e meu corpo treme do poder da dor dentro de mim.

Não posso perdê-lo. Não vou sobreviver. Queria ser pura para ele.

— Queria que fosse diferente, mas embora meu corpo estivesse manchado, meu coração não estava. Isso só pertence a você, — digo a ele, implorando de joelhos.

Ele parece ceder às minhas palavras, um brilho iluminando seus lindos olhos.

— Foda-se, amor. Eu sou um desgraçado. — Ele quase engasga, me alcançando e apertando seus braços ao meu redor. Eu sou engolida por ele, buscando desesperadamente seu amor, conforto, segurança.

Minha alma suspira pelo contato de seu companheiro.

— Seu corpo não está manchado. O que eles fizeram com você não foi sua culpa. Eu lidar mal com as coisas não é sua culpa. Estou louco, querida, mas não com você. Comigo, com eles, com cada fodida coisa. Gostaria de ter te salvado antes que Yuri pusesse seus olhos em você. — Ele me aperta tão forte, eu me dissolvo em seu abraço, nunca querendo deixá-lo novamente.

— Você me salvou, Vas. Não dê nosso presente ao passado... ou nosso futuro.

Agarrando minhas bochechas, seus lábios suavemente devoram os meus.

— Eu te amo, — ele sussurra contra a minha boca, entre beijos de necessidade e desespero, a carência aumentando e tornando seu toque mais urgente. — Droga, sinto muito, querida. Eu te amo tanto. — Ele se afasta cedo demais, e gemo com a perda do contato, fazendo-o sorrir para mim. — Sinto muito. Eu tenho que pegar algum dinheiro no cofre. É para Mary.

Mary foi a empregada que limpou este lugar. Nós a encontramos chorando no chão do banheiro de Vas enquanto segurava um teste de gravidez quando chegamos. Vas me disse para desfazer as malas enquanto ele fechava a porta com ele e ela dentro. Quando ele abriu a porta, Mary não pôde deixar de lhe agradecer.

Ele me confidenciou que ela estava grávida do filho de seu pai.

Isso o manteve acordado a noite inteira, então ele saiu assim que o sol começou a se levantar. Ele ficou fora por oito horas. Quando perguntei aonde ele foi, ele me disse que foi visitar o túmulo de sua mãe. A notícia da indiscrição de seu pai pesa muito em sua alma.

— O que você pretende fazer? — Sussurro, limpando as lágrimas errantes que sobraram na minha pele.

— Quero que você a encontre quando a reunião começar hoje. Dê a ela o dinheiro que vou conseguir para que ela possa sair daqui.

— Você está deixando-a livre? — Eu sorrio.

— Ela não é dele para reter. Seu filho merece uma chance.

— Você é um bom homem, um anjo. — Eu pego as lapelas de sua jaqueta e arrasto seus lábios para os meus. — Meu anjo negro, — eu provoco antes de provar seu beijo mais uma vez.

***

Segurando o dinheiro em minhas mãos, mordo meu lábio com preocupação. Vas me disse para colocá-lo na minha bolsa, mas isso não é algo que tenho. Correndo para o guarda-roupa, tiro um cachecol que

Alyona me presenteou com algo chamado cartão Amex e embrulho as pilhas de dinheiro dentro dele.

Meu peito se encolhe de medo quando abro a porta do quarto e saio pelo corredor. Não há som nem pessoas por perto, então saio correndo. Pego as escadas em um ritmo apressado e verifico antes de virar à esquerda no final e contar as portas à esquerda. Vas disse que Mary estará no quarto cômodo. Entrando no quarto, quase perco o equilíbrio e tropeço, mas me seguro sem deixar cair o pacote em meus braços.

Vas estava certo. Mary está olhando para mim, de olhos arregalados e segurando um pano de pó.

— Ei. — Eu sorrio, caminhando até ela. — Vas me enviou para lhe dar isso. — Estendo o lenço, mas ela está relutante. Tento sorrir mais e desembrulhar o dinheiro para mostrar a ela o que é.

— Darya? O que você está fazendo? — Uma voz alerta atrás de mim, me sobressaltando.

Empurro o dinheiro nas mãos de Mary e me viro para encarar Diana.

— Vas deu a ela o dinheiro. Nós não estamos roubando. — Eu imploro a ela para acreditar em mim.

Ela franze a testa, e então seus lábios vermelhos e perfeitos curvam os cantos de sua boca.

— Claro que não pensaria assim. Estou curiosa para saber por que Vas está pagando a empregada de meu pai. — Ela arqueia uma sobrancelha, entrando mais no quarto.

Oh, Senhor, ofereça-me sua sabedoria, por favor.

— Devo ir embora, senhorita Diana, — Mary diz a ela.

— Por que de tal maneira? — Diana exige, avançando e fazendo a mulher recuar. Diana é uma força poderosa, e minhas entranhas se coçam com as palavras que saem dos meus lábios.

— Ela está grávida.

Rindo, Diana pisca, cruzando os braços sob o peito. — E? Isso não significa que você será demitida... — as palavras dela se apagam e os braços caem para os lados.

Mary, protegendo sua barriga inchada com as mãos cheias de dinheiro, começa a chorar. — Ele não precisa sequer saber, senhorita Diana. Eu te imploro.

— Meu pai te engravidou? — Diana suspira, seus lábios apertados.

Um suspiro soa da porta, e a mãe de Diana entra no quarto conosco. Isso tudo deu tão errado. Espero que o Vas não fique bravo.

— Mentirosa, — grita Olga para Mary. — Pegue isso de volta.

Diana agarra sua mãe antes que ela possa alcançar Mary.

— Eu não queria isso, — sussurra Mary. — Ele me força a...

— Não, — Olga grita, cortando-a. — Cale-se.

— Tire-a daqui, Darya, — Diana grita para mim. — Agora.

Levando Mary para o corredor, ela sai correndo antes que eu possa impedi-la.

Eu preciso do Vas. A voz de Olga, alta e angustiada, vaza do quarto enquanto corro pelo corredor até o grande escritório.

Última porta à direita, última porta à direita, me lembro de Vas me dizendo.

Não me incomodo em bater. Meu coração está batendo tão rápido que pode pular do meu peito.

Entro com o nome de Vas em meus lábios, mas hesito. A sala é grande e cheia de gente. Molokh. Ven. Meu pai e irmãos de ambos os lados. Vas, meu lindo anjo e... *ele*.

Não.

Não, não pode ser.

A sala inclina no seu eixo. Minhas pernas enfraquecem abaixo de mim enquanto todos os olhares se voltam para mim, e Vas se move antes de meus irmãos e meu pai correrem em direção ao meu corpo caindo. Minha mão se eleva para o homem atrás da mesa, apontando em acusação.

— Diabo... é o homem do diabo, — eu grito.

Capítulo Vinte e Quatro

Vas

É quando estou chegando ao lado dela que suas palavras agitam meu núcleo inteiro.

— Diabo... é o homem do diabo, — ela grita, como uma criança com medo.

O mundo ao meu redor diminui a velocidade à medida que sigo a direção do dedo dela. Ela está apontando para o meu pai.

— Que diabos é o homem do diabo? — Rodion pergunta, mas Andru está se movendo em direção ao meu pai, a intuição dirigindo-o.

O homem do diabo não é nada bom.

— Pare, — meu pai grita, segurando a arma que sei que ele mantém em um coldre debaixo de sua mesa. — Não se mexa ou vou te matar. Vou matar todos vocês.

A sala se fecha ao meu redor. O pequeno corpo de Darya treme no meu aperto.

— É ele, Vas, é o homem do diabo, — ela soluça, seus dedos fincando minha carne. — Você não vai deixar ele me pegar de novo, vai? — Seu apelo come-me por dentro. Eu quero apagar toda a memória ruim dela e enchê-la com novas e belas.

— Nunca, — asseguro a ela.

Meu corpo está tão tenso que os músculos doem.

— Você não terá tempo para pegar todos antes que um de nós chegue até você, — rosna Andru, medindo os homens na sala e a distância entre nós e meu pai.

Eu poderia puxar Rodion para baixo na frente de Darya como um escudo para ela, então ficar de pé, segurar os ombros de Vlad como um escudo para mim, empurrá-lo para frente para tomar o foco de meu pai, e correr em torno de Andru. Poderia saltar sobre a mesa, talvez levando uma bala quando faço, mas não um tiro que me impedirá de pegar o peso

de papel da mesa e partir seu crânio. Um, dois golpes... ele estaria imóvel.

— Não foi ideia minha, — meu pai anuncia, suspirando e coçando a testa.

— *Você é* o homem do diabo? — Eu zombo. Ele estava debaixo do nosso nariz todo esse maldito tempo. Seu sangue corre nas minhas veias. Ele é a chave de tudo para minha garota.

— Vocês nunca deveriam descobrir, — diz o pai, encolhendo os ombros.

— Como, Leonid? — Yuri rosna para o meu pai. — Yegor deveria ter lidado com isso.

— Lidar com o *quê*? — Vlad exige, suas palavras uma raiva gelada.

Yuri resmunga uma coisa ininteligível e depois encara o filho. — A busca por sua mãe.

— Ele fez, — confessa meu pai. — Ele a encontrou e fez o que você pediu.

Um frio gelado sopra na sala com suas palavras.

Vlad prende seu pai com um olhar duro. — O que você pediu?

Sem descanso, meu pai mantém os golpes chegando. — Ele a queria morta. Era o único castigo adequado para uma mulher que acha que pode deixar o marido — grunhe o pai, apontando a arma para Yuri com um aceno de mão enlouquecido e divertido. — Ela não estava sozinha, no entanto. Não. — Ele vira o alvo da arma para minha garota. Meu corpo cai na frente dela para escondê-la de seu olhar ameaçador. Meu plano inicial de bater em seu crânio pulsa através de mim, me desafiando a me mover. Se eu fizer, poderia ter Rodion, Vlad e Andru atingidos no processo, Ven estaria protegido pela grande estrutura de Andru.

— Nós não sabíamos sobre o bebê até que ela chorou de seu berço, — acrescenta meu pai, andando alguns passos. — Yegor queria matar a coisa.

Andru assobia com essas palavras.

— Ela, — eu rosno. — Não uma coisa.

— Sim, filho, — papai aplaca cruelmente. — Ela. E veja agora como mantê-la está saindo pela culatra. Você teve que se apaixonar por uma escrava. Típico, na verdade, considerando que é o que sua mãe era.

A fúria purulenta me pede para ir quebrar seu pescoço vil, mas não posso deixar Darya no caso de ele disparar a arma para ela e atingir seu alvo.

— Você ordenou a morte da minha mãe grávida? — Vlad quase sussurra para seu pai. Eu nunca o vi parecer tão... jovem, vulnerável.

— Ordenei que ela voltasse para casa, — Yuri grunhe. — Yegor mentiu. Leonid está mentindo. Eu não tinha ideia de que ela estava grávida quando saiu.

— Por que manter a criança viva? — Andru pergunta, sua voz suave, cheia de tristeza. — Ou melhor ainda, por que não trazê-la para Yuri?

— Por causa de quem ela era! — Pai ruge, seu rosto ficando roxo de raiva. — Eu assumi que ela era de Yuri. Sabia que ela poderia ser usada se precisasse.

— Por que minha mãe deixou você? — Vlad exige. — Por que não apenas dizer que o bebê era seu? — Ele balança a cabeça, tentando entender a loucura.

— Eles não estavam tendo relações sexuais na época, — Andru informa a ele, enrijecendo a mandíbula. — Não desde a concepção dos gêmeos. Ela estava apavorada por ele descobrir sobre seu amor por mim. Ela temia que ele me matasse. Apesar de eu dizer que ela não tinha nada a temer.

— Eu teria te matado, — Yuri zomba.

— Você teria tentado, — zomba Andru.

— Porque agora? Por que vendê-la como uma mula para ele? Você sabia o que ele faria com ela! — Vlad se enfurece, em seguida, corre em direção ao meu pai, mas para abruptamente quando um tiro soa na

sala. Meus pulmões se apertam. Darya grita atrás de mim, as unhas fincando em meus ombros, e então a atmosfera explode.

— Seu bundão, — Yuri rosna.

O sangue começa a se espalhar de um buraco no braço de Vlad. Os primos desabaram sobre Darya atrás de mim para protegê-la.

Ven corre para o lado de Vlad, colocando uma mão sobre a ferida e estreitando seu olhar frio e duro em meu pai.

Porra.

— Não se mexam, — Pai diz, agitando a arma ao redor de todos nós.

— Por que você fez isso? — Eu pergunto, chamando sua atenção para mim na esperança de que ele não mate seu único filho. O veneno de seu sangue se agitando em minhas entranhas, fazendo-me querer drená-lo de minhas veias.

— Porque Yuri mereceu isso. Ele exigiu que Diana se casasse com seu filho. Disse-me para obedecer, que *ele* se casaria com ela se eu discordasse, e tomaria Irina como sua amante.

O rosnado de Vlad ganha a arma apontada para ele.

— Foi o timing perfeito, — zomba pai. — Se ele quisesse usar minhas filhas como prostitutas, daria a ele sua própria filha como exatamente isso... uma prostituta para ele violar.

— Seu filho da puta doente, — Vlad cospe.

— Foi o *seu* pai que colocou tudo isso em jogo, *genro*.

— Então é isso que Yegor tinha sobre você para obter suas ações do The Games? — Eu pergunto, já sabendo a resposta. — Ele teria dito a Yuri sobre Darya ser sua filha, só que ela não era dele, como se vê.

— Não, ela é minha. Você sabe que não irá escapar daqui, certo? — Andru zomba, dando um passo ameaçador em direção ao meu pai.

— Não me faça escolher um filho seu para dar a próxima bala, Andru, — papai fala, olhando para Rodion e Zahkar com um lábio curvado de nojo. — Eu vou deixar esta sala e não há nada que qualquer um de vocês possa fazer sobre isso.

— Você arruinou a vida dela, — assobio horrorizado. — Ela era um bebê, uma criança, e você só a via como uma peça de xadrez.

Ela soluça baixinho atrás de mim, fazendo meu coração sangrar de dor.

— É como o jogo é jogado, filho. Você precisa se lembrar disso se quiser sobreviver. Você tem muito da suavidade da sua mãe. Você precisa ser mais como eu.

— Eu nunca vou ser o que você é, — eu rosno. — Gostaria que minha mãe nunca tivesse me contado a verdade sobre quem você era. — Lentamente me levanto, me mantendo na frente de Darya, mas observando uma maneira de chegar até ele sem perder ninguém no processo.

Assusto-me quando a porta se abre e Olga vem valsando para dentro, ignorando o impasse acontecendo e a arma apontada para ela quando começa a gritar com Leonid.

— Você simplesmente não pode manter seu pau em suas calças, pode? — Ela grita. — Outro fodido filho de empregada? Mesmo? Não sofri o suficiente?

— Do que diabos você está falando, mulher? — Pai rosna, mas ela está avançando sobre ele sem que sua ira se volte contra ela.

Talvez eu possa usar sua distração para minha vantagem. Assim que começo a me mexer, a mão de Olga serpenteia pela mesa, agarrando algo brilhante.

— Darya? — Diana sussurra, juntando-se a nós na sala do inferno. Seus olhos passam por cima de todos nós. — Por que Vlad está sangrando... mãe! — Diana ofega, e meus olhos disparam na direção de Olga.

— Estou farta de ser para vocês nada mais do que um nome, — afirma Olga calmamente antes de levantar o braço e mergulhar a mão na lateral do pescoço do meu pai. O objeto de prata em seu aperto perfura sua pele e sangue floresce ao redor do ponto de entrada.

Olhos grandes e em pânico brilham em seu rosto quando ele solta a arma com um barulho e agarra o objeto que sai do pescoço. Um abridor de carta brilha sob as luzes do teto.

— Não, não, — Diana grita em aviso, correndo para impedir nosso pai de puxar a afiada lâmina de aço de seu pescoço, mas ela está muito atrasada.

— Mãe, o que você fez? — Diana engasga assim que o corpo dele desmorona, suas costas caindo nela.

Sangue jorra dele como um bebedouro sendo deixado ligado.

Esguicho. Esguicho.

Ele segura o abridor de cartas nas mãos. — Olga, — ele engasga, olhando para sua esposa.

Lágrimas queimam em uma torrente em suas bochechas e ela sussurra: — Leonid.

— Por que ninguém está chamando uma ambulância? — Diana grita, suas mãos tentando cobrir a ferida para conter o sangramento, mas ele já está se contorcendo em seus braços. Há muito sangue.

— Chame uma ambulância, — grita Diana. — O que está acontecendo? Vas... Vas...?

Desculpe, mana. Não há como salvar o homem do diabo de ir para o inferno.

Capítulo Vinte e Cinco

Darya

Dois meses depois...

— Mais uma vez, — Diana grita para Alyona.

A atenção de Alyona está hiper focada na mulher na frente dela que está deixando-a cheia de hematomas pelos últimos trinta minutos. Tanto que ela não vê meu primo rondando atrás dela. Fico tensa, apertando a mão de Vas.

— Ela tem que aprender, — Vas sussurra.

Diana ataca Alyona, e quando Alyona se esquiva, Ven está bem atrás dela, puxando-a em seus braços. Ela solta um grito estrangulado de surpresa. Rodion e Zahkar xingam em voz alta.

— Porra, ela vai se matar no The Games, — diz Rodion asperamente. Então ele grita para Alyona: — Livre-se dele!

Alyona se contorce e luta, mas Ven é uma montanha de homem. Ele facilmente a segura firmemente com um braço e enfia uma faca na garganta dela com a outra mão.

— Morta, — diz ele.

Diana franze a testa e acena para Ven.

— Mais uma vez, — ela diz para Alyona.

Ven a libera, e Alyona lhe lança um olhar severo que é mais afiado do que qualquer faca, ganhando um sorriso arrogante do meu primo. Enquanto ele está se regozijando, ela o chuta direto no estômago, mandando-o de bunda no chão.

— Ha! — Ela zoa.

Diana ataca, mas Alyona está pronta para ela. Seu cotovelo bate bem na boca de Diana, estourando seu lábio inferior. Diana pisca para ela por um segundo, depois limpa o sangue.

— Boa menina, — ela elogia. — Eu gosto muito do tom de vermelho. Aposto que ficaria bem em você também.

Ela acerta um soco no rosto de Alyona que a envia caindo de costas ao lado de Ven.

— O treinamento acabou por hoje, — Rodion grita, já entrando no tatame com eles. Ele puxa Alyona de pé e dá-lhe um empurrão em direção a Zahkar quando ele entra furtivamente atrás dele.

— Ela realmente não vai morrer lá, vai? — Eu pergunto a Vas, incapaz de tirar meus olhos dos meus irmãos enquanto eles sussurram coisas para ela que a fazem concordar.

Vas solta um suspiro irregular antes de beijar o topo da minha cabeça. — Faremos o possível para garantir que isso não aconteça. Mas... — Ele faz uma pausa e passa o polegar nas costas da minha mão de uma maneira reconfortante. — É melhor você se despedir dela antes disso. Apenas por precaução.

— Estou bem, — resmunga Diana enquanto Ven a abraça com força, inspecionando o lábio arrebentado.

— Você foi atingida em qualquer outro lugar? — Ele rosna.

Ela arqueia uma sobrancelha escura para ele. — O que você acha?

Ele sorri para ela. — Acho que não. — Quando ele estende a mão discretamente para passar os dedos sobre sua barriga, meu coração fica preso na minha garganta.

— Oh, — grito de surpresa.

— O que foi? — Vas pergunta.

Diana encontra meu olhar enquanto Vas se aproxima de mim. Ela balança a cabeça e pisca, depois leva os dedos aos lábios. Dou um largo sorriso. A esposa do meu primo está grávida.

— Nada, — digo para Vas, virando-me para encontrar seu olhar intenso.

Seus olhos estão rodeados de roxo e azul de onde Alyona o pegou de surpresa com seu cotovelo ontem. Aprendi que o cotovelo dela é uma arma feroz em seu arsenal. Espero que ela use bem em The Games.

— Nada, hmmm? — Ele desafia, levantando as sobrancelhas. — Você tem andado com Alyona por muito tempo. Suas mentiras estão se tornando muito fáceis.

Sei que ele está me provocando, então simplesmente sorrio. — Sou uma nova mulher. — E eu sou. É incrível como uma garota pode mudar com o amor de amigos e familiares. — Ah, esqueci de mencionar que papai virá mais tarde para trazer bolo para o meu aniversário.

Ele solta uma risada latente. — Então agora ele está no jogo também? Você está estragada, Darya.

— Não posso evitar, — eu brinco de volta. — Eles dizem que sou uma princesa. Tenho que parecer uma agora.

Seu sorriso arrogante se apaga quando ele carinhosamente acaricia minha bochecha com seu polegar. — Você merece ser tratada como uma.

Fecho meus olhos e me inclino em sua mão. Temos esse momento só nosso, até que meu outro irmão entra.

— Minha campeã não vai ganhar se você a mimar, — Vlad diz do elevador, desfilando como se fosse dono do lugar. Ele se pareceria com um cara durão, exceto por ter seu filho aconchegado contra o peito, envolto em um suave cobertor azul. Irina segue atrás dele, sorrindo de orelha a orelha.

Seu sorriso é largo enquanto ele caminha até Vas e eu, enquanto Rodion resmunga algo para ele. Eu gosto do meu sobrinho, mas à medida que aprendo mais e mais sobre a vida e sobre mim mesma, percebi que tenho uma preferência quando se trata de meus irmãos. Eu prefiro Rodion e Zahkar sobre Vlad. Vlad é um homem implacável, muito parecido com seu pai. Talvez não da maneira como o pai trata as mulheres, mas na necessidade de poder, na sede de sangue e de um vencedor de seus jogos estúpidos. Ele está tão disposto a arriscar a vida de Alyona como se ela nem importasse. Mas ela importa. Ela é importante para mim, para Vas e para meus irmãos. Vas me diz que é assim que nossas famílias são. Eu não aceito isso. Quero ser diferente e

Vas já concordou em me ajudar a defender mulheres como eu... aquelas levadas em cativeiro pela força. Este será meu papel nesta terra.

— Awww, — eu arrulho quando eles se aproximam. Meu novo sobrinho Vsevolod é o bebê mais adorável que já vi. Ele tem o cabelo loiro de sua mãe e os olhos âmbar de seu pai. — Posso segurá-lo?

Vlad acena e começa a passá-lo. Ele estremece ligeiramente com o movimento, mas tenho certeza que sou a única a ver isso. Seu braço ainda está se curando, e pelo que ouvi, ele está fazendo fisioterapia extensiva para colocar seus músculos em bom estado de funcionamento. Enquanto pego o bebê Vsev, não posso deixar de lembrar a noite em que ele foi baleado na casa Volkov. Um arrepio percorre minha espinha enquanto beijo Irina na bochecha, depois me sento com meu sobrinho.

Tivemos sorte que houve um único ferido naquela noite. A morte do homem do diabo não conta.

Os homens começam uma conversa enquanto Irina vai até a irmã. Aquelas duas se adoram. Diana pediu a todos que mantivessem os detalhes da morte do pai em segredo. Irina acabara de se recuperar do nascimento de Vsev, por isso não estava lá quando sua própria mãe esfaqueou o homem do diabo na garganta com um abridor de cartas. Diana prometeu arranjar ajuda para a mãe, e a mandou embora para uma clínica de reabilitação, mas não queria que sua irmã soubesse os detalhes terríveis do que aconteceu. Então, até onde Irina sabe, seu pai estava lidando com alguns capangas quando um negócio deu errado. Ele foi esfaqueado por um cara e Diana cuidou dele. Irina não perguntou mais e ninguém ofereceu. Acontece que o homem do diabo estava vendendo todos os seus bens, os planos dele fugindo foram encontrados por Vas depois de sua morte. Covarde.

Meus olhos se fixam no jeito que Diana acaricia o cabelo de sua irmã e sorri carinhosamente para ela. Sua voz é baixa, por isso não consigo ouvir, mas quando ela fala e, em seguida, acaricia sua barriga, Irina grita alto o suficiente para acordar Vsev.

— Estamos tendo um filho, — Ven nos diz com orgulho. — Ela queria contar a Irina primeiro.

— De jeito nenhum, — Vas diz, sorrindo largamente. — Você deixou o abutre barbudo te engravidar? — Ele grita para sua irmã.

Diana ri e encolhe os ombros. — Eu não o *deixei* fazer nada. Ele lutou a cada passo do percurso.

Ven ri. — Eu consigo o que quero.

— Sem mais detalhes, — Vas geme.

Vlad e eu rimos.

Rodion vai até o nosso grupo, coloca um braço suado nos ombros de Vas e sorri para ele. É o seu sorriso perverso... o sorriso que ele nos mostra logo antes de tomar uma decisão realmente maliciosa. Amo isso sobre meu irmão. Sua maldade, ainda assim, ele ainda é um anjo para mim.

— Vamos levar essa festa para o andar de cima, — diz Rodion, depois inclina a cabeça para mim. — Temos uma festa de noivado para participar.

Eu beijo Vsev em sua felpuda cabeça loira, e não posso deixar de espiar meu anel de noivado. Vas propôs um mês atrás, e eu disse sim. Ele perguntou se estávamos sendo tolos e eu disse sim. Ele perguntou se eu queria ser dele para sempre, e eu disse que já sou.

Alyona mostra a cabeça ao redor de Vas e balança as sobrancelhas para mim. — Eu ouvi a palavra 'festa'? Largue a criança e vamos te embonecar, Pequena V.

O sorriso no meu rosto é amplo para todas as pessoas nesta sala. Todos que vim a conhecer como família.

Minhas bochechas estão vermelhas, mas digo as palavras na minha língua de qualquer maneira. — Claro que sim!

***

Três meses depois...

— Eu quero transar com você neste vestido, Sra. Krasnoff, — Vas rosna atrás de mim, suas grandes mãos segurando minha cintura.

Solto uma risadinha e me inclino contra seu peito sólido. — Também quero isso, Sr. Krasnoff.

Estava preocupada sobre usar Volkov como meu sobrenome. Era o nome que pertencia ao homem do diabo. Admiti minha hesitação, e Vas já estava a dois passos à frente de mim, como sempre. Ele simplesmente me mostrou um sorriso astuto e disse que eu nunca seria uma Volkov, e nem ele. Krasnoff era o sobrenome de sua mãe e seu sobrenome legal, apesar de ser Volkov pelo sangue. Quando nos casamos, prestamos homenagem à sua mãe e adotamos o nome que representava algo de bom e amoroso.

Suas palmas deslizam para a minha frente sobre meus seios, e ele os apalpa de uma forma possessiva que faz meu coração disparar no peito. Quando seus polegares raspam meus mamilos através do meu vestido, não posso deixar de olhar para a noite escura e estrelada. Hoje à noite, em nosso casamento, pude sentir a perda de nossas duas mães. Embora fosse maravilhoso ter Diana, Irina e Alyona como uma grande parte do nosso dia, não pude deixar de desejar que minha mãe estivesse lá.

Vera.

Papai me mostrou fotos que ele tinha dela guardadas. Imagens deles. Algumas delas quase obscenas. Eu não me importei, no entanto. Eu avidamente olhei para todas. Ver o amor naquelas fotos me deu esperanças. Papai a olhava do jeito que Vas olha para mim. Como se eu fosse seu futuro. Como se eu tivesse todas as chaves do seu reino. Minha mãe foi pega na teia do homem do diabo, e foi sua derrota final. Ela não tinha um exército de homens dedicados prontos para protegê-la em cada momento. Com Vas, sinto que temos o futuro que minha mãe nunca teve. Ele morreria antes de deixar que algo acontecesse conosco.

— Acho que papai derramou uma lágrima, — eu digo a ele, com carinho lembrando como meu pai orgulhosamente me levou até o altar da pequena igreja aqui na cidade. Todos os meus três irmãos estavam atrás de Vas vestindo ternos combinando e com olhares para intimidar meu marido para me tratar direito.

— Acho que seus irmãos vão manter esse pequeno pedaço de informação contra ele, então é melhor você guardar para si mesma, — ele brinca, seu rosto se aninhando em meu cabelo.

Fico melancólica por um momento. — Você acha que sua mãe teria gostado de mim?

Ele se afasta e me vira até que eu esteja de frente para ele. Meu estômago dá um salto sempre que olho para ele. Vas é devastadoramente bonito. Sempre. Se possível, ele fica mais bonito a cada dia. Suas palmas encontram minhas bochechas e ele embala meu rosto.

— Ela teria te amado, — ele me garante. — Eu te amo e mamãe sempre me amou.

Eu o abraço e descanso minha bochecha em seu peito duro. Quanto mais ele treina com Alyona, mais duro e mais definido fica. Amo passar a ponta do meu dedo pelos novos e profundos gomos.

— Devemos voltar e visitar seu túmulo antes de irmos para nossa lua de mel, — digo a ele.

Ele arranca grampos do meu cabelo de um jeito doce, lento e sedutor. — Você acha?

Concordo com a cabeça enquanto uma mecha de cabelo cai solta e pousa sobre o meu ombro. — Devemos ir vê-la como marido e mulher. Acho que ela gostaria disso.

Seu sorriso é infantil e jovem. — Acho que ela gostaria disso também.

Quando ele me levou para o túmulo dela da primeira vez, me senti honrada em dividi-la com ele. Nós nos sentamos perto de sua lápide e ele me contou histórias sobre ela por horas. Então ele me levou de volta ao seu carro, onde fizemos amor no banco de trás. Sinto-me com sorte

por ele compartilhar partes de si mesmo que sequer compartilha com Diana e Irina.

— Agora, — ele sussurra, seus olhos azuis claros escurecendo enquanto me olha. — Eu vou foder minha esposa.

Grito quando ele me pega e me leva para a cama. Meu vestido... simples, mas elegante, praticamente arrancado do meu corpo. Ele faz uma pausa para admirar o conjunto rendado que Irina insistiu que eu usasse antes que rosne em apreciação.

— Você está muito gostosa, querida.

— Você também.

Os próximos minutos são um borrão enquanto ele tira minhas roupas de baixo, e suas próprias roupas. Quando sua pele quente pressiona contra a minha, nós dois gememos. Sua expressão é suave enquanto desliza seu pau ao longo do meu clitóris de uma forma provocante, que me lubrifica quase instantaneamente.

— Quanto tempo até que essa dose perca o efeito?

— Mais um mês ou dois, — sussurro, mal conseguindo conter meu sorriso.

Ele provoca minha abertura com a ponta antes de deslizar entre meus lábios inferiores e esfregar meu clitóris novamente. — Estive pensando...

Seu pau entra lentamente em mim, me esticando da maneira deliciosa que amo tanto. Travo minhas pernas em torno de seus quadris e o incito mais profundamente.

— O que você estava pensando? — Eu pergunto, ofegante.

— Estava pensando que você não tomaria outra.

Um sorriso curva meus lábios. — Você quer uma família?

— É tudo que sempre quis, — diz ele em um tom feroz.

— Eu também, — engasgo, meus olhos cheios de lágrimas.

Seu sorriso angelical se transforma em um diabólico quando ele agarra meus pulsos e me prende na cama. Empurrando com força, ele faz amor comigo de uma maneira própria que coloca minha alma em

chamas. — Bom, — ele rosna. — Agora que estamos nos entendendo, podemos praticar.

Minhas lágrimas vazam, mas não posso deixar de rir. — Praticar? Você tem que praticar para esse tipo de coisa?

Ele mói em mim, me fazendo gemer. — Talvez menos praticando e mais te preparando. Nós não precisamos praticar. Somos maravilhosamente bons juntos.

Seus lábios pressionam os meus e ele engole minha resposta enquanto se perde em nosso prazer. Vas faz amor comigo como se estivéssemos fazendo isso há anos... como faremos nos próximos anos. E agora que concordei em formar uma família com ele, ele parece ter cedido aos seus desejos animais. Seus movimentos são bruscos e carentes. Amo o jeito que seu aperto machuca meus pulsos, e o jeito que seu pau me estica até o ponto da dor. Amo o jeito que seu corpo fica escorregadio contra o meu, e os pequenos e sexy gemidos que escapam dele fazem meu coração latejar.

— Amo você, querida, — ele diz, seus lábios pairando sobre os meus.

Não posso formar palavras porque seu dedo encontra meu clitóris entre nós e ele me silencia com prazer. A calmaria antes da tempestade. Assim que encontro minha libertação, grito seu nome e agarro sua carne. Ele grunhe como uma fera selvagem segundos antes de seu calor subir dentro de mim.

Ele cai contra o meu peito, seu pau liso deslizando para fora de mim. Corro meus dedos pelos cabelos dele e suspiro alegremente.

— Também te amo, meu anjo, — eu sussurro.

Um bocejo me escapa e ele ri. Sou virada sobre a barriga, e ele golpeia meu traseiro com força. De alguma forma, ele está duro novamente, e desliza seu pau molhado em mim por trás. Grito de surpresa quando ele puxa meus pulsos atrás de mim e os prende juntos com uma de suas grandes mãos.

— Anjo, hein? — Ele insulta daquele jeito deliciosamente perverso dele.

— Mmmhmmm.

— Estou prestes a mostrar-lhe, esposa, o quão longe de um anjo realmente sou.

Ele vai tentar me convencer.

Mas sei que é o oposto.

Este homem, meu marido, batendo em mim por trás, é meu feroz anjo da guarda. Forte, destemido, um homem lindo construído com perfeição. Ele caminharia através de fogueiras por mim e traria o inferno na terra se precisasse. Nós podemos ser parte deste mundo perverso cheio de homens maus e seus jogos depravados, mas nós jogamos nosso próprio jogo.

O jogo que jogamos é aquele em que conquistamos continuamente o coração um do outro.

E nós dois estamos ganhando.

Epílogo

Alyona

Os V Games...

Branco é minha cor.

Nem preto, rosa ou vermelho, ou até mesmo aquele tom realmente fofo de verde azulado que uso nas minhas unhas às vezes.

Apenas branco.

Acho que isso me faz parecer angelical. Vas discorda, mas com certeza foi atencioso da parte dele me comprar um par de botas brancas de couro Gucci. Um presente do V Games. Pelo olhar triste que ele tinha em seus olhos, diria que ele pensava nisso como um presente de despedida.

Mas não vou a lugar nenhum.

Ele me treinou para isso. Vou vencer.

Admiro minhas botas impecáveis por um momento, ignorando o grito ecoando pelo corredor diante de mim. Quem disse que você não pode vencer e estar na moda ao mesmo tempo?

Diana, apesar de ter eliminado o babaca de meu irmão, Artur, me deu muitos conselhos sobre o The Games. Buracos secretos escondidos. Truques que as pessoas usam. Alguns movimentos arrasadores. Mas a melhor coisa que ela já fez foi me dar um batom vermelho de um tom perverso.

Vitória Vermelha.

Coincidentemente, a mesma cor do sangue.

Estalo meus lábios e sorrio. Ela me disse que eu sairia daqui. Vi o olhar de convicção em seus olhos azuis claros. Onde os de seu irmão estavam tristes, os dela estavam ardendo de intensidade.

Oh! Vassy, não se preocupe. Você me treinou bem para que eu não morra tão facilmente.

Posso não ser Volkov como os poderosos lutadores Diana e Vas. Posso não ser um abutre de barba cruel como os Vetrovs. E com certeza não sou um Vasiliev frio e sem coração.

Eu sou Alyona Voskoboynikov.

Destemida. Mulher. E perfeitamente fabulosa.

Batidas podem ser ouvidas nas proximidades, então finalmente paro de checar minha roupa que, sem dúvida, combinará com meus lábios em breve. É uma vergonha desperdiçar esse branco imaculado no derramamento de sangue de muitos. Pelo menos não será o meu.

Você é arrogante.

Começo a correr pelo corredor enquanto penso no sorriso travesso de Rodion. Ele sempre diz que é um traço de personalidade. Zahkar, sempre sério e melancólico, tende a concordar com o sorriso correspondente. Para pessoas que não os conhecem, esses dois geralmente carregam as mesmas expressões.

Vas diz que ser arrogante fará com que morra.

Diana sempre revira os olhos.

Ela é um pouco arrogante também.

— Olá, querida. — Um homem grande vestindo um avental de borracha sai para o corredor. Ele puxa a corda de uma motosserra e o rugido alto ecoa ao nosso redor.

Não pense, apenas faça.

Vas e *os gêmeos* sempre concordaram com esse conselho.

Deslizo uma adaga da alça da minha coxa e aperto-a com força. Sem hesitar, corro para o Sr. Motoserra. Assim que ele levanta a mão para me atacar, uso o jogo de pés que Vas me ensinou e salto para trás, apenas fora de alcance. Sua motosserra corta o ar, lento e devagar. Salto nele com uma risada enlouquecida.

Subo, escalo o homem gigante.

O avental de borracha me ajuda a segurar e subir até a garganta dele. Corto a sua carótida e isso espirra no meu rosto. A motosserra bate no chão enquanto ele tenta me tirar dele, mas já estou subindo por cima dele. Minhas coxas abraçam sua cabeça e eu torço meu corpo,

permitindo que a gravidade nos derrube. O estalo doentio do seu pescoço quebrando traz paz ao meu coração errático.

— Isso foi fácil, — digo a ele, acariciando sua cabeça suada antes de deslizar para longe de seu cadáver.

Pego sua motosserra e passo na parede de tijolos algumas vezes até que ela quebre. Nenhum idiota vai tentar usar essa coisa em mim novamente. Quando passo por uma das telas, vejo meu nome e franzo a testa.

Alyona Voskoboynikov: um milhão. Torturar. Estuprar. Matar.

Yuri Vasiliev.

Tinha que ser ele.

Esse velho psicopata criou esses jogos fodidos. Foi ele quem me trouxe aqui em primeiro lugar. Com um preço de um milhão de dólares pela minha cabeça, isso significa que os loucos sairão dos buracos.

Limpo minha adaga na minha calça branca justa, irritada por ter que estragar o tecido, então enfio de volta em sua bainha. O sangue do Sr. Motoserra está por todas as minhas botas Gucci também. Bato meu pé algumas vezes, fazendo beicinho.

— Você me deve alguns sapatos novos, Vasiliev, — resmungo.

— Ei, vadia, — um idiota grita. — Você é aquela puta Voskoboynikov.

Giro minha cabeça em sua direção, meu rabo de cavalo loiro chicoteando e me acertando no rosto. — Como?

Ele é baixo e robusto, mas empunha um taco de beisebol com lâminas de barbear saindo disso.

Aghhhhh. Pego meu soco inglês adornado com lindas pedras... um presente de Rodion e Zahkar... e coloco sobre meus dedos.

— Primeiro vou ter o que quero de você, — diz ele, lambendo os lábios e agarrando sua virilha com a mão livre.

Sem hesitação.

Invisto nele e aperto a base do bastão antes que ele possa me atacar. Com um grunhido, puxo-o da mão dele e atiro-o ao ar. Ele cambaleia para trás, claramente surpreso com a minha velocidade e

força. O triturar doentio quando dou-lhe um soco com meu lindo presente me faz rir de alegria. Seu sangue espirra no meu rosto enquanto ele tenta me afastar. Os dedos carnudos fincam nas minhas costelas, mas não vou a lugar nenhum. Minhas pernas estão presas ao redor de sua cintura como se fôssemos amantes, me dando a vantagem perfeita de ser capaz de esmagá-lo repetidamente.

— Puttttt, — ele geme enquanto tropeça e cai em sua bunda.

Eu o empurro para o chão e o prendo. Seu rosto se transforma em uma bagunça deformada de sangue, carne e osso. Quando ele não está fazendo nada além de se contorcer e gorgolejar, seguro sua cabeça e quebro seu pescoço com um giro rápido.

Encontrando a câmera mais próxima, levanto-me e ando até lá. — Obrigada, Rodi, — digo, sorrindo antes de mandar um beijo para a câmera. Rodion me ensinou como quebrar o pescoço de um homem.

Mais gritos podem ser ouvidos, e me viro a tempo de ver uma mulher com cabelos ruivos correndo de uma gangue de caras. Erguendo a cabeça, tento identificá-la. Não a reconheço, mas um homem de máscara negra para sua perseguição quando ele *me* nota.

Ele empunha um facão que me faz estremecer. Está coberto de sangue e parece afiado. Juro por Deus, se esse filho da puta me cortar, não vai acabar bem. Sou bonita demais para cicatriz. Zahkar me disse isso.

Eu desembainho minha adaga e ando em direção ao homem interessado. Ele é alto e musculoso. Parece ser um adversário mais digno do que o Sr. Motoserra ou o da Cara Feia jamais foram. Isso me enerva.

— *Você está tremendo. Nós poderíamos relaxar você...*

Um sorriso curva meus lábios. Rodion e Zahkar são dois dos homens mais confiantes que conheço. Eles acham que podem mostrar seus sorrisos-sexies-pra-caralho e entrar na calcinha de alguém. Especialmente uma Voskoboynikov. Mas uma garota como eu gosta de bancar a difícil.

Se eu morrer hoje, eles nunca terão *conseguido*.

Isso me deixa de cara feia. Eu quase me rendi para aqueles bastardos bonitos também. Tão lisonjeiros. Ontem à noite, eles disseram todas as coisas certas. E num momento de fraqueza, quase pedi que me levassem para cima e me dessem uma noite que nunca esqueceria.

Mas quando eles compartilharam um sorriso secreto entre os dois, lembrei que eram dois contra um. Eu seria uma conquista para eles. E se eu deixar esta vida hoje... se é isso que as estrelas decidirem... nem pensar que eu seria derrotada por dois filhos da puta sexy com sorrisos impressionantes.

Foda-se eles.

Se eu sair daqui, talvez eu vá.

— A maioria das cadelas não sorri como uma maldita lunática quando estão prestes a ser estupradas, — Maníaco do Facão zomba.

Dou risada e sorrio para ele. — É por isso que você não está sorrindo então?

Ele tira a máscara preta, e a visão diante de mim faz minha pele arrepiar. Um crânio preto e assustador está tatuado em seu rosto. A pele macia ao redor de seus olhos está pintada de preto, fazendo-o parecer assustador pra caralho.

— Skull, — assobio, tentando e não conseguindo parecer imperturbável com essa nova informação.

Skull é o lutador de Yuri. Uma lenda do lado clandestino. Até Vas teria um brilho nervoso em seus olhos ante a menção de eu enfrentá-lo, pelo amor de Deus. O pânico ameaça me dominar, mas me forço a pensar nas vozes calmas de Rodion e Zahkar.

— Você é menor, mais rápida e mais esperta do que qualquer um deles. Use o tamanho e poder deles contra eles. Seja uma tempestade, princesa.

Porque ele é maior e mais assustador, não o ataco. Espero por ele. Assim como fui treinada. Sua arrogância será sua queda. O perdedor me ataca. Giro e tento desviar dele, mas ele é muito rápido.

Ele me pega pelo rabo de cavalo e puxa minhas costas para seu peito, golpeando minha adaga no chão. O facão é levado à minha garganta. Ele não vai me matar, no entanto. Pelo menos ainda não. Seu pau duro cutucando minha bunda é um bom indicador. Ele lambe meu pescoço, em seguida, desliza a mão entre as minhas coxas para me agarrar.

Dou uma cotovelada no estômago dele, e os ossos do meu braço gritam de dor. Ele nem sequer grunhe em resposta. O filho da puta parece que é feito de metal. Vas ensinou-me a dar cabeçada desta posição, mas estarei condenada se me nocautear sobre esse cara. Estaria disposta a apostar que ele tem uma caveira grossa, trocadilho intencional.

— Você vai chorar tanto, que seu pai terá pesadelos até o dia em que morrer. — Ele me lambe novamente. — Você acha que ele está assistindo?

Meu pai?

Espero que sim. Mostro o dedo do meio para a câmera mais próxima, apesar da dor latejante no meu cotovelo.

Isso é para você, papai. Seu fraco filho da puta.

— Se você vai tocar minha boceta, Skull, pelo menos me faça gozar, — eu ronrono, minha voz assumindo a natureza sensual que costumava fazer os olhos de Rodion piscarem com maldade, e os de Zahkar escurecerem. Darya chama isso de meu canto de sereia. Vassy chama de convite de vadia.

O idiota atrás de mim mói seu pau mais forte na minha bunda. — Isso é para o meu prazer, não o seu.

— Pena, — digo com um falso bocejo.

Pego a lâmina do seu facão, o metal do soco inglês guinchando contra ele, e afasto-o. Girando, depois me abaixando, pego minha adaga e ataco. Ele balança sua lâmina em direção à minha cabeça, mas eu agacho no último segundo. A lâmina corta umas mechas do meu cabelo enviando fios loiros flutuando.

Levantando meu braço, eu o apunhalo em suas bolas.

Nenhuma grossura aqui embaixo, filho da puta. Ele solta um uivo sobrenatural, largando o facão para agarrar o punhal que está saindo dele. Antes que ele alcance, arranco e apunhalo a parte inferior de seu estômago acima da virilha, grata quando o metal afunda em sua carne e não encontra a resistência dos ossos.

— Isso é por não dar um pouco de satisfação a uma garota, — assobio, arrastando a lâmina através de seus intestinos. — Ela tem que conseguir isso sozinha.

Ele cai no chão enquanto sangra. Eu roubo seu facão e rumo a outro corredor. Só de saber que Yuri provavelmente está fora de si, explodindo de raiva que derrubei seu precioso lutador, estou sorrindo e pulando como uma menininha em direção ao parquinho. Tenho que arranjar abrigo. Não sou grande fã de estar em campo aberto assim. O corredor é escuro e sem janelas. No final, posso dizer que se divide e vai para a esquerda ou direita, um brilho suave de luz iluminando o espaço no final. Estou indo para lá quando um homem sai de uma porta a cerca de três metros na minha frente.

Ele não é tão grande quanto Skull, mas algo em sua postura grita violência. Ombros largos, mas magro. Ele está usando uma camisa preta apertada de mangas compridas e calças pretas. A máscara me dá arrepios. Emborrachada, cabelos castanhos compridos. Parece um Jesus assustador. Ele usa luvas de couro preto, mas não tem uma arma para ajudar. Isso significa que ele quer usar as mãos, e sabe como.

Fico tensa enquanto aperto o facão.

— Fora do meu caminho, Jesus Bizarro.

Ele me ignora, dando um passo à frente. Algo sobre ele assusta muito, então me viro e corro para a porta ao meu lado... direto para um homem quase tão largo quanto alto. Ele chuta e fecha a porta, deixando cair uma tábua no lugar para impedir entrar alguém que possa interromper e me empurra para o chão. O facão faz barulho no azulejo.

— Jantar, — o homem diz, sorrindo. Seus dentes estão ensanguentados e seus olhos são selvagens. Um rápido olhar para a

mesa no meio da sala... coberto com um cadáver aberto, entranhas arrancadas da barriga... me diz que estou lidando com um filho da puta canibal louco. Ótimo.

— Hoje parece ser um ótimo dia para começar sua dieta, — eu digo rudemente, levantando-me.

Batidas podem ser ouvidas na porta. O Jesus Bizarro quer entrar. Sua batida é implacável. Hannibal Faminto, porém, será mais fácil de derrubar, acho. Jesus Bizarro me assustou. Chame isso de intuição. Alguma coisa. Quem entra no The Games sem armas, a menos que você seja foda pra caralho?

Hannibal Faminto vai para o meu lado, pegando um cutelo de carne da mesa. Ele joga em mim e corro para a direita. Ele *bate* na parede, permanecendo alojado. Rapidamente, ando ao redor da mesa, mantendo minha distância deste idiota. Ele é enorme, então posso ser mais rápida.

Mas sou rápida demais.

Escorrego em uma poça de sangue, e minha cabeça bate no azulejo com um *pop*. A negritude engole minha visão enquanto freneticamente tento permanecer acordada.

Preto. Preto. Preto.

— Doce Céu, doce anjo?

Estou sorrindo na escuridão enquanto penso no sorriso de flerte de Zahkar enquanto ele me alimenta com uma de suas maravilhosas pílulas. O jeito que seus dedos marrons demoraram nos meus lábios. Como seu irmão nos observava atentamente.

Pancada-pancada-pancada-pancada-pancada.

Eu pisco acordada para o bater da porta. Um grito morre na minha garganta quando percebo que estou amarrada à mesa. O cadáver foi jogado no chão e Hannibal Faminto está testando corte de uma de suas facas, segurando-a até a luz e cutucando seu polegar gordo na ponta.

Pancada-pancada-pancada-pancada-pancada.

Estrondo!

Jesus Bizarro arrebenta a porta com um rugido. Espero que ele mate esse filho da puta, mas e daí? Estou amarrada à maldita mesa, apenas esperando ser estuprada e esfolada. Eu me contorço sem sucesso.

Hannibal Faminto joga uma de suas facas, mas Jesus Bizarro se move como se ele realmente fosse alguma divindade celestial. Rápido, tão rápido, que mal posso seguir seus movimentos. Ele dá um chute giratório e quase arranca a cabeça de Hannibal Faminto de seus ombros. O grande idiota cai na mesa, batendo de lado comigo. Eu grito de dor quando meu corpo se sacode contra as amarras. A queda afrouxou uma das minhas pernas. Consigo liberá-la no momento em que Jesus Bizarro vem ao redor da mesa.

Ele agacha ao meu lado. Sua palma desliza pela minha coxa sobre as minhas calças e ele aperta. Um estremecimento me atravessa. Levanto o meu joelho e, sem sucesso, bato nele. Ele está fora de alcance. Sua risada me enfurece.

— Me solta, seu idiota! — Eu grito, me contorcendo e chutando minha perna boa.

Outra figura aparece apenas fora da vista. Grito de horror quando vejo uma pílula na mão do novo sujeito quando ele aparece. Jesus Bizarro mantém meu queixo aberto enquanto Homem Misterioso empurra uma pílula amarga na minha garganta. Um deles segura meu nariz até eu engolir a seco. Um soluço de derrota tenta sair, mas minha teimosia o afoga.

Não vou deixá-los ganharem.

Fingindo a sonolência da pílula, relaxo apesar da raiva que vibra por mim. Os efeitos ainda não me atingiram, e é exatamente por isso que preciso sair daqui... antes que seja tarde demais. Como esperado, eles começam a trabalhar nas cordas. Sou libertada, mas continuo a fingir de morta. Não consigo pegar os dois em tal desvantagem enquanto estou sem armas.

Jesus Bizarro me pega, e eu tento acalmar a batida errática do meu coração.

— Lá, — diz um deles, apontando para uma parede.

Eu olho para a parede em confusão. Não há nada lá. A pílula já deve estar fazendo efeito porque juro que a voz soa familiar. O Homem Misterioso caminha até a parede e inclina a cabeça para o lado. Ele está usando a mesma máscara estúpida de Jesus que seu amigo. O Homem Misterioso é desenvolvido da mesma forma. Que sorte. Os caras mais assustadores do The V Games me encontraram e agora estão conversando com as paredes. Que porra é essa?

Ele rasga os painéis e uma porta escondida é revelada. Jesus Bizarro me aperta para ele como se pudesse sentir meu coração acelerado com a perspectiva de escapar. Mas minhas pálpebras já estão ficando pesadas. Um zumbido está passando pelas minhas veias. Minha cabeça se inclina para o lado contra o ombro de Jesus Bizarro.

Ele cheira bem.

Psicótico louco idiota tem que cheirar bem. Claro que sim.

O Homem Misterioso abre a porta e entra. Sei que está escuro e mofado quando Jesus Bizarro o segue. Homem Misterioso fecha a porta atrás dele e começa a andar na escuridão.

— M-me s-solta, — balbucio, odiando o quão vulnerável estou. — M-me s-solta ou vou c-cortar suas b-bolas.

Ambos riem de mim.

Meus olhos se fecham no escuro e eu inalo meu terrível captor. Derivo dentro e fora da consciência, enquanto sou levada por uma série de túneis. Nós acabamos em uma garagem.

Espere.

Nós não estamos mais na arena?

Diana certamente nunca me contou sobre essa passagem secreta.

Meu corpo parece pesado, e não parece o meu. Sou apenas uma mente flutuando em uma forma inútil. O Homem Misterioso se aproxima de um carro esporte azul-escuro. Caro. Chamativo. Familiar. Ele abre a porta do lado do passageiro e senta-se. Seus braços estão abertos e convidativos. Jesus Bizarro me solta em seus braços, fechando a porta atrás de nós.

— V-você m-me roubou, — reclamo para Homem Misterioso, que também cheira bem.

Homem Misterioso me acaricia com uma mão enluvada. — Alguém tinha que te salvar, princesa.

— É-é rainha p-para você, idiota, — eu rosno quando Jesus Bizarro sobe no banco do motorista. O motor ruge ligado e saímos da garagem. Tudo zumbe passando rapidamente por mim, sinto-me mal do estômago. Fecho meus olhos para lutar contra a náusea.

— V-você quebrou as r-regras, — resmungo, meus olhos mal se abrindo.

O Homem Misterioso, com a mão não mais enluvada, passa a palma na minha coxa. Sua pele morena é um contraste gritante com a minha calça branca ensanguentada. A pílula que eles me deram faz meu corpo formigar pelo toque.

— As regras foram feitas para serem quebradas, — diz Jesus Bizarro, estendendo a mão para também tocar minha coxa. Ele também não está mais usando a luva. Pele branca pálida. Seus dedos dançam de forma provocante sobre a pele do Homem Misterioso antes de ele se afastar.

Homem Misterioso tira sua máscara, em seguida, estende a mão para ajudar Jesus Bizarro tirar a dele. Eu pisco para eles, minha boca escancarada. De um lado para o outro, olho para os dois homens.

Um par de olhos enlouquecidos.

Sorrisos malignos.

Dois homens mais bonitos do que qualquer outro que já vi.

Homens loucos.

— V-vocês não podem simplesmente me r-roubar, — digo a eles, esperando e falhando em soar arrogante.

O belo homem negro sorri, seu rosto marcado fazendo-o parecer ainda mais sexy. — Acabamos de fazer.

— M-mas…

— Shhh, — o branco ronrona em uma voz que estrelou em muitas das minhas fantasias de fim de noite. — Você é nossa recompensa.

— Você não pode me m-manter, — eu argumento.

O Homem-Não-Mais-Misterioso envolve minha bochecha com uma gentileza que quase traz lágrimas aos meus olhos. — Oh, mas nós podemos.

Jesus- Não-Tão-Bizarro sorri para mim. — Oh, e nós vamos.

Consigo força suficiente para levantar meu dedo do meio. Ambos riem, me aquecendo.

— Haverá muita foda também, Voskoboynikov. Nós não somos homens pacientes. Nós somos homens loucos, linda. E nós oficialmente recebemos nossa recompensa.

Fecho meus olhos, relaxando.

Meu coração bate em partes iguais de terror e prazer.

A vida está prestes a ficar um pouco mais interessante.

E com certeza absoluta, é mais emocionante que a morte.

— Você quebrou as regras, — tento de novo.

— Somos os Loucos de Moscou. Nós fazemos as malditas regras.

Eles são loucos e são meus.

Moscou, aí vamos nós...

Fim